

Luiza



Ana Vitola



Prólogo

Fecho a minha mala e solto um suspiro nostálgico. Coloco ela junto com as outras, que já estão arrumadas, e esperando para serem carregadas para baixo. Sinto um aperto na minha garganta e começo a repetir o mantra que vem me acompanhando há alguns dias. *Não vou chorar... não vou chorar...*, e sigo até conseguir respirar novamente e de maneira quase natural.

Começo a fazer uma caminhada de revisão em cada cômodo, para ver se não esqueci de nada. Já que se isso acontecer, com certeza, reaver não vai ser uma tarefa fácil. Em cada espaço que entro, porta que abro e fecho, sinto como se fosse desmoronar. E sigo com o meu mantra....

Morar por cinco anos e meio em um mesmo lugar, e depois de tudo que passei aqui, ir embora, vai deixar um vazio imenso dentro de mim. Sempre soube que iria “voltar para casa”, por assim dizer, mas quando acordei hoje pela manhã, eu não estava nenhum pouco preparada para me despedir. Não conseguia, assim como ainda não consigo, acreditar que essa data havia chegado. Passou tão rápido, que parece que foi ontem que o meu pai abriu a porta da frente, soltou um assvio longo e se virou para mim e soltou um:

“– Tem certeza de que tu quer isso, filha?”

O sorriso largo dele, uma marca registrada na nossa família, não chegava aos seus olhos, com o mesmo tom de azul acinzentado que nós compartilhamos. Genética sempre foi um ponto marcante dos Lavorinis.

“–Podemos voltar para casa amanhã mesmo, ou ficar mais alguns dias para curtir umas férias e depois voltamos para casa, como se esquecêssemos isso tudo.”

Neste momento eu hesitei. Meu coração bombeava litros e mais litros de sangue que mandavam eu aceitar essa proposta. Voltar para o Brasil, para a nossa casa e estudar em uma faculdade local e bem mais próximo do meu pai.

Porém, o meu cérebro mandou a minha língua soltar um sonoro não. E naquele momento, o sorriso do meu pai desceu mais um pouco e eu me senti a pior filha do mundo.

Sei que muitos me chamaram de desgarrada e ingrata. Ele fez tudo por mim. Tudo mesmo. No momento em que saímos do enterro da minha mãe, meu pai abandonou tudo. Vida social, estudos, profissão de médico e todas essas coisas. Se colocou em segundo lugar e me deixou e primeiro plano. Sua existência se baseou em me cuidar, e nos momentos que ele não estava fazendo isso, chorava, lamentava e não superava a partida recente da minha mãe. E depois de tudo isso, eu o abandonei.

Os primeiros anos, aqueles que eu nem me lembro de muitas coisas, pela minha pouca idade, eu recordo da sua tristeza. Os momentos em que conseguíamos manter uma vida normal, era quando ele se esforçava para fazer isso, dar a uma criança/pré-adolescente um pouco de rotina. Porém, por mais que ele tentasse e se esforçasse ao máximo para isso, minha vida nunca mais foi a mesma e parecia com a das outras gurias da minha idade.

Enquanto as minhas amigas tinham as mães para levar aos shoppings para comprar roupas, maquiagens e até o primeiro sutiã, eu tinha um pai tão perdido como eu. A primeira vez que eu comprei um sutiã, ele me levou à loja e ficou observando a atendente me explicar os modelos e qual seria mais recomendado para o meu corpo. Um desastre, mas nada comparado a

minha primeira menstruação.

Hoje eu até me mato rindo da situação e o fiasco que foi. Mas naquela época, nós dois ficamos assustados. Ele pela situação em si, e por descobrir que a sua filhinha estava “virando mocinha”, e eu por estar com sangue escorrendo por perna abaixo. Eu tinha treze anos, nunca mexido em um absorvente na minha vida e muito menos como colocar um. Quando a mãe morreu eu nem dava bola para as coisas dela, estava mais interessada em costurar e brincar. Descobri, nos meses seguintes, pela instrução do absorvente, que não dá para se guiar pelo forro da calcinha. E, por isso, tinha que sair da sala de aula em direção à diretoria, pedir para um dos meus dindos, Gê ou Beto, ligar para o meu pai me buscar.

Eu entrava no carro e começava a segurar o choro. Queria ter a minha mãe ao meu lado para me ensinar essas coisas. Sonhava em ter ela para me mostrar como se maquiava e me abraçar todas às vezes que eu precisasse. Mas eu nunca consegui realizar o meu sonho. E também sabia que o pai estava fazendo o possível e impossível para que eu tivesse tudo. Então eu deixava para chorar durante o banho, não aguentaria ver a tristeza nos seus olhos. Ele saberia que não era ingratidão e por mais que ele se desdobrasse em mil, não conseguiria preencher o vazio que estava em mim.

O tempo foi passando e nós, aos trancos e barrancos, vivendo. Aos poucos ele havia voltado a estudar. Consequia ficar algumas horas sem se preocupar 100% comigo. Óbvio que sempre tinha companhia, geralmente revezando entre as minhas dindas. Mas mesmo com ele voltando a ter uma vida “quase normal”, o tempo que ele ficava comigo, era todo voltado para mim.

Ele me seguia para todos os cantos. Se eu quisesse ir ao cinema, ele me levava. À casa de uma amiga para fazer algum trabalho escolar? Ele só deixava se a amiga viesse para a nossa casa. Reuniões de pais na escola? Mesmo com ele sendo um dos donos da escola, era o primeiro a chegar para conversar com os professores. Minhas notas? Capaz dele saber melhor que eu, e ainda me cobrava nas que eu precisava estudar mais. Cuidar do meu uniforme, roupas, limpeza, comida e todas as tarefas de casa? Tudo ele aprendeu na marra e executava com afinco.

Até certo ponto eu adorava essa devoção. Minhas amigas nem sabiam como se relacionar com os seus pais, eles eram apenas figurantes na vida delas. E algumas, até as mães não eram tão presentes quanto o seu Luiz.

Porém, chegou ao ponto da devoção, cuidado e carinho começarem a ficar insuportável. Ao nível estressante e sufocante, fazendo com que eu me sentisse culpada por deixar o pai ver a sua vida passar perante os seus olhos. E quando eu presenciei ele ao telefone, dispensando alguma mulher, que estava o convidando para sair, alegando que estaria me levando a algum lugar, foi a gota d’água. Esperei ele encerrar a ligação e disse que não precisava dele para me levar. Poderia pedir para alguma amiga uma carona ou ia de táxi.

Brigamos feio neste dia. A cabeça dura dele não deixava eu argumentar e também me deu razões para tais ações dele. E quando eu fui para o meu quarto, chorando de raiva, tomei a decisão de sair de casa. O mais rápido que eu acabasse o meu ensino médio.

Passei um bom tempo pesquisando faculdades de moda. Solicitei inscrição em todas que eu pude, tanto dentro, como utopicamente, fora do país. Mandeï alguns desenhos e moldes meus para a Itália, no último dia de inscrição, junto com o meu currículo escolar, que eu tive que

cantar a secretária lá da escola para ter acesso. Fazia curso de inglês e italiano, desde que eu nem era gente ainda e nunca sonhei em ser selecionada.

O e-mail, solicitando mais alguns dados para a inscrição na faculdade, chegou no dia da minha formatura no terceiro ano, quando eu já estava entrando em pânico por não ter conseguido bons resultados nas minhas pesquisas. E a única faculdade que tinha o que eu queria, era na mesma cidade que eu morava, levando por água abaixo todos os planos de sair de casa.

Gritei de felicidade, chorei, pulei, acordei quase toda a rua e os vizinhos, e dei graças pelo pai não estar em casa àquela hora. Saí para terminar o resto das coisas da formatura com um sorriso no meu rosto e o meu plano de independência, minha e dele, começando a ser bolado.

É claro que esse plano tinha inúmeras falhas. E a primeira era se o pai quisesse ir junto e morar comigo, já que nada segurava ele aqui. Também o fato de me sustentar e tantas outras coisas que poderiam acontecer. Mas eu tomei uma respiração profunda, coloquei um sorriso no rosto, aquele que ele nunca resistiu e comecei a mexer os pauzinhos para dar continuação ao projeto.

Consegui convencer o pai a sair de casa. Como eu disse, vi ele sofrer como um condenado. Quase virar um alcoólatra, cair em uma depressão horrível e agora renascer de uma forma incrível.

Também não vivi nenhum mar de rosas aqui sozinha. A superproteção do meu “véio” me deixou despreparada por completo para encarar a vida como ela é. De ter o acesso ilimitado ao cartão de crédito a começar a viver com um orçamento, ou melhor, mesada, fora as necessidades como água, luz, aluguel, que ele pagava a parte.

Quem conhece o meu pai, sabe que ele não tem nenhum apego a dinheiro. Minha família tem muito, até. Sem contar na parte que cabia a minha mãe que nunca foi tocado por mim. E com os meus dindos no comando da escola, dinheiro nunca faltou. Mas no momento que eu quis a minha independência, os meus privilégios foram bem reduzidos. Óbvio que não passei fome, frio e afins, mas tinha que rebolar caso quisesse alguma coisa além do básico. Como uma bolsa de marca e roupas caríssimas.

E isso foi muito radical, de todas as mudanças que eu vivi naquela época.

Claro que tive o choque cultural. Mesmo com os meus anos de estudo em inglês e italiano, derrapava feio nos primeiros meses e não entendia muito bem quando começavam a falar rápido demais ou com gírias locais. Porém, em compensação, eu tinha uma coisa que muitas das minhas colegas que iniciaram o curso junto comigo não possuíam. Força de vontade e a curiosidade nata para aprender o que eu gosto.

Quando entrei em sala de aula, ela estava lotada. Conforme o curso ia passando, as matérias apertando e junto com a língua atrapalhando, no final do primeiro ano, a turma já estava com o número de alunos quase pela metade. E isso foi até o final do curso.

A moda é um mercado traiçoeiro. Se na faculdade eu já via isso, quando comecei a trabalhar, como uma simples estagiária, senti na pele o veneno me tocando.

Eu era tratada como um lixo. Meu status de guria privilegiada, com o pai bancando o alto custo de vida na Europa e os meus estudos foram colocados no chão, pisoteados por muitos

Louboutins, Jimmy Choo, Manolo Blahnik e afins.

Tinha dias que eu chegava tão moída em casa, que não tinha vontade de fazer nada, nem para comer. Emagreci uns bons quilos, chorava litros agarrada no meu travesseiro que eu trouxe de casa junto com os meus ursos de pelúcias e pensava em desistir de tudo. Abandonar o que eu tinha e o nada que eu havia conquistado até então, voltar para a segurança da barra das calças do meu pai.

Ainda mais que eu sabia que a situação dele não estava lá essas coisas. Nós conversávamos, muito, por telefone, internet e mensagens. E eu percebia que o meu véio estava só na casca frágil de pessoa. Ele, que sempre teve uma quedinha pelo álcool, estava se enfiando cada vez mais em uma garrafa e se isolando de todos a sua volta.

Eu sabia que se voltasse para casa, ele melhoraria neste aspecto, mas voltaria a ser o Luiz, o pai dedicado, e se esqueceria de vez. E eu não queria que isso voltasse a acontecer. Queria o meu pai de novo, com aquele jeito brincalhão dele, meio maluco que só ele conseguia ser.

Então eu aguentei firme, por mais que eu também estivesse estraçalhada, humilhada e cansada de tudo aquilo. E quando a Dinda Vivi me ligou dizendo que o pai estava na casa dela, procurando ajuda para o seu problema com o álcool, eu tive a minha confirmação de que ficar era a melhor opção para nós. Lembro até hoje das palavras dela.

“— Eu sei que tu também está passando uma barra, Luiza. Troquei as tuas fraldas e te conheço melhor do que tu imagina. E eu também sei, que tu consegue tirar todas elas de letra, sempre te saiu bem em tudo, não vai ser isso que te vai fazer desistir. E quanto ao teu pai... Bom, ele nunca se recuperou depois da morte da Jô, e agora está passando por uma fase que já deveria ter passado há muito tempo, a depressão do luto. Ela não é fácil e ele optou amenizar com a bebida e agora procurou ajuda comigo para lutar contra isso. É um passo enorme, Luiza. Tão grande e ainda veio dele. Não dá para recuar agora, é colocar um curativo e não deixar a ferida cicatrizar como deve. Ela ainda está exposta, viva e doendo, mas ele já começou a cuidar dela como deve. Ainda vai doer muito, mas ele vai sair disso. Ainda vamos ver o Luiz sorrindo muito por aqui. Não desiste agora, não depois deste avanço tão significativo”.

Então eu respirei fundo. Juntei os meus cacos que estavam espalhados pelo chão e comecei a me mostrar mais. E todas às vezes que a vontade de desistir voltava, eu ligava para o pai, para ver como andava a recuperação dele e escutar suas palavras de orgulho de mim. Isso espantava qualquer desejo de pegar um avião.

E também, iniciei a demonstrar toda a minha capacidade. Calcei as Havaianas e Melissas, e comecei a desfilar por onde passasse e deixar a minha marca, demonstrando que não eram só os sapatos caros que se davam bem na moda.

Se estava sendo criada em um ninho de cobras, poderia desenvolver um soro para sobreviver onde estava. A simples estagiária, que ainda tropeçava no idioma virou pau para toda obra, de barista, fazendo café para todo mundo, mesmo que alguns fossem horríveis, a começar a destacar por facilidade de aprender e até alguns, ou outros, desenhos que eu fazia nas horas de folgas, esquecidos, por acaso, em alguns locais.

Demorei, mas passei de estagiária, para funcionária, e depois a participar de reuniões da diretoria, e acabei a faculdade como a melhor no que faço. Administrar lojas, auxiliar clientes

com escolhas e opiniões, desenhar exclusividades e confeccionar quando solicitado pelo cliente. Coisa que poucos estilistas fazem, eles só desenhem e repassam para os funcionários. Na loja que eu trabalho, faço questão de dar a minha assinatura em todos os processos, desde a criação, confecção e ajustes finais. Isso é único e os clientes adoram pagar por um serviço diferenciado assim.

Desenhar, criar e costurar sempre foi um pedaço de mim. Comecei cedo, ajudando a mãe com os remendos básicos de casa. Um botão, uma descostura e afins, depois de algum tempo, evolui para roupas de bonecas e não parei até hoje. Tanto que agora, depois de formada, estou voltando para casa e trazendo comigo, uma representação da loja em que trabalho aqui.

Preparem-se, porque a Luiza Lavorini está chegando.

Capítulo 1

Escuto o burburinho dentro da minha sala, no fundo da loja. Olho o relógio do computador e me assusto com o horário, nem reparei que o tempo voou. Me levanto e vou em direção à porta. Estas conversas todas tem uma razão. Alguns chamam de Luiz Lavorini, já eu, chamo de pai.

No momento em que eu saio para a parte da loja, sou atropelada por um abraço de urso que não consigo nem respirar de tão prensada que eu estou. Mas não faço questão nenhuma de me afastar dele. O cheiro, beijos e carinho me remetem à épocas nostálgicas tão boas, que eu fico com saudade, milésimos de segundos depois que eles acabam.

– Oi, pai! – Digo baixinho para ele que me abraça mais forte ainda.

Tenho vinte e quatro anos, moro sozinha desde os dezoito, mas nunca vou me cansar de abraçar o meu pai.

– Eu estava morrendo de saudades, filha.

Quem vê, diz que ainda temos o oceano nos dividindo e só nos vemos poucas vezes e não que todos os meses eu vou bater cartão lá em casa, sem contar quando eles veem para cá, como hoje.

– Eu também.

Meu pai me solta e me encara com um sorriso gigante no rosto. Nossos olhos, com a mesma tonalidade se fixam e eu não deixo de sorrir junto. É altamente clichê dizer que a felicidade dos outros nos faz feliz, mas neste caso é a pura verdade.

Depois de anos, poder ver esse brilho nos olhos dele, é o que me recompensa todos os dias.

Como todo o bom emotivo, os olhos dele marejam e ele não faz questão nenhuma de esconder isso. Principalmente quando eu também faço isso. Recebo mais uns milhares de beijos e abraços até alguém limpar a garganta ao fundo.

– Bom saber que a minha presença foi ignorada com sucesso. – Sorrio ao sair de trás do meu véio e ver a Carla, a namorada de vinte e seis anos do meu pai.

Sim, apenas dois anos mais velha que eu. E cá entre nós, a única pessoa no mundo que consegue aguentar ele além de mim.

– Oi, Carla! – Me atiro em um abraço apertado nela e um certo ciumento não perde a oportunidade de se juntar a nós em um abraço coletivo.

– Meus dois amores juntos. – Meu pai beija a minha cabeça e depois a da Carla.

Não sei se em todos os casos os meios justificam os fins, mas nesta situação, com toda a certeza que justificou.

Puxo os dois para a minha sala, já que estamos fazendo uma pequena cena para os funcionários, mesmo eles já conhecendo o meu pai, e clientes que estão aqui.

– Pensei que vocês iam me esperar em casa. – Digo logo após fechar a porta.

Carla olha para mim e dá os ombros.

– Não conhece a figura? – ela aponta para o meu pai que sentou no sofá. – Não ia aguentar te esperar até não sei que horas. E o Diego não estava em casa.

– Era isso ou achar alguma coisa para fazer lá no teu apartamento. – Vejo o sorriso dele, a Carla revirar os olhos e a minha ânsia de vômito me subir.

Eu aguento os dois há quase dois anos juntos e nunca vou ficar normal quando escuto ele falando estas besteiras. Mesmo eu sabendo que é para me incomodar ao extremo. Ele nunca perde a oportunidade, e ainda ri na minha cara, como agora.

Eu sei que ele é uma pessoa extremamente impaciente e quer tudo para amanhã. Sabia que eles não iriam ficar em casa e acabariam vindo ao meu encontro, ainda mais que o irmão da Carla, meu vizinho de prédio, não estaria em casa.

Diego Denski. Um capítulo à parte da minha vida.

Cunhado do meu pai, morador de cinco andares acima do meu e uma coisa que eu não estou com vontade de pensar neste momento. Até penso em outra coisa para não me perder nos pensamentos que ele me causa.

– E o pessoal? O jogo da Sarah é amanhã, não é?

– Sim – meu pai se anima todo em dizer isso. – No final da tarde. E o voo deles deve chegar amanhã cedo.

Squash, uma paixão dele. O esporte que fez ele sair de casa há poucos anos de casa para uma academia e voltar a ter uma vida social. Lá ele conheceu o AC, um instrutor, e que alguns meses depois virou o seu melhor amigo. E com isso, ele conheceu a sua ex-esposa, Olívia, a atual, Elis e diversas pessoas vieram nesse comboio. Inclusive a Carla, que trabalha junto com a Elis e a melhor amiga dela, Su.

Com o casamento do AC, ele adotou uma criança, a Sarah. Um amorzinho e cozinheira de mão cheia, que me faz engordar alguns quilos todas às vezes que eu vou para casa e, além disso, apaixonada por squash como o pai dela e o meu. Tanto que, depois de alguns meses de treino com dois professores particulares, nossos pais, e mais um na academia, já ganhou o torneio estadual e entrou no circuito nacional. Quinze anos e já uma pequena estrela, com o dom nato, para o esporte. Ainda mais que ele não é tão divulgado e praticado como os outros esportes de orgulho nacional.

E com isso, todo mundo, sim, todo mundo, já que eles não sabem viajar sem todos acompanharem, estão vindo para essas eliminatórias. Tanto que eu me perdi nas contas de quantas pessoas estão vindo. Não duvido nada de lotarem um avião só com todos eles.

Já previ que o meu final de semana não vai ser nenhum pouco calmo.

Termino as coisas que eu estava fazendo, com o meu pai e a Carla conversando na minha sala e encerro o meu expediente. Aviso os funcionários que estou indo embora e vamos até um restaurante perto, já que cozinhar não é o meu forte.

Observo os dois dividirem uma bela garrafa de vinho enquanto eu fico na seca, já que estou dirigindo. E pegar a direção sob a influência de álcool na minha família é completamente abominável, já que foi isso o causador do acidente que perdi a minha mãe há anos atrás.

– O Diego não respondeu as minhas mensagens. Detesto quando ele faz isto. – Carla larga o celular em cima da mesa.

– Isso é normal. – Brinco com o gelo do meu copo com coca-cola. – Às vezes só tenho notícias dele quando percebo que mexeram na minha geladeira.

E os dois começam a falar do Diego. Era tudo que eu não queria neste momento...

Bom, como resumir a minha história com ele?

Primeiro, conheci ele no mesmo instante que fui apresentada a namorada do meu pai, Carla, há mais de dois anos. Estava na piscina, brincando com um jacaré inflável e o pai com um tubarão quando o portão se abriu e ele apareceu na minha frente.

Tive que me controlar para desviar a minha atenção dele e focar na Carla, porque até então, eu ainda tinha os dois pés atrás com ela. Cara rico e guria novinha sempre tem o estigma de golpe do baú. E o meu pai era/é meio ingênuo para algumas coisas, cabia eu defender a honra dele neste caso. Mas enfim, a Carla se mostrou melhor do que eu esperava e essa sombra saiu de mim depois de cinco minutos junto com ela. Ela ama o meu véio e faz de tudo para fazer ele feliz.

Voltando ao Diego....

No meu “mundo” conheci muito homem bonito, lindos, perfeitos e todos os adjetivos. Porém, nenhum deles me atraiu tanto quando ele. Mesmo com aquela cara de dor e o braço apoiado em uma tipoia. Não fazia muito que ele havia levado um tiro em combate, já que é um policial federal, especialista em armas e que trabalha em uma favela da cidade combatendo traficantes.

De cara eu já percebi que precisava saber qual era o tempero dos Denkis que hipnotizavam os Lavorinis. Comecei sondando a minha madrastra querida que nem desconfiava das minhas intenções.

Me aproximei do Diego, já que o meu pai não desgrudava da irmã dele. Conversando, descobri que além de bonito ele é inteligente, um pouco reservado, mas de um charme inegável. Percebi que precisava agir de um modo mais intenso. Até porque nós íamos ficar juntos ali naquela situação por poucos dias, e ele voltaria para esta cidade e eu para a Itália, onde teria que ficar mais um ano e meio estudando e trabalhando.

Por que não se divertir no meio tempo?

Ok, abro um pequeno parágrafo para dizer que, no tempo em que morei na Itália e convivi com pessoas de diversas regiões da Europa e outros continentes, pude perceber como os brasileiros são hipócritas com o sexo. Mulher nuas no carnaval, passando em rede nacional, sem problemas. Agora, sexo casual, para diversão, é altamente julgável e taxado de imoral. Isto chega a cansar a minha beleza. Morando fora, aprendi que isso é uma coisa que tem que mudar aqui. E, depois que peguei o gosto pela coisa, e de como usar o charme para conseguir o que eu quero, é bem difícil resistir à tentação. Ainda mais com ela tão vulnerável e bonito assim...

Sim, eu seduzi o Diego. Ele estava vulnerável e precisando de uma diversão. Havia brigado com a mãe sobre voltar a trabalhar em um quase campo de guerra, eu usei as armas que aprendi morando fora e apliquei contra ele. Que caiu como uma ovelhinha inocente na caverna do lobo

esfomeado.

Claro que não me arrependi e nem me arrependo do que fiz. Foi ótimo. Diego Denksi me mostrou um lado do Brasil que eu não esperava. E quando eu tentei me aproximar dele, a ovelha se mostrou mais forte do que eu imaginava e o lobo foi chutado para escanteio.

Mais uma vez, a moralidade e hipocrisia nacional, falou mais alto na consciência do Diego e ele pôs um fim ao que mal havia começado. E que de mau não tinha nada. Ele alegou que não se sentia confortável tendo uma relação comigo sabendo que eu era filha do seu cunhado. Rebatí dizendo que não era nada de mais isso, era simplesmente diversão, não precisávamos intrometer meu pai e a Carla no nosso rolo, mas não adiantou. Ele não cedeu. E ainda complementou que se não fosse esse “pequeno empecilho”, poderíamos ter um algo a mais sem problemas...

A amizade entre nós continuou. Tanto que ele foi o único que soube e me escutou quando eu fui visitar o túmulo da minha mãe, aquele que eu nunca tinha conhecido. Apesar da distância física, que eu tentava quebrar sempre que podia, mais nada rolou entre nós até então.

Nem mesmo quando ele passou uns dias na Europa na minha casa, antes da minha formatura em que todos os nossos conhecidos iriam, inclusive seus pais. Olha que eu tentei, mas se eu sou teimosa, ele consegue ser mais cabeça dura!

Quando eu voltei para cá e soube que iria vir para a mesma cidade que ele morava, até disse para mim mesma que ia me comportar. Deixar ele viver a vida dele e começar a mudar a minha. Mas como a vida é uma filha da mãe sem coração, e o meu pai adora me dar surpresas, a coisa anda meio difícil.

Seu Luiz não deixou, por hipótese nenhuma, jura que fosse, chantagem emocional e qualquer outro método de convencimento que nem o papa resistiria, que eu morasse em outro prédio que não fosse o mesmo que o do Diego.

Sem contar que ele teve a ajuda da minha dinda, Vivi, que já morou nesta cidade e a experiência da Elis, que mora na frente da melhor amiga. Se fosse para voltar para cá, que fosse perto de alguém que eu conhecesse e pudesse me proteger de qualquer coisa.

E isso significava morar no mesmo prédio que o Diego. Com cinco andares de distância. A vaga da garagem ao lado da minha e tantas coisas mais.

Mais uma vez, eu tomei uma respiração profunda e encarei de frente. Coloquei na cabeça que não ia me deixar me abalar por isso, veria o Diego com toda a normalidade do mundo, sem problemas nenhum.

Só que isso não acontece. De maneira nenhuma.

O Diego é um amor de pessoa, se ele fosse mal-educado e afins, eu nem daria bola. Mas o problema é que ele ao contrário de tudo isso. Sem falar que ele faz coisas indescritíveis, como me ligar do mercado perguntando se eu preciso de alguma coisa em casa, ou recolher a minha roupa quando eu esqueço dela e começa a chover. Ele tem a chave do meu apartamento e eu tenho a dele para qualquer urgência que algum de nós pode passar.

Quando ele cozinha alguma coisa, sempre me traz um pouco e quando chaga em casa, morto de fome, depois de ficar horas trancado em alguma base cuidando os traficantes, bate na minha geladeira para comer alguma coisa que eu sempre deixo para ele. A convivência é quase

diária entre nós, e se dependesse de mim, poderia acabar em cima da minha cama sempre que ele quisesse.

Realmente, é uma situação que eu não gosto nem de pensar, porque as imagens do nosso encontro há dois anos atrás, sempre volta para a minha memória.

Capítulo 2

Como eu suspeitava, já comecei o meu sábado muito bem. Com uma avalanche de crianças em cima de mim. Meu pai, com a Bibi no colo, a Carla com o Otávio e a Fofinha e o Antônio abrindo as janelas. Assim como os amigos do meu véio, ele é um grude com os filhos deles. E sem contar que a Bianca e o Otávio são seus afilhados de batismo.

Meu pai sempre foi louco por crianças. Até hoje ele sempre diz que a sua primeira opção, quando iniciou a faculdade, era fazer uma especialização em pediatria. Porém, acompanhando o meu avô com Alzheimer de perto, mudou para a psiquiatria com o intuito de ajudar as pessoas, e familiares, que passam por essa mesma situação. E não é à toa que ele cuida de um asilo de idosos com essa doença de graça. Adora entrar lá e cuidar dos seus velhos, como ele mesmo chama, e ver o sorriso no rosto deles sem terem que se preocupar com nada ao redor.

No fundo, alguns pacientes com Alzheimer, se parecem com crianças. Necessitam do mesmo cuidado, carinho e atenção igual a qualquer bebê, e vendo por esse ângulo, meu pai nunca se distanciou da sua vontade original.

Ele sempre me disse que nunca pensou em ter mais filhos com a minha mãe. Eles foram pais cedo, e, ambos sem preparação nenhuma para tal função. Eu cheguei abalando com todas as estruturas que eles possuíam. Meu pai com vinte anos e a minha mãe com vinte e dois. Eles eram primos, namoravam escondido, e de uma hora para outra, casaram e formaram uma família. E para mim, a melhor que alguém poderia ter.

Tenho certeza de que se a mãe fosse viva, eles tentariam ter um filho depois de alguns anos. Óbvio que a mãe nunca mais pode ter esta possibilidade, e o meu pai... Bom, até ele conhecer a Carla, eu poderia dizer que era mais abstinência que um padre. Porém, depois que ele começou a namorar com ela, parece um adolescente em ebulição. É só deixar os dois sozinhos por cinco minutos que estão se agarrando pelos cantos.

Seria o curso lógico da história que a Carla engravidasse. Até eu escutar a bomba de que ela estava entrando na fila de adoção de um bebê recém-nascido. Fiquei tão chocada com a história, quando escutei ela pela primeira vez, que, quando descobri a razão dela, não consegui nem me imaginar no lugar da Carla. E após o baque original, eu entrei no time das que torce muito para que essa adoção ocorra o mais rápido possível.

Carla não pode ver uma criança que já está brincando com ela. Os filhos dos seus amigos, nem cumprimentam as outras pessoas se ela está na sala, já correm direto para os seus braços. E esquecem dos pais e de todo resto. Otávio e Bianca, ainda são pequenos, mas sei que os outros, vira e mexe, estão dormindo lá em casa com o pai e a Carla. A bagunça é enorme em todos os sentidos. E quando chega a vez da Sarah e o Yago, triplica com toda a certeza.

E agora não poderia ser diferente. Carla e o pai estão com as crianças correndo no playground aqui do prédio enquanto nós estamos sentados nas mesas em uma conversa generalizada.

Eu me dou bem com todo mundo. Adoro os amigos deles. Cada um com a sua personalidade única e sempre com uma história interessante. Mas geralmente, eu acabo conversando mais com o Noah, André e Olívia.

André e Liv são artistas. Ele morou alguns anos na Europa e sempre temos assuntos sobre isso para conversar. Também trabalha com fotografia e quando eu abri a loja, ele foi quem me ajudou no portfólio de divulgação. E a Olívia é uma pintora de mão cheia. Tenho três quadros dela nas paredes da loja, um no meu escritório de um croqui estilizado que eu simplesmente amo de paixão. Ele causa inveja em todos os designers de moda que entram na minha sala.

O Noah é um ex-modelo de origem britânica. Por esse motivo, temos muitos assuntos em comum. Sempre que eu posso, tento convencer ele a voltar a modelar, ou pelo menos, me liberar o Yago. O seu filho, com aqueles olhos verdes gigantes e os cabelos claros iria fazer um estrago na publicidade teen. Sua filha de seis anos, com os olhos mais azuis que o céu, os cabelos lisos e escuros em uma campanha infantil seria perfeita. Porém, por mais que eu consiga convencer qualquer um, o Noah é contrário a tudo que eu ofereço. Inclusive, ele se mete no assunto quando eu tento convencer a Elis e o AC a liberarem a Sarah, o Antônio, ou o Otávio. Até a Bianca ele já me negou.

No início eu ainda insistia bastante. Agora, que já conheço ele bem mais, e sei tudo que ele passou na carreira bem-sucedida lá fora, aqui e depois que se aposentou faço mais para implicar.

E falando em moda. Entreguei o uniforme da Sarah logo depois do almoço, junto com todas as camisetas personalizadas, by Luiza Lavorini, da torcida.

– Porque está Otávio e Antônio? – Elis é a primeira a perguntar enquanto caça os filhos para experimentar a camiseta. – Queria Cabritinho e Perereco nelas!

– Deixa de ser louca, Elis! – Su responde a amiga antes mesmo que eu possa abrir a boca. – Uma coisa é chamar eles em casa de Perereco e Cabritinho. Outra é no meio de um ginásio cheio de pessoas de todos os estados. – Ela imita a amiga. – Oi, viu o meu filho? Está escrito Perereco atrás da camiseta dele.

Todos começam a rir e a brincar com a Elis sobre isso.

Sento em uma cadeira do canto e fico analisando o meu trabalho com orgulho do que fiz. Até que noto que o sol foi bloqueado na minha frente. Levanto os olhos e vejo uma pessoa sorrindo para mim.

– Oi, vizinha.

– Oi, Di. Pegou as tuas roupas lá em casa?

– Peguei, sim. Obrigado. Viu o pote com comida?

Aceno que sim e ele senta ao meu lado com um gemido.

Ele tenta disfarçar para todo mundo. Mas só eu sei que ele foi atingido acima do quadril por um estilhaço de vidro de uma bomba caseira. Cinco pontos que eu tive que costurar nele enquanto ele me xingava e eu rebatia na mesma altura.

Onde já se viu dar pontos com linha e agulha normal?

– Tu ainda não foi ao médico ver isso? Quer que eu peça para pai olhar?

– Teu pai é um boca grande e pau mandado da minha irmã. Vai acabar contando de qualquer forma. E abrir margem para outras perguntas. Não está infeccionado e daqui uns dias já vai dar para tirar.

Reviro os olhos me lembrando do susto que eu levei ao entrar em casa e encontrar o Diego sangrando no meio da minha cozinha de cueca.

– Foi só um arranhão de leve, nem precisava levar ponto. Já me machuquei bem pior e nem levei. Tu que é uma exagerada, Luiza.

Tento argumentar que não sou exagerada e sim realista! Ele ficou mais de dez minutos perdendo sangue e só parou quando eu costurei com um fio de mais resistente e parecido com os de sutura normal que achei misturado nas minhas coisas.

O cabeça dura ainda não queria que eu remendasse! Tive que usar o meu modo Luiza de mandar para fazer com que ele se sentasse e ficasse parado enquanto eu agia no ferimento. Fiz o melhor que eu pude, usei todo o conhecimento que possuía em anos de seriados médicos e coloquei em prática.

Limpei o ferimento e sempre que eu vejo ele, peço para ver se não infeccionou. Já que se deixar por ele, é capaz de perder a perna por causa disso.

– Se te alegra – ele fala vendo a minha cara de séria e o silêncio. – Eu troquei o curativo e está bem seco. Não está mais dolorido, inchado e muito menos quente na volta. Se tudo der errado, Luiza, tu pode se candidatar a uma vaga na faculdade de medicina. Posso ser a tua cobaia para essas coisas.

– Inclusive nas aulas de anatomia? – Olho de soslaio para ele com um sorriso disfarçado no rosto. E isso o faz rir, tanto que chama a atenção da Carla que se aproxima de nós com o Otávio a tira colo.

Minha resposta vem através de um olhar divertido do Diego. E nada mais além disso. Frustrante...

– O que é tão engraçado que vocês dois não podem dividir com a gente? – Carla pergunta e olha para o Otávio que sorri para ela.

– As camisetas que a Luiza fez para o uniforme na Sarah, Patotinha. Perguntei se ela poderia fazer um uniforme novo para nós lá.

– Aí eu disse que faria rosa e amarelo. Com os escritos de roxo.

– Com certeza os meus colegas iriam amar a nova cor. Pelo menos no verão aposto que não seria uma sauna de tão quente. Ainda mais com o colete.

Carla senta ao nosso lado e eu começo a brincar com o Otávio enquanto conversamos. Ele é um fofinho, tenho vontade de morder aquelas bochechas iguais ao do irmão que ele tem.

Bianca se livra do colo do meu pai e corre em nossa direção, indo direto para o colo do Diego. Vejo ele sufocar uma careta de dor quando ela se senta no seu colo e sorrio irônica para ele, que, com um olhar, me manda para longe. E quando demos por nós, o Antônio e a Fofinha se juntaram a nós e ficamos brincando com as crianças até a hora de sair para o jogo.

O local onde estava acontecendo a competição era relativamente perto, fomos em dois carros, no meu e do Diego e o resto divididos em táxis. Mandeí eles ficarem de olho no GPS durante o percurso, já que o nosso sotaque sulista é inconfundível e os taxistas adoram mudar a rota para cobrar a mais pela corrida.

Todos uniformizados, e com uma Sarah vestida dos pés à cabeça com um Luiza Lavorini, entramos e encontramos os nossos lugares. Meu pai e o AC ficaram junto com ela na parte dos jogadores e nós procuramos os nossos lugares. Sento ao lado da Carla e o Diego vem para o nosso lado.

– Estão vendo aquele morro lá longe? – Ele aponta. – Já está pacificado. Um dia o meu vai chegar lá também.

– Isso se não matarem todos vocês até lá? – Carla joga a bomba sem direito à proteção.

– Será que eu nunca posso falar do meu trabalho sem tu me soltar as ferraduras?

– Quando o teu trabalho não oferecer riscos a tua vida pode. Por enquanto não...

Carla sai de onde estava sentada e vai para o lado da Elis, Su e Olívia. Diego olha para mim e depois foca no aquecimento da Sarah que acabou de entrar em quadra.

– Se só em comentar ela já fica assim, imagina se eu tocar no assunto dos pontos. Por favor, Luiza. Não conta para ninguém, ok? Foi só pontos, nada de mais.

– A Carla é bem grandinha para aguentar essas coisas, Di. Ela e os teus pais se preocupam contigo. Até eu me preocupo contigo.

– Eu sei. Eu me preocupo com vocês também. Mas não quero trazer preocupações à toa para eles. Esses dias tu também te machucou feio e nem por isso eu sai correndo querendo contar para o teu pai.

– Enfiei uma agulha no meu dedo. Doeu para cacete, mas não se compara com o que tu passa. Não faz muito tempo tu chegou com uma dor nas costas porque caiu em uma daquelas escadas, pensei que tivesse quebrado uma costela até.

– Aquele foi um acidente isolado, já disse. Cheguei em um canto para vistoriar e achei uma casa de vendas. Os caras começaram a atirar em mim e eu me joguei no chão e cai de mal jeito.

Suspiro. Fechos os olhos e nem quero imaginar a situação que isso foi.

– Só conto para ti porque te vejo quase todos os dias. Se não fosse isso eu continuaria a me machucar como sempre, ok? Eu sei que tu ficou bem de cara quando descobriu que moraria no mesmo prédio que eu. Eu também fiquei, Luiza. Completamente dividido. Teria alguém para conversar e ao mesmo tempo quem poderia preocupar a minha família com o que eu passo.

E mais uma vez, entramos no *looping* que ficamos eternamente. Todas às vezes que ele se machuca, me implora para que eu não conte para ninguém. De vez em quando, eu acho fardo imenso para eu carregar, por que sei que se um dia acontecer alguma coisa muito feia, a portadora das notícias será eu.

O jogo começa, Diego se cala com um suspira e sinto ele se aproximando de mim, colando a perna dele ao lado da minha.

Capítulo 3

Por Diego

Saio do vestiário arrumando a minha arma no coldre. Cumprimento alguns colegas e vou para a rua.

Minha divisão, por assim dizer, fica na entrada de uma das mais violentas favelas da cidade. Ela não chega a ser a maior, é considerada até pequena perto de outras que estão espalhadas pela cidade, porém o nível de criminalidade é altíssimo perto das grandes favelas. Estas, geralmente os traficantes que mandam no local, injetam rios e rios de dinheiros do tráfico para melhoria dos moradores. Alguns até chegam a serem apelidados de Escobar, em referência a série Narcos da Netflix.

Ao contrário da nossa favela, estas, apesar da pobreza e o alto consumo de drogas é considerada pacífica perto da nossa, pois o investimento para que os traficantes deixem de ser más pessoas ao olhar do povo é alto. E os policiais são vistos como uma ameaça constante a paz deles. Pois se nós pegarmos os “Escobar” as benfeitorias param de circular. No pouco tempo que eu andei por uma dessas, cansei de escutar moradores dizendo que reverenciavam tal traficante por eles pagarem algum tratamento médico para algum morador, ou doar cestas básicas para os mais pobres.

Isso é uma coisa que causa uma certa confusão com a comunidade. Quase uma lavagem cerebral. Como eles vão apoiar um bando de policiais que só chegam metendo bala em todos, contra a falsidade dos traficantes, que, por trás do que eles investem há um pai de família consumindo droga, um menor roubando para viciar o vício, uma mãe se prostituindo para conseguir mais uma carreira ou uma criança, que tendo os exemplos em casa, desistem da escola e se vendem ao tráfico? Começando como pequenos aviõezinhos, que entregam a droga e, se sobreviverem por mais alguns anos, futuros traficantes.

Um dilema social que ainda há muito para se discutir e argumentar.

Já a minha favela é uma escória, por assim dizer. Os traficantes visam ao lucro, não estão nem aí se a comunidade precisa de algum reparo na escola local, ou se assaltam o posto de saúde, deixando ele sem luz por quase uma semana por furto dos cabos. Eles querem é chapar o maior número de pessoas para que consigam mais clientes e assim fazer o ciclo do tráfico funcionar. E se a pessoa não pagar, a dívida é paga com a vida.

Triste realidade. E mais comum que podemos imaginar nos dias de hoje.

Geralmente a unidade é “tranquila”. Policias e marginais vivem em uma “harmonia falsa”. Eles vendem e consomem a droga e nós passamos a mão na cabeça deles até não houver alguma coisa agravante no meio disso tudo.

Raramente são às vezes que nós entramos em combate sem um desses agravantes. A não ser que a coisa seja muito escancarada. Ou recebemos ordem lá de cima para tal ataque. E também, no momento em que eles se descontrolam, começam a roubar dos moradores de bem, fazerem bagunça e até se matarem entre si, nós entramos em ação e acabamos com a festa deles.

Aí a brincadeira fica mais séria e a chuva de tiro, de ambos os lados, cai direto.

Mas se a favela está em paz, ele continua em paz.

Nossa missão aqui é de manter a ordem. Enquanto os chefes grandes da distribuição não forem pegos, quando isso acontecer, a história vai ser outra. Assim como foi em outras partes da cidade. Nós entraremos e acabaremos com tudo, pois sem os cabeças, eles estarão desprotegidos e desarticulados. Claro que se isso acontecer, haverá mortes. Bem mais do que temos hoje em dia, porém é um preço que se paga para trazer a paz a uma comunidade.

Em uma das palestras que os agentes da polícia federal de combate às drogas que assisti, fiquei impressionado com a frieza que as pessoas que já estão no ramo assumem. Comparam traficantes como insetos e devem ser exterminados como tais.

Confesso que me senti enjoado com essa comparação, mas depois de tantas barbáreis que eu já vi na minha carreira, já começo a me identificar com elas.

Conheci muitos moradores daqui, pessoas de bem, trabalhadores e que só querem levar a sua vida na tranquilidade. E no momento em que algum se envolve com droga, seja um pai ou filho, eles não têm mais valor nenhum. Tanto que somos avisados para não criar laços de amizade com moradores. Por que assim como eles estão vivos, amanhã podem estar mortos por algum deslize que seja, ou uma dívida de dez reais em droga.

Não me orgulho em dizer que já matei à queima roupa. Aliás, a primeira vez que eu fiz isso quase entrei em colapso. Porém, depois, pesquisando a ficha para o relatório, percebi que havia matado um inseto. Estupro, assassinatos e distribuição de drogas. Uma ficha tão grande, que não consegui chegar ao final dela. Naquele momento o peso de matar uma pessoa versus salvar diversas crianças que não conhecerão a droga por esta pessoa, compensa.

Claro que isso é aberto para discussão e tem “n” tópicos para se debater. A minha opinião, de quem vive neste meio, é bem diferente de alguém que nunca sabe o horror que se passa por entre essas ruas da favela. Não conhece a mente insana de um traficante que não liga se a pessoa é pai de família, que usa droga para escapar da realidade, ou se é um viciado que faz de tudo para mais uma dose. A bala que estoura a cabeça de ambos é a mesma.

E no meio de tudo isso tem as crianças, que convivem com a livre demanda e oferta de drogas desde o momento que acordam. Uma vez tivemos que prender e dar uma “coça” em um cara que estava vendendo na porta da escola da favela. Até o chefe dele teve uma “conversa” com ele, e nunca mais o vimos pela redondeza.

Junto com a escola e o posto de saúde, temos uma parceria de prevenção e oficinas antidrogas. Mas a iniciativa e verba do governo é minúscula perto da atrativa dos traficantes. Entre uma criança ficar na escola, escutando palestras chatas, e o cara lá oferecendo dinheiro para ele entregar droga em uma localidade, ou um pouco para “dar barato”, a criança não pensa duas vezes.... Também temos uma boa margem de ensino, de crianças que ficam longe das drogas, mas a cada ano que passa, os números de menores viciados aumenta exponencialmente em todo o país.

E isso vira uma montanha russa sem fim. Drogas leva meninos para o roubo. Seja de um simples celular, explosão de caixas eletrônicos e até coisas mais elaboradas como assalto à lojas e até sequestros. Já as meninas, além de roubos, passam a se prostituir por qualquer trocado que

possam conseguir. Levando à disseminação de DST's, gravidezes para colocarem mais crianças neste meio e iniciar o ciclo novamente.

Tudo para manter o vício da droga.

Tem dias que eu acordo e venho trabalhar com a sensação de que estamos dando soco em ponta de faca. Cada vez que eu vejo no quadro de aviso o convite para o enterro de algum colega de profissão, ou “conhecido” que eu ajudei a recolher da sua própria poça de sangue, é como se o soco fosse em uma faca mais afiada. Tudo e todo o esforço que fizemos aqui parece em vão.

E cada dia que se passa a sensação se torna mais constante e esperança menor.

– Oi, Denski! – Acordo do meu devaneio com uma das moradoras em chamando e acenando para mim.

Paro o que eu estou fazendo para cumprimentar a Lila, uma das prostitutas da região e grávida de sete meses.

– Ficou sabendo no posto? – Ela se aproxima toda sorridente. – Entreguei os meus exames e estou limpa. Sem nenhuma maldita em mim ou na criança.

– E que continue assim. Agora vai começar a te cuidar, não é? Daqui a pouco essa criança está aí correndo e jogando bola como os outros.

– Ainda estou à procura de um pai para ele, Denski. Me arranja um policial gostoso para fazer isso. Pode ser tu mesmo.

Sorrio para ela, mas declino. Sei que ela está brincando comigo, porém no fundo, nós dois sabemos que vários dos meus colegas já tiveram ou tem um caso com prostitutas daqui.

Como eu disse, soco em ponta de faca....

Nada me deixa mais enjoado do que ver os meus próprios colegas, que deviam ajudar o pessoal, incentivando o vício deles. Minha vontade é de grudar uma bala neles, para aprenderem o seu lugar na aqui.

Caminho de volta, depois de uma ronda, para a minha sala e sou solicitado para a sala do chefe. E quando eu vejo o seu rosto percebo que não é coisa boa.

– Queria conversar comigo, chefe?

– Preciso de um favor, Denski. Em uma das operações de uma favela distante, recolhemos uma menor. Ela está esperando a hora de ser levada. E tu sabe que se ficar onde está, vão ir atrás dela.

Confirmo com a cabeça e continuo a prestar atenção nas instruções que me é passada.

Existe, em algum lugar não divulgado, uma entidade que abriga jovens menores em risco. Ela não é escancarada para todos saberem de sua existência, já que o serviço que ela faz é bem peculiar. Ajudar jovens que estão em de perigo a se esconderem e recomeçarem uma vida nova. Que eu saiba, na nossa unidade somente eu e o chefe sabemos da sua existência.

Não é uma coisa divulgada para não trazer mais riscos para as crianças envolvidas. Algumas são testemunhas de assassinatos, de tráfico e a vida delas corre perigo iminente. Tudo sigiloso e discreto. Uma nova chance de vida para elas.

Do pouco que eu sei, a sua fundadora é um magnata e que passou poucas e boas na infância. Depois que enriqueceu, começou a ajudar crianças que vivem esses terrores.

– Ela precisa de um lugar para ficar. Uma semana no máximo. Até os papéis da nova identidade ser liberados. Confio em ti essa missão, Denski.

Saio da sala com o papel, o endereço dela e a dispensa para o resto do dia.

Tiro a minha farda, coloco a minha arma junto no armário e saio à paisana do prédio. Dirijo olhando sempre para trás, para ter a certeza de que não estou sendo seguido, já que toda o cuidado é pouco. Ainda mais neste caso. Disfarço o trajeto com inúmeras voltas até chegar ao lugar que ela está.

E então, a levo para a minha casa.

A menina fica olhando para tudo com uma desconfiança enorme. E quando eu tento conversar com ela, ouço um grito de susto vindo do meu corredor.

– Ai, Di! Desculpa eu... – Luiza alterna o olhar entre eu e a menina e faz uma cara de quem levou um soco no estômago. – Eu... – sua voz falha. – Não sabia que tu estaria acompanhado.

E sai correndo passando por nós.

Invento uma desculpa para a Cecília, novo nome que ela recebeu e saio atrás da Luiza. Quando escuto a porta do elevador se fechar, tomo uma respiração profunda e começo a descer os cinco andares de escada. Chego na sua porta suando e começo a bater.

– Luiza, abre a porta! – Repito três vezes e não escuto nenhuma resposta.

Ahh, droga! Eu sabia que a Luiza iria encontrar a Cecília, mas não imaginava que iria ser tão de cara assim.

Como descrever a Luiza em poucas palavras? Indiscreta, espalhafatosa, filha do namorado da minha irmã e a pessoa que convive comigo diariamente. Na primeira vez que vi ela sabia que ia ser problema para mim, e como eu suspeitava foi uma confusão, muito boa, entre nós.

Ela me seduziu e eu cai direitinho nas garras dela. O arrependimento veio depois, mas o estrago já estava feito. Como eu disse, um ótimo estrago. O pai dela é namorado da minha irmã. A pessoa que eu mais quero que seja feliz no mundo. A Carla merece, junto com o Luiz, tudo de bom que a vida pode oferecer e mais um pouco. E eu não poderia estragar isso me envolvendo com a Luiza.

Imagina só o problema que seria se nós ficássemos juntos e eu, sei lá, morresse em combate. Além de arrasar a minha família, arruinaria a Luiza e duplamente a Carla por estar tão envolvida assim. E sem contar também, que no meu trabalho eu sou uma pessoa marcada. Jurada de morte é pouco para cada um de nós que trabalha em uma favela. Não foi nem um, e nem dez casos, onde a família do policial federal é machucada nisso.

O Luiz é apaixonado por esta única filha. Não quero nem imaginar se algum “dos meus amigos” pega a Luiza para fazer de brinquedinho e depois ser descartada em algum lugar que nunca se ache o corpo. O Luiz se arruinaria e como conviveria vendo a minha irmã, sabendo que eu fui o causador de tudo isso?

Por este motivo, por mais que a Luiza invista em mim com indiretas, me mantenho fiel ao

que prometi a Carla. De que não chegaria perto da Luiza. Mesmo isso sendo um trabalho hercúleo. Que exige todas as forças que eu possuo dentro de mim para não acontecer.

– Luiza, abre essa porta ou eu vou arrombar. Eu já fiz isso quando tu ficou trancada pelo lado de fora e foi bem fácil. Vou contar até três.

Começo a contagem e antes de falar o dois escuto ela mexer na fechadura e aparecer na minha frente. Com o mínimo de espaço entro no seu apartamento e a observo.

– Meu chuveiro queimou, eu bati lá e não tinha ninguém. Aí resolvi tomar um banho mesmo assim. Desculpa, não me passou pela cabeça que tu voltaria no meio da tarde ahn... acompanhado.

– Eu disse que o teu chuveiro não ia aguentar tu tomando banho escaldante. Amanhã eu troco por um mais potente.

Quando ela voltou para o Brasil, Luiz não quis nenhum outro prédio para ela morar que não fosse o que eu moro. Assim, poderia ficar de olho nela todos os dias e vice-versa. Minha mãe amou o arranjo, assim poderia ficar mais tranquila sabendo que alguém iria estar de olho em mim também.

E assim vamos vivendo, eu faço todas as arrumações que ela precisa, cozinho, lavo e estendo a sua roupa e ela também, e de quebra ainda costura as minhas quando precisa. Nos revezamos nos trabalhos diários e sempre que dá, comemos juntos. Mais barato e prático.

Encontrei na Luiza uma amiga que nunca esperei. Assim como ela me conta as extravagâncias do seu trabalho, eu conto as alegrias e tristezas do meu. Ela me dá conselhos, me costura quando me machuco e afins. Apesar de ela querer narrar todos os meus passos para os meus pais e irmã, e eu sempre a proibi para não deixar eles mais preocupados do que já são comigo e com o meu trabalho.

– Ela tem dezesseis anos, Luiza. Não levei ela para o meu apartamento para isto.

Vejo ela levantar aqueles olhos, azuis, meio acinzentados, e tirar os cabelos cor de cobre do rosto. Foi como se ela se iluminasse instantaneamente ao saber que eu não estava levando ninguém para a minha cama. Um sentimento altamente perigoso que se paira entre nós.

– Ela vai ficar alguns dias ali em casa, até os tios dela vierem buscá-la e a levar para casa.

Me sento no seu sofá e mesclo a história real dela com a do seu futuro inventado perante as circunstâncias.

– Ela é de uma favela, não a que eu trabalho, já que se fossem procurar iria ser fácil demais encontrá-la. Então mandaram para uma completamente diferente e o meu chefe pediu para eu cuidar dela. O pai dela devia um dinheiro alto para o tráfico e entregou ela como pagamento. E durante uma invasão da polícia encontraram ela se fingindo de morta para ver se conseguia escapar.

Luiza coloca a mão na boca e senta ao meu lado no sofá.

– Imagina, Lu. O teu próprio pai te entregar nas mãos de traficantes barra pesada para saldar o que ele deve em drogas. Consegue imaginar como isso é nojento e... – suspiro – doentio?

Luiza não me responde, mas eu sei que ela entendeu. Assim como a minha irmã, ambas foram criadas com muito amor e carinho a sua volta. E se colocar nesse lugar é quase impossível de se imaginar.

– Ela tem uns parentes que moram em outro estado, e eles vão vir buscar ela e levar para casa. – Minto, já que quando entregamos os menores em posse dessa organização, não é nos repassado nenhuma informação. – O nome dela é Cecília.

Me levanto e beijo a sua testa. Saio do seu apartamento e vou em direção ao meu.

Capítulo 4

Por Luiza

Observo a porta do apartamento se fechar e solto a respiração que estava presa em mim desde que sai correndo vendo a cena do Diego com a guria.

Como diz o meu pai, despiroquei legal vendo aquilo. Fiquei imaginando, e me torturando, com a cena do Diego com outra pessoa. Mesmo sabendo que isto é bem provável de acontecer e deve acontecer, com certa frequência. Ele é homem, bonito e solteiro, livre e desimpedido para qualquer lance que ele queira ter.

Sai de lá correndo, sem nem dar tempo de escutar alguma explicação. Não que ele precisasse de uma, a vida é dele e ele faz o que quiser com ela. Mas não posso dizer que lá no fundo doe. Quase como uma facada no meu estômago.

Levanto do sofá e começo a caminhar na sala. Minha vontade é grudar a minha cabeça na parede. Pode ser que assim eu consiga uma lesão cerebral e esqueça do Diego. Seria uma ótima solução, mas acredito que ficaria apenas com uma dor de cabeça do cão. E mais uma coisa para me incomodar não daria certo.

Talvez a solução seja encontrar alguém que me faça esquecer de uma vez o Diego, já que sair da convivência dele vai ser bem complicado. Obrigada, pai, te amo.

Paro de pensar nos meus problemas por alguns minutos e foco no que ele acabou de me contar. Da história da menina que ele trouxe para casa. Um arrepio me sobe só de tentar imaginar o que é passar por tudo isso.

E quando eu estou conseguindo me acalmar, a minha porta se abre novamente com o Diego aparecendo.

– Está mais calma? – O sorriso dele de brincadeira me faz querer dar um soco no seu rosto.

– Não estava nervosa nem nada. – Cruzo os braços e revido.

– Ah, claro. Sair correndo do meu apartamento e se trancar em casa não é nada mesmo.

Não respondo e espero ele começar a falar o que realmente quer aqui.

– Preciso de um favor. Ou dois. A Cecília não tem nenhuma roupa para usar e...

– Eu deixo umas lá, já tinha separado e esqueci de entregar para a Elis e a Su levarem para o orfanato.

– Obrigado. E o outro favor é... – Diego hesita.

– Fala, Di.

– Eu não tenho nenhuma ideia de como conversar com ela. Sou mais da parte de ação e resgate, não de cuidar o pós.

Suspiro.

Eu poderia simplesmente dizer que não ajudaria. Deixar o Diego se resolver com os problemas dele. Porém, sendo filha de quem sou e tendo herdado muitas características do meu

pai, não consigo ser mesquinha e não estender a mão para quem precisa.

– Ajudo por ela. Não por ti.

Diego sorri daquele jeito que eu perco as palavras quando vejo.

– Eu vou fingir que acredito. Quer ir lá conhecer ela?

Mando o Diego ir na frente e espero me recompor, com a história de que vou pegar as roupas para a Cecília.

Entro no apartamento do Diego e encontro ele ajoelhado no chão conversando com a Cecília que está sentada no sofá.

– Cecília, essa, que saiu correndo quando chegamos é a Luiza. Ela é uma amiga que vai nos ajudar, certo?

A menina olha para mim e eu levo a segunda facada no estômago do dia.

Diego vem em minha direção e fala baixo para mim.

– Vai dizer que ela não é parecida com alguém que nós conhecemos?

Olho para o Diego com os seus olhos tristes e concordo que sim.

A Cecília, é muito parecida com a Carla. Tanto que eu quase penso em mandar uma mensagem para ela perguntando se tudo está bem por lá. Me aproximo dela, com as roupas que trouxe nas mãos e me sento ao seu lado.

– Oi, Cecília. Muito prazer em te conhecer.

O olhar desconfiado dela chega a me cortar por dentro. Continuo com o meu sorriso no rosto e foco nos seus olhos hesitantes.

– Vou encomendar umas pizzas. – Diego se retira da sala e eu fico sozinha com ela por alguns minutos.

– Quer tomar um banho? Eu trouxe umas roupas, acho que vão servir em ti.

Ela acena que sim e eu sorrio mais. Mostro para ela o caminho do banheiro e deixo uma toalha limpa para ela.

Vou para a cozinha e encontro o Diego desligando o telefone. Nos encaramos por alguns segundos, e não sei como, eu acabei nos braços dele.

– Ela é... – Tento falar, mas não consigo.

– Eu sei, muito parecida com a minha irmã. Ainda mais nesta idade. Também levei um choque quando vi.

Ele me aperta mais um pouco e eu me permito ficar nos seus braços.

– Tem dias que eu acho que trabalho para nada. Mas tem outros que.... Acho que salvar ela foi a minha esperança se reacendendo. Uma pequena chama na escuridão que eu vejo sempre.

Diego me solta e eu vejo que ele está bem abalado. Nunca vi ele desse jeito na minha vida. Sei que os seu trabalho lida com várias coisas tristes, como drogas, prostituição e assassinatos, e ver cada coisas tão de perto assim é traumatizantes.

Se eu, em só conviver com ele me contando essas coisas já fico abalada. Quem dirá ver isso todos os dias. Sem contar no perigo de se machucar e de vida que corre todos os dias quando sai de casa. Resgatar alguém, ainda mais tão jovem como a Cecília, deve ser de uma sensação imensa e ao mesmo tempo libertadora para o Diego.

Quando eu o conheci, há alguns anos atrás, achava que ele era apenas reservado. Carla me jurava que o irmão era a pessoa mais divertida que ela conhecia, somente depois de alguns dias convivendo mais com ele que percebi este lado. E agora, com a convivência diária, e a preocupação constante, cada vez menos o Diego brincalhão.

Talvez esse seja o motivo principal do meu pai ter me colocado aqui. Ele sabe da minha “afinidade”, não no quesito de atração, mas sim de amizade com o Diego. E sabendo que ele teria alguém para conversar faria bem para o cunhado. Meu pai adora matar dois coelhos com uma cajadada só.

Só que ele não contava/conta com a minha pequena esperança em ser mais que uma amiga dele. Ver o Diego quase que definhando, se limitar a ser um policial por 24h por dia me dá um aperto no peito. Tanto que eu sempre tento inventar alguma coisa diferente entre nós, mas nem sempre consigo êxito nisso.

E cada vez que eu tento me aproximar mais, Diego ergue um muro de concreto entre nós.

Somos interrompidos com a porta do banheiro se abrindo e a Cecília aparecendo. Faço um elogio as roupas que ficaram perfeitas nela e a acompanho até a sala, para deixar ela confortável nesse apartamento.

A pizza chega e eu o Diego comemos tentando interagir com ela sem sucesso nenhum. Cogito a ideia de ligar para o meu pai para perguntar o que eu poderia fazer, mas sei que o Diego não aprovaria. A estadia da Cecília não pode ser ligada a ele, para a própria segurança dela, pelo o que ele me contou depois.

Coloco ela para dormir no quarto de hóspede e escuto um agradecimento fraco vindo dela. Encontro o Diego terminando de arrumar a cozinha e me sento à mesa depois de me servir com uma taça de vinho. Um hábito que compartilhamos depois de jantar.

– Quanto tempo ela vai ficar aqui? – Questiono depois de servir o ele.

– Uns dois dias, no máximo. O tempo de conseguirem vir buscar ela.

– Será que ela vai conseguir ter uma vida normal?

Diego suspira e olha para mim.

– Pelo o que eu li no relatório, ela não chegou a ser abusada. Foi entregue horas antes do ataque acontecer. Uma sorte e tanta, já que eles geralmente drogam as meninas e as deixam viciadas antes de colocar para trabalhar.

Meu Deus.

– O toxicológico deu limpo no hospital. Realmente ela nasceu de novo. E tenho certeza de que daqui em diante vai ser bem melhor.

Tomamos o nosso vinho em silêncio até eu ver o Diego puxar o telefone dele e ligar para a sua irmã. Realmente uma ligação simples para a Carla, que pelo pude escutar, estava bem

animada com os gritos do meu pai ao fundo. Ele perguntou se ela estava bem, umas quatro vezes e desligou o telefone depois que o pai disse para ele parar de incomodar os dois em tom de brincadeira.

Vi o semblante do Diego se suavizar um pouco. Terminamos o vinho e, mais uma vez, eu acabo nos braços dele para um abraço apertado.

– Obrigado pela ajuda.

– Já disse que estou fazendo isso por ela, não por ti. – Ele sorri fraco e beija os meus cabelos novamente.

– E eu já disse que finjo que acredito, Luiza.

Nossos olhares se cruzam e ficamos em um mundo particular. Somente alguns centímetros de distância. O trajeto para a felicidade em tão pouco tempo. Chego a me inclinar um pouco em direção ao Diego e vejo ele fechar os olhos, com uma expressão de dor.

– Boa noite, Luiza. – Fito os seus olhos, tão confusos e perturbados como os meus.

– Boa noite, Di...

E a porta se fecha, esmagando no meio dela uma parte de mim.

Capítulo 5

Por Diego

Fecho a porta e balanço a cabeça para me concentrar novamente no que eu tenho eu fazer. Neste momento é garantir a segurança da Cecília.

Depois disso eu posso focar em outros problemas, em especial em um doce e com cabelo cor de cobre chamado Luiza. Bem que a minha irmã me avisou que mexer com um Lavorini é risco de queimaduras.

Tomo um banho e vou para a cama ainda pensando nela. Como em poucos segundos conseguimos passar de um simples abraço para um furação de sentimentos. Eu já tive muitas namoradas, mas nenhuma delas conseguiu me deixar tão longe de mim como a Luiza consegue. Irônico isso, já que nem minha namorada, ou coisa parecida ela é, imagina se fosse. Eu estaria completamente perdido.

Tento dormir, mas não consigo. Estou tenso e com muitos pensamentos na cabeça. A situação com a Cecília, e o risco que todos estão correndo por eu trazê-la para cá. Realmente eu espero que na favela que ela morava a situação esteja bem complicada para os traficantes, a ponto de não notarem a falta dela. Ninguém gosta de perder dinheiro, e o que eles fariam ela não seria pouco.

Eu sei que tomei todos os cuidados cabíveis para não ser seguido e que ninguém me viu entrando no meu apartamento com elas. Também sei que se eles quisessem podem descobrir o seu paradeiro em poucas horas. O dinheiro de propina para compras de informações é bem gasto por eles e sempre tem muito retorno.

Consigo dormir por algum tempo depois da metade da madrugada. Acordei antes do despertador tocar e fui malhar na academia do prédio. Passo no apartamento da Luiza, que dorme e nem nota a minha presença, tento ver o que aconteceu com o chuveiro dela e já deixo o recado que ela precisa comprar um novo para eu trocar.

Preparo o meu café e deixo o da Cecília pronto, e quando eu estou saindo, encontro ela saindo do seu quarto. Tento conversar, mas não obtenho respostas. Então só aviso que qualquer coisa é para ela ligar para a Luiza que ela vai me avisar. Mais uma manobra de segurança.

Saio para o trabalho, como sempre, me cuidando na rua para saber se não estou sendo seguido. Emboscada é coisa simples nos dias de hoje.

Entro na favela e visto o meu uniforme conversando com os colegas que estavam de plantão à noite. Pelo visto, foi relatado alguns tiros em uma zona, mas que ninguém conseguiu descobrir a origem.

Ou seja, mais uma noite normal.

Encontro o meu chefe e trocamos duas frases, sem sentido para os outros, mas para nós não precisa de tradução. Recebo um aceno rápido de cabeça dele e começo a trabalhar.

Só assim para eu conseguir descansar a minha cabeça de tantos pensamentos que ela tem nesse momento.

Continuamos as “investigações” sobre os tiros escutados durante à noite, mas não temos muito êxito nesta missão. Atendemos alguns chamados domésticos, com a aplicação da lei Maria da Penha, ou do João da Penha, como temo visto muito ultimamente, onde as mulheres quase matam os maridos a socos a ponto de eles denunciarem elas.

É uma cena inusitada ver o cara todo ensanguentado e a mulher com um pedaço de pau querendo bater no marido para que deixe de beber e “fazer farra” durante as noites todas. Mas eu, particularmente, prefiro atender um João da Penha do que Maria da Penha.

Homem quando apanha é para tomar jeito na vida. Mulher não. Geralmente as que sofrem violência doméstica não fazem nada para merecer tal abuso. Nestes casos a minha vontade é de ter uma conversa mais particular com o cara que faz isso. Vontade eu até tenho, mas nunca fiz tal abuso de autoridade. Tenho colegas que não hesitam um segundo que for para bater em homem que machuca a mulher, eu ainda me resguardo, por que sei que a favela tem a sua própria lei.

Assim como todo o estuprador, abusador de menores e filhos que batem em pais. Esses conhecem a própria justiça de onde moram e geralmente não voltam a praticar mais delitos desses tipos. A nossa justiça pode ser falha, mas a deles nunca. Basta uma denúncia para “os maiores” que tudo se acaba e fica na santa paz.

E quando eu chego no prédio, depois de registrar a ocorrência, encontro um alvoroço de policias, civis e crianças olhando a cena.

– O que aconteceu? – Pergunto para um colega.

– Os tiros da noite. Vieram justificar antes que a gente entrasse lá. – E ele me aponta com os olhos para o centro.

Vejo o chefe, com as mãos na cintura e escutando um menor, não mais que quinze anos, com a camiseta amarrada no rosto conversando.

– E quem era esse? – O chefe pergunta e como eu estou longe, só vejo a mancha de sangue no ombro da criança.

– Fez coisa que não devia, seu polícia. – A criança justifica.

– Foi tu que matou?

– Eu não. Não sei usar arma não, senhor. – Meu colega ri ao meu lado.

– Como se eu não tivesse reconhecendo esta voz aí. Esse é o que fica lá em cima avisando quando a gente está subindo. Geralmente já recepciona com bomba de felicidade de tudo.

E eu penso comigo.... Praticamente uma criança....

– Tem certeza de que não foi tu? – O chefe volta a pressionar.

– Não, seu polícia. Só vim trazer o corpo e dizer que esse não incomoda mais as mulheres que vão para o baile.

– Deve ser esse aí que andava fazendo a festa no baile semana passada. – Digo para o colega, já que eu atendi dois casos de abuso.

– Não incomoda mais. – Ele me responde e o chefe libera a criança que sai correndo para o meio das casas.

O povo se dispersa e eu continuo a observar a cena. O pessoal do posto de saúde recolhe o corpo já sem vida para encaminhar os papéis do óbito. Uma senhora, derrama um balde de água sobre o sangue que se espalhou por ali e as crianças, não muito longe, recomeçam a jogar bola. Como se nada tivesse acontecido há poucos minutos. A linha entre a morte e a vida tão insignificante e fácil de ser ultrapassada.

E o meu dia segue até eu tirar o meu uniforme e largar a arma dentro do armário.

Chego em casa e encontro ela quieta e sem som nenhum. Fico em alerta total e acabo hesitando em pegar a arma que eu tenho escondida dentro de um vaso no alto da estante na sala. Caminho, lentamente em cada cômodo para me certificar que a Cecília não está em nenhum deles em silêncio, descubro que a casa está vazia e sem nenhum sinal de arrombamento.

Olho, mais uma vez para o vaso e balanço a cabeça. Tenho que deixar de ser paranoico com essa situação.

Pego o elevador e desço cinco andares e antes de abrir a porta com a minha chave reserva, escuto a risada inconfundível da Luiza. Chego a sorrir junto quando vejo ela e a Cecília conversando.

– Oi, Di! Chegou bem na hora! – Luiza me pega pela mão e me faz sentar ao lado da Cecília.

Ela sobe em uma cadeira e olha séria para mim.

– Me responde com sinceridade. Esse aqui... – E dá uma volta inteira na cadeira. – Ou...

Ela tira o vestido que está usando, ficando apenas com uma bermudinha e um top colado ao corpo e coloca outro vestido. Pisco algumas vezes para me recompor da visão que eu tive e... Uau... Nem nos meus sonhos mais adolescentes imaginei que a Luiza faria isso.

– E aí, Di! Teu voto é o desempatador. Eu, a Carla votamos nesse. Meu pai e a Cecília no outro. Falta o teu voto!

Sigo olhando para ela e esquecendo completamente o que eu tenho que fazer, ou responder.

– Ah... – Limpo a garganta. – Os dois são bonitos e...

– Vou trocar de novo e presta a atenção, Denski!

E eu presto toda a minha atenção quando ela repete a cena de tirar e colocar a roupa, em cima da cadeira, para mim aqui...

– Diego! Responde!

– Esse! – Respondo sem nem saber a diferença entre os dois vestidos.

Luiza solta um sorriso triunfante e pula da cadeira como uma criança.

– Eu disse que o Diego ia concordar comigo e com a irmã dele, Cecília.

Ouçõ a risada da Cecília e recobro a minha consciência. Testo a minha sobriedade nesse momento e mudo de assunto para esquecer a imagem dupla da Luiza e essa pouca roupa que ela me presenteou.

– Como vocês passaram o dia?

E começo a escutar a história das duas. Luiza, que resolveu ir para a cozinha hoje, serve a janta e quando eu levo a Cecília para casa, volto para conversar com ela por alguns minutos.

– Qual foi a mágica?

– Luiza Lavorini, meu filho. Ninguém resiste ao meu charme.

Ela pisca para mim e eu quase respondo, dizendo que nem eu consigo resistir tanto.

– E também, o fato de que eu trouxe ela aqui para casa hoje, já que não conseguia me concentrar na loja. Aí me sentei para desenhar uma roupa para uma cliente ela veio para o meu lado observar, começamos a conversar e descobri que ela sempre gostou de ver revistas de modas e essas coisas. E o teu trabalho, como foi?

Dou os ombros, não preciso estragar o brilho do olhar sonhador da Luiza, que não conhece nada desse lado que eu lido com os meus problemas.

– A mesma coisa chata de sempre.

– Mentiroso. Mas enfim, acho que já está na hora de tirar esses pontos ridículos que eu fiz, não é?

– Sim! Lembrei deles quando tomei banho hoje e vou fazer isso quando passar embaixo do chuveiro de novo.

– Precisa de ajuda?

E mais uma vez, da calma à fúria em questões de segundos. Minha garganta seca e sinto todo o meu corpo se contrair. Luiza foca os olhos nos meus e percebo que ficou tão abalada como eu nessa simples frase.

Ela se aproxima, o perfume se intensifica e eu fico sem ação. Ou melhor, eu deixo o meu corpo agir no automático. Sinto ela se aproximando cada vez mais, até o seu corpo estar junto ao meu. Suas mãos tocam os meus ombros e a respiração dela toca o meu rosto.

Meus olhos fixam nos azuis acinzentados dela e no vislumbre de um sorriso fraco, eu deixo me levar pela combustão Lavorini e me queimar.

Capítulo 6

– Grazie e buona giornata! – Sorrio para a câmera e desligo a vídeo chamada.

Me estico na cadeira e quase caio para trás, já que esqueci que ela está com esse problema e não tranquei. Começo a rir para o nada sem negar o meu bom humor nesse dia lindo de chuva que estamos!

O meu dia está sendo ótimo! Depois de pegar mais de meia hora de trânsito em um trajeto que eu faço em minutos, do estacionamento estar em reforma e ter tomando um pequeno banho, até chegar ao shopping que eu trabalho, e essa vídeo conferência que eu estou há quase três horas, que não deixou eu nem almoçar.

Mas nada disso importa! Eu estou com um belo e contagiante sorriso no rosto e nada vai tirar isso nesse momento!

Saio da minha sala, quase cantando de tão bem que estou e aviso que vou à praça de alimentação comer alguma coisa, já que estou morrendo de fome. Encontro ela quase vazia, em vista que o horário de almoço acabou há séculos atrás. Vou até o quiosque de sanduíche e pego o meu favorito. Volto para a loja, onde eu tenho uma montanha de serviço para fazer e quando eu me sento, escuto o barulho de chamada de vídeo novamente.

Abro a janela e me dou de cara com o meu pai colocando o rosto bem na frente da câmera.

– Sai daí, Luiz. A Luiza já está te vendo.

– Acho que a câmera está suja, Guria. Calma aí que eu vou limpar.

– Luiz, não faz isso! Eu limpo depois, não estraga o notebook de novo.

– Oi, gente! Pai não limpa a câmera do notebook com cuspe, Carla, para ele, por favor! – Digo para os dois que estão sentados, pelo que eu vejo, meios altos.

– Oi, filha! – E com essas duas palavras do meu pai, eu sei que ele está bem alto.

Olho no relógio e vejo que são quatro da tarde. Em plena quarta-feira, nada mal...

– Não está um pouco cedo para vocês começarem a beber? – Questiono mordendo o meu sanduíche e derramando maionese na minha blusa.

– Hoje é feriado aqui. Está calor e estamos sem fazer nada. Vamos comemorar. – E o meu pai agarra a Carla na frente da câmera.

Nem isso estraga o meu bom humor. Nada no mundo vai tirar o meu sorriso de quem deu uns beijos do Diego Denski. Um segredo tão lindo que quero guardar só para mim.

Por mais que tenha sido só um amasso inocente no meu sofá, foi um passo e tanto. Ele nem sequer surtou ou me afastou, simplesmente retribuiu e saiu com um sorriso no rosto.

Então até ver o meu pai se agarrando com a Carla pela câmera, enquanto eu como, não me enjoa.

– Tudo bem, Luiza? – Carla fala desviando do meu pai que está tentando morder ela. – Para quieto, Luiz. Ou não vou deixar tu ir lá em casa e jantar com os meus pais.

– Se não formos para a tua mãe, tu vai cozinhar para mim. – Ele dá um sorriso afetado. Chega a ser bonitinho ver o meu pai feliz assim, e não só por causa do álcool.

– Tudo tranquilo. Estou comendo – mostro o meu sanduiche pela metade. – Minha fome é maior do que aguentar vocês dois.

Meu pai chega perto da Carla e, conhecendo ele como eu conheço, deve ter feito alguma piada sobre a palavra “comer”. Ahhh, meu véio....

– Ähn... – Carla solta uma risadinha e se volta para a câmara. – Vamos te deixar comer em paz. – Outra risadinha dos dois. – Tchau, Luiza. Manda um beijo para o Di.

Ahhh, mando, Carla. Pode deixar que dou pessoalmente.

– Tchau, filhota. Te amo!

Eles nem esperam eu engolir para responder um tchau decente. Encerram a chamada me deixando no vácuo e ainda com o meu sorriso besta no rosto.

Eu sei que no momento em que o Diego voltar a ser o Diego de verdade, ele vai cortar as minhas asas. Aposto que vai ser assim que a Cecília sair da casa dele. Pois ele não vai querer entrar numa briga comigo enquanto ela for expectadora, ela não precisa ser testemunha desse ringue de galos gigante.

E falando nela, cada dia que passa conseguimos trazer algum sorriso ao seu rosto e olhar de quem ainda tem esperança de uma vida melhor. Se eu pudesse sair com ela, como trazer aqui para a loja, teria certeza de que este processo poderia ser mais eficiente e rápido. Mas essa opção foi completamente vetada pelo Diego. Ele chega a ser paranoico com a função de segurança, tanto que chega a ser quase doentio a mania de perseguição dele.

Então nós ficamos com o que os apartamentos nos proporcionam. Nem para a academia ou piscina do prédio eu estou autorizada em levar a Cecília. Sei que em breve ela vai embora, mas queria ter a oportunidade de conhecê-la melhor, e quem sabe, ver o seu futuro na moda, já que ela sempre demonstra interesse no que eu digo dessa área.

Volto a baixar a cabeça para trabalhar e me perco no meio dos meus desenhos e projetos para clientes futuros. Minhas costas chegam a reclamar da posição que eu fico sentada e debruçada sobre os croquis que estou focada.

Escuto o pessoal fechando a loja, me dando o tchau e quando fico sozinha é que vou para a outra peça, onde eu realmente faço arte. A parte de corte e costura.

Chego a me arrepiar quando eu ligo a máquina de costura e começo a tirar do papel a peça de roupa que eu demorei horas desenhando todos os detalhes e imaginando o produto final.

Muitos pensam que a minha área é uma perda de tempo, dinheiro e uma montanha de futilidade. Confesso que às vezes, até eu mesma acho isso. Mas eu não encaro totalmente por este lado. Gosto de conhecer cada tecido. De saber as suas propriedades e a melhor forma de ser utilizado. Ajustar cada corpo com o tipo ideal de roupa. Seja do mais básico ao mais sofisticado. Deixar uma pessoa bem consigo mesmo e com o seu corpo com aquela peça de roupa que está usando naquele dia. Nada deixa uma pessoa mais confiante do que saber que está bem vestida para a ocasião.

Já trabalhei com costura em grande escala para grandes marcas, de cobrar rios de dinheiros por peças que tem dezenas iguais. Sair na rua e encontrar duas, ou mais, pessoas com a mesma peça de roupa e que não combinam com os seus corpos. E isso me fez sair do ramo e passei a ficar na área de produção individual. Colocar o cliente em cima do banco e medir ele de cabo à rabo para dar a opinião final para a roupa que ele necessita. Já transformei plebeias em rainhas com um simples vestido reto e sem muitos detalhes. Ou homens de simples à quase astros de Hollywood.

Sempre digo que foi paixão ao primeiro ponto. Vi a mãe usando a máquina de costurar dela e sempre queria usar, mas era vetada por ser pequena e o medo dela que eu me machucasse. E quando eu sentei a primeira vez, com cerca de seis anos, atrás da máquina, disse para mim mesma que nunca mais ia sair.

E cá estou eu. Dezoito anos depois, ainda sentada atrás de uma máquina de costura e fazendo o que eu mais gosto.

Deixando as pessoas felizes com o que eu produzo e me superando cada vez que um desafio é lançado à minha frente.

.

Chego em casa quase madrugada. Tomo um banho e vejo que não tem nada de comestível na minha cozinha, então subo para o apartamento do Diego e começo a revirar a geladeira dele.

– Boa noite, Luiza. – Sinto a mão dele na minha cintura e dou um pulo de susto.

– Oi, Di! Que susto. – Escuto a sua risada de leve enquanto ele se afasta para acender a luz.

E tudo fica iluminado, eu abro a boca e me deixo babar por um Diego só de bermuda na minha frente.

Tirando as inúmeras cicatrizes nos braços e uma maior no abdome daria um modelo e tanto. Já me imagino medindo cada centímetro desse corpo, desenhando sobre ele todas as possíveis roupas, modelos e...

– Luiza? – Diego me chama.

– Ähn...? – Dou mais uma olhada antes de conseguir desgrudar os meus olhos dele e encontro um Diego de cara amarrada.

– Perguntei por que não atendeu o telefone mais cedo? Estava começando a me preocupar. Já te disse para não voltar tão tarde assim do trabalho. Tua zona tem muitos assaltos a essa hora.

Reviro os olhos e volto a me abaixar para desvendar a geladeira dele.

– Estava no silencioso. – Encontro um pedaço de pizza congelado e decido que vai ser isso mesmo que eu vou atacar.

Diego continua a me observar de cara amarrada e eu passo por ele e atiro um beijo para ele desmanchar essa cara de poucos amigos que ele tem. Parece que está com dor de barriga.

Esquento a pizza esquecida e me sento para comer. Ele puxa uma cadeira ao meu lado e ainda tem a audácia de pegar um pedaço e comer na minha frente.

– A Cecília já está dormindo?

– Sim. Ela estava perguntando por ti.

Sinto um aperto no meu coração em escutar isso. Deveria ter voltado mais cedo para ficar um pouco ao seu lado.

– Amanhã vai ser a transferência dela. – Faço uma cara estranha e ele remenda. – Vão levar ela para outro lugar.

– Já? – Mais um ataque à minha pizza.

– Aqui era transitório, Luiza. Eu avisei. E sei como tu te apegou a ela nestes poucos dias.

Muito. Tento falar, mas a minha voz falha. Empurro o prato e cruzo os braços sobre o meu peito. Acabei de perder o meu apetite com essas poucas frases.

– Ficar assim não ajuda muito, Luiza. Caso tu queria ficar para te despedir eu te aviso algum tempo antes. Mas se isso acontecer, quero que tu esteja feliz por ela. Tudo que a Cecília não precisa é um olhar de tristeza. Ela precisa sair daqui confiante que tudo vai dar certo, ok?

– E como eu vou saber que tudo vai dar certo para ela? As histórias que ela me contou ainda me faz ficar triste. E se...

Sinto o Diego passar o braço pelos meus ombros em um abraço. Me aconchego nele e fico pensando em tudo que há de mal nesse mundo e que ela pode encontrar aqui na esquina, por assim dizer.

– Eu sei que ela vai. Te prometo, Luiza.

Volto a olhar o Diego e me inclino para beijá-lo.

No início ele acaba hesitando, mas se entrega novamente. Calmo, suave e com um misto de segurança que só ele consegue transmitir. Terminamos o beijo com ele encostando a testa na minha e suspirando alto.

– Nós precisamos conversar. – Murmura. E eu já começo a repetir milhares de “nãos” na minha cabeça.

Não quero conversar com ele. Quero deixar tudo como está. Evoluir para mais. Muito mais do que simples beijos assim.

– Hoje, não. – Digo, enfim.

– Luiza... – A voz dele é carregada com uma súplica. – Por favor.

– Hoje não, Di. Amanhã.

Desencosto a minha testa dele e Diego encosta as costas da mão no meu rosto. Consigo perceber no seu rosto que ele também não está querendo ter essa conversa. Nem hoje, nem amanhã e se depender da minha vontade, não vai ser nunca.

– Depois que estivermos sozinhos então. – Seu sorriso fraco me deixa com o coração na mão.

Murmuro um ok sem emitir som e ele se levanta.

Sigo ele até a porta da frente, sentindo isso como a minha despedida desta noite. Quando saio para o corredor, sinto ele evitando de me encarar.

– Amanhã eu vou ficar aqui o dia todo. Posso trazer as minhas coisas e trabalhar em casa. E se der, fico aqui fazendo companhia para a Cecília.

– O meu apartamento sempre está a tua disposição, Luiza. Tu sabe disso. – Aceno que sim.
– Boa noite.

– Boa noite, Di.

E ele fecha a porta lentamente.

Me escoro no corredor e tenho a vontade de entrar porta a dentro e grudar a cabeça dele na parede até entrar alguma ideia lá dentro. Sempre soube que ele é cabeça dura, mas me surpreendo cada vez mais com isso.

Respiro fundo e sigo o meu caminho em direção ao meu apartamento. Calma, Luiza. Agora tu tem uma noite inteira para descobrir qualquer argumento para todas as hipóteses que o Diego vai te apresentar amanhã.

Capítulo 7

O dia passou com uma velocidade que eu não conseguia controlar. Cada vez que eu olhava no relógio era como se ele tivesse dado um avanço acima do normal. E eu pedia para que ele fosse mais calmo.

Quando a tarde caiu, trazendo à noite, e nenhum sinal do Diego, comecei a ficar animada com a possibilidade da Cecília ficar mais uma noite com a gente aqui.

Passei o dia inteiro com ela. Conversamos, olhamos filme comendo besteira e ensinei ela a fazer um vestido com um tecido que eu havia deixando em casa. Ficou tão bonito que depois de pronto ela não quis tirar mais do corpo.

O barulho da porta da frente indica que o Diego chegou, e quando eu vejo que ele está acompanhado, sinto o meu coração se despedaçar um pouco.

– Oi, Di. – Digo forçando um sorriso e ele me responde com um aceno de cabeça, confirmando o que eu já temia.

Estavam aqui para buscar a Cecília.

Por um lado, eu estava feliz. Sabia que ela iria para outro lugar, onde pessoas iriam cuidar como ela deveria ser e ajudarão a ter um futuro melhor pela frente. Deixando assim todos os assombros e terrores que viveu nas mãos dos traficantes e da sua própria família.

– Ah, esta deve ser a Senhorita Lavorini. – Um senhor me estende a mão e eu entrego a minha para um aperto firme.

– Olá, senhor. – Ele sorri para mim e se vira para o Diego.

– O Denski sempre fala na senhorita. Estou encanto em conhecê-la.

Fico sem ação ao escutar isso. Escuto o Diego limpando a garganta e se voltando para mim.

– Luiza, este é o meu chefe.

– Ahh, claro. – Digo reparando agora que ambos estão uniformizados com coletes da polícia federal.

– E essa moça é a Cecília. – Me viro para ela e vejo os seus olhos assustados. – Está tudo bem, querida. Eu só vou te levar até outras pessoas que te ajudarão.

Cecília olha para mim e depois para o Diego, e mesmo com o meu coração sangrando, sorrio confiante para ela.

– Vai dar tudo certo, Cecília. – Digo me aproximando dela e a abrindo forte.

– Eu... – Ela soluça começando a chorar. – Eu vou sentir saudades.

Seguro as minhas lágrimas e a beijo diversas vezes.

– Eu também. – Sinto alguém participando do abraço e me sinto bem mais confiante.

– Nós também Cecília. – Diego se reveza para beijar as nossas cabeças.

O abraço termina depois de alguns segundos a mais que o normal para um abraço comum.

Diego pega a mala que eu arrumei para ela, com algumas roupas que eu não usava mais enquanto eu fico dando uns últimos recados para a Cecília que já apresentava um sorriso mais confiantes. O chefe do Di aguardou, pacientemente, eu e o Diego nos despedirmos.

– Nos falamos mais tarde, Denski. – Eles apertam as mãos e trocam um olhar intenso.

– Sim, senhor.

– Até mais ver, senhorita Lavorini. – Desta vez, me adianto e estendo a minha mão para cumprimenta-lo.

A porta se fecha e eu solto o ar dos meus pulmões junto com um soluço que estava preso na minha garganta. E em menos de um piscar de olhos, sinto o Diego me abraçando fortemente.

– Ahh, Luiza. Não fica assim. – Ele fala baixinho me reconfortando. – Eu sei que ela vai estar bem cuidada.

Deixo mais algumas lágrimas caírem dos meus olhos e saio do abraço dele limpando as remanescentes que ficaram sobre o meu rosto.

– Eu sei. – Digo, enfim. – É só que.... Eu me apeguei a ela nestes poucos dias. É triste conhecer de perto uma criança tão pura e que passou por tantas coisas. Me lembrei da Sarah. O pai me disse que a realidade dela antes de ir para o orfanato foi quase igual à da Cecília, e as duas tivera sorte de saírem de lá. E agora eu fico me perguntando quantas mais estão nessa mesma situação, mas que não vão ter a mesma sorte.

– Muitas. – Ele responde tirando o seu colete da polícia federal. – Tantas que é quase impossível estimar um número, Luiza. Lá onde eu trabalho já é difícil contabilizar, quem dirá no país todo. Mas sabe o que mais me dá... – ele para e pensa na palavra.

– Raiva? – Digo e ele nega.

– Revolta acho que seria a palavra apropriada. – Diego começa a retirar o cinto. – Sabe o que me deixa revoltado. Tantas crianças em situação de risco gravíssimo e a Carla louca para adotar um bebê.

Vejo a frustração do Diego e não consigo deixar de compartilhar o sentimento. Realmente a fila de adoção do nosso país até seria compatível com o número de crianças que existem nos orfanatos, mas se formos parar e analisar a burocracia e a demora para isso acontecer, desmotiva. E o que dá mais raiva, é saber que há crianças em situações precárias que moram com “pais” que não estão nem aí para os filhos.

E nós, com a Carla louca para adotar qualquer bebê que seja. Ela já está na fila há quase dois anos. E quando a Elis e a Su, suas amigas que são voluntárias em um orfanato, dizem que chegou um recém-nascido, todo mundo fica na esperança de que esse possa ser o dela. Só que isso nunca acontece.

Alguns até chegam a serem adotados por pessoas da fila de adoção, mas outros, entram lá e são deixados para que a sorte se lembre deles em algum dia.

Acompanhar isso de perto é uma tortura constante. Tanto para nós, familiares e amigos, como para a própria Carla, e de quebra, o meu pai. Pois ele está louco para ser pai novamente também. O vóio ainda tem muita energia para cuidar de uma criança, capaz dele conseguir deixar

a criança mais cansada do que ele próprio.

A espera já está tanto, que esses dias eu me peguei olhando um documentário sobre “barriga de aluguel” e descobri que eu posso ser uma candidata para eles realizarem esse sonho. Encarraria uma gravidez só para ver os dois felizes. Porém sei que eles não aceitariam esta opção tão facilmente assim.

Diego segue falando e eu arregalo os olhos para a arma que estava no coldre e agora nas suas mãos. Eu sei que ele tem curso especial em armamento, mas nunca vi ele com uma na mão, e muito menos manuseando desse jeito.

– Luiza? – Ouço a sua voz. – Ah, droga! – Ele pega a arma e larga em cima do sofá, ao lado do seu colete. – É tão normal eu tirar o colete e depois desmontar a arma que nem me toquei que estava fazendo isso em casa. O chefe me pegou na saída e nem consegui trocar de roupa. Desculpa. Eu vou esconder ela desmontada.

– Não precisa esconder, eu só fiquei impressionada porque nunca vi uma arma assim de perto. O pai nunca foi fã de armas de fogo e nem ninguém que conhecêssemos.

– Elas não são tão ruins como se pensam. Só quando usadas por pessoas erradas. Um dia te levo no clube de tiro para tu tirar esta impressão delas.

– Obrigada, mas prefiro pegar um cinema a usar umas dessas.

Diego dá os ombros e sai para dentro do corredor com um sorriso besta no rosto. Vejo ele entrar no seu quarto e instante depois o barulho do chuveiro.

Começo a arrumar a bagunça que eu e a Cecília fizemos hoje, e me sinto bem mais calma com a sua partida. Confio no Diego de olhos fechados, se ele disse que tudo ficará bem com ela, eu acredito.

Por Diego

Tomo um banho demorado. Coloco a primeira bermuda velha que encontro e saio para a sala onde encontro a Luiza arrumando algumas coisas que estavam fora de lugar.

Ela se vira e quando me vê, abre um sorriso.

O alarme de perigo começa a soar na minha cabeça instantaneamente. Eu estou andando em um terreno altamente cheio de minas subterrâneas. Um passo em falso e tudo se explodirá.

– Sobrou um pouco do almoço, vai querer me acompanhar na janta? – Ela pergunta olhando para o meu corpo como se eu fosse a peça principal do jantar.

– Pode ser. – Digo depois de alguns segundos. – Só vou guardar as minhas coisas no quarto para não ter perigo de nada.

Invento essa desculpa esfarrapada e saio da sala correndo e por pouco quase perco um pedaço da minha 9mm de trabalho. Me sento na cama, abro a gaveta de baixo do meu guarda-roupa e tiro a caixa onde eu guardo o material de limpeza das minhas armas.

Tento ocupar a minha cabeça com o trabalho, mas realmente está uma coisa meio impossível no momento. Juntando a minha situação com a Luiza e a do trabalho, é impossível me deixar descansar a mente.

A tensão normal da favela já uma coisa que estou acostumado, porém, nos últimos dias a calma está estranha. Como se estivesse prevendo um furacão há poucos quilômetros de onde nos encontramos. Até foi bom vir para cá limpar a minha arma, acredito que em breve ela deverá entrar em ação.

Não gosto de usar ela, ainda mais em situações desse tipo. Mas é como eu sempre penso, mais vale uma bala na cabeça de uma pessoa que já tirou a vida de muitos, do que ele vivo, tirando a vida de mais pessoas, muitas inocentes, e até a minha.

Eu sei que isso mórbido, mas estando há algum tempo nesse trabalho, o panorama das coisas muda completamente. É tanta violência, injustiça, atrocidades, como a que quase aconteceu com a Cecília, que quando tudo é colocado na nossa balança de coisas certas e erradas a serem feitas, o peso muda consideravelmente perto de quem não vê tudo o que nós vemos.

E junto a isso, tenho o belo problema chamado Luiza. Ainda mais nos últimos dias, depois que eu não consegui resistir ao charme inegável e temperamento único que existem naquela cabeça por baixo dos cabelos cor de cobre.

Tudo seria bem mais fácil se a Luiza fosse filha de qualquer outra pessoa, desde que não fosse do namorado da minha irmã. Eu poderia jogar tudo para cima e partir para os finalmente. Mas não! Ela ter que ser a filha adorada do meu cunhado. O Luiz é louco por essa filha, e se alguma coisa der errado, sei que ele descontaria tudo na Carla.

Por isso eu me encontro nesta encruzilhada sem saber para onde eu me viro.

Sigo limpando a minha arma e o meu problema de olhos azuis acinzentados entra trazendo duas taças de vinho. Ela senta, cruza as pernas e fica olhando para mim.

– O jantar já está pronto.

Monto a arma em poucos segundos, aponto para o guarda-roupa e puxo o gatilho fazendo a Luiza dar um grito daqueles.

– Calma, que as balas estão aqui. Só estou testando ela. – Começo a rir da sua carinha assustada.

– Seu maluco! – Ela começa a me bater nos ombros. – Quer me matar do coração?

Sigo rindo do susto da Luiza. Será que ela pensa que eu seria tão maluco a ponto de assassinar o meu próprio guarda-roupa, ainda na presença dela?

– Não ri de mim, Diego Denski!

O ataque continua e até ela começa a rir no meio do processo. E quando eu canso de ser atacado gratuitamente, pego as suas mãos e me viro contra ela. Luiza cai em cima da minha cama comigo por cima.

Os olhos azuis acinzentados e os cabelos cor de cobre me deixam sem fôlego. E a única coisa que se passa na minha cabeça é a sensação de que eu não tenho escapatória nenhuma contra ela.

Capítulo 8

Por Luiza

Diego sobe em cima de mim, estou soterrada em baixo dele e completamente hipnotizada. Já que eu estou na chuva, o mínimo que eu posso fazer é me molhar. Me aproximo para o beijar, e o Diego se esquiva. Olho sério para ele que abre um sorriso lento, se aproxima de mim, lentamente, e me beija.

Isso! Mais um ponto para a equipe Lavorini aqui!

Diego me beija de uma forma que não se parece nem um pouco parecido com aqueles amassos inocentes que estávamos fazendo das últimas vezes. E eu aproveito para sair da seca e me esbaldar nesse Denski teimoso.

Percorro as minhas mãos por toda a sua extensão de tórax e sinto todos os músculos e cicatrizes que ele possui. Ele geme quando eu alcanço o cós da sua bermuda e eu correspondo quando ele enfia as mãos por dentro da minha blusa.

Com um impulso, que eu não esperava, ele me deixa por cima, e eu não perco tempo antes de começar a tirar a minha blusa e jogar ela no chão do quarto. Observo o Diego correr os olhos pelo meu corpo e engolir à seco. Nunca tive porte de modelo. Minha pele é branca demais, tenho alguns sinais na pele, como pintinhas e os meus seios nunca foram avantajados. Mas a expressão dele demonstra que ele gosta do que vê. E eu não preciso dizer duas vezes que o corpo do Diego, para mim, é melhor do que de inúmeros modelos que eu já vi na minha vida.

Suas mãos tocam a minha pele e param na minha cintura. Diego toma um impulso e fica na minha frente. Minha respiração se choca com a dele, e antes que ele comece a falar, estragando a minha noite por completo, eu volto a beijá-lo e o empurro para a cama.

E não deixo ele sair de lá.

.

– Essa é aquela do tiro que eu levei quando a mana começou a namorar o tue pai. – Passo a ponta dos meus dedos por ela e sinto a cicatriz. – Pegou bem onde termina o colete. Azar.

Rio e passo para outra cicatriz dele. Estamos deitados na sua cama, ainda, desde aquela hora. O sorriso besta no meu rosto não me deixa negar que eu estou bem satisfeita. E sei que o Diego também está com essa mesma expressão.

– Esta foi em casa, anos antes de entrar na faculdade, ou quando já estava nela. É queimadura. Estava com uns amigos fazendo um churrasco lá em casa, já bêbados e um deixou cair o celular na churrasqueira que já estava sem fogo, só com brasa. O idiota meteu a mão e quando puxou o celular veio uma brasa e caiu em mim.

– Só imagino a dor.

– Estava anestesiado de álcool. E depois me atirei na piscina. Fui perceber no outro dia quando fui tomar banho. Aí doeu.

Diego se aproxima mais de mim e eu passo a minha mão sobre o seu peito me

aconchegando nele. Fecho os olhos para gravar na minha memória o seu cheiro e sou recompensada com o melhor que há.

Sinto a mão dele percorrendo o contorno do meu corpo nu ao seu lado e me arrepio toda. Ele acaricia a minha tatuagem com os dizeres “aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade” e um JL entrelaçados em um coração.

– Essa tua tatuagem tem dois significados. Por isso tu colocou JL e não LJ. Acertei?

Sorrio e respondo que sim em gemido fraco. Meu corpo está em marcha lenta depois do exercício físico altamente satisfatório de alguns minutos atrás.

– Joana Lavorini ou Joana e Luiz. Pode ter esses dois significados.

– Eu imaginei que fosse. Eu andei conversando com a Olívia para fazer uma, mas ainda não decidi o desenho. Ela sempre me cobra quando me vê.

– Quero fazer outra relacionado à corte e costura também.

Minha voz sai um pouco mais baixa que um sussurro e eu pego no sono segundos depois. Sinto como se o Diego tivesse beijado a minha cabeça, mas não posso afirmar se isso já não foi o início de um sonho....

,

Acordo no susto sem saber onde eu estou. Sento na cama e percebo que não estou usando nada no meu corpo. E aí o sorriso aparece no meu rosto e eu lembro de como vim parar aqui e nessa situação. Levanto me espreguiçando e sentindo os estalos do meu corpo se acordando. Adoro fazer isso quando acordo.

Vou até o banheiro organizado do Di e tomo um banho rápido. Saio enrolada na toalha e não encontro as minhas roupas. Então opto por assaltar as do Diego mesmo. Coloco a primeira coisa que encontro na minha frente e saio para encontrá-lo.

Vou até a origem do som da sua voz e o encontro na cozinha falando ao telefone. Ele nota a minha presença, pisca para mim e se despede da pessoa no outro lado da linha.

– Bom dia, Luiza. Quer café?

– Bom dia, Di. Quero sim, obrigada.

Pego uma caneca no armário e sento ao seu lado para comer. Começo a preparar o meu café e ele a falar.

– Era o meu chefe no telefone. Avisando que a Cecília já está em outro estado e em breve vai estar com a sua família.

– Que maravilha! – Digo abrindo um sorriso gigante.

– Sim. Agora tudo vai dar certo.

E eu concordo tomando um pouco do meu café olhando fixamente para ele.

Conversamos mais um pouco sobre a Cecília e o silêncio se instala sobre nós. Eu sei que o Diego não vai demorar muito para tocar no assunto “ontem à noite”. Conheço ele o bastante para saber cada palavra que sairá daquela boca que explorou todo o meu corpo com maestria.

Não podemos ficar junto por causa do relacionamento do teu pai com a minha irmã. Não vai dar certo entre nós por inúmeros motivos e se tu te machucar o teu pai não vai desassociar a minha imagem como quem partiu o teu coração quando olhar para a Carla. E blá, blá, blá. Com certeza eu vou revirar os olhos para cada um dos motivos que ele vai pensar em me dizer.

– Luiza eu... – começo a preparar os meus olhos para revirar eles muito nos próximos minutos. – Nós precisamos conversar.

Termino de virar o conteúdo da caneca e deixo ela em cima da mesa. Cruzo os meus braços e fico olhando fixamente para ele.

– Hmm... Tudo bem? – Ele estranha o meu jeito.

– Tudo ótimo, Di. Só estou esperando tu começar a falar os motivos para dar sobre o “erro” – faço aspas com os dedos sobre a palavra – de ontem à noite.

– Eu não disse que foi um erro. Bem pelo contrário, não foi. Mas eu aprecio em saber que tu sabe tudo que eu vou falar em relação a isso. E...

Levanto a minha mão e o calo com esse sinal.

– Eu já sei de todo o discurso. Tu já me recitou ele há anos atrás. E eu relevei porque estava voltando para a Europa e tu ia vir para cá. Mas agora estamos juntos, Diego. Tu nem pode colocar a culpa em mim para morar aqui porque tu sabe de quem foi a ideia brilhante.

– Do teu pai. Meu cunhado.

– Exatamente, essa figura mesmo. Também sei que tu prometeu para a Carla...

– Tua madrasta. – Ele me interrompe e eu olho para ele o fazendo se calar novamente.

– Sim, tua irmã, que não chegaria perto de mim. Convenhamos que isso é balela, eu mesma prometi para o meu pai que me casaria virgem e não consegui cumprir isso por mais de três meses.

– Sério que tu prometeu isso?

– Sim, e se eu duvidar muito, ele ainda acredita nisso. Mas o meu ponto não é só esse, Diego. Eu gosto de ti e tu, querendo ou não, também gosta de mim. Vai negar isso?

– Não. Gosto de ti, Luiza. Bem mais do que eu deveria e gostaria de admitir.

– Viu só. E o que custa arriscar isso?

Diego passa as mãos nos cabelos e suspira. Ele volta a olhar para mim como se estivesse sentindo alguma dor.

– Tem muita coisa em jogo, Luiza. A situação do teu pai e a Carla é só um deles. O meu trabalho te expõe à riscos desnecessários. Coisa que já aconteceram com colegas de serviço. A minha cabeça é colocada a prêmio e se fizerem alguma coisa contigo...

Diego se aproxima de mim e toca no meu rosto.

– Te perder para isso é uma coisa que nem eu, nem o teu pai e ninguém quer passar. Eu não me perdoaria nunca por te arrastar para esse meio, o teu pai por ter deixado isso acontecer e a Carla por eu não ter cumprido a minha promessa com ela.

Fico sem reação com essas palavras que ele me disse. Meus olhos queimam e eu me seguro para não chorar e nem demonstrar que eu estou preste a fazer isso.

– Viu como não é pouca coisa em jogo, Luiza. E outra, se não dá certo entre nós? Brigarmos de não conseguirmos mais ficar no mesmo cômodo juntos? Como vai ser isso? Meus pais e o teu pai são muito unidos. Eles adoram quando estamos todos juntos para as festas de final de ano ou qualquer outro dia que haja. Isso vai afetar todo o convívio familiar deles.

– Sou grandinha demais para conseguir separar isso, Diego. – Digo olhando fixamente para ele e vendo que não sou só eu que estou me segurando nessa cozinha para não desmoronar. – Nunca que eu deixaria o que acontece, ou aconteceu com a gente atrapalhar eles.

– Falar é fácil, Luiza.

– Não, Di. Eu já fingi muitas vezes para o meu pai. Faço isso desde os meus dez anos só para não magoar ele. Fingiria para o resto da minha vida se fosse preciso para ele não sofrer. E sei que se precisar, tu também faria isso pela Carla. Mas agora, nos deixar magoados por causa deles, e, principalmente, por uma coisa que nós não conseguimos negar é crueldade.

Diego é o primeiro a deixar uma lágrima correr pelo seu rosto já com uma sombra de barba.

– Tu sabe que se não chegarmos a nenhum consenso nessa conversa eu vou sair da tua casa e só te ver quando for preciso, não é?

Ele acena a cabeça que sim lentamente.

– E que para ti, uma pessoa que te arrisca tanto diariamente para o bem-estar dos outros, vai estar te negando uma coisa que pode ser tão boa para nós dois. – Minha voz falha. – Eu não consigo viver com o “e se”, Di. Simplesmente eu não consigo. Aprendi cedo demais que a vida pode se extinguir em uma simples curva e que se isso acontecer, eu não vou conseguir uma nova oportunidade para aproveitar a minha vida. Ou eu faço de uma vez ou eu não faço mais...

E depois que eu falo isso, saio do apartamento dele em direção ao meu.

Seguro o choro até a porta do meu apartamento. Fecho a porta e, com isso, a barragem dentro de mim estoura com vontade. Começo a chorar de uma forma que fazia muitos anos que eu não conseguia. Me sento no sofá e não consigo me controlar. Fico no escuro e silêncio até a porta se abrir.

Levanto os meus olhos e vejo o Diego na minha frente. Como ele ousa aparecer no meu apartamento?

Me ergo do sofá, em direção a ele para dar um murro naquele rosto e sou freada quando ele para na minha frente, coloca as mãos no meu rosto e me puxa para um beijo.

Capítulo 9

Por Diego

Volto de uma ronda, com o meu colega pegando no meu pé por ter ficado o tempo todo bocejando. Tive que inventar uma desculpa esfarrapada sobre ter ficado boa parte da noite acordado. E ele não acreditou em nenhuma vírgula que eu disse.

Então eu acabei dizendo que havia ficado boa parte da noite com a filha do meu cunhado no apartamento dela, e aí mesmo que ele não acreditou e começou a rir da minha cara. Simplesmente sorri para ele e deixei quieto. Não valia a pena me estressar com estas coisas quando a minha cabeça tem problemas bem maiores, bonitos e pertinentes.

Luiza Lavorini.

Quando ela saiu lá de casa, me dizendo aquelas palavras eu quase perdi o controle sobre mim mesmo. As palavras duras dela bateram em mim como uma bala de uma arma me deixando sangrando e com uma dor lancinante.

Levantei do sofá que estava e precisava socar alguma coisa. Tanto que não consigo dobrar a minha mão direito e quase arranquei tinta da parede da sala.

Aqueles poucos minutos que fiquei com os meus pensamentos, foram mais torturantes do que se pegassem alguém que eu goste muito para refém de traficantes que eu lido. Foram momentos de intensa dor dentro de mim, um vazio inexplicável e de extrema agonia. Perceber que ficar sem a Luiza doía bem mais do que viver ao lado dela sem poder tocá-la.

Descobri, nestes poucos minutos, que viver ao lado dela, ignorando a sua presença, seria bem mais difícil do que lidar com ela, depois de algum tempo juntos e vendo que não daria certo entre nós. A sombra do “e se...” nos rondando seria mais torturante do que a possibilidade de não ter provado. Pelo menos eu teria as lembranças dos momentos que tivemos.

Apesar do meu surto e o murro na parede, o que ela me disse foi a verdade. Somos adultos demais para deixar que qualquer coisa nossa atrapalhe a vida do seu pai e da minha irmã. Se a Luiza se preocupa com o Luiz, eu me preocupo com a Carla igualmente. Nunca que eu faria alguma coisa para prejudicar, ainda mais se for indiretamente.

Por isso eu fui atrás dela. Desci aqueles cinco lances de escadas como se a minha vida, e de quebra, a da Luiza, dependesse disso. Quando abri a sua porta, percebi que eu não era o único abalado nessa história. O rosto, com as marcas de lágrimas dela, me desmontou. E quando ela levantou, com um furacão no corpo, pronto para me arrebentar, eu a beijei.

A beijei com uma vontade que eu nunca senti. Deixei que esse ato falasse mais do que qualquer palavra que eu pudesse formar naquele momento. E fui recompensando da mesma forma.

Depois que eu a soltei, o furacão despejou em cima de mim. Luiza começou a me bater, igual a uma criança da quinta série com o seu amigo implicante. Eu deixei, e ainda comecei a rir e a me proteger do ataque dela. Ele durou alguns segundos, e quando dei por mim, a Luiza ria junto da situação que estávamos. Ela continuou a me chamar de idiota, desgraçado e tantas coisas infantis. E eu deixei. Sabia que merecia isso.

Levou alguns minutos entre as agressões, os risos e ataque verbal, para depois disso, ela começar a me beijar. E então eu consegui a acalmar por completo. Beije todos os rastros de lágrimas que havia no seu rosto e me desculpei em palavras. Ou pelo menos tentei fazer isso.

Luiza e eu acabamos no seu quarto, e pela segunda noite seguida, passamos a noite juntos. Estar nesses momentos com elas, é como se todas as vezes que eu fiz isso com alguém se tornasse insignificante comparado a essa complexidade toda.

Passei a noite acordando e dormindo novamente. A cada vez que os meus olhos se abriam e eu me localizava onde estava ficava observando a Luiza dormindo ao meu lado. O jeito como o seu peito se movimenta levemente com a respiração calma, os cabelos acobreados espalhados pelo travesseiro e o braço embaixo daquela mente brilhante. Foi uma noite para guardar na minha memória.

Por isso que eu estou com essa cara de morto-vivo hoje. Sai da cama dela antes mesmo do sol terminar de nascer. Dei um beijo no seu rosto e fui para casa começar o meu dia. Passei na academia do prédio, a qual eu quase sempre abro diariamente, tomei um bom banho e agora estou no trabalho.

– Denski! – Escuto o chefe gritar da sua sala. Meus colegas chegam a olhar para mim com pena, já que quando isso acontece, o esporro é grande.

Faço o caminho pensando em tudo o que eu fiz hoje para receber um esporro do chefe, e quando eu chego a sala, ainda não pensei em nada que merecesse um.

– Fecha a porta e pode te sentar. – Faço o que ele diz e fico frente a frente com o meu chefe que está de cabeça baixa escrevendo alguma coisa em um papel.

– Aconteceu alguma coisa? – Digo receoso.

Meu chefe larga a caneta e fica olhando para mim.

E eu chego a engolir à seco. Tenho muito respeito por ele e tudo o que ele faz e fez por esta favela. Os problemas que resolveu e tantas situações perigosas que já livrou cada agente que pisa na unidade. E sei que se receber um esporro, será para o meu próprio bem e, quem sabe, até salvar a minha vida. Ele trata como se todos fossem seus filhos aqui.

– Primeiro pode desmanchar essa cara de espanto. Te chamei assim para não criar suspeitas. – Ele sorri e eu chego a soltar a respiração que estava segurando nos meus pulmões.

– Não vai ser esporro?

– Desta vez não, Denski. Quero te parabenizar pela tarefa com a Cecília. Ela chegou bem ao seu destino e o pessoal que cuida disso mandou os parabéns para ti e para a senhorita Lavorini.

– Como eles sabem da Luiza?

– Não importa, Denski. Só precisa saber que essas pessoas não confiam as crianças com qualquer um.

Não entendo o que isso significa, mas volto a prestar a atenção no meu chefe.

– Sei que tudo isso parece confuso. E até eu achei no início até compreender algumas coisas, mas agora não é hora para discutir isso.

– Ok... – Digo sem entender mais nada mesmo. – Só preciso saber se eu tenho que me preocupar com tudo isso.

– Vocês dois são discretos, moram no mesmo prédio e têm uma cumplicidade nata, isso já basta. Vocês não correm perigo, Denski. Se fosse este o caso a Cecília não seria entregue para ti. O pessoal que cuida do resgates de crianças em situação de perigo estudam muito as pessoas para entrar nesse ramo. Tem que ser pessoas de caráter inegável e, de preferência, que não chame a atenção para si mesmo. A vida de crianças está em jogo, muitas delas nem sabem o mal que elas mesmas correm.

Tento assimilar, mas isso tudo parece muito confuso. Quem são eles? Como me acharam? E o que tudo isso significa.

Meu chefe vê a minha cara cheia de dúvidas e volta a ressaltar que agora não é o momento para explicações.

– Preciso saber se posso contar contigo, se precisarmos de outro agente para cuidar de uma situação parecida.

Tento refletir sobre isso, mas de uma forma que abrange todos os aspectos da minha vida. E, com certeza, eu não sei o que responder neste momento. A situação toda é muito nublada para que eu possa resolver assim, em apenas um instante.

– Diego – levanto os olhos estranhando o fato dele usar o meu nome. – Eu sei que tudo é estranho. Eu tinha a tua mesma idade quando fui “escolhido” por assim dizer. Não é uma coisa que se decide de uma hora para outra, eu sei disso. Mas posso te garantir que com o passar dos anos isso se torna uma motivação a mais para encarar esse trabalho, ainda mais no front, como nós estamos. A cada dia que eu me deito, ao lado da minha esposa, com os meus filhos nos seus quartos, eu consigo dormir em paz sabendo que eu ajudei a inúmeras crianças a saírem da zona de perigo. E isso compensa tudo.

O silêncio da sala é cortado pelos barulhos do corredor e os movimentos da guarnição.

– Tu tem um bônus, Denski. A senhorita Lavorini. Eu, e a grande maioria do pessoal que trabalha nesse meio é sozinho. Ter ela ao teu lado é uma coisa que conta e faz tudo ser mais fácil. Te aconselho a conversar com ela sobre tudo isso antes de tomar uma decisão. – Balanço a cabeça concordando. – Mas só quero que tu, ou melhor vocês, pensem com afinco nessa ideia e tudo o que ela representa. Se caso aceitarem os detalhes virão com o tempo.

Ele me dispensa voltando a trabalhar nos papéis a sua frente. Quando eu me levanto e vou até a porta ele me dá um último aviso.

– Te prepara que em breve isso aqui vai ferver. Já estou sentindo o cheiro. E por favor, que a nossa conversa fique entre nós e a senhorita Lavorini, para todos os fins, tu entrou aqui para levar um esporro.

E eu aceno que sim e saio.

Meus colegas olham para mim e eu entro no personagem que acabou de levar a maior mijada do chefe da sua vida. Saio para os vestiários e fecho a porta. Sento em um dos bancos e me escoro na parede.

Sinto o cansaço físico e mental me acometerem de uma forma que tudo o que eu mais

quero é ir para a minha casa, deitar na minha cama e ficar no escuro até achar uma resposta para tudo que está acontecendo nesse momento comigo.

A “relação”, por assim dizer, com a Luiza e agora essa situação toda que eu aparentemente me meti, e de quebra, inclui a Luiza no meio. A falta de respostas me faz pensar que tudo isso é uma furada e que eu estou me metendo em uma encrenca das grandes e a arrastando junto comigo.

Porém, por outro lado, aquele que conhece o meu chefe e sua integridade, não consegue enxergar tudo isso como sendo uma armadilha. Sei que ele nunca iria me expor a uma coisa ilegal, ou qualquer colega que eu tenho. Se alguém me faz ter fé na corporação é o meu chefe. Sei que ele me vê como um dos melhores no que eu faço e que não duvida do meu caráter como policial e, acima de tudo, como pessoa.

Desde que eu entrei para essa unidade, e depois de algumas ações, ele me aconselhou em diversos momentos. Também me renovou a fé em inúmeras vezes, quando a minha vontade era desistir. E em uma dessas conversas, ele me contou desse pessoal que resgatava os menores e ajudava eles a terem uma nova vida longe de tudo isso. Achei isso tão espetacular e me mostrei interessado em saber mais e ele só sorriu para mim e disse que quando chegasse a hora ele me contaria.

E agora ele me larga essa bomba nas mãos. E ainda quer arrastar a Luiza para a sua zona de perigo.

Se eu já achava a minha situação com ela embaraçada só pelo fato de sermos praticamente família, quem dirá agora com essa decisão que precisamos tomar em conjunto.

Fecho os olhos mais uma vez e tento pensar em alguma solução para essas questões. Analisar cada fato, ver a melhor saída e a que não machuque tantos os envolvidos, mas sou barrado depois de alguns segundos.

– Denski! – Um colega me chama da porta do vestiário. – Eu sei que as mijadas do chefe estragam o dia de qualquer um, mas ele acabou de mandar tu ir comigo para revistar um carro que apreenderam na entrada da favela. Bora lá pegar uns quilos de droga para ser destruído.

Levanto da cadeira, solto uma respiração e tento, com ela, extravasar os meus problemas.

Capítulo 10

Por Luiza

Me recosto na cadeira e vou para trás, quase derrubando ela e caindo com as pernas para cima. Nunca me lembro de arrumar essa coisa. Fecho os olhos por alguns instantes e quase pego no sono, de tão cansada que eu estou.

O dia foi cansativo. Só parei para ir ao banheiro por dois minutos, isso porque eu não aguentava mais me segurar. Comer mesmo, passou longe dos meus planos. Minha barriga está pior que um buraco negro e sem fundo.

Passei o tempo todo em função de uma mulher que queria renovar o guarda roupa. Literalmente todo o guarda roupa. E o principal: tinha que ser personalizado e feito especialmente para ela.

Todas as roupas planejada, assinadas e confeccionadas por mim. Trabalho para, no mínimo, um mês inteiro de segunda à sábado, por assim dizer. E também, uma pequena fortuna para a loja. Não vou precisar me preocupar com rendimento por um bom tempo.

E por falar em pensar.... De tanta correria e a vontade de bater na cara da mulher que ainda queria discutir comigo sobre moda, nem tive tempo para me lembrar dos acontecimentos da noite passada com um certo Diego Denski.

Ainda não sei se ele merece mais uns tapas por me deixar naquele estado lastimável quando sai do apartamento dele. Aquele sofrimento que eu tive por minutos, só perdeu para quando eu descobri que a minha mãe já havia morrido. Nunca mais quero sentir um desespero daqueles.

Sei que posso parecer precipitada, mas como eu sempre tenho em mente, consigo tudo o que eu quero, de uma forma e outra, e me sentir rejeitada, por desculpas ridículas e ainda por cima ter que conviver com ele quase que diariamente, era demais para mim. Como se fosse duplamente largada pela sorte em um mesmo dia. Sem contar que o Diego é um cabeça dura, nossa atração é mútua e solta faísca. Só ele para conseguir tentar lutar contra isso.

Deixa estar, meu filho. Se não der certo cada um vai para o seu lado e adeus. Não precisamos meter ninguém no nosso rolo. Quando o pai e a Carla estiverem presentes a gente muda completamente, e quando estivermos sozinhos nós curtimos como podemos.

Será que isso tem como dar errado? Claro que não! Só o paranoico do Diego para achar uma coisa dessas. Mal ele sabe que eu nunca sai de um relacionamento sem odiar ninguém. Pensando bem, acho eu nunca odiei ninguém na minha vida. E não vai ser o Diego que irá mudar isso.

– Luiza. – Dou um pulo na cadeira assustando a vendedora da loja.

Dormi que cheguei a me babar um pouco aqui.

– O que foi?

– Já estamos fechando a loja, vai ficar aqui?

– Não! – Levanto em um salto. – Vou para casa, cansei por hoje.

Pego a minha bolsa, ajudo o pessoal a fechar a loja e pego o meu carro no estacionamento subterrâneo. Enfrento o trânsito e quando chego na garagem do prédio, vejo o carro do Diego estacionado na sua vaga.

Mando uma mensagem para ele perguntando se ele queria dividir uma porção de batata-frita com acompanhamento de uma lanchonete aqui perto com tele entrega. Depois de alguns minutos ele diz que sim, que já vai encomendar e me esperar no seu apartamento com uma surpresa.

Chego a sorrir para o nada com essa resposta. Diego e surpresa, como não adorar?

Tomo um banho quente e consigo a relaxar um pouco. Coloco uma roupa básica e subo para o seu apartamento. Abro a porta e dou um grito quando vejo aquela coisa na mão do Diego.

– Que bicho é este? – Digo já mandando ele não chegar perto de mim com aquela coisa.

– É o Michelangelo. Uma tartaruga.

Olho para o troço e dou mais um passo para trás.

– Onde tu conseguiu esse ET? – Diego dá uma risada e acaricia a tartaruga.

– Foi hoje à tarde. Fui chamado para uma batida em um carro suspeito. Encontramos 30 quilos de drogas e duas tartarugas em uma bacia. O Miche aqui e o outro que o meu colega pegou. Ligamos para a ambiental, mas eles não estavam a fim de registrar duas tartarugas. Aí pegamos elas, eu fiquei com essa e o meu colega com o outro.

– E como tu sabe que ele está bem ou cheio de doenças. Sei lá, como leptospirose.

– Tartarugas não transmitem leptospirose, Luiza. Acabei de trazer ele do veterinário e comprar o aquaterrário para ele. Vem aqui conhecer o Michelangelo. Vamos, ele nem morde.

Me aproximo do Diego com cautela. Tanto que ele revira os olhos e me puxa por uma mão até o seu lado. Olho para o bicho, que de tão pequeno parece uma tortuguinha, aqueles chocolates que eu comia quando criança.

– Viu como ele é bonitão. Miche, essa é a Luiza. Quando eu não estiver em casa, ela que vai cuidar de ti. Ela é braba, mas no fundo é gente boa.

Reviro os olhos para o Diego e a tartaruga minúscula.

– Vou te mostrar a casa dele. E te dizer tudo que ele precisa.

Diego me puxa pela mão e me leva até a bancada onde tem um pequeno aquário cheio de apetrechos. Ele começa a me explicar como uma criança empolgada com o seu brinquedo novo. Falou de temperatura da água, horário que ele tem que tomar sol e da lâmpada especial para essa função. Finjo entender tudo e mais um pouco que ele diz, até que sou salva pelo gongo com a campainha com a entrega das batatas-fritas.

Diego deixa o Michelangelo dentro do aquário e desce para buscar a encomenda. E eu fico esperando e olhando o bicho caminhando lentamente.

– Uma tartaruga. As pessoas normais têm gato, cachorro, mas o Diego não. Ele prefere uma tartaruga. Pelo menos não é uma cobra. – Digo para a tartaruga que não entende nada do que eu falo.

Vou para a cozinha arrumar as coisas para nós jantarmos e depois de um tempo volta um Diego sorrindo pela conquista do Miche.

– Não vai me dizer que estava dividido entre os nomes Leonardo, Rafael e Donatello. – Diego me dá um sorriso cheio de intenções e eu rio.

– Qual é, Luiza? Vai dizer que nunca olhou Tartarugas Ninjas? Era o meu sonho ter uma.

– Santa Tartaruga!

– Cowabunga! – Diego fala e começa a rir novamente. – Agora só falta o Mestre Splinter.

– Se tu me aparecer com um ratão aqui eu te mato! – Advirto para o divertimento dele.

Comemos brincando um com o outro. Viu só, Diego? Sem nenhuma complicação! Tenho vontade de esfregar isso na cara dele, mas não quero estragar o momento que estamos tendo.

Ele lavou a louça enquanto eu secava e guardava. E quando ele secou as mãos no guardanapo que eu estava secando a louça, eu o puxei para um beijo. Aquele beijo que a gente sonha em dar toda a vida. Com um pouco de sacanagem, nada inocente e com as mãos explorando cada pedaço do corpo um do outro, até que a vontade de fazer outras coisas cresce a um pouco que não dá mais para parar.

E nós escutamos cada vontade que os nossos corpos pedem, e atendemos com a maior satisfação do mundo.

Depois de algum tempo, com a gente já na cama, olhando para o teto e com os dois com belos sorrisos no rosto eu sinto o Diego ficando hesitante. A animação sobre a chegada do ET Miche já havia passado e depois que eu contei sobre o meu dia no trabalho o silêncio ficou entre nós.

– Diego, aconteceu alguma coisa? Ou tu está assim, mais uma vez, pensando em alguma coisa para nos separar?

– Não é isso. Acho que entendi o recado de que não vamos conseguir ficar separados, não é? – Sorrio para ele.

Como diz o ditado, água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Parece que a cabeça dura sofreu uma rachadura. Finalmente!

– E o que seria? – Me aproximo dele e deito em cima do seu peito.

– Uma coisa que, sem querer, eu acabei me envolvendo. E de carona, até tu entrou na história.

Olho para o Diego e puxo o lençol para mim. Sento na cama, me cobrindo e olho séria.

– O que aconteceu? Como assim entrei na história?

Vejo ele levantar, nu, vestir a cueca descartada no chão e juntar as minhas roupas. Espero ele formular uma resposta. Em vão. Me levanto, me visto e vou atrás dele, que está sentado no sofá, observando o pequeno ET deitado em uma pedra.

– É sobre a função da Cecília. – Ele fala depois de alguns segundos. – Eu te disse que ela ia para os tios, mas eu menti. Desculpa, Luiza. – Fico confusa.

– O que aconteceu com ela? – Questiono assustada.

– Ela está bem, isso eu não menti. É que nem eu sei direto o que se passa.

Me sento ao seu lado e cruzo as pernas em sinal de que não vou sair de lá enquanto ele não me contar a história toda.

– Tenho a noite toda aqui, Diego. Pode começar a falar.

Ele suspira.

– Ao que parece, tem uma organização. Não sei quem eles são e nem como agem, mas resgatam crianças que ficam expostas a perigos.

– Tipo a Cecília?

– Sim. Como ela e outras mais. Pelo que eu sei, e entendi, eles as resgatam e as levam para uma vida nova. Acredito que tenha muita gente envolvida, mas que nem todos sabem quem são os outros que pertencem a essa mesma organização. O meu chefe me disse que os detalhes vêm com o tempo.

Minha cara de quem não está entendendo muita coisa é visível.

– Ok... E o que isso tem a ver comigo?

– É nesse ponto que eu estou pensando, Luiza. Meu chefe veio me perguntar se eu queria fazer parte dessa organização. Ajudar eles a salvar crianças que estão em perigo.

– Uau! Isso é lindo, Di! Tu tem todo o perfil de salvador de crianças. Deve ser uma tarefa gratificante e tanto.

Sorrio para ele que ainda faz uma cara de quem está com dor de barriga. O que eu falei é totalmente verdade. Se alguém tem o perfil perfeito para fazer esse trabalho é o Diego. O modo, quase paranoico, de cuidar de qualquer pessoa que esteja com ele.

Lembro quando estávamos na Europa, dias antes da minha formatura. Cada vez que eu saía com ele à noite era um saco de tanto que ele ficava cuidando tudo a nossa volta.

– O problema não é esse, Luiza. O problema real é que eles querem que tu esteja junto comigo.

E nesse momento eu paro.

Diego segue olhando para o Miche e eu tento me organizar para saber o que eu tenho a ver com toda essa história.

– Como assim eu? Eles nem me conhecem para saber se eu tenho cara de quem pode ajudar uma criança nessa situação.

Diego ri.

– Acho que a culpa é um pouco minha neste quesito. Ao trazer a Cecília para cá te coloquei na mira deles. Indiretamente, mas te coloquei, e agora essa situação toda é culpa minha. Tudo que eu mais queria era te livrar de qualquer coisa que te relacionasse ao meu trabalho! E olha só no que eu nos meto. Em uma organização, secreta ao que parece, que resgata crianças em situações de risco. Tem como isso ser mais irônico?

– Ainda acho que isso é uma honra para ti, Di. É um trabalho nobre salvar crianças assim. Tantas, como nós conversamos quando a Cecília saiu daqui, passando problemas graves e tu... ou que parece, nós ajudarmos elas é uma coisa maravilhosa.

Diego olha para mim sério.

– Luiza tu tem noção do que tudo isso significa? O perigo que nós, ou melhor, tu vai correr com essa situação?

– Deixa de ser paranoico, Diego! – Empurro ele. – Para de pensar e se preocupar comigo e foca no trabalho que isso significa. Tirar crianças da zona de perigo e dar uma nova oportunidade para elas. Pensa na Carla e o sofrimento que a tua irmã passa ao ver tantas criança passando problemas e ela na fila para adotar uma com o meu pai.

– Não mete a Carla no meio. Ela não tem nada a ver com isso.

Reviro os olhos e vejo que a rachadura na cabeça dura dele não foi tão profunda como eu imaginava!

– Não, ela não tem nada a ver mesmo! Mas e se uma dessas crianças vai para uma mulher na mesma situação que a dela? Como essa criança vai ser amada e feliz se tiver uma mãe como a tua irmã e um pai como eu tive.

E isso atinge em cheio o peito do Diego. Ele se finge de durão, mas no fundo é um baita de uma manteiga derretida.

– Se tu quer saber a minha opinião sobre isso já tem o meu parecer positivo. – Ele faz menção de falar alguma coisa, mas eu não deixo. – Estou respondendo por mim. E nesse quesito a tua opinião não vai mudar em nada o que eu penso.

Saio para o quarto e me deito na cama do Diego. Afofo o meu travesseiro e fecho os olhos para dormir. Fico alguns minutos em silêncio, esperando o sono, e antes dele chegar, escuto o Diego entrando no quarto.

Ele se deita ao meu lado, resmunga alguma coisa parecido com “teimosa” e se aproxima de mim. Sinto o seu braço ao meu redor e o corpo dele grudado ao meu. E depois disso eu adormeço.

Capítulo 11

No momento em que eu pego a submetralhadora eu sinto um arrepio que percorre todo o meu corpo. Meu colega me dá um tapa no ombro e me pergunta se eu estou bem. Aceno que sim com a cabeça, desço a viseira do meu capacete e saímos para o combate.

O estouro começou quando estávamos chegando para trabalhar. Um carro passou pela frente do nosso posto e deram tiros nas paredes. A correria do pessoal ao lado, que estava no posto de saúde, foi intensa e o medo estampado no rosto de cada funcionário que tentava acalmar e proteger todos dentro do prédio.

Meu chefe chegou logo em seguida avisando que havia tido salvas de tiros, por parte dos marginais em outros pontos da favela, incluindo perto da escola, a alguns metros de onde nós estamos.

– Nós sabíamos que esta hora estava chegando, eles querem combate e é isso que vão receber. Preparam-se, arme-se e que Deus cuide da vida de vocês. – Nosso chefe olhou para cada um de nós e nos dispensou para que nos arrumássemos.

Divididos em trios, meu chefe escala cada parte da favela. E quando chega a minha vez, junto com dois novatos, ele nos barra.

– Vocês ficam aqui e dão cobertura para o pessoal que está no posto de saúde.

Meus colegas suspiram em tranquilidade e eu me desespero.

– Eu também? Não, eu sempre vou para o meio da confusão! – Digo me exaltando.

– Hoje tu fica! – Ele tenta sair, mas eu o barro.

– Chefe! Minhas habilidades são melhores no combate do que aqui sem fazer nada!

– Tuas habilidades são vistas quando tu está vivo! Isso é uma ordem, Denski! Tu vai ficar aqui e comandar se precisarem entrar em combate. E nenhuma palavra mais sobre isso.

E sai, me deixando frustrado e cuidando de dois novatos que estão tremendo nas bases com o barulho de tiros em todos os lados.

Fico irritado, com furioso e querendo socar alguma coisa. Nas últimas vezes que um combate destes aconteceu, eu estava no meio do furação, com a minha submetralhadora trabalhando e salvando vidas inocentes que tem a infelicidade de ficarem no meio do caminho onde eles resolvem atirar.

Tenho raciocínio rápido! Mira quase infalível e sempre que atiro a bala tem destino certo. Nunca falhei em missão, nunca deixei meus companheiros em situação de perigo ou então sozinhos quando atingidos. Sou companheiro e nunca ajo no impulso. Avalio as possibilidades antes de agir e acabar ferindo algum inocente.

– A... agente Denski....

– Que foi, porra?! – Respondo para um dos novatos que chega a dar um pulo para trás com a minha resposta.

Olho para os dois e percebo que estão assustados.

– Quais são as ordens? – Os dois olham para mim com a arma em punho.

Assim como eles, já fui novato na divisão. Senti o peso de uma submetralhadora e a imponência dela. O barulho dela engatilhado e o coice que ela dá a cada vez que puxamos o gatilho. A responsabilidade, pesada de portar um instrumento que mata e fere pessoas com um simples aperto no gatilho.

– Ficamos para dar proteção para as pessoas que estão no posto de saúde sitiados. Eles só saem de lá quando o resto do pessoal voltar e dizer que tudo está tranquilo.

Os dois concordam com um aceno breve de cabeça.

– Fiquem com as armas em punho. Sigam o meu comando e não fiquem longe uns dos outros. Uma coisa é estar em grupo e atacar, outra é estar só. Vira alvo fácil, certo?

Os dois se olham e engolem à seco.

– Vamos fazer uma ronda aqui na volta.

Saio para a rua com os dois me seguindo. Vamos até o posto de saúde, avisar os sitiados que estamos lá para protegê-los e que não é para se preocuparem. Claro que isso é um aviso padrão, até porque se descer um carro com alguns marginais e armas, eu e os dois novatos não vamos conseguir dar conta por muito tempo.

– Lila, o que tu está fazendo aqui? Vai para casa, rápido!

Digo quando vejo a prostituta grávida caminhando pela rua.

– O que foi, Denski! Por que desse alvoroço?

– Rápido, Lila! – Grito entredentes para ela. – Os traficantes vieram nos atacar e o pessoal subiu para resolver a situação.

E neste momento, eu vejo um rapaz, com uma pistola na mão aparecendo do outro lado da rua.

Os segundos congelam, o meu grito para os novatos fica preso na garganta quando vejo ele levantando a arma em minha direção. Lila caminha com um sorriso no rosto nem percebendo o perigo que está correndo, e quando eu coloco a minha submetralhadora em posição, escuto o barulho da arma dele sendo disparada.

– Não! – O grito que sai da minha boca é abafado pelo som de diversos tiros ao nosso redor.

Atiro sem pestanejar mais. Dou um único tiro, e o atinge o cara que cai no chão.

– Em alerta! – Grito para os colegas que estão muito assustados.

O grito do pessoal do posto de saúde se eleva exponencialmente com o perigo tão perto deles. Continuo com a minha arma em posição, olhando para tudo que é lado e quando me viro, levo como se fosse um tiro, com a cabeça que eu encontro.

O rastro vermelho. O brilho do sangue que escorre no chão e o corpo da Lila caído ao lado.

– Lila! – Grito e esqueço da zona de perigo e vou ao seu encontro.

Atiro a minha arma no chão e caio ao seu lado.

– Lila, fala comigo. – Coloco a sua cabeça na minha perna e vejo ela resfolegar.

– Meu filho... – ela balbucia.

Encontro o ferimento, no seu peito, ao lado contrário do seu coração. Rasgo a sua blusa a pressionar.

– Não fala, Lila. – Vejo um dos novatos e grito para ele. – Chama a ambulância, agora!

– Sim, Denski! – Ele sai correndo em direção ao posto de saúde para chamar ajuda.

– Meu... be...bê.

– Quieta, Lila! Vai dar tudo certo, o teu moleque vai estar jogando bola descalços aqui em breve! – Tento me controlar, mas não estou conseguindo.

Que mundo é esse que vivemos onde as grávidas, felizes que vão ser mães levam tiro na porta de casa?

A ira começa a tomar conta de mim de um modo irracional.

Sigo apertando o ferimento da Lila e sentindo a sua respiração sôfrega nas minhas mãos, por assim dizer. Não, por favor, não morre! Não nos meus braços, não com essa criança já quase nascendo!

– Ela vai vir em breve! – Sinto o meu colega se aproximar e mando ele ficar no meu lugar com o ferimento.

Caminho em direção ao cara atirado no chão. O que causou essa desgraça toda. O lixo de pessoa que acabou de atingir uma mulher grávida com um tiro!

A revolta é tão grande que eu saco a minha arma menor do coldre no cinto e descarrego todas as balas que possuo no corpo, já sem vida do atirador.

– Seu filho da puta! – Grito para o corpo inerte. – Ela está grávida! Oito meses, seu desgraçado!

Sinto as lágrimas arderem nos meus olhos, perante a raiva que estou sentindo neste momento. A impotência em saber que, por mais que tenha ações na favela, missões para acabar com a venda de drogas, sempre vai haver um filho da puta que vai dar tiros em pessoas inocentes. E dessa vez acertando dois!

Volto para onde a Lila está e ela me estende a mão, já sofrendo.

– Den...ski... – Os olhos injetados e apavorados fitam os meus. – Meu...

– Vai dar tudo certo, Lila! Já estão chegando para te levarem para o hospital. – Limpo as minhas lágrimas que ainda escorrem.

Escuto o barulho de pessoas se aproximando e vejo outros colegas voltando do combate. Alguns correm em nossa direção e quando veem que a Lila foi atingida começam a perguntar o que aconteceu.

Um dos novatos explica o ocorrido e o barulho de tiros ao longe aumenta. A sirene da ambulância se aproxima e eu aperto a mão dela que está perdendo as forças.

Por favor, não. Suplico para o nada.

Sinto pessoas de branco me afastando e deixo os médicos cuidarem dela. Vejo eles colocarem ela na maca e ajudo a subirem na ambulância. Não perco tempo e subo junto ao seu lado, sempre suplicando por uma ajuda divina e ao seu lado.

Os médicos conversam entre si sobre os procedimentos e a Lila se vira para mim, já com os olhos perdendo todo o brilho que sempre tiveram.

– Cuida dele.

O barulho intenso de aparelhos em pane começam a soar. Um dos médicos quase sobre e cima da maca e começa a fazer uma manobra de ressuscitação em cima dela.

O tempo, pela segunda vez, para.

As vozes dos médicos ficam embaralhadas e difíceis de se distinguir a cada instante que se passa. Fico sem entender o que está acontecendo e quando menos espero, a travada da ambulância nos faz chegar até o hospital.

Um intenso movimento de pessoas começa a nossa volta. Desço da ambulância e continua a seguir a maca onde a Lila está e os aparelhos com o som ininterruptos. Indicando que o seu coração já não estava mais batendo.

– Tu fica aqui! – Sinto uma mão me barrando em uma das portas que a maca passou.

– Como ela está? – Pergunto temendo escutar a resposta.

– Nada bem. Nosso foco vai se concentrar na criança neste momento. Quando tivermos mais novidades avisaremos.

E a enfermeira sai correndo atrás da maca da Lila e eu fico parando olhando para o nada.

Sinto o peso nas costas. O vazio do coldre da minha arma pequena e o da submetralhadora que ficou no chão ao lado onde a Lila estava.

Sento em um banco vazio e quando olho para as minhas mãos, o sangue aparece. O vermelho vivo, manchando as minhas mãos. Me mostrando que a vida não é nada. Um simples disparo pode encerrar tudo.

Capítulo 12

– Diego. – Escuto a voz e demoro a recobrar a consciência de onde estou. Especialmente depois que a enfermeira me deu a notícia que eu mais temia.

A Lila não sobreviveu ao ferimento.

Meu chefe senta ao meu lado no banco e fica em silêncio por mais alguns instantes.

– Se isso serve de consolo, e eu acredito que não, o homem que atirou nela recebeu um tiro de cada agente que conheceu a Lila. Nem os familiares conseguiram reconhecer o corpo dele.

Suspiro alto.

Isso vai adiantar de alguma coisa? Não. Não vai trazer a Lila de volta. Nunca mais vamos começar um turno sem ver ela voltando para casa depois de uma noite de trabalho e nos atualizando sobre o estágio da sua gravidez.

Ela era uma pessoa única. Apesar de judiada na vida, nunca se queixou dela. Evitou ao máximo as drogas e, acima de tudo e das brincadeiras que fazia com a gente, estava contando os dias para ter o seu filho nos braços. E agora, isso nunca vai acontecer.

– O bebê sobreviveu? – Ele questiona depois de alguns segundos.

Aceno que sim com a cabeça. Um bebê sem mãe, com um futuro incerto e, provavelmente, em algum orfanato a espera de alguém que esteja na fila para adoção. Assim como a minha irmã está há dois anos esperando para ser mãe.

– Esta criança foi salva por ti, Diego. Se agora ela está viva nesse hospital, é por tua causa.

– E sem mãe. A Lila está morta. Ela nunca vai carregar o filho nos braços e cuidar dele.

Meu chefe fica em silêncio por alguns instantes. Sigo olhando para o nada a minha frente. Não sinto dor, frio, cansaço, calor ou qualquer outra coisa que me faça estar aqui. Apenas o vazio e a alma corrompida.

– A vida não é justa, nem foi para a Lila e nem para muitos que morreram hoje. Graças que não tivemos nenhuma baixa dos nossos. Mas mesmo assim, Diego. A justiça é uma coisa que a vida não conhece. Ou talvez nós que não entendemos a justiça dela. – Solto um riso irônico.

Claro que há muita justiça em uma mãe morrendo inocentemente pela mão de um marginalzinho. Nossa... A Themis deve estar chocada com esta revelação e o senso de justiça que adotaram.

– Estou há muito tempo nesta vida. Um pouco menos do que tu está nesse mundo e as probabilidades de futuro desta criança nunca seriam positivos com a Lila. Eu sei, assim como todos sabiam, que ela era diferente. Essa criança era a redenção dela e a mudança de vida que ela precisava para sair da vida que levava. Mas assim como as drogas, a prostituição pode ser um vício. Antes mesmo de tu ir trabalhar lá a Lila já tentava mudar de vida, mas sempre acabava voltando para as ruas.

– Ela disse que ia mudar.

Meu chefe balança a cabeça algumas vezes.

– Sejam realistas, Diego. Por mais que ela tentasse mudar, ela voltava para a rua. E como conseguir um emprego para criar essa criança? Com a crise do país e ela com nenhuma experiência? Ela acabaria voltando para a rua rápido.

– E só por isso ela merecia morrer? – Olho com uma raiva ainda dentro de mim para ele.

– Não. – Calmamente ele me responde. – Como eu disse, a vida não conhece justiça. Claro que ela não merecia morrer por esse fato. Mas temos que olhar por esse outro lado também. Todos nós sabemos que as mães que trabalham na rua não conseguem dar uma boa vida para as crianças. Por mais que elas tentem e lutem. Ou quando conseguem, mais tarde isso vai vir à tona e a profissão da mãe vai estar estampada na vida da criança. Seja na infância com os amigos de rua, escola e na vida adulta. A sociedade não aceita, e vai levar anos para aceitar.

– Independentemente do trabalho que ela tinha, era a mãe desta criança.

Ele suspira alto.

– Tu ainda tem muito que aprender, Diego. As chances que esta criança tinha de virar um próximo assassino, drogado ou até traficante eram altas. E agora, com a tua ajuda, ele tem um futuro novo pela frente. Com uma família mais estruturada e com condições de dar a ele todo o conforto, educação e afeto que ele precisa.

Me levanto e a vontade de socar alguma coisa é grande. Não consigo ver por este lado. Não aceito pensar que a Lila deixaria esta criança se perder na vida. E, para mim, o convívio com a mãe biológica era o que seria necessário para que tudo desse certo. A matemática também pode ser falha, e eu aposto que este seria o caso. Como eu adoraria ver o desenvolvimento deste moleque na nossa volta. Jogando bola descalços no meio da rua e brincando com os outros da sua idade.

E agora a oportunidade escapou.

– Tu tem o coração e dom, Diego.

Olho para o meu chefe não entendendo o que ele quer dizer com isso.

– Salvar. Acreditar até o último segundo que vale a pena se lutar por uma causa. Desde que coloquei os meus olhos em ti eu soube disso. E com o passar do tempo eu tenho me convencido mais. Não foi à toa que eu te escolhi para o ser o meu melhor. Tenho propósitos grandes para ti.

– Eu não quero falar sobre isso.

Viro o rosto e encaro o outro lado do corredor. Simplesmente não tenho cabeça para pensar em uma organização estranha que salva crianças é quer me recrutar junto com a Luiza. E para piorar a situação a teimosa ainda diz que por ela está tudo bem. Saí de casa com ela me perguntando quando seria a nossa “primeira missão”.

– Mas eu quero e vou falar contigo, porque esta é a hora, Diego. A tragédia já aconteceu e tu fez o teu propósito. Salvou uma criança. O mundo ainda vai continuar o mesmo, mas para esta criança que tu salvou ele nunca mais será igual. E a cada salvamento o sentimento é o mesmo. Para nós um trabalho normal, mas para elas a mudança de vida completa.

– Como tu quer que eu ajude crianças se eu nem sei para quem estou fazendo! – Explodo.

– Esta organização pode ser muito bem um bando de sequestradores querendo explorar mais essas crianças.

Meu chefe olha para mim sério.

– O esquema é simples, Diego. Eles analisam as situações. Quem são eles? Qualquer um, o anonimato é a peça fundamental. Pode ser o atendente de farmácia no centro da cidade como o dono de uma padaria no fim do mundo. Estão em todos os lugares em todos os países. Muitos deles, as próprias crianças salvas anos atrás que ajudam para que outras tenham a mesma sorte. Nós não somos escolhidos e sim nossas ações que nos fazem ser aptos para tal função.

Passo as mãos sobre os meus cabelos e ele continua a falar.

– Como eu disse, tenho grandes propósitos para ti, e um deles é trabalhar em conjunto comigo. Eu estou quase me aposentando e preciso deixar alguém no meu lugar. E de todos os agentes que já passaram por mim, tu é o único que se classifica em tudo. A honra, garra, determinação e, acima de tudo, tu sempre ajuda o outro. Seja um colega machucado em missão, ou uma prostituta grávida baleada salvando a criança.

– Eu não conseguiria suportar tudo isso.

– Não conseguiria mesmo. Quando eu comecei nesta função, o mundo era outro. As drogas eram mínimas e as crianças em risco bem menores do que são agora. Hoje em dia o mal está em cada esquina – percebo a referência, mas não comento. – E por isso que a senhorita Lavorini está inclusa nesse meio. Vocês dois formarão uma dupla.

– Como sabem da Luiza?

– Todos os lugares em todo o mundo. Brasil, Itália e afins. De uma forma ou outra ela seria convocada um dia.

Solto uma respiração pesada. Realmente inacreditável.

Me sinto como se estivesse em algum filme policial. Com uma trama complexa e futurista. É difícil de acreditar.

– Pensa, Diego! Para e pensa só um pouco! Ano passado o sequestro de uma criança na nossa favela. Lembra desse caso?

Começo a me lembrar dessa época. Uma criança que simplesmente desapareceu do nada, intrigando a todos.

– Recordou da mãe e padrasto? – Nego. – A mãe viciada em cocaína e o padrasto acusado de abuso de vulnerável há menos de dois anos. A criança tinha cinco anos, Diego. Onde tu pensa que ela está agora?

Fico em silêncio.

– Em outro lugar, com uma família que estava há tempo na luta para a adoção e não conseguia. Com uma vida nova e longe de qualquer abuso que pudesse receber futuramente. Eu participei desse resgate e a criança estava tão machucada que o médico disse que nunca tinha visto um caso como aquele.

Minha cabeça chega a ficar zozna com essa revelação.

– Trabalhamos em “conjunto” – ele enfatiza a palavra – com o juizado de menores, polícia e todos os tipos de ramos e pessoas. Desde às influentes às anônimas que conseguem burlar o sistema para agilizar e fazer ele funcionar. Infelizmente quando as crianças caem no sistema e vão para um orfanato não podemos fazer mais nada por elas. Senão ficaria muito nítido e arriscado para as crianças como para nós os resgatadores. Fazemos de tudo para não deixar que elas fiquem em orfanatos, mas nem sempre conseguimos chegar a tempo. A burocracia do nosso país atola cada vez mais os abrigos e deixam de ajudar como elas precisam. Com um lar.

Minha veia advocatícia vê milhares de furos e crimes que são cometidos por esta tal organização. Sequestro é o mais básico de todos.

– Isto é crime.

Meu chefe dá uma risada.

– Crime é deixar elas morarem em zona de prostituição e começarem a trabalhar antes de completar dez anos. Crime é trancar elas nos orfanatos sem esperança de uma vida melhor. Crime é ver, como nós dois vemos diariamente, crianças viciadas em drogas por convivência com os pais. Crime é deixar tudo isto acontecer e não fazer nada. Depender do nosso sistema de ação social para adotar uma criança. Isso leva anos, Diego. Tanto tempo, que as pessoas que querem ser pais desistem ou acham que não estão mais com idade para criarem uma criança. Isto sim é crime. O que nós fazemos é uma ajuda em fins lucrativos para nós, apenas para as crianças terem um futuro melhor. Ajudamos o sistema a não trancar e abarrotar os abrigos com crianças e a pessoas serem pais para essas crianças e não ficarem anos a espera de uma chance.

E isso bate no meu peito me atingindo direto. Fecho os olhos me lembrando da Carla, minha própria irmã, presa ao sistema e esperando a chance de ser mãe de uma criança. A esperança que eu vejo nos seus olhos sempre que ela vê uma mulher grávida ou com uma criança pequena nos braços, esperando, pacientemente pela oportunidade de ser mãe. Independente da criança. Branca, negra, de olhos verdes ou castanhos, para ela não importa, tudo que a Carla mais quer é a oportunidade de ser mãe.

Volto a me recordar das últimas palavras da Lila me pedindo para eu cuidar do seu filho e vejo como não vou conseguir cumprir a minha palavra. Até que eu penso em uma coisa. A única oportunidade de juntar o útil ao agradável, por assim dizer.

– Essa organização. Ela consegue mudar o rumo das coisas? – Questiono o meu chefe.

– Como assim, Diego?

– Tu não me disse que eles querem o bem das crianças? – Meu chefe assente que sim. – Então, quero saber em qual nível ele chega.

– Não entendi onde tu quer chegar.

– Minha irmã está na fila de adoção há mais de dois anos e até agora não obteve resposta de quando conseguirá ser mãe.

Ele escuta com atenção esta minha frase, e pelo olhar que ele me dá, percebo que entramos em sintonia.

– Tu quer que a criança da Lila seja remanejada para a tua irmã? – Confirmo.

– Se conseguirem isto eu me junto a vocês.

– Precisa desta prova para confiar em nós?

Não respondo, apenas fixo o olhar no meu chefe.

Se ela é tão imponente assim, conseguirá mexer os seus pauzinhos para que a minha irmã realize o seu sonho. E eu, de quebra, cumprirei o último pedido da Lila.

– O serviço social já foi chamado, mas eu tenho contatos. Vou fazer o possível, Diego. Te aconselho ir para casa, avisar a senhorita Lavorini e aguardar as novidades que em breve chegarão.

Capítulo 13

Por Luiza

O barulho da fechadura me faz dar um salto da cama. Fui dormir com a sensação de que alguma coisa não estava bem. Esperei o Diego, junto com o ET Michelangelo dele, por um bom tempo, até que o sono me venceu. E sei que agora deve estar quase amanhecendo. Saio correndo do quarto em direção à sala e encontro um Diego completamente abatido na minha frente.

Eu sabia que alguma coisa tinha dado errado. E, por um estímulo egoísta, antes mesmo de saber a história toda, solto um suspiro de alívio por ele estar aqui na minha frente. E vivo.

– Meu Deus, Di! O que aconteceu! Eu estava preocupada! Desde ontem sem notícias!

Diego senta no sofá e baixa a cabeça. Olho para o seu uniforme e vejo as manchas escuras.

– Tu está machucado? – Sento ao seu lado e me aproximo das manchas no seu uniforme. – Di, isso é sangue. Ele é teu?

Ele me nega com a cabeça milimetricamente.

E quando eu penso que ele vai se isolar, sinto o Diego me abraçando, a quase ponto de me sufocar. O cheiro dele, misturado com suor e sangue seco, me enjoa, mas eu engulo o que me sobe à garganta e retribuo o abraço que ele tanto necessita neste momento.

Nunca vi o Diego tão assustado como eu estou vendo agora.

– Aconteceu uma coisa na nossa unidade. – Ele fala baixinho com uma voz cheia de emoção, quase que chorosa. – Uma das prostitutas, aquelas que sempre estão ali na nossa volta, foi atingida.

Sinto o meu corpo cair em um buraco sem fundo com a emoção toda que o Diego transmite nas suas palavras. Sei que, assim como eu, ele adora o seu serviço, mesmo com seus altos e baixos. Sempre vi a alegria nos olhos do Diego quando ele me conta alguma coisa que presenciou a comunidade fazendo, ou até mesmo quando ganham algum presente inesperados dos moradores. Inclusive das prostitutas que todos os seus colegas já conhecem e dão proteção para elas quando precisam.

Apesar do seu trabalho ser duro, no fundo, o Diego só quer a paz para aquelas pessoas e um pouco de esperança para as que tanto passam trabalho na vida.

– E tu estava com ela? – Pergunto delicadamente.

Diego balança a cabeça concordando e desvia o olhar para o chão.

– Ela estava grávida de oito meses. Faleceu na mesa de cirurgia quando estavam tentando salvar a criança.

– Ohhh, Di! – Volto a abraçar ele mais forte e sinto um Diego completamente abalado. – Vamos tomar um banho e tirar essas roupas sujas.

Me levanto e puxo ele por um braço o arrastando para o banheiro do meu quarto. Ajudo ele a tirar a roupa e aproveito a brecha para tirar a minha.

Tomamos banho em silêncio. Nem comento quando eu vi a água suja de vermelho

escorrendo pelo ralo do chuveiro. Minha vontade era de chorar ao ver o estado que o Diego se encontrava.

Ele pode ser meio ogro, cabeça dura e teimoso, mas ninguém pode se queixar do tamanho do seu coração. Este sim é o maior legado que ele possui. E só quem realmente conhece o Diego sabe que ele se abala com qualquer coisa que pode ferir a quem ele gosta.

Percebi isso no momento em que eu o conheci. Mesmo machucado, não saía do lado da Carla. Até se fosse impossível o pedido que a irmã fizesse, ele daria um jeito de realizar. Nem que para isto ele se arrepentasse. E isso se estende também aos seus pais. Lúcia e Rogério são o seu porto seguro. Além de mim mesma, nunca vi outra pessoa que faça tudo pelos pais como eu.

Diego faz tudo que a sua família precisar. Não mede esforços para ver eles felizes, inclusive omitir sobre quando acontece alguma coisa que pode os deixar preocupados. Como eu mesma já presenciei inúmeras vezes. E sei que vou presenciar mais tantas.

Terminamos o banho e enquanto eu me vestia, Diego ficou sentado na cama enrolado na toalha. Ainda bem que era a minha vez de lavar a roupa dos apartamentos e estava com bastante peças dele aqui em casa. A minha preguiça foi maior que a necessidade de subir até o apartamento dele e deixar as roupas. Mostro para ele onde elas se encontram e vou para cozinha preparar alguma coisa para ele comer. Eu aposto que ele não deve ter colocado nada para dentro desde quando saiu ontem pela manhã.

Faço um sanduíche e quando estou colocando no prato para levar até o Diego, escuto ele chegando e puxando a cadeira ao meu lado.

– Com fome? – Empurro o prato em sua direção depois que ele nega com a cabeça. – Mas vai comer nem que seja um pouco.

Ele não gosta muito da minha ordem, também não questiona ela e acaba mordendo o sanduíche sem muita vontade. Faço um para mim, e quando termino de comer, o dele não está nem na metade. E olha que eu já vi o Diego comer três desses enquanto eu comia um.

Estendo a mão para ele e o puxo para o quarto. Debaixo das cobertas e no completo escuro me aproximo dele. Beijo o seu peito subo para o seu rosto e termino com um beijo que ele correspondeu timidamente.

– O bebê sobreviveu? – Sussurro para ele, depois de um tempo.

Sei que ele não dormiu ainda por sentir as suas mãos acariciando a minha pele.

– Sim. Um menino. Vi ele na incubadora. Gordinho e cheio de cabelos escuros. Me lembrou a Carla quando nasceu.

– E o que vai acontecer com ele?

Diego suspira e me aperta nos seus braços.

– Meu chefe apareceu depois de um tempo. Ficou me falando sobre a organização que salva as crianças em perigo. Ele disse que eu tenho o dom para esse trabalho e que salvei a vida dessa criança. Não desistindo de sair do lado da Lila, dando tempo para que o socorro chegasse e salvasse a vida dele. Ainda não consigo ver por esse lado, para mim é complicado porque eu sabia que a Lila queria esse bebê.

– Pelo que tu me falou acho que concordo com o teu chefe, Di. Tu é muito.... emotivo não é a palavra certa, mas te deixa levar pelo teu coração. Fazendo tudo pelas pessoas que tu gosta, mesmo que com isso te machuque. Como o que está acontecendo com a gente aqui. Tu queria negar o que sentia por mim para não ter risco de me magoar, e de quebra, a tua irmã e o meu pai. Vi quando eu tentava colocar alguma coisa nesta tua cabeça dura que isso não era certo. Te machucar para não machucar os outros. É muito altruísta, mas masoquista ao mesmo tempo. E agora tu está fazendo a mesma coisa. Te deixando para baixo pela situação da Lila, mas não indo além em saber que a criança está viva.

Diego fica remoendo em silêncio o que eu falei.

– Também concordo que tu tem o dom para fazer isso. Vi o teu cuidado com a Cecília, e com todas aquelas crianças que temos lá, filhos dos amigos da Carla e o pai. Tu tem o jeito todo especial e cuidadoso com todas elas, desde os menores aos maiores. Isto sempre me encantou, esse jeito meio bruto de quem trabalha cuidando uma favela, usando armas e manuseando elas com habilidade, e no fundo, um coração gigante que não consegue ver uma criança chorando porque o sorvete caiu. Se isso acontece, tu vai lá e compra outro sorvete para a criança só para ver ela sorrir. Tu é um cuidador, Di. Se eu deixar, cuida até de mim, mesmo sabendo que eu me viro muito bem sozinha.

– Sempre cuidei da Carla quando pequena. – Ele responde depois de um tempo. – E falhei muito, deixando ela vulnerável. Imaginei que ela pudesse se cuidar sozinha.

– Não foi tua culpa o que aconteceu com a Carla, e sim uma fatalidade. Poderia ter acontecido comigo ou com qualquer guria da nossa idade. Infelizmente aconteceu com ela e tu não podia fazer nada a respeito disto. Isso eu sei, porque aprendi na marra que tem coisa que não podemos controlar.

Passei anos vendo o meu pai se culpar, mesmo que inconscientemente. E não vou deixar o Diego ir por estes lados.

– Ele reforçou a ideia de que nós deveríamos ajudar na organização.

– Tu já tem a minha resposta para isso.

– Eu sei. Mas ainda é muito nublado os termos, fiquei pensando em tudo que ele me disse.

– Eu acho que tu pensa demais. Eu também pensei sobre isso, Diego. Tive um papo legal com o ET...

– Michelangelo.

– ...aquela tartaruga hoje à tarde e cheguei à conclusão que isto deve ser muito discreto. Não ficam escancarando aos quatros ventos que ela existe e o que ela faz. Entendo esse mistério todo do teu chefe. E fico lisonjeada com a indicação. Tu deveria ficar também.

– Eu fico – reviro os olhos para o nada – e ao mesmo tempo com o pé atrás. Por isso eu pedi uma prova de que eles podem funcionar.

– Como assim? Barganhando?

– É mais complicado que isto, Luiza. A Lila me fez um pedido antes de morrer, e eu não queria decepcionar ela.

– Qual pedido?

– Que eu cuidasse do filho dela. E eu pedi isto. Se eles forem tão infiltrados assim, vão conseguir dar a guarda da criança para a Carla.

E com essas palavras eu chego a levantar da cama, mesmo com o quarto estando um breu total. Ligo o abajur que eu tenho e encaro o Diego que pisca para se adaptar a mudança abrupta de claridade.

– Está falando sério? Dar a criança para a Carla e o meu pai? – Fico atônita com essa notícia.

– Foi o meu pedido e se eles conseguirem, eu me junto à causa. Nós começaremos a ajudar eles. Consigo resolver dois problemas de uma vez. Não quebro o pedido da Lila para mim e ainda ajudo a realizar o maior desejo da minha irmã. Ela ser mãe. E em troca eu faço qualquer coisa.

Mais uma vez vejo a vulnerabilidade no olhar no Diego e também o seu coração gigante agindo mais forte do que tudo. E também, a ficha cai de que se a Carla for a mãe, automaticamente eu ganho um irmão.

– Ai meu Deus, eu vou ter um irmão? – Coloco as mãos na boca de surpresa.

– Se eles forem tão infiltrados como falam, eu espero que sim. Senão esta ideia louca de salvar crianças para essa tal organização termina aqui.

Começo a pular na cama como uma criança feliz. Tudo que eu sempre quis foi um irmão ou irmã. Não interessando se vamos ter mais de vinte e quatro anos de diferença, o sentimento vai ser o mesmo.

– Só não quero que tu conte para a Carla ou para o teu pai, certo?

– Claro, óbvio! Mas deixa eu pular um pouco! Sempre quis ter um irmão ou irmã! O meu vó vai ter um ataque do coração! Ele vai enfartar com toda a certeza! E a Carla!? Queria ser uma mosquinha para ver a reação dela! Teus pais vão surtar também. Acho que eu estou surtando.

– Surta mais tarde, Luiza. Eu quero dormir um pouco.

Pulo mais um pouco na cama, e vou para cima do Diego. Beijo ele inúmeras vezes até conseguir arrancar uma expressão mais feliz do seu rosto. Desligo o abajur e me aninho nos seus braços para dormirmos um pouco.

Espero ser acordada com o barulho do telefone e com a notícia mais esperada por eles.

Capítulo 14

Por Luiza

Acordo no susto com o meu telefone tocando. Procuro ele por debaixo das cobertas e descubro que ele está do outro lado, em cima da mesa de cabeceira. Passo por cima do Diego, que está dormindo ferrado.

– Oi, pai! – Digo mais ansiosa que de costume.

– Oi, filhota! Bom dia, como tu está?

Sinto alguma coisa se mexendo embaixo de mim e ignoro.

– Bom dia, meu véio! Tudo bem e com vocês aí?

Fico na expectativa de boas notícias. Que eles já estão sabendo que vão ser pais e que estão vindo para cá para receber a criança.

– Tudo tranquilo. Acabei de acordar e me deu saudade da minha filha que não me visita mais.

E eu chego a suspirar ao perceber que eles ainda estão as cegas sobre essa situação.

– Pai, não faz um mês que nos vimos. E no próximo feriado eu vou para casa. Paciência, seu Luiz. O que são estes dias sendo que já ficamos bem mais separados.

Escuto ele resmungar alguma coisa inaudível.

Ahhhh pai, sempre com essa áurea de cachorro sem dono e abandonado no frio. E apelando para o emocional de qualquer pessoa.

– É a Luiza? – Escuto a Carla ao fundo e outros barulhos estranhos. – Oi, Luiza. Tem visto o meu irmão?

De todas as maneiras impossíveis e possíveis. E dou um sorriso para o nada.

– Vi ele ontem à noite. – Minto, já que eu estou quase montada em cima dele neste exato momento.

– Se tu ver ele hoje, diz para me ligar e que ele ainda tem uma irmã aqui nesta cidade. Ok?

– Pode deixar, Carla. Aviso sim.

E o telefone fica com barulho estranho novamente. Se bem conheço os dois, devem estar brigando por ele.

Converso mais um pouco com o meu pai enquanto esmago o Diego embaixo de mim. Me despeço dele com inúmeros beijos e deixo o meu celular no mesmo lugar que eu o encontrei. Saio de cima do Diego, que geme e resmunga.

– Já avisaram eles?

– Bom dia para ti também, Diego. Ainda não avisaram nada.

Ele dá uma risadinha irônica.

– Vamos manter as esperanças, ok? Continua dormindo que eu tenho mais o que

fazer.

Saio do quarto e deixo ele dormir novamente.

Entro na sala e vejo, perto da minha janela, o ET Michelangelo na pedra do seu aquaterrário, tomando um sol.

– Bom dia, Et. – Me aproximo do vidro e ele estica a cabeça para fora do casco.

Aceito esse cumprimento e vou tomar um café na cozinha. Depois de estar realmente acordada, vou para a minha mesa de desenho para trabalhar um pouco e pensar em tudo que aconteceu nas últimas horas.

O estado de choque que o Diego chegou aqui, a história ele me contou e principalmente da possível adoção da criança por parte da Carla com a ajuda da tal organização. Sem contar que se isto se formalizar, eu e o Diego entraremos para ajudar a resgatarem crianças quem precisam de ajuda.

E eu achava que a minha vida na Europa era agitada e cheia de emoção....

Meu telefone toca de novo e eu dou outro pulo até ele. Penso que vai ser agora que vamos receber a notícia, e quando vejo que é da loja, desço do degrau da animação com um tombo histórico. Atendo e fico sabendo que preciso passar lá para resolver alguns problemas.

Gemo frustrada, vendo o meu dia escorrer pelos meus dedos. Pensei que ia ficar em casa de plantão, ansiosa esperando essa ligação, e no fim, vou ter que trabalhar. Aviso o Diego que geme e começo a me arrumar para trabalhar um pouco.

.

Correria para um domingo à tarde. Desde que eu cheguei aqui não parei quieta. Já tirei o molde de duas pessoas, ajudei a escolher roupas para mais algumas e ainda não sai das araras procurando alguma coisa para outra cliente que precisa de uma roupa para hoje.

Já dei mil e um modelos que ficaram perfeitos, mas nenhum agradou a cliente. Nem sei porque ela quer uma modista então, se tudo que eu falo que realça o seu corpo ela não gosta. Estou afim de pegar um saco de batatas, fazer o furo para a cabeça e outro para os braços e dar para ela vestir. Pode ser que este agrade mais do que os meus vestidos.

– Entrega este aqui para ela. – Digo para uma das atendentes. – E se não for, diz que eu estou indo atrás de um saco de batatas. Daqueles bem sujos!

A funcionária sai rindo e eu vou até o banheiro da minha sala. Fico uns cinco minutos sentada no vaso para fazer xixi e aproveito para descansar as pernas do salto alto. Ainda mais que confundi os pares e peguei um que me machuca.

– Luiza!

– Aqui no banheiro. – Grito para a guria.

– Ela gostou do vestido e vai levar. – Graças!

– Cobra três vezes mais o preço da etiqueta e coloca na nota, tarifa por cliente chata. – Brinco e escuto a funcionária sair rindo da minha sala.

Saio do banheiro e vejo o meu celular com a tela piscando. Coloquei ele no silencioso e

atendo ao mesmo tempo que olho para a tela do computador para checar os e-mails.

– Luiza Lavorini. – Atendo de forma profissional.

– Grande coisa, Luiz Lavorini, mais conhecido como teu pai.

Sento na minha cadeira. Meu pai é um chiclete grudento, mas ele nunca me liga duas vezes seguidas no mesmo dia. Sempre é uma ligação e milhares de mensagens.

– Tudo bem, pai? – Tento falar o mais normal possível, e engulo o choro.

– Melhor impossível, filha. – E quando eu escuto o meu pai desmoronado no outro lado da linha, não preciso segurar mais nada.

Entre choro, soluços e risos ele me dá a notícias que haviam ligado para a Carla e solicitado que ela se apresentasse com os papéis da adoção o mais breve possível na minha cidade.

Eles estavam arrumando as malas para se jogarem no primeiro avião que encontrassem. Meu pai venderia a própria roupa do corpo para conseguir estar aqui no mais breve possível. Ao fundo eu escutava a Carla gritando aos quatro ventos com a sua mãe.

Se eu estava emocionada com isto, imagina os dois.

Combinei de pegar os dois no aeroporto assim que desembarcassem. Limpei as minhas lágrimas e me recompus antes de passar pelo meio da loja com a maquiagem parecendo um panda.

Um panda de salto alto, e com um sorriso de irmã mais velha no rosto.

Ligo para o Diego, que pela voz, ainda não tinha saído da minha cama. Ele ficou em silêncio enquanto eu contava a novidade para ele. Tão silêncio que eu pensei que a ligação havia caído.

– Eu estou aqui, Luiza. Só tentando me organizar.

– Não tem o que organizar, Diego. Deixa de ser organizado por um dia e aproveita. Tu vai der tio, a Carla vai ser mãe, tu conseguiu realizar o maior desejo da tua irmã. Mesmo que ela não precise saber.

– Eu sei.

– Ainda bem, meu querido. Porque os dois estão vindo e tu conhece o caos dos dois sozinhos, imagina agora com esta notícia estrondosa. – Diego solta uma risada que faz com que eu fique mais tranquila.

– Acho que vou aproveitar as minhas horas de folga para me preparar psicologicamente e ajudar o Miche a sobreviver a estes dias. Acho que a Carla está me ligando.

– Até mais tarde, Di.

– Te cuida, Luiza.

E desligo o telefone sorrindo para o nada.

Aproveito que o trânsito está calmo e já vou indo para o aeroporto. Até porque ansiedade também é genético.

Espero, e muito, a chegada dos dois. E quando vejo o meu pai no portão de desembarque, corro para os seus braços. Ele sempre foi emotivo, mas hoje eu permito que ele já comece a chorar no momento em que ele me abraça.

– Luiza. – Ele me aperta, me tirando do chão e quando afrouxa o abraço me olha sorrindo.

E em momentos como este, vendo a sua felicidade tão estampada no seu rosto, percebo que tudo que ele passou hoje é recompensado. Todas as lágrimas de tristezas se transformaram em lágrimas de felicidades. Meu véio estava feliz, então tudo estava bem.

Carla se junta ao nosso abraço triplo e o choro é livre para todos os públicos. Somos um espetáculo para as pessoas do aeroporto.

– Ahhh Carla, eu estou tão feliz por ti. – Abraço a minha madrastra que está mais para amiga.

– Eu nem sei o que eu faço, o que eu sinto. Às vezes eu penso que estou sonhando e... Ai!
– Ela dá um grito. – Luiz, tu me beliscou?

– Tu não está sonhando, guria. Está acontecendo!

E eu começo a rir. Impossível ficar ao lado destes dois sem sentir a cumplicidade que os dois dividem. É única. Como se fossem almas gêmeas separadas e, depois de anos, unidas novamente.

– O primeiro passo é ir até o este endereço que nos passaram, depois a gente assume o roteiro.

Deixo os dois no local indicado e o meu pai me dispensa. Volto para casa seguindo o fluxo do trânsito tenso com o início de retorno no domingo. Abro a porta do meu apartamento e encontro o Diego sentado.

– Hey. Tudo bem?

Olho para a sua fisionomia. Uma barba já grandinha no rosto, os olhos com olheiras e os ombros caídos. Por mais que ele parecesse cansado, sei que no fundo, ele está tão feliz como eu.

O trabalho árduo, sempre resulta em boas recompensas. E nada mais gratificante é ver as pessoas que amamos felizes.

– Larguei eles em um endereço que passaram. – Digo sentando ao seu lado e escorando a minha cabeça no seu ombro.

– Eu sei, a Carla está me avisando por mensagem. Parece que eles vão conhecer o bebê hoje ainda.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Tudo deu certo, Di.

Me aproximo mais dele e o beijo. Distribuo por entre seu rosto e ele sorri para mim. E com um movimento rápido ele me puxa para o seu colo e me beija de verdade.

– Acho que o meu pai e a Carla não vão aguentar tantas novidades em um único dia, não acha?

– Tenho certeza. – Ele volta a me beijar e eu a explorar o seu pescoço com as minhas mãos.

– Ainda mais que agora vamos ter uma vida dupla. De dia um agente federal e uma modista, mas à noite... O risco nos persegue em busca de crianças necessitadas de uma vida nova.

Diego ri e coloca uma mecha do meu cabelo para trás do meu ombro.

– Tu está adorando isso, não é? Está louca para correr um pouco de perigo. – Concordo com um sorriso grande.

– Tenho o meu agente federal para me salvar quando eu precisar.

Diego balança a cabeça e com um sorriso no rosto. E eu aproveito que estamos sozinhos e me benefico do Diego por mais alguns instantes.

Capítulo 15

Por Luiza

– Bom dia, filhota. – Meu pai beija o meu rosto e eu empurro ele.

– Sem bom dia para ti hoje.

Ele me dá um sorriso presunçoso.

– Pode tirar este sorriso besta do rosto. Tu sabe que o meu quarto é grudado no de hóspedes. Ainda bem que eu tenho fones de ouvido na minha gaveta de cabeceira. Para de rir e toma vergonha nesta tua cara lavada.

E isso faz com que ele ria mais alto ainda.

– Estamos aproveitando o tempo, agora que o Henrique chegou nós temos que curtir todas as oportunidades antes que a nossa cama seja invadida por uma mini-pessoa.

– E por falar em Henrique, a Carla sabia que esse era o nome que tu queria me dar, caso eu fosse menino?

– Não. Fiquei tão impressionado como tu. Coincidência, eu acho. Conte para ela ontem quando chegamos em casa. Talvez fosse por isto que estávamos tão animados.

Reviro os olhos para o meu pai e depois dessa até vou dar comida para o ET do Diego. Ainda tenho que perguntar para ele se o Miche vai ficar por definitivo aqui em casa ou ele está só de passagem. Não tenho cara de babá de tartaruga.

Suspiro. Apesar de cansada e só conseguir dormir depois do pai e da Carla mostrarem seu amor para todo o andar do prédio, eu estou feliz. Feliz em saber que tudo deu certo, e pelas fotos, o meu irmão é um fofo. Não vejo a hora de pegar ele no colo e apertá-lo. Judiar de uma forma que só as irmãs mais velhas conseguem.

Alimento o ET, que estava caminhando lentamente dentro do seu aquaterrário e olho no relógio, percebendo que eu já deveria estar no banho. Apesar de ter me dado folga do trabalho, tinha a tarefa de sair e comprar algumas coisas para o Henrique.

Ganhei carta branca do pai e o seu cartão de crédito para fazer o enxoval e mais algumas coisas que ele precisa. Fraldas, uma cadeirinha para carrega-lo, roupas e mais roupas, um cobertor e outras coisa que eu achar pelo meio do caminho.

Volto para cozinha para perguntar uma coisa para o pai e encontro o cômodo vazio, caminho pelo corredor e quando paro na frente da porta do quarto de hóspedes eu escuto coisas que não deveria.

Saio quase vomitando o meu café da manhã em direção ao meu quarto e me tranco. Resolvo tomar o meu banho, pelo menos o barulho do chuveiro vai abafar qualquer outro som que possa vir do outro lado do corredor.

Demoro no banho e quando saio arrumada, me dou de cara com a Carla usando só a camisa do meu pai na cozinha.

– Teu pai me disse que tu não estava em casa! – E as bochechas dela assumem um tom de

vermelho que nenhuma escala de cor consegue classificar.

– E tu ainda acredita em alguma coisa que ele fala?

– Desculpa, Luiza. Eu tentei me esquivar, mas... – Levanto a mão não querendo escutar nenhuma palavra dela.

– Desta vez passa, porque estou dando desconto pela chegada do Henrique, mas se vocês dois começarem a se engalfinhar como dois gatos no cio esta noite eu juro que exporto vocês para a casa do Diego. Ou melhor – penso direito – eu vou dormir na casa dele. Aí vocês podem se agarrar em paz e sem que eu tenha que escutar.

Que assim eu posso me engalfinhar com o Diego em paz. Aqui se faz, aqui se paga! Se ela pode pegar o meu pai eu posso pegar o irmão dela sem remorso nenhum.

– Desculpa. – Carla dá um sorriso amarelo para mim. – Esta noite todos vamos dormir como anjinhos. Quietinhos. – Olho para ela sem expressão nenhuma. – Eu juro! Vou dormir de jeans, molhado ainda.

Carla vem para o meu lado e me abraça.

– Não encosta em mim que tu está cheirando ao meu pai. Eca! Imagina se eu estivesse, sei lá, com o cheiro do Diego!

– Aí quem vai falar eca é eu, Luiza! Que nojo!

Ahhhhhhh, então pimenta nos olhos dos outros é refresco? Aguarde então, minha querida. Aguarde e confie.

Carla se afasta de mim e quando nos encaramos, começamos a rir como loucas. Quem vê a gente brigando deste jeito, imagina que somos duas inimigas, mas é bem pelo contrário disso. Amo essa guria, mesmo ela não me deixando dormir à noite.

Impossível encontrar outra pessoa que aguente o meu pai como ela consegue. Apesar da zoeira dos dois, eles se amam de uma forma tão bonita que dá inveja a quem olha de fora. Cansei de sair com os dois e ver as mulheres olhando para a Carla com aquele olhar matador, esperando que ela caia no chão, quebre o pescoço, para assim elas ataquem. E não venha para o meu lado falar um “ai” que for da diferença de idade deles, defendendo a Carla com unhas e dentes. Em nenhum momento ela se gratificou de quem o meu pai é, ou se deu bem a suas custas. Ela é uma trabalhadora e apaixonada pelo que faz. Sempre que eu vou a um evento que ela organiza é maravilhoso.

E acima de tudo, ela ama o meu véio. E ele é apaixonado pela sua guria.

– Então, qual vai ser o itinerário do dia?

Os olhos da Carla brilham de uma forma tão única que eu chego a me emocionar com isso. É notável a sua felicidade com a chegada do Henrique.

Por Diego

Acordo com a Carla se atirando na minha cama. Quando eu penso que me livro de uma pulando em cima de mim, vem a outra... Ahh estas garotas.

– Bom dia, maninho! – Ela me beija no rosto.
– Bom dia, Patotinha. – Abraço a minha irmã.
– Não vai trabalhar hoje?
– Tinha uns dias para tirar e resolvi tirar agora para acompanhar a chegada do meu sobrinho.

Mentira. Depois do que aconteceu com a Lila, o bebê e a função toda da organização que cuida das crianças, meu chefe disse para eu não aparecer para trabalhar até tudo estiver nos eixos. Ele me avisou ontem à noite, depois que eu fiquei sabendo que a Carla estava vindo para cá oficializar tudo.

Em resumo: a infiltração externa da organização deu a criança como falecida junto com a morte da Lila. Não fiquei sabendo dos outros trâmites e como eles conseguiram burlar as leis para a Carla entrar na jogada. Simplesmente meu chefe me disse que isso já não era encargo dele e que a sua função já havia acabado neste caso. E que era para eu me acostumar com poucas respostas e quase nenhuma pergunta. As ordens eram simples e executadas, cada membro tinha a sua função e para o sistema funcionar melhor, não se intrometiam um nas funções dos outros. Ou seja, faz tudo de cabeça baixa e em silêncio. O quanto menos saber, melhor será para nós e para as crianças envolvidas.

Em função disto, todos os meus colegas acreditam nos óbitos dos dois. Alguns me mandaram mensagens de solidariedade, outros dizendo que os mais de vinte tiros que o marginal levou foram poucos e assim por diante.

E eu... Estou em paz comigo mesmo. Paguei um enterro decente para a Lila descansar em paz e vou proteger o seu filho, meu sobrinho Henrique, por toda o resto da minha vida. Assim como ela me pediu como últimas palavras.

– O Henrique já vem hoje para casa? – Questiono.
– Espero que sim! – Os olhos da Carla brilham e eu beijo a sua testa novamente.

Luiza, há muito me disse que todas as lágrimas de tristeza se transformaram em felicidade um dia, e hoje, eu começo a acreditar com mais afinco nesta suposição.

Como eu estava sem fazer nada, e a Luiza incumbida de fazer o enxoval do Henrique, para a falência do seu pai, acompanhei a Carla e o Luiz para cima e para baixo em todos os passos que eles fizeram.

Hospital, que eu, agora sem a farda e policial federal e um boné de futebol, passei despercebido pelas enfermeiras que não me reconheceram, fórum, juizado de menores e por fim, hospital novamente.

Fiquei de motorista e memorizando cada lágrima, sorrisos e expressões que os dois tiveram o dia todo. E também, a voz emocionada dos meus pais quando eu falei com eles no horário do almoço. Minha mãe estava em pânico já, querendo que a Carla já embarcasse com o Henrique assim que estivesse liberada, havia até roupas e acessórios para ele que a avó coruja tinha comprado. E o meu pai, mesmo sendo mais tranquilo, estava com a voz de quem já tinha derramado algumas lágrimas no meio do caminho.

O dia chega ao fim, e com uma sorte tremenda, conseguimos todas as liberações do Henrique. Que agora, oficialmente se chama Henrique Denski. Filho de Carla Denski. E mais uma vez, as lágrimas foram poucas para o momento.

Eu, encarregado de ajudar os dois novos pais, fotografei todos os passos. Desde a assinatura trêmula da minha irmã, à enfermeira que o entregou com as roupas que a Luiza nos trouxe às pressas. A saída do hospital e a chegada no prédio. Tudo registrado, tremulante e sem foco.

– E ele está aqui. – Luiz fala limpando os óculos. Lá pelo meio da tarde ele tirou as lentes, elas deslocavam do lugar de tanto ele chorar.

– Meu Deus, e agora? O que eu faço? – Rio da Carla e do seu modo assustado. – E se ele começar a chorar?

– Nós montamos aquela coisa toda para ti amamentar. Já tomou o remédio? – Luiz questiona. – Ele só vai chorar por fome, fralda suja e dor. Três opções, duas fáceis de resolver. Tu levanta a blusa e dá de mamar para ele pela sonda enquanto o leite não desce ou nos revezamos para limpar esta grande bunda que ele tem.

Além do sonho de ser mãe, Carla sempre quis amamentar. Ela disse que queria ter a experiência completa. E nada mais justo do que isto, na minha opinião. Então o Luiz, no meio da confusão toda, ligou para um colega médico e eles conversaram sobre esta possibilidade.

Há chances de dar certo e também de não conseguir. Porém, sei que a Carla fará de tudo para que consiga amamentar o seu filho. Ainda mais com o método que ensinaram para ela no hospital. Um trabalho imenso, mas recompensador.

– E se for dor? – Luiz pensa um pouco e pondera.

– Aí a gente entra em pânico e surta algum pediatra. Simples assim.

Carla olha para a Luiza que dá os ombros, grande amiga... E quando olha para mim, me aproximo da minha irmã e a abraço.

– Tu vai saber o que fazer, Patotinha. O Henrique está em boas mãos.

Ela suspira no meu peito. Aperto a minha irmã com uma força além do normal.

– Obrigada, Di. Só tu para me ajudar, e me fazer feliz, neste momento. – Ela sussurra no meu ouvido, só para eu escutar.

E eu faria tudo de novo, Carla. Não uma, nem duas. Mas quantas vezes precisasse, só para te ver feliz.

Capítulo 16

Por Diego

A luz do dia entra sorrateiramente pelas frestas da minha janela. Fecho os olhos para dormir mais um pouco e quando escuto o barulho da porta se abrindo fico alerta.

– Bom dia, mana. – Digo sem nem me dar ao trabalho de abrir os olhos.

– Que mana que nada, sou eu, Diego.

Abro um olho e vejo a Luiza com as mãos na cintura.

– Aconteceu alguma coisa? O Henrique está bem?

– Tudo certo. Só vim aqui me vingar de uma coisa.

Sinto o peso dela em cima de mim. Bem em cima de mim, em um lugar muito estratégico.

– Estava sonhando comigo? – Vejo o sorriso dela se formar.

– Acabei de acordar. – Dou os ombros. – E veio se vingar de que? Não fiz nada para ser punido.

Ela se ajeita em cima de mim e eu coloco as mãos na lateral das suas coxas, escondidas por uma calça bem justa, de malhação, e colada ao seu corpo.

– Não foi tu. A culpada é a tua irmã. Sei que ela não pode levar toda a culpa, e a grande maioria é do meu pai, mas mesmo assim. Essa noite eles se comportaram, mas deu vontade de me vingar mesmo assim.

– Como? – Luiza solta um som de quem não está com paciência para explicar e resume em poucas palavras.

– Ela e o meu pai se agarrando no quarto ao lado do meu. – Faço uma cara de nojo. – É isso mesmo. Sorte que eu tinha fone de ouvido de da outra vez eu fui para o banho.

– Ok, detalhes demais, Luiza. Mas me explica o que eu tenho a ver com tudo isso. Não vou dorm.... – Ela tira a blusa e fica só com um top combinando com as calças de malhação.

– Não vai o que? – As mãos na cintura e um cara de quem está no comando de toda a situação me deixam sem palavras.

O corpo perfeito dela, a pele clara com algumas sardas espalhadas como se fosse pintada à mão e a luz do sol da manhã, iluminando o seu corpo.

– Estava falando o que mesmo, Diego? – Ela passa as mãos no meu corpo sem desgrudar aqueles olhos azuis acinzentados dos meus.

Eu realmente não deveria deixar ela me comandar com tanta facilidade assim. Deveria me impor e empurrar ela de cima de mim e dizer para ela ir para casa. Estamos pisando em um terreno minado. Brincando com o perigo.

Mas como todo mundo sabe, correr riscos é o que eu mais gosto nesta vida.

– Tu é linda, sabia? – Digo colocando as minhas mãos na cintura nua dela.

– Não precisa me bajular para conseguir me levar para cama. – Ri e desdenha de mim.

Tomo um impulso e coloco ela deitada em baixo de mim.

– E desde quando preciso te bajular? Que eu saiba, quem veio se enfiar dentro da minha cama foi tu hoje. E eu não estou mentindo. Tu é linda, Luiza.

Outra risada debochada.

– Tu não é de se jogar fora também, Di. E a minha mãe sempre me disse que eu era a mais linda de todas. Até o pai concordava. E ai deles se não achassem. Mas obrigada pelo elogio, agora já posso dizer que três pessoas me acham linda.

– Coitadinha da Luiza. Pobre pessoas que ninguém acha bonita. – Desdenho.

Impossível não ficar ao seu lado e perceber todas as belezas que ela tem. Física, interna e especialmente a que existe no seu coração gigante. Não seria qualquer pessoa que enfrentaria tudo que ela passou e sempre com um sorriso confiante no rosto, mesmo com tudo caindo ao seu lado. Eu sei como isso não é fácil. E também a única que aceitaria a combater esta nova “guerra” que eu a meti.

– É verdade. Sempre fui desengonçada, branquela, cheia de pintinhas, meu pai me chamava de dálmata quando era pequena e sem contar o cabelo quase cor de ferrugem. Quando fui para a Europa, o berço da moda, vivia rodeada de mulheres lindíssimas e eu lá, toda esgualpada de corpo e com um peito maior que o outro. Já notou isso? Aposto que não. Mas é sim, um professor da faculdade disse na primeira semana de aula para mim. Tinha colegas que eram modelos, aí ele foi falando uma por uma. Quando chegou em mim ele largou isso.

Fico atônito olhando para a Luiza embaixo de mim falando isso.

– Sempre soube que a indústria da moda era casca grossa, mas quando senti na pele a primeira vez quase morri chorando em casa depois. Acostumei com o tempo e me foquei em produzir roupa para os outros se sentirem bem com os seus corpos e não escravos de uma cintura 34. Enfim, vamos parar de falar que eu vim aqui para me vingar e não falar sobre isso.

Ela me puxa para um beijo e eu faço uma promessa de mostrar para ela como o seu corpo é lindo de qualquer forma.

.

– Não vai dormir aí, daqui a pouco eles vão sentir a nossa falta. – Beijo o ombro nu da Luiza e vejo ela se arrepiar com o contato.

– Eu visto as roupas e digo que estava na academia. Ninguém pode negar o meu exercício físico nesta manhã. – Sua voz sai manhosa.

Ela vira o rosto para sorrindo da mesma forma que a sua voz saiu. Sua mão sobe o meu peito em direção ao meu rosto e eu beijo seus dedos, a puxando para mais perto de mim. Luiza não precisa de outro convite para grudar o corpo dela no meu. Ela se enterra no meu peito e fica descansado ali por alguns segundos, enquanto a realidade não bate na nossa porta.

E ele bate cedo demais. Pesco o meu telefone ao lado da minha cama e chego a gemer quando vejo a palavra “mãe” piscando no visor.

– Bom dia, mãe. – Atendo rapidamente e sinto a Luiza me apertar um pouco.

– Diego, por que a tua irmã não atende o telefone? Está tudo bem? Eles vão vir hoje? Estou com vontade de pegar um avião e ir para aí ajudar ela.

– Ela deve estar dormindo, são sete da manhã, mãe. O telefone está no silencioso ou alguma coisa do tipo. Estamos todos bem aqui. – Enfatizo “todos”, já que ela perguntou só pelos três, não por mim. – Segue aquele ditado do pai, notícia ruim chega primeiro.

– Eu sei. Só que eu estou preocupada. A Carla não tem experiência nenhuma com crianças e a minha função de vó é para isto. – Luiza sorri, olha para mim que reviro os olhos.

– Mãe, o Luiz é pai e médico. Ele pode ser um pouco louco, mas sabe o que está fazendo. E tem eu e a Luiza para ajudar. Ontem eu até coloquei água para esquentar para o banho dele.

– O Luiz não é base! A última vez que ele cuidou de uma criança...

– Foi na mesma tua época, mãe. A Carla e a Luiza...

– Tem quase a mesma idade. – Ela me corta. – Eu sei, mas mesmo assim. Vocês não pensam na pobre avó e avô aqui isolados de todos! Não é justo tu e a Luiza monopolizarem o tempo todo com o Henrique e me mandarem fotos para tortura. Já vou avisando, Diego Denski, quando tu for pai, vai pedir transferência para cá, ouviu? Eu não vou ser avó à distância!

Até a Luiza arregala os olhos com a minha mãe depois desta.

– Ok.... – É a única coisa que eu consigo dizer para ela depois disso.

– Acho que eu vou ligar para o celular da Luiza. Será que ela está em casa?

– A Luiza? Ân... – Ela se levanta do meu peito, assustada. – Deve estar dormindo a esta hora. Ontem ficamos até tarde babando em cima do Henrique. Eu vou levantar, e ir lá ver como estão as coisas, aí te aviso, mãe.

– Isso! Faz isso para mim, Diego. Ou eu arrumo as minhas malas e te ligo para ti me pegar no aeroporto.

– Pode deixar, mãe. Estou levantando, só vou tomar um banho e café.

– Meia hora e nem um minuto a mais.

– Sim, senhora. – E ela desliga o telefone.

Tem vezes que ela me assusta mais que o meu chefe dando uma bronca coletiva. Olho para a Luiza se vestindo rapidamente.

– Às vezes eu tenho medo da minha própria mãe.

– Meu filho, até o meu pai tem medo da tua mãe. Ou tu acha que ele é todo fã dela por que? – Ela ri e se vira para mim ajustar o top dela.

– Bom, conheço a fera que me criou. E tenho vinte e nove minutos para retornar uma ligação. – Luiza me atira a minha camiseta que usei para dormir.

– Boa sorte. Estou com cara de quem estava se matando na malhação?

Olho para o corpo dela, o mais lento que eu consigo e não consigo responder por uma questão de eu querer puxar ela para a minha cama novamente. Mais uma vez sentir o gosto do perigo.

– Acho que vou descendo as escadas para chegar um pouco sem fôlego.

– Uma boa ideia. E eu vou para o banho, frio ainda por cima.

Levanto e puxo a Luiza para um beijo de despedida.

Por Luiza

– Oi, bebê.

Olho para os lados e vejo que estou sozinha com o Henrique na sala. E então aproveito e pego ele no meu colo. Também tenho o direito de ficar com ele um pouco de tempo. Irmãs mais velhas podem, sim!

Pego ele no colo e encosto no meu peito. Henrique abre os olhos, boceja grande e volta a dormir calmamente. Fico com ele fazendo carinho nos seus cabelos lisinhos e finos. Ele ainda tem uma carinha de joelho, mas o joelho mais lindo de todos. Ninguém cansa de babar no pequeno, um minuto que seja.

Até me deu uma dorzinha no peito em ver o pai voltando da rua com uma mala azul para o Henrique. Dona Lúcia conseguiu colocar na cabeça do pai e da Carla que eles devem ir embora amanhã.

– A mana vai sentir falta do Henrique. Eu e aquele ET feio do tio Di. – Falo para ele que não está nem aí para mim.

– Sempre pode voltar para casa para ver o Rique. – Olho para trás e encontro o meu pai, com os cabelos molhados do banho sorrindo para nós.

Ele se aproxima de nós e beija o meu rosto e a cabecinha do Henrique.

– Meus dois babys juntos. – Mais uma vez, meu véio chorão, enche os olhos de lágrimas.

– Para de chorar, pai. Agora tu tem o Rique para te deixar de cabelo branco, vai poder deixar o meu pé em paz.

– Já dizia o teu avô, filhos em dobro, trabalho em dobro, Luiza. Nunca vou deixar de me preocupar contigo.

Ahh meu véio! Como não querer ficar do teu lado para sempre? Se eu pudesse, e quisesse, colocava as minhas coisas em uma mala e voltava para casa correndo. Ficaria o resto da minha vida ao lado do meu pai e sendo mimada e mimando ele. Mas sei que não aguentaria ficar mais do que poucos meses com ele, precisaria sair de casa para trabalhar e também, para não ficar brigando com ele a cada minuto.

E sem falar que agora ele tem outra família. A aliança de compromisso na mão direita dele, bem grande por sinal, não deixa dúvida disso. Nem a da Carla. E agora com a chegada deste pacotinho de amor, aqui no meu colo, percebo que o meu tempo de filhinha do papai acabou por completo. E eu nunca pensei que ficaria tão feliz por isso ter acontecido.

Deito a cabeça no ombro do meu pai e fico curtindo o momento que eu tenho com eles.

– Filhos em dobro, amor em dobro também.

E desta vez, eu encho os meus olhos e beijo o rosto do meu pai.

Capítulo 17

Por Diego

Voltar a trabalhar foi uma coisa relativamente fácil. O difícil mesmo, foi receber as palmadas nas costas de alguns colegas, olhares com sentimentos múltiplos e até algumas palavras de solidariedade. Todos estavam abalados com a morte da Lila.

Ela era uma presença garantida todos os dias na nossa porta, por assim dizer. E entrar de novo na favela, sabendo que ela nunca mais vai parar na nossa porta para contar alguma piada ou oferecer seus serviços, mesmo que na brincadeira, é doloroso.

Porém, a minha salvação é o segredo que apenas eu, meu chefe e a Luiza sabemos. O filho da Lila, está em segurança, com a minha irmã o chamando de filho. E as suas fotos lotando a minha galeria do celular.

Me despedir da Carla nunca foi fácil. Ela, assim como os nossos pais, nunca aceitou o meu emprego. A cada despedida fica mais complicado evitar brigas em função disso. Desta vez não poderia ter sido diferente. Minha irmã só faltou implorar de joelhos para que eu largasse tudo, ou pedisse uma transferência. Alegou que o seu filho precisa de um tio presente e que eu a ajudaria quando precisasse. Apelou e fez chantagem emocional de uma forma que eu nunca tinha visto ela fazer.

Só bastou algumas horas sendo mãe para despertar o instinto que se dispersa por toda a família de proteção.

Carla ficou completamente diferente da que eu conhecia. Seu medo era diferente, de um modo que até o Luiz teve que se intrometer. Ela mandou eu parar de andar na corda bamba e começar a pensar no meu futuro. Arrumar alguém para me estabilizar e voltar para casa. Nem senti o olhar fulminante da Luiza nas minhas costas naquele instante. Aleguei que já tinha encontrado o Miche para eu cuidar, e com isso, ela também mandou eu parar de ser criança e crescer.

Mais uma vez tive que contornar a situação. Já não basta o medo da minha mãe quando ela começa com estas perguntas, agora tenho que escutar da minha irmã...

Porém, o que a Carla não sabe, que agora mesmo é que eu não posso abandonar o meu emprego. Claro que eu nunca falaria isso para ela, que, por causa do Henrique, eu praticamente assinei o meu contrato vitalício com a função que tenho. Isso me causa tanto medo como uma certa ansiedade.

Não tenho a mínima ideia de como vai ser. Se vou ser acionado minutos antes, se vão avisar com antecedência. Ou mesmo como avisam. Um mensageiro especial nos passa a coordenada de quem temos que resgatar, ou simplesmente nos mandam uma foto e dizem: cacem. E como vai ser? E se me pegarem e me acusarem de sequestro?

Era tudo que eu precisava na minha vida, ser acusado de sequestro de menores.

Muitas questões que, pelo visto, não vão ser respondidas tão facilmente assim.

Começo o meu dia lendo o relatório oficial da ação daquele dia. De como as coisas iniciaram, o que aconteceu com os colegas que foram para o combate dentro da favela, baixas

dos moradores e o caso com a Lila. Esta parte foi a que me prendeu mais a atenção. Nele consta que ela foi atingida e auxiliada por um policial, eu, até o socorro chegar. Sua gravidez avançada foi mencionada e no final, dava ambos como mortos.

Ambos não, o Henrique está muito bem sendo mimado pela minha mãe neste exato momento. E vendo por esse lado, sei que fiz a escolha certa.

– Hey, Denski! – Um colega chama a minha atenção e eu fecho o relatório que estava lendo no computador. – Tudo bem, cara?

Aceno que sim com a cabeça e percebo olhar reticente dele.

– O chefe está te chamando. – Agradeço com um aceno de cabeça e saio para a sua sala.

Entro e fecho a porta. Fico em pé esperando ele me falar alguma coisa e antes disse acontecer recebo um sorriso de sua parte.

– Então, tio, como estão as coisas com o sobrinho? – E depois desta até eu abro um sorriso.

– Melhor impossível. Minha irmã foi ontem para a casa com o Henrique. Agora só recebo fotos dele toda a hora.

– Minha filha faz isso com o meu neto também. Eles moram longe e isso ajuda um pouco a afastar a saudade.

– Muito. Eu e a Luiza já estamos contando os dias para irmos para casa e ficar um pouco com ele.

Me sento na cadeira do outro lado da mesa e ficamos por um bom tempo conversando sobre amenidades. Assim como o que ocorreu depois que sai do hospital. Não comente, não procure, não questione. Foi o conselho que eu recebi do meu chefe. Legalmente, o Henrique foi dado como morto e feito um novo registro no hospital, em um nome falso, de uma mãe que não queria a criança. Totalmente dentro das leis para não exista o risco de ele ser tirado da Carla. Nem preciso dizer que isso foi um alívio e tanto para mim.

Não iria suportar ver o sofrimento da Carla se algo deste tipo acontecesse.

– Agora vem a razão de eu ter te chamado, Diego. Quando nos vimos da última vez, tu estava proposto a fazer um acordo em troca de confiança. Agora eu preciso saber a tua resposta.

– Sim. – Digo sem hesitar, mesmo estando muito hesitante por dentro. – Eu e a Luiza estamos dentro.

Meu chefe se recosta na cadeira e me analisa.

– Isto é um alívio e tanto, e também, uma surpresa agradável. Pensei que tu iria te opor mais um pouco.

– Venderia a minha alma se fosse preciso para ver a felicidade no rosto da minha irmã, chefe. Apenas peguei a oferta menos pior. – Meu olhar afiado fixa no dele que me encara.

– Por isso que eu te queria, Denski. A Luiza eu sabia que estava ganha no momento em que pus os meus olhos nela. Mas tu era o meu prêmio maior. Tua palavra e preocupação com os outros valem mais do que qualquer habilidade com armas para mim. E é por isso que, em breve, tu estará suspenso de todas as operações de risco. Para mim a tua vida vale mais.

Sigo olhando para ele.

– Tuas habilidades é um bônus bem-vindo para a causa. Te quero alerta o tempo todo quando estivermos em missão. E isso vai começar amanhã. Quero que tu vá para casa e descanse. Amanhã, depois do expediente nós vamos ter trabalho a ser feito.

Por Luiza

– Seu ET feio e sujo! E agora, o que eu faço contigo? Nem o Rique fez tanta sujeira assim aqui em casa!

A tartaruga nem dá bola para mim e segue em cima da sua pedra no meio do aquaterrário.

– Olha o cheiro que está vindo e ti! Está na hora de tu tomar um banho, e o teu pai nem para fazer isto!

Realmente eu tenho que dar um ultimato com o Diego sobre o Miche.

Pego a caixa com os suprimentos dele que o Di comprou na veterinária e começo a procurar tutoriais na internet de “como limpar aquaterrário sem matar a tartaruga depois”. Espero obter êxito na minha pesquisa, já que com todos os peixes que eu tinha quando criança, depois da primeira troca de água do aquário eles morriam. E isso perdurou até a mãe assumir a responsabilidade.

Primeiro passo, tirar o ET do aquaterrário. Pego uma bacia e coloco um pouco de água que tirei de lá e começo o segundo e pior passo. Tirar a tartaruga de lá. Respiro fundo e meto a mão dentro d’água e encosto nela.

– Que nojo, que nojo, que nojo! – Largo correndo o coitado do Miche na bacia e seguro o vômito.

Agora vem a parte fácil. Só lavar a peça e tacar a tartaruga de novo ali dentro.

Ligo uma música e começo a trabalhar. Tiro tudo de dentro do aquaterrário e converso com a tartaruga que nada na bacia ao meu lado. Como se isto fosse a coisa mais normal do mundo.

Preciso fazer alguma coisa para ocupar a minha cabeça, desde que não envolva tecidos, linhas e costuras. Amo o meu trabalho, mas isso não quer dizer que eu não me estresse com ele com certa regularidade. E de uns tempos para cá isso vem acontecendo mais recorrente do que antes.

E também, já estou com saudades do meu pai, Carla e Henrique. Ainda mais que eu passei o dia recebendo fotos dos três, meus dindos com o Rique, os pais da Carla e pela última vez que vi o meu telefone, eles estavam no apartamento do AC e com todo mundo lá. Maldade demais com quem está aqui limpando um aquário de uma tartaruga que nem é minha.

Vontade máster de pegar um avião para morder as bochechas do Otávio e aquelas da Bibi, sujas de chocolate. Que por falar nisso, me deu vontade de comer um bolo da Sarah, com a cobertura que o Yago sabe fazer. E de quebra, brincar com a Fofinha e o Perereco. Ahhh saudade chata! Bem que o pai poderia ser menos torturador e parar de me mandar estas fotos.

Tenho a leve concepção que ele faz isso para que um dia eu canse de ser mera expectadora e volte para casa. Só que isso não vai acontecer, e se acontecer, com certeza eu procuraria um

lugar para morar. Como eu estava pensando quando estava com o Henrique no colo, meu lugar naquela casa, só se for à passeio.

– Olha aqui sua tartaruga sujinha! Eu vou te denunciar para o teu pai. Não tenho cara de babá de tartaruga que usa a própria casa como banheiro. Ou melhor, vou te cuidar para quando tu crescer mais eu fazer uma sopa de tartaruga.

E depois disto, eu escuto a risada vindo da porta. Levo um susto tão grande, que chego a dar um grito.

– Diego! Não me assusta desse jeito! – Ele continua a rir alto.

– Faz uns cinco minutos que tu está falando com o Miche e a sopa de tartaruga foi a melhor. Não consegui me segurar.

– Porque estava me observando há cinco minutos?

Ele se aproxima de mim e dá os ombros.

– Tu parecia entretida demais limpando e xingando o Miche, que até entrou para dentro do casco de vergonha.

– Mas é verdade. Onde já se viu fazer aquela sujeira toda na própria casa? E outra coisa, senhor Diego Denski. Está me achando com cara de babá de tartaruga? Pode tirar o teu casco da chuva, meu filho. Quem pariu o ET que embale.

– Não posso assumir a paternidade do Miche, lembra que a mãe me disse que não ia ser avó à distância?

Engraçadinho.... Se não fosse tão bonitinho esse sorrisinho idiota dele, daria uns tapas para ele parar de frescura.

– E para de chamar o Michelangelo de ET, o apelido dele é Miche.

Diego mete a mão na bacia e tira o ET lá de dentro.

– Olha a tia Luiza, Miche. Diz para ela que tu não é um ET. É um aprendiz de Tartaruga Ninja. Semana que vem começo a dar a ração com princípio ativo de mutante para ele.

Depois disto, eu deixo o Diego falando sozinho como um idiota com o Miche, Michelangelo, ET. E ainda aviso:

– Lavei a casa dele, a janta e a roupa por recolher e dobrar é tua.

– Pode deixar, eu e o Miche damos conta, Ferrugem.

Viro a minha cabeça numa rotação que nem a guria do exorcista conseguiria. Ferrugem? Ahhh, isso não.

– Como é que é? – Diego larga a tartaruga na bacia, seca as mãos na roupa e olha para mim.

– ET por Ferrugem, uma troca justa. E foi tu mesma que disse que os teus cabelos são como de cor de ferrugem. Não estou dizendo nenhuma mentira, já que foi tu mesma que me falou isso. A roupa está aqui ou lá em casa?

– Aqui. – Respondo secamente para ele que sai rebolando aquela bunda linda pelo meu

apartamento em direção ao local que eu estendo roupa.

Diego ainda tem a audácia de tomar banho no meu chuveiro, e ao invés de fazer a janta, encomenda uma pizza. Mesmo sendo com os meus sabores favoritos, ainda estou me fazendo de difícil. Jantamos conversando sobre algumas coisas e ele ainda lavou e guardou a louça que sujamos.

– Vou pegar o meu Miche e ir para casa então. Já que tem alguém de mau humor por aqui.

Cruzo os braços sobre o meu peito e continuo analisando o Diego. Ele fixa o olhar em mim por alguns segundos e pega o aquaterrário do Miche e segue até a porta. Fico parada escorada no sofá olhando a cena. Ele abre a porta e antes de sair se vira para mim.

– Vai chegar cedo em casa amanhã? – O olhar de brincadeira do Diego some e o preocupado assume o lugar.

– Acho que sim, por quê?

– Meu chefe me escalou para um serviço. – E quando ele menciona o serviço eu entendo a situação.

Aquela que só nós compartilhamos.

– Uma missão? – Questiono com a minha voz saindo quase como um sussurro.

Diego confirma com um aceno de cabeça e eu caminho até ele. Fecho a porta, pego o aquário, coloco no lugar que estava antes e puxo ele para o sofá pela mão.

– Ele disse mais alguma coisa?

– Não. Só para eu não perguntar, questionar ou comentar, a não ser contigo, claro. Os detalhes vão ser passados amanhã quando chegar o momento.

Meu coração se aperta. Diego pega a minha mão e aperta em sinal de proteção.

– Tu está com medo? – Ele para e pensa um pouco, como quisesse procurar as palavras para expressar o que está sentindo em relação a situação.

– Medo não. Nunca tive medo de fazer o que eu faço, mas agora a situação é diferente. Antes eu sabia que ia entrar na favela, dar uns tiros, acertar algumas pessoas que faziam por merecer, estivesse a ponto de me ferir, ou ferir algum companheiro e estas coisas. Agora é desconhecido, só sei que devo estar armado e pronto para agir a qualquer momento.

Fico angustiada só em imaginar tudo isso. Quem dirá viver a situação na pele.

– Vai dar tudo certo, Di. Tenho a plena consciência que vai dar tudo certo.

Ele me abraça e eu o puxo para um beijo. Diego acaricia o meu rosto delicadamente e eu tento transmitir toda a confiança que ele precisa neste momento.

Ficamos no sofá por mais alguns minutos nesta troca de afeto tão crua. E quando ele faz menção de ir embora eu o impeço.

– Tu não disse que era para eu levar o Miche para casa?

– Deixa esse ET aí, pelo menos não está mais fedendo. Amanhã quando eu chegar em casa vou ter com quem conversar. Dorme aqui comigo. – Ele beija o meu rosto de novo, se levanta e

me estende a mão.

– Vamos dormir, Ferrugem. Amanhã o dia vai ser longo para mim.

Para nós, Diego. Porque com toda a certeza do mundo eu não vou descansar antes dele chegar em casa e dizer que tudo saiu bem.

Capítulo 18

Por Diego

O dia começou cedo. Sai da cama da Luiza antes mesmo do sol começar a aparecer no horizonte. Me despedi dela com um beijo nos seus cabelos, cor de cobre, e sentindo ela se agarrando ao meu travesseiro. Desci para abrir a academia para suar um pouco e me acalmar para o dia de hoje.

Cheguei no meu apartamento recebendo fotos da Carla e do Henrique, que, pelo visto, estavam em uma festa. E nada melhor do que começar o dia recebendo fotos dos peitos da sua irmã, mesmo que nele, tenha pendurado alguém com um sorriso no rosto e os olhos bem arregalados para a sua mãe. Uma cena, apesar de ainda ser os peitos da Carla, era o que eu precisava para me dar ânimo e enfrentar o dia de hoje.

Dar a possibilidade de outra criança sair da zona de perigo, encontrar um lar definitivo e com pessoas que o amasse.

Respondi imediatamente para a Carla que não demorou muito em me ligar. Conversamos enquanto ela amamentava o Rique, pelo barulho de fundo, o Luiz estava no décimo sono. Até cheguei a perguntar se isso não assustava a criança e como resposta a Carla começou a rir e ainda comentou que o Henrique dormia que era uma beleza com o Luiz ao seu lado.

Meu sobrinho estava ótimo. Havia consultado um pediatra e estava com tudo em ordem. Mamava nas horas certas, às vezes um pouco de refluxo, que sempre tinha como alvo o Luiz, chorava quando estava com fome e no banho era uma festa.

A mãe e o pai estavam sempre na volta, tanto que a mana teve que exportar eles de casa. Ela e o Luiz estavam tirando de letra a vinda o Henrique. Agora tudo era festa, brinquedos e fraldas para os três.

E ela nem sabe o quanto me fez bem me contar, e escutar a sua voz de felicidade ao me narrar tudo isso.

Trabalhei o resto do dia em silêncio. Quando algum colega vinha me perguntar o que havia acontecido, eu colocava a culpa em uma dor de cabeça chata que tinha aparecido. Todo mundo tem esses dias, não é? Não dava margem para nenhuma dúvida que eles tivessem. E continuou até o final do expediente.

Agora eu estou dirigindo em direção à um endereço desconhecido em companhia do meu chefe. A única exigência dele era que eu trouxesse com a minha arma particular no cinto da calça e o coldre de tornozelo por baixo das calças.

Estaciono o carro atrás de outro, no meio do nada. E desço atrás do meu chefe que se manteve em silêncio o tempo todo.

– Nunes! – Um cara aparece do nada me assustando. – Pensei que tivesse errado o dia de novo.

– Boa noite, Alexandre. O Bruno não chegou ainda?

– Não, estou aqui há uma meia hora já. Marcamos as sete ou sete e meia? Sempre me

esqueço do horário certo e... – Ele me nota. – Ele é o novato, Nunes?

– Sim. Diego, – meu chefe olha para mim e eu me aproximo, – este é o Alexandre um dos nossos parceiros e...

– Prazer, cara! Seja bem-vindo. Gente nova no pedaço sempre é interessante.

– Obrigado. – Estendo a minha mão para ele que aperta alegremente.

– Agente federal também? – Aceno que sim. – Ahh, já posso me sentir no meio de um seriado policial. Dois agentes federais, um juiz fodão e eu ajudando com as minhas habilidades especiais.

Ele sorri em minha direção e o chefe explica.

– Lutador faixa preta em diversas artes marciais.

– Já derrubei cinco caras de uma vez, não foi, Nunes? – Ele acena e confirma que sim. – E tu, qual a tua habilidade?

Dou os ombros sem saber o que responder.

– Ainda não sei, esta é a minha primeira missão, por assim dizer. O chefe me recrutou e....

– Ahhhhh, já saquei. Tu é o cara que o Bruno me contou da criança que a mãe morreu num ataque na favela, não é? E ela foi transferida para alguém que tu pediu.

– Sim, Alexandre, é ele. – Meu chefe confirma.

– Massa! Como está a criança?

– Ótima. – Respondo desconfiada.

– Eu tenho três. Todas eu ajudei a resgatar, foi amor paterno à primeira vista. Crio elas sozinho e se precisar enfrento mais cinco caras para cuidar das minhas filhas. – Ele puxa o celular e mostra para mim a foto de proteção de tela.

– Aliás, como está a Manu? Já conseguiu tirar da tua cama? – Meu chefe pergunta naturalmente.

– Acredita que não? Parece bumerangue, eu tiro da minha cama e quando acordo ela está do meu lado de novo. Não sei o que fazer mais.

E os dois começam a conversar sobre as maneiras de tirar uma criança da cama dos pais e se acostumarem com os seus quartos. Realmente eu estou sobrando na conversa e bem espantado com o rumo que as coisas tomaram. Nunca imaginei que uma conversa assim seria incluída no meio de um resgate, como eles chamam.

– Há quanto tempo vocês trabalham juntos? – Questiono depois que eles acabaram de exporem os melhores métodos.

– Uns cinco anos eu cheguei, o Nunes e o Bruno já estão há mais tempo. – Ele se vira para o meu chefe. – E o churrasco no final do mês, está de pé? Só acho que é o novato que tem que bancar dessa vez.

E os dois começam a rir quando um carro estaciona atrás do meu e um cara de terno aparece.

– Fiquei preso no fórum. Desculpa, pessoal. Olá, – ele se vira para mim – tu deve ser o Diego, eu sou o Bruno. Nosso trio virou quarteto.

– E a tal guria que ia entrar junto, ela não vem hoje?

Olho para o Alexandre e alterno o olhar para o meu chefe. Seria da Luiza que eles estão falando?

– A senhorita Lavorini irá ter outra função no grupo, junto com o Diego. A princípio ela ficará como guardiã intermediária junto com ele.

– Ela é solteira? Estou à procura de uma mãe para três lindas, cheias de energia e agitadas meninas.

Fico parado olhando para o Alexandre depois que ele pronuncia estas palavras. Ele pode ser faixa preta em artes marciais, mas eu tenho uma mira melhor que muitos. Não treinei por anos para nada. E consigo atirar com qualquer arma, seja ela de uso pessoal como militar. Ele nem seria capaz de pensar em me golpear quando eu pegasse a minha arma e atirasse em um lugar que ele deve gostar muito. Sorte dele que já tem filhas.

– E pela cara do nosso amigo novato, – Bruno se intromete, – acredito que a moça não esteja solteira.

– Ihhh, foi mal cara. É que elas precisam de uma mãe, a minha mais velha já pediu um estojo de maquiagem para mim.

– E um de aniversário para mim também.

– Sério, Bruno? Viu só, não tenho nem controle mais das minhas próprias filhas!

– Deixa ela, Alexandre. Guarda teus esforços para quando os namorados chegarem.

– Para, Nunes! Não me faz ter um ataque cardíaco agora. E vamos trabalhar de uma vez que elas me pediram para fazer massa quando chegasse em casa.

Os dois começam a rir do Alexandre e eu fico meio que deslocado do grupo. Nunes toma a frente, depois de rir mais um pouco, e começa a falar.

– Bom, o esquema é o de sempre, mas eu vou explicar para o Diego. – Ele se vira para mim. – Ele é simples e quase nunca falha. Dois entram à paisana e procuram a garota alvo. A de hoje é essa, – ele puxa a foto que passa de mão em mão.

Olho para o papel e sinto um aperto no peito. Não deve ter mais do que quatorze anos.

– Bruno e Alexandre conversam com alguém e pedem as características dela, pagam e esperam em um quarto pela “encomenda”, e quando ela chega a magia acontece.

– Aí é só passar a conversa e sair de lá. – Bruno se intromete.

– E aí que precisamos ter cuidado. Nem sempre as casas têm acesso tão ilimitado assim, mas damos um jeito, de uma forma ou de outra. – Alexandre bate as minhas costas.

– Eu espero no carro e quando vocês entrarem aviso a equipe intermediária e nos encontramos no lugar de sempre. Boa sorte, pessoal. E Diego, vai dar tudo certo. Os resgates assim são os mais simples.

Entro no carro do Bruno e deixamos o meu chefe com o carro do Alexandre, que segue atrás de nós. Os dois começam a conversar sobre a vida particular deles e eu começo a ficar nervoso.

Chegamos a uma casa aparentemente normal e descemos do carro. Alexandre vai na frente e o Bruno fica mais atrás comigo.

– Relaxa, cara. O Alexandre é meio doido mesmo, mas na hora que precisamos ele assume a bronca. O Nunes disse que tu estaria armado e é o melhor que ele tem na área. Espero não precisar conhecer estas habilidades, e se isso um dia acontecer que dê tudo certo.

– Obrigado. Ainda estou meio às cegas com essa situação toda.

– Isto é normal. Eu estou há quase oito anos e não sei nem como me acharam e como ocorre muitas coisas internas, mas se fosse te falar uma coisa seria que este é o melhor emprego que alguém poderia ter. Ajudar uma criança ou menor em situação como essa recompensa todos os riscos que a gente pode ter.

Olho para ele e assento com a cabeça. Se cada pessoa que receber uma dessas crianças/menores ficar tão feliz como a Carla ficou, e cuidando delas do mesmo modo que ela, o trabalho já valeu a pena.

– Está na hora do show. – Alexandre mexe a cabeça para os lados e os ombros para cima e para baixo.

Bruno toca a campainha e um leão de chácara nos recepciona olhando demoradamente para cada um de nós. O seu olhar se volta para o Bruno que passa a conversa com ele de uma maneira tão simples que o cara só dá um passo para trás nos deixando passar. O antro toma forma a nossa frente e eu chego a sentir a náusea invadindo o meu corpo.

Muitas meninas, de idades variadas em cima de pequenos palcos. Algumas de longe já se via que estavam ali só de corpo, dançando para homens asquerosos no automático, o olhar vidrado e as marcas nos braços, indicavam uso de drogas. Uma tristeza sem fim, que eu não imagino como alguém consegue se excitar em um lugar como esse.

Bruno, Alexandre e eu seguimos para o bar no fundo do salão. Algumas meninas se atiram e tocam em nós. Eles ainda reagem naturalmente cantando algumas com promessas vazias, mas eu sigo reto, sem demonstrar nada para elas. No bar, Bruno estende uma nota de cinquenta para o barman em troca de uma informação: onde estava o “gerente”.

O barman pega a nota e dá aponta uma sala do outro lado. Bruno segue em direção e eu fico com o Bruno, que se estica para falar comigo mais de perto, já que o som está alto.

– O Bruno tem o dom de convencer qualquer pessoa. O jeito de rico dele e a grana que ele investe em cada salvamento fala e garante todas as missões que temos. Não dou cinco minutos para o dono desta merda aqui aparecer com e um maldito sorriso no rosto por ter faturado uma nota por uma das meninas nova que ele conseguiu. Se fosse eu, já teria quebrado a cara deste filho da puta e pelo teu jeito, sei que tu também faria a mesma coisa, não é?

Não preciso nem responder, já que o Alexandre me captou melhor que ninguém neste momento. Eu já teria feito o estrago com a pessoa que comanda tudo isso. Baixaria metade dos meus colegas armados até os dentes e levaria boa parte deles presos por prostituição,

molestadores e distribuição de drogas.

Os minutos se passam, e quando o Bruno aparece, fechando o seu paletó indicando para nós o seguirmos, nos movimentamos. Um homem, aparece atrás dele e eu sinto o Alexandre contraindo os músculos das costas.

– Estes são os que vão participar da suruba junto? – Os dentes podres do cara aparecem em um sorriso asqueroso.

– Sim, meus companheiros e eu só desfrutamos do melhor que necessitamos. – Bruno responde sorrindo para nós.

– E vieram ao lugar certo! – O fedor de desodorante barato nos invade. – Recebi uma encomenda de primeira! Igual as que tu me solicitou, ela vai satisfazer os três com o maior prazer. – E ele dá uma cotovelada de leve no Alexandre que finge um sorriso enquanto na mente dele deve estar imaginando diversas formas de quebrar o pescoço desse traste. – É por aqui, senhores.

Caminhamos por um corredor cheio de portas, onde o barulho de pessoas usando os quartos me enoja. Paramos na última porta e entramos. Um quarto escuro com uma cama de casal no meio aparece.

– Fiquem à vontade. Em breve a menina chegará.

Capítulo 19

Por Diego

A porta se fecha e nós três ficamos no quarto a espera. Bruno puxa o telefone, se senta na cama e começa a mexer nele, alegando que precisa responder alguns e-mails. Alexandre vai até a janela e fica estudando o local que vamos sair.

Me aproximo dele e pergunto como vamos agir. Ele olha para mim e começa a explicar.

– Geralmente pulamos a janela, tu deu sorte que estamos no térreo. Quando é no segundo ou terceiro andar temos que pular, e quando é mais que isto, temos que analisar o ambiente. Geralmente eu vou na frente “limpando a barra” e aviso o Bruno, e quem mais estiver junto, para sair e por onde seguir. Hoje, eu acho que vai ser tranquilo, no máximo algum porteiro desavisado e que vai acordar amanhã sem saber qual foi o caminhão que passou por cima dele. E agora nós esperamos.

– Vocês fazem isso com muita frequência? – Questiono intrigado.

– Só quando é necessário, e nem sempre agimos em boates. Algumas vezes é em praças, ou locais que sabemos onde há a incidência de jovens em perigo. E raramente, pelo menos com a gente, que temos uma ação mais invasiva.

O barulho de um telefone enche a sala e o Alexandre atende rapidamente.

– Oi, Larissa. Não, o pai está trabalhando. Sim. Daqui a pouco eu estou em casa para fazer a janta. Como estão as tuas irmãs? Diz para a Manu ir tomar banho para me esperar e que depois eu dou banho na Rafa. O teu tio, está sim. – Bruno, sem tirar os olhos do telefone dele estica a mão para o amigo. – Vou te passar para ele.

– Oi, Lari. Sábado está confirmando sim. Ok, pode deixar. – Ele desliga o telefone e entrega ao Alexandre.

– Só acho que tu tem que parar de mimar as minhas filhas, principalmente a Larissa.

– Sou vou levar ela ao shopping. Um tio tem este direito. E desmancha essa cara que a Rafa e a Manu ainda são pequenas demais para saírem comigo.

E quando ele termina de dizer essa frase, a porta se abre.

Minha primeira reação é o soco no estômago. Com uma *lingerie* minúscula, uma criança aparece na nossa frente. Nem corpo ela possui para preencher o tecido. Minhas pernas enfraquecem vendo o estado abatido dela. O roxo na bochecha e no braço, indicam que ela já havia sido espancada recentemente. E o modo assustado, me diz coisa bem pior.

– Olá, – Alexandre é o primeiro a se levantar. – Qual o teu nome?

A menina olha para nós três e se encolhe na defensiva.

– Nós não vamos te machucar, estamos aqui para te ajudar e sair daqui. – Alexandre fala sorrindo.

A menina se desespera mais. Com certeza essas devem ter sido as frases quando ela escutou ao entrar nesta casa. Muitos cafetões fazem um certo tipo de lavagem cerebral nas

meninas. Oferecem comida, casa, proteção e um salário em troca de uma vida de escravidão sexual constante. Uma vez cheguei a perguntar para algumas como aguentavam ser exploradas daquela forma.

A resposta já era a que eu esperava, mas mesmo assim me chocou por completo. A rua poderia ser bem pior do que estar sobre a proteção de um cafetão que fica com todo o seu lucro. Na rua o mal está em cada esquina. Sádicos atrás de uma vítima para satisfazer seus desejos mais sombrios, espancadores, assaltantes que depois de acertarem o programa roubam a própria prostituta e diversos outros crimes. Sim falar nos psicopatas, que encontram nas prostitutas um prato cheio para a realização dos seus sonhos mortais. A polícia não é tão empenhada assim para ficar caçando assassinos de prostitutas como deveriam. Com um cafetão, nada disso acontece, já que elas possuem guarda e lugares certos e monitorados para fazer os seus programas. Um bom empresário não deixa a sua mercadoria estragar com tanta facilidade.

Neste caso, eu não sei qual a história dessa criança que está na nossa frente em modo de defesa completo. Mas alguma coisa me diz que o que a esperava em casa, poderia ser bem pior do que estar aqui vendendo o seu infantil corpo em troca de misérias.

– Não vamos te tocar. – Alexandre continua a falar. – Somos todos amigos. Viemos te resgatar para uma vida melhor.

– Sim, menina. – Bruno sorri para ela. – Aqui não é o teu lugar. Vem com a gente que te oferecemos uma vida nova. Longe de todos o mal que tu já presenciou aqui.

Ela alterna o olhar entre nós três.

– Veste isto. – Bruno estende o paletó dele para ela que aceita e se veste rapidamente. – Viu, somos teus amigos. Eu sei que tu está apavorada, eu também estava quando foi a minha vez anos atrás. Minha condição não era tão melhor como a tua, e eu aceitei ajuda de estranhos que me resgataram e me deram uma vida melhor.

Bruno fala sem tirar os olhos dos dela assustados. Conta um pouco da sua possível história e com o passar do tempo, a menina começa a se retrair menos. Escutar o que ele falava com mais atenção e um menos hesitante do que estava antes.

– Está com fome e frio? – Ela acena que sim.

– Temos que agir rápido.... – Alexandre é calado por um olhar do Bruno.

– Vem com a gente, – suplica – eu prometo que ninguém mais vai te machucar.

Ele estende a mão para ela que aceita depois de alguns segundos. Foi como se a respiração trancada no meu peito fosse liberada junto com milhares de quilos sob os meus ombros.

– Ok, hora de sairmos daqui! – Alexandre fala abrindo a janela e pulando rapidamente, como se fosse acostumado a fazer diariamente.

Com cuidado, ajudo a menina a pular a janela entregando ela para o Alexandre. Pulo logo atrás, seguido pelo Bruno que arregaça as mangas da camisa.

– Eu vou na frente. – Alexandre caminha mais rápido nos deixando para trás.

– Para onde nós vamos? – A menina pergunta para mim.

– Para um lugar diferente deste aqui. Não precisa te preocupar, vai dar tudo certo. –

Escutamos um barulho abafado, e por reflexo, eu puxo a menina para trás de mim.

Ela se encolhe e o Alexandre corre na frente para ver o que aconteceu. Fico alerta e com a mão na coronha da minha arma, se alguma coisa der errado, eu ajo rapidamente. Não deixo esta criança voltar para a situação que estava.

Escuto um gemido abafado e a voz do Bruno xingando alguém.

– Detesto quando tu faz isso. O coitado estava tremendo as bases de susto, não precisava ter desmontado ele deste jeito. Pode vir, Diego. A barra está limpa.

Caminho até eles com a menina ao meu lado. Um portão fechado com um cadeado nos impede de acessar a liberdade e os dois ficam em um impasse.

– Para que colocar cadeado nestas coisas? Horrível de se arrombar sem as ferramentas certas. Vou ver se eu consigo encontrar alguma coisa para alavanca. – Me aproximo dele e antes que o Bruno saia para procurar e ficarmos mais expostos, dou uma coronhada no cadeado que com um clique abre.

– Ou esperamos o Diego e sua incrível habilidade de abrir cadeados com uma arma resolver a parada. – Alexandre comenta e abre o portão com uma reverência exagerada.

Saímos sem olhar para trás. O carro do Alexandre nos esperava há alguns passos de distância de onde estávamos. Entramos no carro com o meu chefe arrancando antes mesmo que o último a entrar fechasse a porta.

Uma onda de alívio me preenche e eu me permito soltar um suspiro de alívio. A menina ao meu lado continua com o rosto assustado e olhando para tudo ao seu redor, muito desconfiada do que ia acontecer com ela.

Sei que isso tudo deve estar sendo um tanto que traumático. Porém, vendo por esse lado e na situação que ela estava, era confiar em nós ou ter um futuro completamente sem esperança nenhuma. E na sua cabeça infantil, confiar em três estranho que prometiam uma vida diferente era a única saída que ela possuía.

Andamos por alguns quilômetros, nos afastando o máximo que conseguimos. Paramos o carro em uma casa afastada e descemos do carro em seguida, onde encontramos um casal que estava à espera de nós.

A menina, ainda assustada, foi levada para dentro por uma senhora e enquanto o meu chefe conversava com o senhor, nós três ficamos afastados.

– Está batizado, Diego! – Alexandra bate nas minhas costas. – Agora já é um de nós. Vai poder dormir sabendo que tirou uma criança das garras da prostituição e de drogas. Não existe nenhum trabalho no mundo que recompense tanto como esse.

– O que vai acontecer com ela? – Questiono.

– Esse casal é um dos guardiões intermediários. Como tu foi no caso da Cecília. Eles vão cuidar dela por alguns dias para que consigamos novos papéis para ela com um novo nome. Depois ela é levada até o destino final, onde começará uma vida nova. – Bruno responde olhando ela entrar dentro da casa ao fundo.

– Em alguns casos, quando a criança é pequena, e conhecemos para quem elas vão, já são

entregues direto. Ou quando vem para um de nós mesmo, como foi o meu caso.

– O papo está bom, mas eu tenho que ir para casa. Pego a Lari sábado, Alê. Foi um prazer, Diego, em breve nós nos vemos. Vou chamar o Nunes.

Nos despedimos e o Alexandre me oferece uma carona até onde ficou o meu carro. Meu chefe me dispensa com um aceno de cabeça e eu sigo para o carro do Alexandre em silêncio.

– Tu é quieto mesmo ou é a euforia da noite? – Ele me pergunta depois de um tempo.

– Ambos. Ainda é muita informação para poucos dias.

– Relaxa, cara. A minha primeira também foi assim. Nas próximas vai ser tão natural e quando acabar tu não vê a hora de te chamarem novamente. Viciante. Um vício de fazer o bem.

– Como tu foi parar...?

– Aqui? – Ele termina a pergunta sorrindo. – Conheci o Bruno na academia que eu sou dono. Conversa vem e vai e eu contei que fazia um trabalho em uma comunidade carente dando aulas de graça e dizendo para os moleques que a droga não levava a lugar nenhum, mas que achava pouco, queria fazer mais. Fui criado em uma comunidade dessas e perdi muitos amigos para as drogas. Amigos mesmo, de infância. E ficava frustrado em ver certas coisas. Nos aproximamos e quando eu percebi já estava no meio.

– Mais ou menos como aconteceu comigo. Quando vi estava levando a Cecília lá para casa, com a Luiza me ajudando a cuidar dela e agora estou aqui.

– Exatamente, cara! Aos poucos tu vai pegando o jeito das coisas e se apaixonando cada vez mais por isso. Ainda mais quando tu consegue acompanhar o desenvolvimento de algumas. Ver o fruto do teu trabalho de resgatador vivendo uma vida feliz e sem se preocupar se alguém vai te molestar, se vai ter comida em casa ou passar frio à noite. Algumas crianças, a gente consegue ver às vezes e isso é maravilhoso.

Penso no Henrique que eu vou poder acompanhar todas as fazes. Seu crescimento de perto e tendo a certeza de que ele é amado pelos seus pais e amigos. Com certeza isso é todo o pagamento que eu preciso para saber que fiz a escolha certa ao ficar ao lado da Lila nos seus últimos minutos de vida. E ainda por cima, cumprir a minha promessa para com ela.

E quando isso tudo me vem à cabeça, lembro da conversa do Bruno com a menina, e não consigo me segurar para perguntar.

– O que o Bruno falou...

– É tudo verdade. – Ele completa. – O Bruno veio de uma favela, mais pobre que rato de igreja, o pai ele nem sabe quem é e a mãe era prostituta. Um dia saiu de casa e deixou ele com a irmã com meses e nunca mais voltou. Ele ficou uma semana cuidado dele e da irmã em um barraco sem estrutura nenhuma. Ele foi resgatado pelo Nunes e a equipe dele. Foi entregue a uma família rica do interior do estado e quando veio para a faculdade reencontrou o Nunes, e pediu para participar salvando a vida de crianças na mesma situação que a dele. Ele estudou, se formou e hoje é juiz. Investe dinheiro dele na causa, como hoje quando pagou pelo programa. E também, padrinho das minhas três filhas. Mimando elas até demais.

Alexandre bufa e exclama mais algumas coisas inaudíveis.

– Ele consegue persuadir qualquer um. Talvez pelo jeito inteligente, educado e inofensivo fisicamente, até ele precisar demonstrar a sua força. Já vi ele derrubando um cara maior que nós dois juntos só com um soco. Mas verbalmente, ele é imbatível. Consegue te convencer a pular da ponte sem roupa e nadar. E quando se trata em conversar com as crianças, ele é o cara perfeito. Eu já sou mais da parte bruta, se algum problema aparecer eu parto para cima. E pelo que notei, tu é uma mistura de nós dois. Personalidade de quem convence qualquer um e se precisar parte para cima também.

Fico em silêncio depois desta colocação dele. Eu ainda não consegui achar o meu papel nessa função. Talvez eu esteja mais para o que parte para cima do que convencer uma pessoa a me acompanhar. Sem falar na falta de sangue de barata em entrar em um antro daqueles e conseguir manter a calma antes de levar meio mundo preso por diversos crimes.

Espero que o meu chefe não tenha me colocado nos planos sem saber se eu me encaixava corretamente no perfil que ele esperava de mim.

Capítulo 20

Por Luiza

Cada vez que eu olhava para o relógio, era como se ele tivesse andado para trás. Tentava me concentrar em cima da minha máquina de costura, e quando pensava que havia se passado meia hora, nem dez minutos tinham transcorrido.

Desisti de costurar, depois que quase estraguei uma peça de roupa de tão errado que eu fiz a marcação de costura. Tentei criar alguma coisa no papel, mas o desastre foi quase idêntico ao feito na máquina. Deixei minhas coisas do trabalho atiradas de qualquer jeito e fui para a sala.

Minha ansiedade não melhorou muito, fiquei na internet nos portais de notícias, os sensacionalistas, blogs de humor e nada prendia a minha atenção. Procurei por algum filme nos *streamings*, mas a situação foi a mesma. Nada chamava a minha atenção.

Realmente não está dando para manter a calma enquanto o Diego não voltar para casa. São e salvo. Contando tudo para mim, nos mínimos detalhes, do que aconteceu no seu primeiro resgate.

Estou quase pirando aqui sozinha. Até estava conversando com o ET, quando percebi que ele estava virando e bunda para mim, e não com a cabeça dentro do casco.

Dou um pulo de susto quando vejo a chama de vídeo no meu notebook. Pego ele no meu colo e aceito a ligação do pai, pelo menos vou conversar com alguém de verdade, e não com uma tartaruga esquisita.

– Oi, pai! Oi, Rique!!!! – Sorrio para a tela em ver o meu véio com os braços ocupados com um Henrique acordado com os olhos estalados.

– Oi, filhota. Oi, maninha!

Ahh que lindos! Que saudade destes dois. Não faz muito tempo que os dois saíram aqui de casa e eu já estou morrendo de vontade de vê-los novamente.

– Como vocês estão. E olha ali quem está escondida. – Vejo a Bianca, afilhada dele ao longe. – Oi, Bibi!

Ela corre em direção aonde o pai está, e logo atrás o Otávio aparece junto.

– Invasão dos pequenos hoje? Oi, Tavinho!– Aceno para os dois que me respondem ligeiramente.

– Sim. A Bibi disse para a Liv que queria ver o bebê, que para ela é uma boneca, e o Otávio estava junto lá. A Carla e a Liv estão trocando figurinhas em algum lugar da casa e eu estou aqui.

– Tia, Lu! – Bibi fica de pé na cadeira e coloca o rosto bem na frente da câmera. – Boneca!

Começo a rir quando ela se refere ao Henrique como uma boneca.

– Desce, Bibi. – Meu pai ajuda ela, com uma mão a se sentar novamente. – E o Rique é um bonecão. Eu dei uma boneca estes dias para ela e agora ela acha que o Rique é um para ela também. Disse que quer levar ele para a casa dela e tudo. E o Otávio disse que o berço dele é

igual ao do Rique.

– Sim! – Otávio fala animado para a câmera.

– E o Rique, como está?

– Lindo, de barriga cheia e de fralda limpa. Daqui a pouco ele vai dormir, para acordar quando a gente for deitar, para o nosso desespero. – Noto as olheiras já começando a aparecer no pai. – E aí o baile começa e vai até altas horas da noite, o avô dele disse que vai manda um carro da polícia para cá para controlar o som alto desses bailes.

E eu começo a rir.

Carla e Liv se juntam a *live* que estamos fazendo. Isto me ajuda a passar o tempo e eu esquecer um pouco do Diego. Mas só um pouco. Assim que me despeço dos cinco, rindo da Bibi falando que ela dava banho nas bonecas dela e queria dar um no Rique, eu volto a olhar no relógio e ele, para o meu desespero, levar três vezes mais tempo que o normal, para dar uma volta completa.

Aí neste momento eu me larguei para as cordas, deixei o notebook em cima do sofá e fui para o quarto. No escuro, só com a luz do meu telefone e com os fones de ouvido para ficar olhando vídeos idiotas no *Youtube*. E quando o sono chega, eu largo tudo e consigo adormecer com alguns sonhos estranhos.

No momento em que eu escuto o barulho da minha fechadura eu desperto totalmente alerta. Pulo da cama rapidamente e quando encontro o Diego na metade do caminho para o meu quarto, eu me atiro nos braços dele. Mal dá tempo dele me segurar pela cintura e eu entrelaçar as minhas pernas no seu corpo.

– Di! Di! Di! – Repito o seu nome e o beijo repetidamente. – Está tudo bem contigo? – Pego o seu rosto e viro para todos os lados em busca de algum machucado visível.

Passo as mãos no corpo dele, para ver se noto alguma coisa diferente, já que neste ponto eu sou uma perita em desbravar.

– Me fala de uma vez!

– Se tu me der espaço para eu respirar eu consigo, Luiza. – Ele ri daquela forma que só ele consegue e me carrega para o quarto.

Diego me coloca em cima da cama e se senta ao meu lado. Começa a me contar os acontecimentos nos mínimos detalhes, e quando ele esquecia, eu perguntava para que ele me contasse.

– Confesso que não esperava nada deste tipo.

– Concordo. Foi fácil.

– Para a minha sorte de principiante, acho que sim. Mas eu tive a ajuda do Alexandre e o Bruno. Eles já estão mais acostumados a fazerem isso e muita prática. Fiquei só observando tudo que acontecia. Só no final, como eu disse, que deu aquele susto, mas tirando isso.

– Que todos sejam assim, então. – Sorri para o Diego que coloca a mão no meu rosto delicadamente e me puxa para um beijo.

Nos beijamos até o Diego começar a explorar o meu pescoço com a maestria que só ele consegue. Nunca, desde que eu comecei a me relacionar mais fisicamente com outras pessoas que conseguiram me conquistar só com beijos como ele consegue.

É como se nos entregássemos de corpo e alma em todos os segundos que estamos juntos. Nada é mecânico. Tudo o mais natural e prazeroso o possível. Uma coisa rara de se sentir, e, principalmente, de se viver.

.

O mundo dorme ao nosso redor e eu sigo com os olhos bem abertos no escuro do quarto. Sinto as mãos e pernas do Diego encostados no meu corpo e a sua respiração rítmica no meu ombro. Me aconchego para mais perto dele e sou recebida por um gemido e um abraço mais forte.

Com as pontas dos meus dedos, consigo distinguir todas as feições dele. Suas bochechas, onde a barba cerrada começa a crescer, uma cicatriz mínima que ele conseguiu a façanha de se barbear sozinho pela primeira vez e tantas outras coisas que a gente só nota depois de algum tempo junto.

Quanto tempo faz que eu conheço o Diego? Uns dois anos? Sendo que até um ano e meio atrás eu morava longe daqui. Posso considerar seis meses de convivência quase direta. E o que eu posso dizer desses seis meses que eu o “aguento” diariamente?

Muita coisa. Coisas que eu nem percebia que sabia.

Como por exemplo. Ele não consegue comer se separar em partes no seu prato. Quando acorda pela manhã, a primeira coisa que faz é se esticar todo até estalar boa parte das costas. Depois que toma banho, deixa o banheiro seco e a roupa suja, dobrada dentro do cesto para lavar, geralmente eu soco as minhas sem nem perceber o que tem nos bolsos. Cansei de achar dinheiro boiado na máquina ou moedas batendo no meio do ciclo.

Passando das coisas superficiais, eu percebo um Di que quase ninguém vê. Aquele que se entrega de corpo e alma em qualquer situação que aparece na sua frente. Independente se alguém vai notar o seu sacrifício ou não. Hoje, vendo ele contar a história de resgate da criança, mais uma vez eu percebi este lado dele. O modo programado para proteger qualquer um que fique ao seu olhar.

No olhar dele, quando narrava, percebia cada um dos sentimentos que ele não consegue esconder. Desde a raiva em entrar e ser levado ao quarto pelo dono e responsável do estabelecimento. Sei que naquele momento ele teve vontade de sacar a sua arma e resolver aquela situação de uma vez por todas e de uma maneira definitiva, onde esse cara nunca mais colocasse alguma criança em risco novamente.

Também não pude deixar de notar o medo de que alguma coisa acabasse mal e ele, realmente, precisasse agir. Conheço o Diego muito bem para conseguir entender o dilema moral que ele vive diariamente, e o que se passa na sua cabeça cada vez que ele puxa o gatilho da sua arma.

Com certeza, esse Diego é um caso raro. Mesmo eu tendo em casa um exemplo de homem, como o meu pai, sei que o Diego ainda consegue, em alguns pontos, ser imbatível. Ou talvez, a similaridade das almas de ambos, criou essa situação inédita.

O pai apaixonado pela Carla, aquela que cresceu embaixo dos cuidados do Diego, e eu, completamente de quatro pelo Diego, depois de ter vivido toda a minha vida sobre os cuidados do seu Luiz. Vivi em uma casa/família onde o uso de armas de fogo eram vetadas por completo. Nunca vi meu pai ou meus dindos em posse de uma. A primeira vez que vi uma arma mesmo, foi com o Diego a portando aqui dentro do apartamento.

E conhecendo os pais e a criação que o Diego teve, sei que a Lúcia, nunca deixaria o Rogério expor as suas armas para ele e a Carla. A segurança da família vem em primeiro lugar, sempre. E estar atrás de uma arma apontada para alguém, é a situação que ele mais detesta e, ao mesmo tempo, acha importante.

A primeira vez que vi o Diego em um estado deplorável, sentimentalmente, foi quando ele havia saído em uma missão e acertado um dos traficantes da favela em que ele trabalha. Foi um choque e tanto para mim estar ao lado de um Diego que era capaz de tirar uma vida.

Eu sei, e entendo, que não era uma vida inocente. O cara em questão tinha uma ficha criminal quilométrica e estava disparando contra eles sem dó nem piedade. E depois que o remorso do Diego passava, a raiva com a situação que ele lidava vinha à tona com força total.

A comparação dos marginais com insetos e que precisavam ser eliminados me chocou à primeira vista. Confesso que o meu mundo cor de rosa deu uma escurecida grande depois que comecei a escutar certos relatos. Pessoas que maltratam mulheres, crianças, estupradores, assassinos e tantos outros delitos que cometem e saem impunes.

O questionamento do Diego, sobre a sua prática me fez abrir os olhos para outra realidade, tão distante, e ao mesmo tempo, tão perto de mim. Eliminando um, quantos outros não são salvam? Quantas vidas de pessoas não são salvas com a eliminação de um cabeça? Quantas crianças ficarão longe das drogas e deixarão de praticar crimes que expõem a sua e, indiretamente, muitas vidas ao redor?

Este questionamento moral me fez ver o Diego com outros olhos. Aqueles que entende o dilema que ele vive diariamente. E agora, mas que nunca eu o entendo como ninguém, apesar de nunca estar na sua posição, percebo a sua dor e a briga moral em função disso.

E em posse desta verdade, conhecer os dois lados dele me faz ter mais vontade de estar ao seu lado. Ficar, cuidar e consolar cada vez que ele passa por uma situação como esta. Porém, isso tudo gera um questionamento mais profundo.

Uma coisa é estar de “caso” com o Diego. Dormirmos juntos e compartilharmos um segredo que ninguém mais pode saber. Já bem diferente, é o caso de estarmos juntos de corpo e alma, sem nenhuma complicação. Deixando assim todo o trabalho que eu citei lá em cima mais fácil.

Com certeza essa é uma batalha que eu, principalmente, tenho que me concentrar e ver o que eu quero da minha vida. No início era para ver se ia dar certo, e agora eu tenho a certeza que está dando certo. Minhas aventuras nunca passaram de simples diversão, quase nenhum sentimento envolvido entre as partes. Já aqui a história é completamente diferente. Sinto que o

meu coração e o meu cérebro andam em uma sintonia inexplicável e com sentimentos que eu não consigo colocar em palavras.

Um misto de felicidade, ansiedade e um frio na barriga constante. E a mistura de tudo isso me faz ver como a mistura dos sentimentos que estou sentindo me afetam.

No nosso caso, nada disso fazia parte do acordo. Era para ser uma coisa simples e sem muitas amarras, e está chegando a um ponto que eu não consigo mais encontrar o limite um do outro.

Capítulo 21

– Bom dia, Ferrugem. – Olho para o Diego de canto de olho.

Ele se aproxima de mim, me abraça por trás e beija o meu pescoço.

– Já disse para ti não me chamar assim. – Digo emburrada e volto a tomar o meu café.

Diego se espreguiça na minha frente, dá a volta na mesa e vai até a máquina de café se servir. Com certeza é uma visão e tanto ele só de bermuda de manhã cedo assim.

– Conversei com o Miche e ele ainda está sendo chamado de ET nesta casa, então o Ferrugem permanece.

– Tartaruga boca grande! – Bufo para a minha xícara, escondendo o meu sorriso.

Tomamos café juntos, implicando e rindo um com o outro. Estávamos com um ótimo humor, e meio que acabamos saindo bem atrasados de casa depois de um logo banho à dois.

– Bom trabalho, Di. – Dou mais um beijo nele no estacionamento antes de entrar no meu carro.

– Para ti também, Ferrugem.

Nada como começar o dia com um belo sorriso no rosto.

Entre na loja cantarolando e na minha mesa exalando bons fluidos. Liguei o meu computador, comecei a trabalhar em alguns desenhos e nem notei o resto da manhã se esvaindo. Só percebi quando o meu estômago deu sinal de vida e reclamou por uma daquelas porções de massa. Nada comparada as que eu comia na Itália, mas a que tem aqui deve servir.

Saio para almoçar levando apenas o meu celular e o cartão do banco, me sento e quando começo a comer o meu celular vibra com uma mensagem do Maurício, meu primo.

Maurício <3: Lu, preciso falar contigo. Me liga quando puder, beijos.

Termino de almoçar e ligo para ele. Sempre tive uma relação muito boa com o Maurício. O pai até pegava no pé dele com medo que nós dois tivéssemos alguma coisa. Mas nunca passou de amizade entre primos mesmo. Maurício é alguns anos mais velho que eu, muito me levou para sair na noite e ainda me cuidava nas festas. Quando eu sai de casa, ele foi o primeiro a me visitar e ficar um mês comigo na Itália. Aproveitamos muito! E sempre que precisamos de um conselho, recorremos um ao outro.

– Oi, Maurício! – Digo alegremente para o meu primo!

– Lu! Que saudade, prima! Como tu está?

– Bem e vocês aí? Recebi a foto de ti com o Rique. Aliás, o que eu mais tenho no meu celular agora é foto dele.

– Imagino, o dindo não sai da volta dele com o celular tirando foto, a Carla tem que esconder o telefone dele.

– Ahhh eu não duvido mesmo! Ele sempre foi um babão de marca maior. Agora deve estar bem pior! Mas e aí, o que me conta de novo?

Maurício fica em silêncio por alguns instantes e eu já imagino o que seja.

– Vocês terminaram mesmo? – Minha voz sai mais alto um pouco que um simples sussurro e o Maurício suspira do outro lado da linha.

O namoro dele era estranho. Já fazia um bom tempo que eles andavam juntos e nunca passava disso. Sei que não sou a melhor pessoa para dar conselhos sobre namoro, até porque eu pego as escondidas o cunhado do meu pai. Mas no caso dele é que todo mundo sabia que eles andavam juntos, mas não assumiam e nem se separavam, até então.

A guria era estranha, e o Maurício sempre foi todo coração. E cada vez que eu via o meu primo, sentia a sua tristeza em saber que ela não correspondia aos mesmos sentimentos que ele. Com certeza o Mauricio merece coisa bem melhor do que aquele que ele estava.

Escuto ele se lamentar por alguns segundos, me corta o coração em saber que ele estava com planos até de casamento! Estava esperando a oportunidade certa, eles se reestabelecerem para propor e agora tudo foi por água abaixo completamente.

– Ahh, Maurício, eu sinto muito. Sei que tu gostava demais dela, mas pensa pelo lado bom, agora tu vai poder ficar mais aliviado, não precisa ficar te remoendo pelas brigas diárias e essas coisas.

– Eu sei, Lu. Estou tentando pensar por este lado, mas dói ainda. Eu amava ela e agora... – Ele suspira.

– Vamos pensar pelo lado bom agora, ok? Tu não estava querendo dar uma guinada na tua vida? Agora é a hora. Vai criar coragem, tirar um ano sabático e fazer o mochilão pela Europa com a tua guitarra. Tu sempre quis isso!

– Pensei nisto, mas acho que já passou a idade.

– Nunca tem idade para essas coisas! Vale a pena pensar nessa possibilidade, Maurício!

– Eu sei, prometo que vou manter isso em mente, mas tem outra questão. O pai e a mãe.

Chego a revirar os olhos para o nada ao escutar isso. Acredito que seja um mal de família. Todos os filhos sempre se preocupam demais com os pais. Até a Júlia, está sempre em função com o Dindo Beto e a Dinda Vivi, e olha que ela tem apenas 17 anos. E o Diego não poderia ser diferente.

Filho mais velho do filho mais velho. O que tem o “legado” de manter o sobrenome Lavorini em circulação pelo mundo, sem contar com a responsabilidade com a escola que o nosso avô fundou.

Meu pai sempre foi a ovelha negra da família e rebelde. Pulou da barca assim que percebeu que ele tinha grandes chances de ficar trancado dentro de uma sala resolvendo problemas burocráticos. E, como todo mundo sabe, o meu pai tem a alma livre e gosta de ajudar as pessoas de outra forma. Por isso se rebelou e disse que não iria ficar enfurnado naquela escola.

Deixou tudo para o meus dindos, Gê e Beto, que assim como o meu avô, dedicaram a vida em prol da educação de milhares de crianças e adolescente. Não é à toa que a escola recebe todos os anos diversos prêmios de excelência de ensino do maternal até o final do ensino médio, contando hoje até com cursos extensivos pré-vestibular. Uma potência e tanto.

Por conta de todo este legado, o Maurício, angariou as dores da família e também está indo no mesmo caminho que o seu pai. Se tornar um administrador da escola e transformá-la, a cada ano que se passa, na melhor da cidade, sinônimo de referência.

Claro que este nem sempre foi o sonho dele. Maurício sempre sonhou em sair pelo mundo com a sua guitarra nas costas e tocar nos quatro cantos. E sempre foi adiando em função da escola. Para conciliar o amor com a “responsabilidade”, fez faculdade de licenciatura em música. Dá aula desde que se formou com o intuito de ser um administrador que vive na pele o que um professor sente. E claro que isso foi uma jogada de mestre e tanto. Os pais adoram saber deste quesito, e os professores da escola veem que o Maurício não ganha nenhum tratamento especial por ser filho de um dos donos.

– O que tem eles? – Questiono.

– A mãe surtaria, em primeiro lugar, tipo o dindo Luiz quando tu foi para a Europa. E o pai quer me dar a responsabilidade de uma escola. Lembra do assunto dele com o teu pai e o dindo Beto de comprar uma escola numa cidade pequena para administrar? Meio que formar uma cadeia e espalhar o método Lavorini de ensino.

– Lembro vagamente. Não era na cidade que a Elis morou?

– Esta mesmo. Parece que as negociações estão a todo vapor e vai sair.

– Ahhh, que legal! Já é uma grande mudança!

–É... – hesita – naquelas, né. Cidade do interior, sem nada para fazer, só trabalhar e lecionar música. Vou ter que abandonar as minhas turmas aqui, que já estão há anos comigo e...

– Para de pensar nisto e pensa em ti. Uma mudança e tanto, primo! – Tento alegrar ele com o meu tom de voz. – Pode ser assim tu consiga parar de pensar nela. Ou melhor, encontre uma que a coloque no chinelo! Aí sim eu vejo vantagem.

A risada do Maurício me faz relaxar um pouco. Conversamos mais alguns assuntos, voltamos a falar no meu irmão e como ele é fofo, bonito e vai fazer os cabelos do pai ficarem brancos mais rápido que ele espera.

– E tu, quando vai vir para cá? – Ele me pergunta lá pelas tantas.

– Eu e o Di vamos no feriado, nem sei quando vai ser, ele que comprou as passagens.

Maurício solta um “hmmmm” cheio de significados estranhos.

– Hmm, o que? – Indago.

– Já pereceu que agora não é mais “eu” e sim, “nós” ou “eu e o Diego”, Luiza? Desde que eu atendi o telefone é isto. Diego e eu, eu e o Diego – ele cantarola. – O que está, realmente, acontecendo com vocês dois aí?

Pisco para o nada e fico muda. Vasculho uma desculpa plausível na minha mente e largo a primeira que me aparece.

– Ficamos tanto tempo juntos que já virou costume. E sempre que o pai ou a Carla liga é a mesma coisa, eles perguntam por “nós” e não uma pessoa distinta.

Falo com a melhor entonação e normalidade que eu consigo forjar.

– Sabe que isto não cola, não é? Especialmente comigo, Lu. Conheço o que se passa nessa cabeça brilhante desde que eu ajudava a tua mãe a trocar as tuas fraldas. Sem contar as diversas vezes que eu te acobertei quando tu dizia que ia sair comigo e no meio da festa sumia.

Opa...

– Isso é recíproco, Maurício. Quantas vezes eu te acobertei e não cobre nada em troca. O mínimo que eu esperava era a parceria entre primos.

– Ahh claro, a parceria que no momento que o teu pai soube que eu estava solteiro já me lançou uma indireta para não correr atrás de ti. Eu tenho certeza que ele pensa que nós tivemos um caso de tantas vezes que nós saímos juntos. E agora eu quero saber a verdade, sem enrolação, o que está rolando aí contigo e o Diego?

Ahhh, droga! Eu detesto o meu primo neste momento. E também sei que ele não vai me deixar em paz até descobrir a verdade. Ainda bem que eu posso confiar nele de olhos fechados. Nossa diferença de idade nunca foi um empecilho para isso. Quantas vezes eu sumi nas festas para ficar com algum guri em um lugar mais calmo, e ele me acobertou, jurando de pé junto para o meu que eu não tinha saído do seu lado nas festas. Assim como ele dava as suas escapas.

Sem contar que ele foi o guardião de grandes segredos meus, desde a minha primeira decepção, primeiras vezes, e só eu sabia quando uma ex-namorada dele pensava que estava grávida em um momento de quase surto coletivo entre nós três. E nem preciso saber do alívio em descobrir que era um alarme falso.

– Vamos lá, Luiza... Desembucha, te abri o meu coração e agora preciso saber...

– Está bem! – Cedo. – Mas isso é segredo de estado, ok? Uma palavra sobre isso e eu espalho os teus podres por aí.

– Ok, prima. Minha boca é um túmulo.

E depois dessa confirmação, eu conto a história minha e do Diego. Começando quando nós nos conhecemos até os dias de hoje. Deixei de lado a nossa função com a organização que resgata e cuida de crianças em zonas de risco. Esse é um segredo só meu e do Diego.

– Ahhh eu sabia que tinha alguma coisa entre vocês dois. Só não imaginava que foi quase que instantânea e começando a se resolver nos dias de hoje. Legal, Luiza. O Diego é um cara ótimo, todos falam bem dele e a Júlia tem uma paixão adolescente por ele.

– Eu já suspeitava, ainda mais com o Diego nadando lá em casa só de bermuda. Ninguém resiste mesmo. – Sorrio imaginando um Diego todo molhado saindo lentamente de uma piscina vazia somente comigo sentada em uma espreguiçadeira tomando um sol.

Uma fantasia com boas chances de se realizar...

Capítulo 22

Por Diego

Saio da cama deixando a Luiza ainda dormindo. Malho até começar a sentir o meu corpo doendo e tomo um banho para tirar o suor.

Enquanto tomo o meu café, deixo baixando no celular todos os vídeos, fotos e áudios que a Carla e o Luiz me mandaram nas últimas horas. E ainda não sei como eles conseguem mandar tanta coisa de uma criança tão pequena como o Henrique. Agora eu entendo porque a Carla comprou um porta-retratos digital para a nossa mãe, impossível escolher somente uma foto dele para deixar exposta. Todos os dias, ela ou o Luiz atualizam as fotos e a mãe deixa rodando em looping na sala. Se deixar, ela leva até para o quarto para acordar e dar de cara com o Henrique.

Paro para olhar um vídeo em especial. Provavelmente gravado as escondidas da mana, onde ela está conversando com o Henrique baixinho, e pelo visto, ele está hipnotizado no que a sua mãe fala. Carla pega a sua mãozinha, beija repetidamente e interage com um sorriso no rosto tão feliz que eu fico contagiado pelo seu sentimento. Ela sorri, encosta a ponta do seu nariz no rostinho dele e fica assim por um bom tempo, até ela olhar para o Luiz e sorrir de uma forma que me deixa sem palavras.

Às vezes, ver a felicidade de quem amamos importa mais do que a nossa mesma. E vendo estes vídeos diariamente da Carla com o meu sobrinho é a prova viva disso.

Quando estou terminando o café, percebo uma Luiza sonolenta se arrastando até a cozinha. Ela senta no meu colo sem cerimônia nenhuma e se pendura no meu pescoço, fechando os olhos e querendo dormir mais um pouco. Distribuo alguns beijos pelo seu rosto e ela geme de incomodada.

– Bom dia, Ferrugem.

– Dia, Di. – Sua voz de sono e ela esfregando o nariz no meu pescoço me faz rir.

– Como passou a noite?

– Queria que ela fosse mais longa, assim ainda poderia estar na cama contigo. Volta para cama comigo, está cedo demais. – Choramanga.

Minha vontade era fazer isso mesmo. Carregar a Luiza nos braços, colocar ela no meio da cama e ficar lá com ela, até não termos mais forças para fazer mais nada. Mas, infelizmente, querer não é poder, o tempo aqui está contado e eu preciso ir trabalhar.

Para amenizar a minha vontade, tomo um impulso e carrego a Luiza até a cama novamente, ainda está muito cedo para ela levantar e ir trabalhar. Luiza cai na cama rindo e não soltando o meu pescoço.

– Agora sim. – Luiza sorri para mim, e mais uma vez o meu dia é derrubado por um sorriso de uma mulher.

– Só vim te trazer para a cama. – Falo, mas ela não me larga.

Luiza me prende por entre as suas pernas, me pegando desprevenido, pelo soco no estômago do seu sorriso, misturado aos seus cabelos, cor de ferrugem, que se iluminam com os

poucos raios de sol que entram pela janela. Tenho a certeza de que nunca vi uma coisa tão bonita na minha vida.

Se a Luiza sonhasse de que ela é a mulher com quem eu mais me sinto confortável por estar ao seu lado....

Nunca fui um santo, confesso com um pesar no coração. Sei que aprontei muito durante a minha adolescência e início da vida adulta. E quem eu estou querendo enganar, até poucos meses antes da Luiza vir para cá eu não conseguia me relacionar por mais do que algumas semanas com a mesma mulher.

Quantas vezes eu tive que pedir ajuda da Carla para me livrar de alguma que queria “colocar coleira” em mim. Até hoje ela me joga isso na cara quando tem chance. Mas uma coisa eu não posso negar, nunca fiz promessas. Em nenhum momento deixei de ser sincero para todas as mulheres com quem eu já sai. Não era uma coisa duradoura, e no momento em que acabasse, era o ponto final mesmo.

Sei que isso é irônico da minha parte, mas eu mataria qualquer cara que fizesse isso com a Carla. Deixaria pedaços dele espalhados no asfalto, ou daria uma bela surra, como eu fiz com o ex-namorado dela que a engravidou há anos atrás. E não posso negar em dizer que prometi a mesma coisa para mim, caso o Luiz brincasse com o coração frágil da minha irmã. Sorte dele que nunca fez nenhum mal para ela.

E como castigo, um belo e com cor de ferrugem, castigo, eu fui me envolver justo com a filha dele. Ahhh, destino seu filho da mãe, nem sabe a raiva que eu tenho de ti!

Devido a nossa proximidade, as coisas mudam por completo. Luiza conhece mais de mim, muitas vezes, antes mesmo do que eu. Isso me encanta, e, ao mesmo tempo, me assusta de uma forma surpreendentemente positiva. Depois que sai de casa e vim para cá, não fiz muitos amigos, e as amigas... bom eu já disse o que acontecia com elas... E tem coisas que eu não posso contar para a Carla com a mesma facilidade que eu conto para a Luiza. Ainda mais as coisas que eu faço/fiz para protegê-la e r os nossos pais.

Agora, tendo a Luiza como cúmplice, amiga, companheira, confidente e sei lá mais o que dividimos, a outra face da moeda começa a aparecer mais nitidamente. Pode parecer loucura da minha parte, mas tem dias que eu conto os minutos para sair do trabalho e reencontrar a Luiza. Nem que seja para me xingar por ter deixado o Miche mais uma vez aos seus cuidados, ou a roupa que eu esqueci que era a minha vez de recolher do varal. E também, do sorriso dela contando alguma novidade, ou ao meu lado babando nas fotos do Henrique e vendo a felicidade da minha irmã e do seu pai como expectadores de camarote VIP.

Me preocupo com ela, e sei que ela se preocupa comigo na mesma intensidade. Sinto isto a cada dia que eu demoro para voltar e sou recebido por uma Ferrugem assustada e quase fazendo eu dar uma volta por completo para analisar se não está faltando nenhum pedaço de mim. Da mesma forma que eu fico ligando para ela quando chego primeiro, querendo saber que horas ela vai chegar em casa. Eu e o Miche ficamos em alerta total, sentados no sofá, esperando pelo “oiiii, Diiiii!”, que ela solta todas as vezes que chega em casa e se atira nos meus braços.

E vou ser altamente hipócrita se eu não disser que todas as vezes que ela faz isso, meu mundo fica mais completo.

Caio em cima dela a fazendo perder o ar e ficar mais perto de mim. O cheiro dela me intoxica de uma forma quase letal, e quando ela encosta a boca na minha eu percebo que vou chegar atrasado no trabalho.

,

Sento na frente do meu chefe e fico mais à vontade do que estar alerta todo o tempo que estou fazendo rondas.

Conversamos sobre algumas coisas triviais do trabalho, como alguns relatórios e escalas de serviço, até chegar no ponto principal do chamado urgente na sua sala, depois que troca de plantão começou e a interrupção do nosso assunto é quase nula. Os colegas estão mais interessados em contar as novidades do dia para os outros do que repassar algum recado ao chefe.

– Vamos ter um resgate em poucos dias. – Ele fala olhando diretamente para mim.

Aceno com a cabeça e questiono.

– Vou com o Bruno e o Alexandre?

Gostei dos dois, e cada habilidade que um possui forma um trio pronto para qualquer empecilho. O Bruno com a oratória de um juiz renomado, pode fazer qualquer marginal sujar as cuecas com o que acontece com pessoas do tipo deles nas cadeias, o Alexandre com a habilidade de nocautear qualquer um, independente do porte, com um simples golpe, e eu... Ainda não tenho uma especialidade, mas sei que deve ser algo com estratégia de ação. Pode não ser de grande importância, mas já vi colegas em situações de perigo por não conseguirem formar uma estratégia de combate sob pressão. O pensamento rápido para avaliar as possibilidades de combate e fuga, conta muito nestes momentos.

– Não. Não vai ser eles que irão fazer esse. Preciso de ti, e da Luiza em outra função desta vez.

Acho que nunca vou conseguir ficar tranquilo em saber que a Luiza está envolvida nesse meio todo. Eu já estou calejado de correr perigo pela vida dos outros, mas ela não. Se eu já fico todo desconcertado quando vejo ela machucada por uma faca que eu afiei e ela se cortou, superficialmente, quem dirá sonhar com alguma coisa pior que isso.

Porém, engulo a minha paranoia básica e deixo para expressar ela depois que eu sair daqui. No momento só foco na conversa com o meu chefe.

– Preciso de um guardião intermediário. Ficar com a criança até tudo ser resolvido.

– Assim como ficamos com a Cecília. – Concluo.

– Exatamente. Por isso te chamei, preciso saber se tu tens planos ou algo do tipo que impeça este lar temporário.

– A princípio não temos nada programado.

– Certo, então vou escalar vocês como guardiões intermediários. Quando chegar a hora vou ter mais detalhes. – E eu entendo o recado que o assunto acabou.

Levanto da cadeira e saio da sala do chefe. Vou para o vestiário e troco de roupa, já começando a imaginar tudo que vai acontecer no período que vamos ficar de intermediários.

Dou uma checada no meu celular, vendo o número de mensagens da mana só aumentar desde a última vez que eu o vi, e saio para casa.

No caminho, começo a ficar mais relaxado por ter deixado o perigo, aparentemente, longe. O clima, depois do último ocorrido, e de quase paz. Nunca vai ser de paz exatamente, sempre há queixas de vendas de drogas ao ar livre, brigas, roubos, assassinatos e violência contra a mulher. Infelizmente, já chegamos a um patamar, onde há uma meta para cada um destes delitos. Se ultrapassam a meta, é hora de agir, e se ela está controlada e abaixo da esperada, é considerada como trégua.

Detesto viver sobre estas normas no trabalho, quebrar as regras impostas e passar a mão por cima da cabeça dos que a infringem. Dizem que a justiça é cega, mas cada dia eu me convenço mais que ela é míope e que não enxerga nada mais além do que o seu próprio nariz. Ou talvez, até alguém a presentear com um óculos descartável e caro, por assim dizer....

Deixo o meu carro estacionado ao lado da vaga vazia da Luiza e subo para o meu apartamento. Encontro o Miche aproveitando os últimos raios de sol em cima da sua pedra favorita e me aproximo do seu aquaterrário.

Converso com a minha tartaruga perguntando como foi o seu dia, e como resposta, vejo ele esticar o pescoço para fora do casco. Pego ela na mão, tiro uma foto satirizando que também estava cuidando do meu filho e mando para a Carla. Se ela pode me mandar foto amamentando o Rique, também posso mandar do Michelangelo no meu ombro.

Somos uma dupla tão fofa quanto eles.

Ligo a TV, depois de devolver o Miche para a sua pedra, e deito no sofá para descansar um pouco. Fecho os olhos por alguns segundos e quando os reabro, sorrio para a pessoa que está montada em cima de mim.

– Oiiii, Diii! – Mais uma vez, os raios de sol iluminam aquele cabelo cor de cobre o deixando mais parecido com ferrugem do que de costume.

E novamente, eu me perco na imagem da Luiza tão próxima de mim com o seu sorriso contagiante.

Capítulo 23

Por Luiza

– Ai, droga! – Vejo o sangue no meu dedo e desisto de costurar na máquina, daqui a pouco é capaz de eu costurar a minha mão junto.

Levanto da mesa e vou até o banheiro para lavar as minhas mãos. Olho no relógio e ainda falta uns quinze minutos para o Di chegar em casa, pela última localização que ele me passou.

Sento no sofá e observo o Miche andando, calmamente, por dentro do seu aquaterrário. Aí eu me pergunto, como ele consegue ter essa paciência toda? Eu mesma estou quase morrendo aqui e queria ter 10% desta paciência que o Michelangelo apresenta. Ainda mais hoje que eu e o Di vamos receber uma criança para abrigar por alguns dias até tudo estar certo para o seu destino final e novo.

A princípio, tudo deve ocorrer como foi com a Cecília. E eu até ganhei uma semana de folga, vindo direto da central na Itália. Recebi a notícia depois de uma vídeo-chamada para passar o relatório do mês. Depois de verem que eu, no comando da loja, havia dobrado o faturamento de seis meses em apenas dois, ganhei um bônus.

Vou passar a semana em casa, com esta criança que ficará aqui por alguns dias. O Di até gostou da notícia, já que ele queria mudar o plantão dele para a noite para nos reversarmos. Ele ficava a noite e eu pelo dia. No final, tudo se encaixou perfeitamente.

A porta se abre e eu sorrio para um Diego com cara de cansado.

– Oiii, Di! – Ele larga uma mochila no chão de qualquer forma se aproxima de mim e me beija.

– Oi. Tudo bem? – Ele se atira no sofá ao meu lado e eu quase sento no seu colo o escalando.

– Tudo ótimo, só quase enfiei uma agulha no meu dedo, queimei uma panela de comida e quase coloquei fogo no apartamento.

Diego ri do meu comentário e eu ainda acrescento.

– Estou falando sério, quase sai correndo do apartamento a procura de um extintor do corredor.

– E ia deixar o Miche aqui? Ou viu isso, Miche? – Diego se volta para a tartaruga que não está nem aí para a nossa conversa. – Ela ia te deixar aqui no fogo.

Reviro os olhos.

– Ele está uma tartaruga ninja e não um squirtle, Pokémon de água.

Agora eu entendo quando a Carla reclama que às vezes o pai é pior que criança, já que o irmão dela também parece uma.

Diego continua a rir e quando ele para, olha sério para mim.

– Está nervosa? – A voz dele assume um tom mais preocupado.

– Um pouco. – Assumo e vejo a preocupação nos seus olhos.

– Eu também estou, ainda mais que quando eu sai o meu chefe não estava mais, provavelmente estava se arrumando para agir.

E quando ele fala isso, a minha ansiedade se eleva ao triplo.

Diego sai para tomar um banho e quando volta, se junta comigo no sofá, liga a TV em algum filme aleatório e esperamos pelo sinal/ligação qualquer coisa que indique que a hora chegou.

Meus pensamentos voam léguas de distância, nem sei o que se passa na minha volta, de tão longe que eu estou. Fico pensando em quantas crianças há espalhadas por aí sofrendo abusos, desamparadas, como fome e machucadas a espera de um milagre que poderá salvar a sua vida.

Como novatos, eu e o Diego não temos a mínima ideia de como se acontece a escolha de cada uma delas. Será por aviso de terceiros, olheiros que ficam em zonas em busca de crianças que estão nesta situação ou simplesmente o acaso.

Sempre fui muito questionadora de saber como tudo acontece a minha volta e estar a cega nesta situação eleva todos os meus sentimentos ao máximo que eles conseguem ir.

Diego segura a minha mão e para amenizar os ânimos, puxa assunto.

– O que acha de darmos uma saída depois que isso passar?

– Que tipo de saída? – Respondo depois dele me cutucar e me perguntar novamente.

– Sei lá – ele dá os ombros. – Cinema, um barzinho ou podemos fazer alguma coisa diferente para variar um pouco da rotina do meu ou teu apartamento.

– Posso dar uma pesquisada nos bares aqui da volta. Desde que eu me mudei para cá não sai para lugares diferentes assim. Achei que ia aproveitar a noite, mas descobri a utilidade do meu pijama.

– Eu também, só saio quando a Carla me arrasta com o teu pai e eu fico olhando os dois pagarem mico naquele bar de sempre.

– Principalmente o meu pai. Ele nunca teve senso do ridículo, ainda mais quando já está com algumas na cabeça.

– Tenho acesso ao clube de tiro também, posso te ensinar a usar uma arma. – Faço uma cara de nojinho para ele. – Ahh tu faz isso porque nunca sentiu o peso de uma e a potência dela ao atirar. O tiro esportivo é bem legal. Se eu tivesse paciência poderia praticar tiro ao alvo. Sempre me dei bem neste exercício. – Ele faz uma arma com os dedos e atira para o imaginário.

Criança grande.

– Dispensio, por enquanto as aulas de tiro, mas gostaria de ver tu atirando. Deve ser uma vista e tanto.

– Então eu vou te levar quando tivermos um tempo. O campo é bem grande e tem um restaurante chic para os sócios.

Diego se empolga de uma forma que até a minha ansiedade chega a se passar com as suas

histórias. Parece eu quando começo a falar sobre moda, roupas e costuras. Um amor nato e que nos encanta de uma forma que ninguém consegue explicar.

Continuamos a conversar animadamente até o telefone do Diego tocar. Ele escuta atentamente e desliga o celular com um “sim, chefe”. Reconheço que chegou o momento e toda a minha ansiedade volta com força total. Diego libera a entrada deles pelo interfone e vai até ao elevador para esperar. Fico dentro de casa, ao lado da porta e quando escuto os gritos, me assusto.

– Me solta, seu filho da puta! Tomara que comam o teu...

– Continua essa frase e eu te machuco feio, cala a tua boca! – Escuto a briga e saio fora.

Encontro uma criança, completamente suja, rasgada e se debatendo todo ao lado de um homem que o carrega. Fico apreensiva e me intrometo.

Diego me apresenta ao Bruno, ao que parece, o mesmo que estava com ele naquele seu primeiro resgate.

Entramos dentro do meu apartamento e eu tranco a porta. Bruno carrega a criança pelo colarinho do que um dia foi uma blusa, quase enforcando a criança.

– Vocês vão ter que ter muita paciência para aguentar esse mal-educado aí. – Bruno fala olhando sério para a criança. – Ele passou o tempo todo me chutando e querendo me morder.

– Seus putos! Eu vou matar vocês! Pegar uma arma e estourar os miolos de todos!

– Vai sim, mas só depois de tomar um banho!

E eu levo isso como incentivo para começar a me mexer.

– Vamos lá tomar um banho. – Digo sorrindo.

– Só se for para te afogar, sua puta!

Chego a dar um passo para trás com a agressividade.

– Hey, fala isso de novo e eu te deixo no meio da rua com os caras atrás de ti novamente! – Bruno fala ríspido e a criança se encolhe.

Coloco a mão no ombro dela e ele se encolhe mais. Diego e Bruno continuam a conversar e eu falo baixinho.

– Eu não vou te machucar. Quero te levar para tomar um banho e depois para ti comer alguma coisa. Está com fome?

Ele olha agressivamente para mim e eu mantenho o meu olhar calmo até ele acabar cedendo.

Levo ele até o meu banheiro e ajudo a tirar a roupa. Levo um susto ao ver as marcas vermelhas nas suas costas e o cheiro de quem não vê um banho a muito tempo.

– Quer ajuda para tomar banho? – Questiono e recebo um olhar mortal em minha direção.

– Não sou um retardado que não consegue tomar um banho sozinho!

– Ok... – me retiro do banheiro, mas não se antes escutar um “puta” baixinho.

Paro na porta e engulo o choro. Não vai ser uma criança que vai me abalar com comentários que ela fala sem ter razão nenhuma. Com toda certeza isso é reflexo da realidade que ele estava vivendo. Já ouvi milhares de teorias sobre isso e ouvi o pai me falando isso tantas outras vezes.

Respiro fundo, vou até a sala onde o Diego está fechando a porta e digo que ele está no banheiro.

– O nome dele é Jeferson. Tem dez anos e vive na rua desde os oito. A mãe não se sabe por onde anda e o pai era traficante que morreu em um combate com a polícia.

Fico estática com a revelação e o Diego continua.

– Ou seja, ele detesta todo o tipo de policial e vai me detestar. O chefe me disse que eu posso ficar em casa enquanto ele estiver aqui. Não é para te deixar sozinha com ele. Ia levar ele lá para cima, mas em função das minhas armas pelo apartamento prefiro deixar aqui. Vou pegar as tuas facas e tesouras para não ter perigo e...

– Ele é uma criança, Diego.

– Uma criança que estava convivendo onde assassinar é sinônimo de sobrevivência, Luiza. Ninguém sabe o que ele é capaz de fazer. Quando sair daqui vai ter um acompanhamento psicológico adequado, mas até lá todo o cuidado é pouco. Vai lá em casa e pega umas roupas para ele que eu fico aqui.

– Mas... – Tento argumentar e sou barrada.

– Por favor, Luiza. Eu posso me cuidar e não vou machucar ele, ok? Só conter se caso precisar. – Hesito. – Por favor, Luiza.

Suspiro e acabo cedendo.

Diego me abraça e a vontade de chorar novamente me atinge em cheio. Só de pensar no que esta criança já passou para ficar desse jeito me deixa completamente desarmada e sem esperança.

Saio de casa, após ser consolada pelo Diego e minha cabeça começa a fazer mil e um planos para que essa criança saia daqui com um novo futuro.

Capítulo 24

Por Luiza

Fico na porta do banheiro esperando o chuveiro ser desligado. Deixei algumas roupas do Diego para que o Jeferson depois que voltei do apartamento do Di. As roupas vão ficar grandes, pelo que pude olhar, uma perna do Diego dá as duas do menino. Trouxe algumas outras para ver se consigo desmanchar e adaptar.

Alguns minutos depois Jeferson sai do banheiro com outra aparência. Um cabelo molhado, um pouco comprido e o rosto sem as manchas de sujeira que eu havia detectado quando ele chegou. E nem falo nada do cheiro que ele estava, este de sabonete e xampu é bem mais agradável.

– Bem melhor agora, não é? – Sorrio, mas não recebo nada de resposta.

Decido mudar de tática, para ver se consigo alguma reação positiva.

– Com fome? Eu estava esperando para fazer umas batatas-fritas. – Todas as crianças, e adultos, amam batata-frita. É um prato sem erro.

Jeferson olha para mim, e através do seu semblante eu percebo a sua fome. Sinto uma facada dentro de mim ao imaginar tudo o que ele deve ter passado até chegar nas nossas mãos.

Diego ficou na sala ao telefone, quando eu questionei quem era, ele só movimentou os lábios formando um “chefe”. Deixei ele terminar a conversa e procuro o meu telefone para ver se o pai tinha mandado alguma coisa. Olho nos lugares que sempre deixo, como em cima do sofá, na estante e até ao lado da minha máquina de costura. E nenhum sinal dele.

Diego encerra a ligação e me pergunta o que eu procuro, e quando descobre a resposta, levanta rapidamente e vai atrás do Jeferson, que ficou no meio do caminho.

– Tu pegou o celular dela? – Questiona com um tom de voz e autoridade que eu desconheço por parte do Diego.

Com certeza deve ser o mesmo tom que ele usa quando está trabalhando. Como ele mesmo chama, a prepotência que a farda de policial carrega. Muitos usam para se manter a cima da lei, e causam problemas por ela. Simplesmente, alguns acham que só o fato de usarem uma farda podem se acharem os reis do universo.

– O que vocês vão fazer comigo? – Jeferson não se deixa intimidar com o tom utilizado pelo Diego e revida, como se já tivesse encarado essa situação diversas vezes.

– Eu perguntei sobre o celular. Onde ele está?

– Se me colocarem de novo na instituição eu vou fugir e vir atrás de todos vocês!

Diego dá um passo em direção à criança e eu me interveio.

– Di, por favor... – tento apelar. Já que nem sabemos mesmo se ele está com o meu celular ou não, posso ter deixado ele em qualquer lugar da casa.

– Olha aqui, guri. – Outra vez o tom do Diego sobe a um tom que eu não reconheço. – Estamos querendo te ajudar, te tirar das ruas e te dar uma família, ok? Agora, com esse

temperamento, a minha vontade é de te chutar para fora de casa e te deixar na rua. E tu sabe o que vai te acontecer se tu voltar para lá, não é?

– Diego, por favor... – Tento mais uma vez.

Sinto uma tensão diferente no ar. Como se ambos soubessem de alguma coisa que eu não tenho a mínima ideia do que seja. O clima pesado, e completamente inesperado, não reflete com o que eu esperava para esta noite. Mais uma vez, o meu mundinho cor de rosa perdeu mais um pouco do seu tom alegre.

Jeferson vacila no olhar penetrante do Diego, e eu vejo um pouco de terror refletido neles. Alguns segundos se passam até Jeferson sair em direção à cozinha e o Diego se sentar no sofá quase se jogando nele por não conseguir suportar o seu peso. Sento ao seu lado para ver se consigo acalmar a fera, ou pelo menos, entender o que aconteceu aqui.

– Tu vai dormir no meu apartamento. Ele pode ser uma criança, mas essa inocência dele foi corrompida há tempos. Não vou permitir que tu fique vulnerável sem saber o que ele pode fazer.

Sinto isso como uma ordem expressa, não um pedido ou favor. Simples, direta e sem direito a negociação ou argumentos.

– E tu? – Questiono preocupada, já que no fundo, sei que ele tem um pouco de razão. – Vai ficar como?

– Eu me viro aqui no sofá. Já estive em vigílias piores que esta. Não precisa se preocupar comigo, Luiza, deixa que eu me preocupo contigo. – Ele passa os braços pelos meus ombros em um abraço.

Fico alguns segundos dentro dos seus braços e o beijo.

– A situação é o seguinte, meu chefe me ligou para complementar as informações sobre o Jeferson. O pai era traficante, morreu em combate com policiais, e não deixou a situação dele bem resolvida com os fornecedores. A mãe dele sumiu e a probabilidade de ser encontrada mínima. – Chego a gemer de dor ao escutar isso. – E dívida aberta tem que ser paga. A história que está circulando é que querem o Jeferson para trabalhar para os antigos fornecedores do pai, ele já foi pego uma vez por eles, mas conseguiu escapar.

– E por que ele é tão rebelde? – Pergunto idiotamente, já que se ele não fosse assim, depois de tanta tragédia na sua pouca vida, seria um caso raro.

– Com certeza os antigos chefes do pai dele não eram tão amigáveis ao cuidar do guri. O colocaram como aviãozinho, entregador de droga, e viu as marcas no seu corpo, não eram de carinhos, Luiza.

– Meu Deus. – Enjoo sobe o meu corpo e eu levanto do sofá para caminhar um pouco.

– Estão à procura dele há mais de mês, neste meio tempo ele teve que se virar sozinho para sobreviver, provavelmente roubando algumas coisas, como celulares, vendendo por um preço baixo para conseguir comer. Foi pego roubando, levado à uma instituição de menores e conseguiu fugir. Por isso eu disse que ele pode fazer qualquer coisa, Luiza. Ele viu traficantes agindo desde que tinha a idade do Henrique praticamente. E esses mesmos traficantes usam armas que eu só vi no exército, e algumas delas, nem são regulamentadas no Brasil.

Diego levanta do sofá, assim como eu, e começa a andar de um lado para o outro, pensando em alguma coisa. Com toda a certeza do mundo, na enrascada que entrou, porém eu, penso completamente diferente.

– Vai dar tudo certo, Di. – Me aproximo dele e sorrio um pouco. – Ele vai sair desta vida, da rua e ficar longe de todos os perigos que estava correndo. Nós vamos ajudar a dar uma vida diferente para o Jeferson.

E eu vejo que isso não o convence como deveria. Às vezes a cabeça dura dele poderia servir como um martelo para construção civil, Diego consegue ser mais teimoso que o meu pai. Pego a sua cabeça e encosto na minha, olho no fundo dos seus olhos e repito novamente.

– Vai dar tudo certo, ok? Não tenho medo do Jeferson, ele pode ser uma criança rebelde, mas no fundo é porque está assustado com o aconteceu com ele. E ainda mais agora trancado aqui em casa sem saber o que vai acontecer com ele realmente, na sua cabeça, isso pode ser uma armação para que os caras lá peguem ele.

Diego repete o meu movimento e segura a minha cabeça, focando nos meus olhos.

– Eu sei, e uma pessoa acuada e com medo por fazer qualquer coisa, Luiza. Qualquer coisa. Nunca esqueça disto. Um olho na possibilidade de que tudo ficará bem e outro na que pode acontecer alguma coisa, me promete?

Tento me desvencilhar do cabeça dura, mas ele ainda é bem mais forte que eu.

– Por favor, Luiza. – Seu olhar implora pela minha resposta.

– Ok. – Digo enfim e vejo ele relaxar um pouco com isso.

Ele me puxa para um abraço apertado e beija os meus cabelos depois de um suspiro demorado. Ele pode ser um cabeça dura sem fim, mas ainda consegue me dobrar como ninguém.

Saio do seu abraço e vou até a cozinha, onde encontro o Jeferson encolhido entre o fogão e o canto da parede. Me agacho na sua frente e coloco a mão nos seus cabelos ainda molhados.

– Tudo bem, Jeferson. O Diego é assim mesmo. Ele não vai te machucar, nem eu. Eu te prometo. Só queremos cuidar de ti por uns dias, e depois que tu sair daqui vai ter uma vida diferente.

– É mentira! – Ele fala sem levantar a cabeça. – Vocês vão me levar para a instituição e lá vão me matar! Já me disseram isso!

– Ninguém vai te machucar, nem te levar para instituição de menores ou te matar. Somos todos teus amigos aqui. Queremos que tu fique bem e tenha uma vida nova. Já fizemos isso com outras crianças com situações semelhantes a tua. Há umas semanas com uma menina de dezesseis anos, e há poucos dias com um bebezinho. Todos eles estão com outras famílias, seguros e felizes. Agora é a tua vez.

Jeferson ainda fica na mesma posição, e eu vejo os seus soluços em um choro silencioso. Deixo ele pensando no que eu falei e começo a fazer o jantar para nós.

Minutos se passam e eu me concentro no que estou fazendo. Fico pensando em tudo que ele já passou e quantas crianças vivem como ele em situações de perigo constante.

É impressionante como escutamos isso na mídia todos os dias. Lemos em jornais e internet

e, muitas vezes, presenciamos no trânsito situações semelhantes. Nestes momentos, ficamos com a sensação de impunidade, mas na próxima notícia, ou paisagem, esquecemos dela. Só voltamos a reencontrá-la quando nos deparamos com a situação novamente. Agora, convivendo com a realidade quase que diariamente, sinto como se ela crescesse em mim de uma forma exponencial.

Andava me sentindo angustiada e aflita cada vez que o Diego me contava uma história diferente, e dignas de um livro policial, com os fatos mais estapafúrdios que alguém possa escrever. Por isso eu me atirei bem louca nesta possibilidade de poder ajudar crianças em situações como a da Cecília, Henrique, que de quebra ainda virou o meu irmão, e vou poder acompanhar todo o seu crescimento, e agora, o Jeferson.

Fazer o bem, sem olhar a quem. Como já diz o velho ditado que todo mundo já ouviu e deveria pôr em prática mais vezes. E saber que posso mudar a vida destas crianças para melhor é a esperança que me mantém.

Me viro para pegar alguma coisa, e levo um susto ao ver o Jeferson parado na minha frente. Os olhos vermelhos de chorar e uma expressão diferente de medo e agressividade. Quase como se um pouco da sua infância tivesse retornado ao seu semblante.

Ele enfia a mão no bolso das bermudas gigantes do Diego que ele está usando, retira o meu celular e me entrega olhando para o chão.

– Desculpa.

Sorrio ao ver o seu arrependimento e também com o coração bem mais aquecido com este pequeno gesto.

– Tudo bem. A partir de agora tu não precisa mais roubar. Não vai mais sentir fome ou frio nas ruas.

E eu vejo um pequeno ponto de esperança nos seus olhos.

Jantamos em silêncio, nunca presenciei a fome na minha vida como hoje. Jeferson comia tão rápido que eu estava com medo que desse algum mal súbito, ou ele estava receoso que tirássemos a comida da sua frente. Nós deixamos, e ainda ofereci para fazer outra rodada para ele, que aceitou entre uma garfada e outra.

Arrumei o quarto de hóspedes para o Jeferson enquanto o Diego arrumava o sofá. Dei uma boa noite para os dois, e em especial para o Diego na porta do meu apartamento com um beijo demorado. Subi o elevador vendo o vídeo que o pai havia me mandado com um sorriso emocionado no rosto.

A câmera liga completamente desfocada e entrando em foco aos poucos. Reconheço o banheiro do pai com a banheira armada e um Henrique tomando banho.

– Luiz, para de gravar e vai colocar roupa! Se tu ficar doente eu não vou cuidar de ti.

– Para, Guria. Tenho que fazer este vídeo para mostrar para os vizinhos. Daqui a pouco eles vão chamar o conselho tutelar para saber porque o Henrique chora como se estivesse sendo maltratado à noite. E se eu ficar doente a tua mãe me cuida.

– Não cuido nada! – Rio ao escutar a Lúcia gritando ao longe.

Meu pai resmunga alguma coisa e a Carla ri.

– Então, este é o Henrique tomando banho, depois de fazer uma sujeira daquelas que só ele consegue. Olhem como ele está quietinho, adorando o banho quentinho que nós preparamos para ele. Um anjinho, docinho de candura!

Carla termina de dar o banho nele e o pai entrega a toalha azul.

– Agora preparem para a transformação de um bebezinho lindo em uma coisa vermelha de tanto chorar e raiva porque tiraram ele do banho. – Carla levanta o Rique e o pai começa a contar. – Três.... dois... um...

Henrique começa a chorar aos poucos, aumentando o ritmo enquanto a Carla faz a travessia do banheiro para o quarto. Quando deita ele na cama, o pequeno já está um tomatinho de tão vermelho.

– Como vocês podem ver, um banho simples resulta na terceira guerra mundial aqui em casa! Calma vizinhos, o Rique só saiu do banho, não está sendo judiando nem nada. – E o choro continua intenso. – Ele só vai parar quando a Carla terminar o serviço e....

– Ahhhh, Rique, não! – O pai aponta a câmera para a Carla e eu vejo o jato amarelo em sua direção. – Luiz, para de gravar isso e me ajuda aqui que ele me mijou toda de novo!

E a gravação se encerra com a risada do meu pai.

Me deito na minha cama e os meus sonhos são habitados por um Jeferson sendo tão mimado como o Rique é pelo meu pai e a Carla. E este sonho eu sei que vai se tornar realidade, e eu vou fazer de tudo para que seja o mais rápido possível.

Capítulo 25

Por Diego

Estar de vigília é uma coisa que poucos realmente conseguem fazer. Dormir sem estar realmente dormindo. Um olho fechado e outro analisando o local que se está.

Fiz isso durante muito tempo, principalmente logo depois que assumi o cargo de policial federal. Colocavam os novatos para aprenderem a fazer vigília nos locais mais inusitados que pudessem. Teve uma vez que fiquei três dias no meio do nada, praticamente dentro de um buraco vigiando uma entrada e saída de contrabando. Sai quase catatônico lá de dentro, e meus dois companheiros quase pior que eu, mas no fim, era mais estresse psicológico do que cansaço mesmo.

Ficar atento a cada som, vibração do solo ou até mesmo a presença diferente dos animais da redondeza. Qualquer coisa fora do silêncio absoluto, ou os sons corriqueiros eram sinal para ficar alerta. Estávamos começando a ficar completamente paranoicos com até a nossa própria respiração.

Isto foi uma lição e tanto para mim, e aos logos dos anos, consegui desenvolver mais os meus sentidos de visão e audição em momentos como esse. Aprendi a distinguir sons ambientes, como a dos carros passando ao longe, a barulho do aquecedor do aquaterrário do Miche a alguns metros de mim e barulhos que os vizinhos fazem. E enquanto a noite passa, eu medito sobre os acontecimentos do dia.

Em primeiro lugar de todos, a segurança da Luiza. Ultimamente este tem sido o tópico cabeça de chave em todas as minhas ações diárias. Tudo que eu faço é pensando em protegê-la de alguma forma. Seja algum traficante que eu ajude a prender, ao viciado que bate carteira para sustentar seu vício. Cada um que passa por mim é um a menos na rua que poderá assaltá-la ou fazer algo pior. Pode parecer meio clichê, mas é a absoluta verdade.

E agora, mais que nunca, ela pode estar correndo perigo, e por uma ironia do destino, por minha culpa.

Sei que posso estar generalizando, mais que o aceitável, a situação do Jeferson. A Luiza pode estar completamente certa em me dizer que eu não devo tratá-lo desta forma por eu conviver com crianças da idade dele com a maldade estampada no seu rosto.

Mas, infelizmente, esta é a minha realidade e tem sido a mesma história por tantos anos. Criança largada à mercê da sorte, sem amparo nenhum e estrutura familiar, em quase todos os casos ela se perde para o mundo das drogas. Seja como viciado, ou traficante.

Nos meus anos de trabalho no meio, vi pouquíssimos casos onde as crianças, de famílias arruinadas pelas drogas, que conseguem ficar longe da tendência familiar. Os salvos casos são aqueles com muito apoio escolar, incentivo esportivo e artístico.

Por isso eu estou tão na defensiva. O histórico do Jeferson não é nada promissor, de acordo com o que eu já presenciei. E eu não consigo ficar descansado sabendo que não tenho a mínima ideia do que ele pode fazer. Já vi inúmeras crianças armadas, seja com armas de fogo, facas ou qualquer coisa, tão agressiva como um homem feito.

Ele vem de uma fuga de onde era maltratado e explorado. Pode muito bem imaginar que isso seja uma armadilha para que o peguem novamente e o levem para algum lugar e machucá-lo de verdade. E qualquer pessoa nesta situação, faz tudo para se libertar, inclusive machucar as pessoas que querem ajudar de verdade.

Escuto um barulho diferente e dou um pulo do sofá. Em alerta total. Caminho até o corredor e dou de cara com o Jeferson, com os olhos assustados para o meu lado.

– Eu... eu quero ir ao banheiro. – Ele vacila e me desarma totalmente.

– Tudo bem. – Mostro para ele o caminho.

Espero na porta ele usar o banheiro e quando ele sai olha para mim.

– É sério que vocês vão me dar uma casa? – Sua expressão me desarma completamente.

Mesmo no escuro, sendo iluminado apenas pelas luzes dos prédios vizinhos, Jeferson demonstra um semblante infantil.

– Sim. Tu foi resgatado para esta finalidade. É isso que tu quer? – Ele acena a cabeça rapidamente concordando.

– Eu vou me comportar, eu juro.

Passo a mão nos cabelos dele e o levo para a cama novamente. Volto para o sofá e esqueço que estou em uma vigila e apago completamente.

.

– Bom dia, Di!!! – Sinto alguma coisa pular em cima de mim e quando abro os olhos, só enxergo uma nuvem cor de cobre na minha frente.

– Bom dia, Ferrugem. – Aperto a Luiza nos meus braços.

Ela se enterra no meu pescoço e me abraça também.

– Que horas são?

– Cedo o bastante para ainda dormirmos mais um pouco. Tua cama é grande demais para eu dormir sozinha lá.

Luiza se aconchega nos meus braços e voltamos a dormir novamente no sofá.

Por Luiza

Continuo observando o Diego dormindo por um bom tempo. Me espreguiço no sofá e levanto para começar o dia. Ainda está cedo, o sol está entrando tímido dentro do meu apartamento, e o silêncio reina na absoluta paz.

Entro no meu quarto, e tomo um bom banho para começar o dia. Dou uma passada no quarto do Jeferson e encontro ele dormindo profundamente ainda. E isso me dá um ânimo novo para começar bem o dia.

Começo a preparar um café da manhã especial. O Jeferson vai ter todos os privilégios aqui

em casa para se sentir bem recebido e querido. Acredito que ele mereça todos os carinhos que eu tenho para dar para ele enquanto estiver aqui em casa.

Deveria haver uma lei, ou até mesma exista, mas que não é cumprida como se deve, onde todas as crianças devem ser tratadas como tal. Mimadas, educadas, amadas e sem nenhum perigo rondando seus sonhos. Isso deveria ser o básico em todo o mundo. Investir em saúde, educação, amor e todas as coisas que as crianças merecem nesta época. Elas são o futuro do nosso mundo, elas que cuidarão de nós quando envelhecermos, e como nos cuidarão se nem mesmo nós fazemos isso com eles?

Continuo a pensar em todas essas coisas e preparo umas panquecas. E quando está tudo pronto, escuto alguém caminhando pelo corredor.

– Bom dia, Jeferson, dormiu bem?

Ele olha para mim e balança a cabeça dizendo que sim.

Coloco um prato na frente dele e o sirvo com algumas panquecas e calda de sorvete de chocolate, já que foi a única coisa que eu achei mais parecida que calda mesmo. Me sirvo e sento ao seu lado.

– Pode comer, é tudo para nós. O Diego não gosta destas coisas.

E eu não preciso repetir novamente, Jeferson começa a comer e só para quando raspa o prato com a segunda servida. Completamente estufado e satisfeito. Diego chega no meio do café com uma cara de sono e prepara o seu sozinho. E depois que acabamos deixo a louça para ela e levo o Jeferson até a sala.

– O que tu quer fazer hoje?

Ele fica olhando para mim como se não entendesse a pergunta.

– Desde que seja dentro do apartamento podemos fazer qualquer coisa. Olhar filme, TV, desenho, mexer no computador. Pode fazer o que tu quiser, Jeferson. Não vamos ficar parados aqui olhando para as paredes ou vendo o Miche fazer maratona dentro do aquaterrário dele.

– Quem é Miche?

– O Et...

– Et, não! – Diego grita da cozinha. E eu reviro os olhos.

– A grande, imensa e gigante tartaruga do Diego. Ela deveria estar na casa dele, mas parece que não consegue subir o elevador sozinha.

Aponto para o aquaterrário do Miche e o Jeferson vai, curioso até lá para conhecer o ET.

Abro a tampa e retiro ela de lá. Depois de tanto limpar a sujeira dela, já consigo pegar ela na mão sem sentir ânsia de vômito. Coloco na mão do Jeferson, que com cuidado, leva até o sofá e começa a acariciar a tartaruga.

– Já teve algum bichinho de estimação? – Questino.

– Não. Sempre quis ter um cachorro grandão. Eu brincava com os que tinha perto de casa, ou na rua mesmo. De vez em quando um me mordida.

– E na escola como era? – Sento ao seu lado.

– Nunca fui à escola, tia.

Perco a linha do raciocínio com essa informação.

– Não? Tu sabe ler, escrever...?

– Alguma coisa eu até sei. Minha mãe me ensinava em casa e o pai dizia que escola era para burros, o que eu precisasse aprender ia aprender com eles. Aprendi a fazer contas. Mexer na balança eu também aprendi.

Minha cabeça dá uma volta completa com essa informação. Eu já imaginava que a educação dele era precária, mas não imaginava que ele nunca havia frequentado uma escola regular, e o que havia aprendido, era praticamente para ajudar na venda de drogas. Para que mais iriam ensinar a ele contas de matemática e a mexer em uma balança? Com certeza não era para trabalhar em uma feira.

Tento manter a minha cara a mesma, mas a vontade de chorar começa a falar mais alto um pouco. Me levanto do sofá, assim que o Diego chega e deixo o Jeferson com ele por alguns minutos. Vou até o banheiro e lavo o rosto.

Tenho que lembrar que, quando chegar em casa, abraçar o meu pai e agradecer por ter tido ele na minha vida. E também, por ter recebido o Henrique de braços tão abertos.

Me dói saber que há tantas crianças em situações iguais ao do Jeferson espalhadas por todo o mundo. E também, um pouco orgulhosa de mim mesma por abrir as portas da minha casa para ajudar crianças como ele. Ajudar da melhor forma possível a todas elas que passarem por aqui a terem a esperança de uma vida nova e completamente diferente das que levavam.

Volto para a sala, ainda quebrada, mas mais confiante em mim mesma e encontro o Jeferson rindo, como uma criança normal para a sua idade com o Diego alimentando o Miche.

Diego olha para mim e pisca, como se entendesse o que eu passei momentos atrás e compartilhava o mesmo sentimento que eu.

– Acho que já temos o itinerário de hoje, Luiza. Alguém me disse que nunca olhou Tartarugas Ninja, tanto o desenho como os filmes. Vamos fazer uma maratona com tudo que encontrarmos na internet sobre eles!

Jeferson se alegra em escutar isso e ainda completa.

– Podemos fazer um bolo? Sempre quis provar aqueles com cobertura de chocolate.

– Maratona de Tartaruga Ninja e bolo de chocolate. Acho que não conseguiria pensar em nada melhor. – Digo por fim.

Diego se aproxima de mim, me abraça e beija a minha testa, mais uma vez, sabendo exatamente que eu precisava disso neste momento.

Capítulo 26

Por Luiza

Escuto ao fundo um barulho. Me viro na cama e enterro a minha cabeça no travesseiro com o cheiro do Diego. E é aqui mesmo que eu pretendo ficar.

Começo a sentir as dores no meu corpo da bagunça de ontem à noite. Realmente brincar de lutinha com almofada não é uma coisa que eu consiga fazer por muito tempo. E como eu previa, acabei abandonando o combate rapidamente, mas não sem ficar com dores no corpo.

Levei uma surra do Diego. Bem que ele disse que ninguém ganhava dele neste quesito. Muito a Carla sofreu quando criança, e até adolescente, quando ele começava a bater nela com uma almofada. Segue a lenda que a Tia Lúcia teve que tirar as almofadas da sala até o seu filho começar a se comportar como gente e parar de bater na irmã com elas. Ou então parar de quebrar as coisas.

Tento voltar a dormir, mas o som da sala não me deixa voltar para os braços de Morfeu, então eu levanto e vou em direção ao som, para, de preferência, xingar quem está fazendo essa bagunça toda.

Paro na porta e encontro o Diego e o Jeferson rindo e jogando videogame, o antigo que o Diego não usava há uns bons anos. Me escoro na parede e vejo os dois rindo e vibrando junto com o jogo.

Jeferson floresceu de uma forma inesperada. Os dois dias que ele está aqui em casa, já nem parece mais com a aquela que chegou aqui brigando, xingando e sujo. A única marca que ainda ficou daquele Jeferson, foram os machucados nas suas costas. Aquelas que ontem à noite, ele deixou passar um remédio para não doerem quando ele dorme, coisa que ele me confessou durante à tarde.

Tive que segurar a minha respiração para fazer o processo. Minha vontade era de abraçar o Jeferson e nunca mais soltar. Queria cuidar das feridas dele e me certificar que elas nunca mais aparecessem no seu corpo magro.

Como eu já previa, assim que ele se sentiu querido por mim e até pelo Diego, se mostrou o menino de verdade por trás da sua idade. Chega a ser contagiante quando ele pede alguma coisa, nós atendemos, e os seus olhos brilharem de uma forma inexplicável.

Mais uma vez eu bato no fato de que toda a criança deve ser mimada e querida por todos. Se tivesse mais amor na criação de tantas crianças, não haveria tantas delas se tornando criminosos tão precocemente.

– Que horas vocês foram dormir ontem? – Questiono depois de alguns minutos observando os dois.

Desisti de acompanhar a maratona deles quando eu estava cochilando no sofá assistindo os dois jogarem tão concentrado algum jogo que o Di descobriu no meio das suas coisas. Fui até o quarto como uma sonâmbula, nem vi deitar na cama, e só senti alguma coisa pesada deitando ao meu lado, que eu deduzi que era o Diego.

– Acho que já era mais de uma da manhã. – Diego responde sem tirar os olhos da TV e

ainda se inclinando, como se isso fosse dar mais efeito para o jogo.

– E que horas acordaram?

– No horário de sempre. – Ele dá os ombros e eu calculo que tenha sido entre as seis e as seis e meia da manhã.

E o dois começam a gritar alguma coisa incompreensível quando acontece uma coisa na tela da televisão. Reviro os olhos e deixo as duas crianças brincarem sozinhas.

Vou para a cozinha preparar o meu café e o do Jeferson, e começo a conversar com o Miche, o único habitante da casa que me acompanha neste momento.

Aproveito que os dois ficaram entretidos quase o dia todo em volta do vídeo game, trocando de jogo a toda hora e vou para a minha mesa desenhar um pouco. Só sai dela quando percebi que o Diego tinha assumido a cozinha e o cheiro de comida me invadiu, e depois, quando eles quiseram comer sorvete e eu fui até o mercado aqui perto para comprar.

E quando estávamos nos decidindo entre pizza ou hambúrguer no jantar, o meu pai me ligou.

– Oi, Filha. – Olho para o meu celular e aumento o volume da chamada.

– Oi, pai, tudo bem por aí?

– Sim, e com vocês? – A chamada continua baixa.

– Tudo certo, por que está falando tão baixo?

– A Carla está fazendo o Rique dormir, e qualquer barulho a mais ele acorda, e tu sabe que eu não sou nenhum pouco silencioso. Tua mãe já me xingava por isso quando tu era pequena e agora estou sendo xingado novamente. Só que a Carla é mais mortal.

Começo a rir e escuto ele narrar todos os acontecimentos dos últimos dias da vida a três deles.

– Já estou contado os dias e as horas. Vou buscar vocês no aeroporto quando chegarem.

Demoro a entender o que ele está falando, até me recordar que eu e o Di estamos com as passagens compradas para ficar em casa por um final de semana. Com a função do Jeferson aqui em casa, até tinha me esquecido deste detalhe.

– Eu também, pai! Comprei umas coisas para o Rique aqui, e fiz um casaquinho para ele, coisa mais fofa. Confecção infantil nunca foi o meu forte, nem nunca me chamou a atenção, mas para o meu irmão eu faço um esforço.

– Sério? A Carla comprou um conjuntinho para ele coisa mais fofa. Parece um homemzinho, vou tirar uma foto quando ele colocar. Tem até um sapatinho para combinar.

E mais uma vez eu me perco nas histórias apaixonadas do pai pelo Henrique.

Alguns bons minutos depois, com o celular já quente, consigo encerrar a chamada. A comida, que eu nem tive chance de opinar, chegou, e mais uma vez, jantamos a três conversando e brincando uns com os outros.

Fico arrumando a cozinha enquanto os dois terminam de matar o resto do sorvete, e escuto

o telefone do Diego tocando dessa vez. Nem dou importância, provavelmente deve ser a mãe dele ou a Carla, que conseguiu fazer o Henrique dormir.

Porém, quando ele muda de expressão completamente, eu sinto que é alguma coisa importante.

– Jeferson, pode dar comida para o Miche? Nós jantamos e quase esquecemos dele.

– Claro. – Ele sorri para mim. – É bem pouquinho, não é? – Aceno que sim com a cabeça animadamente para ele e fico a sós com o Diego.

Assim que ele encerra a ligação eu já questiono o que aconteceu.

– Meu chefe falando que o Jeferson vai embora amanhã e que precisam de mim para outro resgate. O Bruno vai passar aqui em meia hora para me buscar.

Cruzo os braços e sinto a temperatura cair um pouco com isso.

– Amanhã? Já?

Nem percebi que o tempo já havia se passado. Foquei tanto em algumas coisas que não me apeguei a esse pequeno grande detalhe: o Jeferson vai embora. Eu sei que para uma nova jornada. Uma vida completamente diferente da que ele estava levando antes de chegar aqui e, com mais liberdade e felicidade, que ele experimentou aqui em casa.

Ele merece tudo isso e muito mais, com toda a certeza do mundo. Mas lá no fundo, ainda queria ele mais um tempo aqui em casa. Completamente egoísta, eu assumo com toda a responsabilidade, mas mesmo assim.

Se não fosse tão perigoso, devido a sua situação antiga, quem sabe...

– Luiza, nós já sabíamos que ele ia ficar por pouco tempo. Assim como foi com a Cecília.

– Eu sei. – Tento soar como uma pessoa decidida, que sabe das coisas e entende perfeitamente, mas pela expressão do Diego, eu falhei muito.

Ele se aproxima de mim e me puxa para um abraço. Ahhhh droga, isso me faz ter vontade de chorar...

– Sabia que teríamos que enfrentar isso todas as vezes. – Ele fala baixinho para mim, como se me embalasse. – Tu te apegas demais as pessoas e muito rápido. Lembra quando nos conhecemos? Eu tentava me esquivar de ti, mas não conseguia.

Rio, abafada no seu ombro.

– Aí eu voltei e tu foi para a Europa, e mesmo assim, me mandava mil e umas mensagens por dia. Era mais que a Carla, minha própria irmã! E depois de um tempo eu percebia que estranhava quando olhava o meu celular e não encontrava nada.

– E vinha me perguntar se eu estava bem, me lembro disso.

– Exatamente. Nunca gostei de pessoas chicletes, e olha eu aqui com uma super bonder! A mais potente de todas!

Diego me aperta mais no seu abraço e me tira alguns centímetros do chão. Realmente, eu me sinto flutuando quando estou nos seus braços.

– Eu sei que me apeguei a ele. Queria que ele ficasse um pouco mais. Mas entendo que isso não é possível.

Diego me beija e sai para se arrumar para sair.

Vou até a sala e encontro o Jeferson, apoiado no sofá e observando o Miche comendo com toda a paciência que uma tartaruga consegue. Me aproximo dele e ele sorri para mim.

– Quando eu crescer quero ter uma tartaruga também.

– Sério, um ET? – Implico com ele. – Ele é feio demais!

– Não é não, é bonitinho. – Jeferson ri para mim e eu decido falar de uma vez.

– Amanhã vão vir te buscar e te levar para uma outra casa. Lá vai ser melhor que aqui, tu vai poder sair na rua, brincar, ir à escola e todas as coisas que as crianças da tua idade fazem.

– Tipo andar de bicicleta e jogar bola.

– E muito mais.

E inesperadamente, Jeferson se atira nos meus braços. Retribuo carinho e afago os seus cabelos ainda com cheiro de shampoo. Com certeza, este é o melhor pagamento que eu poderia receber desses dias que ele ficou aqui em casa.

– Eu vou sentir a tua falta, do Diego e do Miche. – Jeferson diz.

– Eu também, e por mim, poderia levar o ET junto.

– Ferrugem, Ferrugem... Deixa o Miche em paz! – Diego se aproxima de nós e nos abraça.

Ficamos no sofá assim, juntinhos por algum tempo, até o telefone do Diego tocar novamente.

– É o Bruno, ele está aqui embaixo.

Levo o Diego até a porta e antes de sair o beijo.

– Te cuida, ok? Me liga se acontecer alguma coisa, vou te esperar acordada.

– Não precisa, Luiza. Descansa um pouco, vai dar tudo certo. – Diego me abraça novamente e eu sinto a arma dele no coldre da cintura.

Vejo o Di se afastando e quando a porta do elevador se fecha, eu sinto que o meu coração ficou mais apertado. Tenho a sensação que é pelas duas coisas, o Jeferson indo para outra casa, seguindo o seu novo futuro e o Diego, saindo de casa, armado, indo para uma “missão de resgate” me deixando aqui a espera de notícias.

Lembro que a Carla me disse uma vez que ficava desta mesma forma quando o seu pai saía para trabalhar na delegacia e quando se despedia do Diego no aeroporto. E no momento que eu questionei se isso sempre acontecia, ela só sorriu para mim e disse que isso sempre vai acontecer.

Pela primeira vez, eu começo a entender o que ela quis dizer com isso.

Capítulo 27

Por Diego

Fico com o Bruno e o Alexandre conversando e rindo entre si. Eles são amigos há tempos, tanto que o Bruno é padrinho das filhas do Alexandre, todas elas que ambos resgataram de zonas de perigo.

Meu pensamento está longe. Exatamente em um apartamento cinco andares abaixo do meu, que a esta altura já está até esquecido. Deixei a Luiza com um olhar preocupado. E isso sempre me machucou muito.

Um dos motivos de eu não ter escolhido ficar na região onde eu moro para trabalhar foi este. Eu tive essa opção, mas saber que eu aguentaria o olhar de preocupação da minha mãe, aquele que eu convivi toda a minha vida em função do pai, e de quebra, da Carla, desisti sem hesitar.

Comigo longe de casa, a preocupação delas é bem menor, se eu ficasse por perto, veria esse olhar de apreensão todas às vezes que eu saísse de casa para trabalhar. Se eu me machucasse, como eu sempre me machuquei aqui, com toda a certeza do mundo, a pressão psicológica seria bem mais forte da que elas exercer hoje em dia.

E agora, o que eu mais temia começou a acontecer. Ter a Luiza com o mesmo olhar que eu tanto evitei que acontecesse com a minha família. Sempre soube, lá no fundo, que me envolver com a Luiza traria algum tipo de problema. Óbvio que eu não tenho nada que me queixar sobre sentimentos, bem pelo contrário, neste quesito eu e a Luiza estamos bem até demais. Como eu sempre soube, resistir a Luiza é quase uma tarefa sobre-humana! Completamente irresistível, ou nas palavras dela, a atração Denski versus Lavorini falando mais alto. Eu acabei simplesmente aceitando o fato de que eu nunca tive chance nenhuma de conseguir ficar longe dela.

Estar com a Luiza é mais que especial. Nunca fui muito de relacionamentos, a Carla que o diga, de tanto que presenciou a cena de eu terminando com algumas (ou muitas) meninas. Agora a história é diferente. Muito diferente, chegar em casa sabendo que ela está me esperando é tudo que eu mais quero.

Mas o que eu me refiro, é a preocupação que a minha profissão, tanto a oficial, como a extraoficial, como estou fazendo neste momento, atinge em cheio. Tudo que eu menos queria, era fazer isso com ela.

– Tudo bem, Diego? – Alexandre me dá um empurrão.

Como sempre ele está bem animado.

– Está mais quieto que o de costume.

– Tudo certo, só estou cansado.

– Jeferson está dando muito trabalho? Para mim ele deu e muito. – Bruno fala enquanto dirige para um lugar cada vez mais afastado do centro da cidade.

– No início sim, mas depois a Luiza conseguiu fazer ele se comportar.

– Sério? Como ela conseguiu fazer isso? O Bruno disse que esse menino era uma peste.

Simplesmente não respondo. Impossível explicar como a Luiza consegue fazer a pessoa demonstrar o melhor dela apenas por estar ao seu lado.

– Será que ela não dá um jeito nas minhas meninas? A Larissa está impossível... Ahhhhh, e falando nela, não sei como a Lari ficou sabendo que a Luiza que tanto falamos é a Lavorini e mandou, olha bem, mandou, eu perguntar se é a estilista.

Confirmo com um aceno e um sorriso no rosto.

– Agora fodeu de vez, estou morto. Bruno, vou começar a te cobrar três vezes mais do que eu te cobro por treinamento para conseguir bancar a Lari e seus consumos de roupa. E o pior de tudo que a Manu está entrando na onda da irmã. A minha sorte que a Rafa ainda posso vestir ela com um saco que ela não reclama.

– Três vezes zero é zero, Alê. Se eu não te pago nada, vou continuar te pagando nada, amigo. – Bruno resmunga alguma coisa.

– Agora a Lari vai querer conhecer a Luiza. Não vou parar de escutar isso, – ele aponta para o Bruno – e tu sabe quando ela coloca alguma coisa na cabeça, não para de me infernizar.

– Leva ela lá em casa um dia, a Luiza vai adorar conhecer todos vocês. – Digo.

– Sêrio, cara? Olha que a Lari é bem curiosa...

– Sem problemas, tu não conhece os filhos dos amigos do pai da Luiza, o namorado da minha irmã. Se lidamos bem com eles, a Larissa vai ser fácil.

Chegamos a um lugar completamente deserto. Descemos do carro e caminhamos um pouco enquanto o Bruno explica alguns detalhes.

– Ao que parece há uma criança, entre quatro e cinco anos, morando por aqui em uma das casas onde se tem venda livre de drogas. Os usuários chegam, se drogam e ficam por algum tempo por aqui, a criança vive no meio de tudo isso e deve ver coisas que nem nós gostaríamos de ver.

Sinto o Alexandre atrás de mim, como se estivesse rosnando com as palavras do Bruno.

– O plano é o seguinte, eu entro à paisana e fico à espreita e quando eu achar que a barra é limpa, vocês dois entram e caçam a criança.

– Algum parente por perto? – Questiono.

– A princípio não. Por isso que eu vou primeiro e observo tudo. Vou manter o meu telefone ligado no meu bolso e o Ale com o dele sempre comigo.

Bruno entra dentro da casa e o Ale puxa o telefone, pluga o fone e me entrega um. Ficamos esperando por um bom tempo, escutando o vozerio alheio, alguns sons estranhos e o Bruno negociando alguns tipos de droga para não levantar suspeita.

– Como ele consegue se misturar? A voz dele é completamente diferente da que usa com a gente. – Digo.

– Isso é típico dele. Bruno cresceu numa área destas. Conhece muito por onde ele entra e quando pode se intrometer e nos dar o aval para entrarmos.

– Então ele é um dos casos que venceu na vida. – Concluo.

– Ele é mais que isso. Tem uma raiva dentro dele indomável, ele tenta descontar em mim na quadra, por isso que só treina comigo. Tive que cortar ele com outros alunos porque ele batia demais e descontroladamente. Canalizava a raiva na luta e machucava alguns colegas. Por isso que me aproximei dele e viramos amigos. Apesar desse lado dele, tem uma alma de ouro, confio mais nele para cuidar as minhas filhas do que qualquer outra pessoa. Sei que contra elas ele nunca vai fazer nada.

Voltamos a ficar em silêncio e escutando a conversa e quando escutamos um “sorvete de morango” Alexandre se levanta arrancando o fone do meu ouvido.

– Ahh, esqueci de te dizer que sorvete de morango é a nossa senha, foi mal.

Levanto e sigo o Alexandre até a casa, caindo aos pedaços onde vamos encontrar a criança. Alexandre me puxa quando eu sigo em direção ao Bruno.

– Sem contato, ok? Temos uma palavra chave para perigo. Sorvete de flocos.

Caminhamos por entre os cômodos, e encontramos um “montinho” e seguimos até lá onde uma criança, em um canto, dormia ao lado de um casal que, apesar de muitos chapados, tentavam transar de uma forma meio estranha. Náuseas subiram à minha garganta e eu vejo o olhar mortal do Alexandre para ambos.

Meu companheiro, pega a criança no colo e, despercebidos, conseguimos caminhar para fora da casa. Alê enrolou a criança e fez uma cara de quem estava muito chapado carregando alguma coisa, quando um cara nos parou e ele manteve o olhar quase psicótico e afastou o curioso.

– Talvez não seja só o Bruno que saiba andar por esses lugares. – Digo quando saímos pela porta.

– Vai pegando o jeito, tu ainda chama a muito a atenção por esta pose de policial vendo coisa erradas. Costas retas e a mão quase no gatilho da arma. – Estranho ele falar, já que nem sinto, de tão automático que ajo.

E não posso deixar de negar que, assim como quando entramos naquele antro para resgatar aquela menina daquela casa de prostituição, minha vontade era chegar quebrando tudo e dando tiro para cima para acabar com aquilo.

– Agindo como eles, passamos em branco, se alguém vier a levantar suspeita, nem vão se lembrar do drogado com olhar de louco carregando uma trouxa de roupa.

Bruno está na esquina nos esperando, a criança acorda assustada e o Alexandre, com toda a paciência de quem já está acostumado a lidar com crianças, a acalma e a leva para o carro. Bruno e eu seguimos logo atrás, mas somos parados por um cara, mais para lá do que para cá de drogado.

– Eu te conheço, é o juizinho que tentou me colocar na cadeia... – Ele cambaleia e dá um sorriso débil. – Sabe quando eu vou voltar para lá? – Vejo ele enfiar a mão por dentro das roupas.

Automaticamente puxo a minha arma, mas não a tempo de segurar o Bruno que partiu para cima do cara e começou a socar ele desesperadamente. Fico sem ação em ver os dois engalfinhados, se eu atirar posso errar e acertar, mortalmente o Bruno, e não posso fazer isso.

Então parto para a briga junto. Vejo que o Bruno tem muita habilidade, por conta do treinamento com o Alexandre e então tento segurar o outro cara para que não machuque o Bruno com a faca que ele conseguiu sacar. Me enfio por trás do cara e seguro as suas costas e braços para o Bruno continuar socando o cara raivosamente.

Alexandre aparece correndo e começa a segurar o amigo, já que o cara estava inconsciente, quando eu o largo, ele cai no chão sem reflexo nenhum. Completamente apagado.

– Tu está louco, cara? Quer foder com tudo aqui? O que vamos fazer? – Alexandre grita com o Bruno.

– Esse desgraçado me reconheceu, porra! Esse filho da puta comprou um júri inteiro e ainda falsificou provas! Queria condenar ele ao resto da vida na cadeia por venda de drogas, prostituição e assassinatos. E agora ele me reconheceu! Não consegui me segurar!

Alexandre caminha de um lado para o outro como se pensasse no que fazer, já o Bruno recupera o fôlego calmamente, como se não tivesse acabado de quase finalizar um cara na rua.

– Vai no meu carro e eu cuido das coisas aqui. – Bruno enfia a mão no bolso e me entrega.
– Amanhã eu busco ele lá na tua casa. Dirige que o Alexandre fica com a criança e leva vocês até as pessoas que vão cuidar dela.

– Tem certeza que... – Bruno me interrompe.

– Tenho, eu cuido aqui, e tu cuida do Alexandre. Acredito que tu saiba o que eu vou fazer aqui e entende a causa, não é muito diferente do que tu faz no teu trabalho. Já o Alê é emotivo demais. Ele não precisa saber e nem ver isso.

Concordo e aceno. Bruno é mais ligado a causa do que qualquer um de nós. Sua vida foi salva por causa de pessoas aleatórias, assim como nós, que correram o risco ao salvá-lo e dar outra chance para ele. E hoje, ele vai fazer de tudo para o sistema continuar a funcionar perfeitamente.

Percebi que o Bruno não tem escolha, o destino se concretizou quando o cara o reconheceu, e com certeza, o rosto do Bruno foi o último que ele viu na vida.

Capítulo 28

Por Luiza

Acordo com um calor infernal no meu corpo. Me assusto quando não consigo me mexer porque estou presa. E depois de repetir o movimento, sinto o aperto se intensificar e alguma coisa gemer atrás de mim. Esta coisa, também pode ser chamada de Diego.

Ele não me solta por nada, seus braços ao meu redor, uma perna em cima de uma minha, que eu nem sinto mais, e a testa colada quase na minha nuca. Ele me chama de super bonder, mas quem grudou hoje foi ele.

Percebi sua chegada no meio da noite, e eu me mantive firme a minha promessa de ficar acordada. Estava quase contando os azulejos do banheiro, mas não dormi.

Diego chegou tenso. Quando eu perguntei o que havia acontecido ele desconversou e tentou me distrair com algumas artimanhas que ele sabe fazer e que me derrete em segundos. Mas mal ele desconfiou que depois que usasse o seu charme contra mim, e eu aproveitasse cada segundo dele, eu voltaria a minha pergunta principal. Diego acha que eu nasci ontem, mas quando ele está indo comprar a farinha, eu já estou voltando com a segunda fornada de pães pronta...

Com ele mais relaxado e tranquilo, despejou tudo o que havia acontecido, e mesmo assim, tenho a impressão que ele deixou de lado alguma parte da história. Principalmente na hora em que o cara reconheceu o Bruno e espancou ele.

Questionei sobre o que aconteceria se caso o cara se lembrasse deste episódio, o que aconteceria ao grupo? E a única resposta que eu tive, foi de um Diego ressonando agarrado em mim. Tenho minhas dúvidas se ele estava realmente dormindo, ou fingindo. Como eu estava mais cansada, e digamos que, bem relaxada, dormi antes de conseguir tirar a minha dúvida.

Agora estou aqui, prensada por um Diego colado em mim, e chego a abrir um sorriso para a parede a minha frente. Nada como uma boa reviravolta na história. Se há alguns meses, ele evitava qualquer contato físico comigo, hoje chega a esquecer de onde mora só para ficar mais um pouco na minha cama.

E eu, como não sou boba nem nada, aproveito cada momento desse que eu tenho

.

– Eu nunca mais vou te ver, Tia Luiza?

Paro de fazer o que estou fazendo e tento assimilar a pergunta do Jeferson.

Ele está sentado, na ponta da mesa, me observando preparar o almoço, que ele mesmo escolheu o cardápio, arroz branco com stroganoff, uma coisa que a mãe dele fazia quando era pequeno. Tive que adivinhar o que ele queria, já que a palavra certa não saía de jeito nenhum.

– Não sei para onde vão te levar, eles nunca contam para nós, para a segurança de todos. – Dou os ombros e volto a fazer o almoço, já que o Diego saiu para comprar algumas coisas. –

Mas tu sabe onde eu e o Di moramos, sempre que quiser, pode bater na nossa porta. Se a nós não estivermos em casa, o Miche te recebe.

E com isso, o Jeferson começa a rir animadamente.

Estamos à espera de, a qualquer minuto, a campainha tocar e anunciarem que vieram buscá-lo. Estou com o coração ainda apertado por causa disto. E sei que quando ele sair aqui de casa, vou desmoronar chorando. Tanto que já fiz um estoque secreto de chocolate para quando a hora chegar.

– Eles vão cuidar de mim, não é? – Jeferson continua o questionário.

– Claro que vão. Vai ser a melhor família que tu possa imaginar.

– Se eles forem maus comigo, eu fujo e venho para cá, ok? – Ele me olha sério e ao mesmo tempo, esperando esperançosamente a resposta.

Largo o que eu estou fazendo, me aproximo dele, deixando os nossos olhos na mesma altura.

– Tu não vai precisar mais fugir. Ninguém mais vai te maltratar, a família que irá ficar contigo está tão ansiosa para te conhecer como tu está para conhecê-los. Tu vai ver que no final, todos vão ficar felizes.

Jeferson não confia muito no que eu falo, e no fim, acaba concordando. Volto para os meus afazeres, e depois que o Diego retorna, almoços os três rindo e brincando à mesa.

E a cada batida do relógio, eu fico mais apreensiva.

Por Diego

Desço até a portaria e encontro com o Bruno conversando com o porteiro.

Um Bruno completamente diferente daquele que eu vi ontem à noite. Apesar da atitude extrema, ainda não consigo enxergá-lo com um assassino em potencial.

O pouco que eu conheço dele não condiz com a realidade. Uma pessoa calma, contida, que aparentemente não faria mal a nenhuma outra pessoa, bem pelo contrário, ajuda com o corpo e a alma com a causa que veste a camisa.

– Boa noite, Diego. – Ele me dá um sorriso confiante e caminha em minha direção.

– Boa noite, Bruno.

Espero ele se despedir, cordialmente, pelo porteiro e seguimos em direção ao elevador. Quando a porta se fecha, Bruno toma uma respiração profunda e olha para os próprios pés.

– Obrigado por ontem à noite. Eu não ia dar conta de deixar o Alê sozinho para... ahn... – Ele hesita e eu entendo o que significa.

– Eu compreendo. Só fiquei espantado com a tua reação. Não imaginei que fosse levar isso tão a fundo.

– Nem eu.

Assume. E logo depois assume um sorriso de ironia.

– O Alexandre consegue derrubar um cara com um único golpe, e eu já senti na pele, mas é um coração mole sem fim. Ele me forçaria a desistir a fazer aquilo que eu fiz. Medidas extremas....

– Pedem soluções extremas. – Completo e o Bruno concorda com um aceno de cabeça leve.

Completamos o resto do trajeto em silêncio. Entramos no apartamento da Luiza e encontramos ela e o Jeferson sentados no sofá, com o Miche nas mãos da criança.

Luiza já começou a ficar toda emocionada com a chegada hora da despedida do Jeferson de nós.

Confesso que até eu vou ficar um pouco sentido com a sua partida. Se no início ele era um capetinha, com a convivência com a Luiza, se transformou completamente. Cada dia que se passa, eu me convenço mais que a Luiza consegue exercer algum poder em cima das pessoas que vivem ao se redor e com isso, liberta tudo que há de melhor na pessoa.

Talvez até eu mesmo esteja mudando com a Luiza ao meu redor diariamente.

Luiza se despede do Jeferson por uns dez minutos. Ela faz mil e uma recomendações e o abraça. Ela só consegue desgrudar dele, quando eu encosto no seu ombro e ela se dá por conta que está passando dos limites.

Algumas lágrimas ameaçam escapar, e ela as espanta na mesma velocidade que chegaram.

– Tchau, Jeferson. Te cuida, e lembra de tudo que eu te disse, ok?

Jeferson sorri de leve para nós e olha para mim.

– Tchau, guri. Não esquece do que eu te ensinei sobre vídeo game. Quem sabe um dia tu consiga me vencer em qualquer partida.

Ele vem, me abraça e eu retribuo o afeto com a mesma intensidade.

Até o Bruno se surpreende com a mudança completa em tão poucos dias do Jeferson. Como eu disse, efeito Luiza atinge e encanta qualquer um...

Descemos até o estacionamento, onde eu deixei o carro do Bruno ontem à noite e vimos juntos o carro dele desaparecer com o Jeferson sentado atrás e abanando para nós.

Senti a Luiza se controlando até chegar em casa, e quando eu fechei a porta, a tempestade foi tão grande que eu até sai da frente para não ser atingida por um raio.

Ela começou a chorar desesperadamente. Fui abraçá-la e ela me empurrou, mas no segundo seguinte, já estava agarrada em mim em prantos.

Tentei, com toda a calma e paciência que eu quase nem possuo, tranquilizar a Luiza. E como num passe de mágica, ela sai limpando as lágrimas e aparece na sala com uma barra de chocolate.

– Se cada um que passar aqui eu comer uma barra e desidratar, não vou passar nas portas rapidamente. – Ela coloca um pedaço na boca e um na minha.

– Teus ossos me machucam. Principalmente dos joelhos nas minhas pernas.

– Sem graça! – Ela limpa o nariz na manga da blusa, nada delicadamente e ainda sorri.

Ela acaba com a barra de chocolate enquanto conversamos sobre o futuro que o Jeferson vai ter. De como a mudança dele será bem-vinda para a sua nova vida, longe de todo o mal que ele já presenciou e que de agora em diante, tudo será positivamente diferente. Quem sabe daqui uns anos ele mesmo não vire um resgatador ou um guardião intermediário?

Muitas vezes, as pessoas só precisam de uma única oportunidade para mudar a sua vida. Seja ela forjada pela pessoa em questão, ou por terceiros. A vida pode não ser justa, mas quando ela se opõe a justiça pode ser a esperança de uma mudança radical.

Jeferson passou por muitas coisas, e agora, com um toque de destino e justiça, mesmo que feita com as próprias mãos, a esperança chegou.

Luiza se acalma depois de algum tempo e conversa entre nós. E depois de alguns momentos ela se levanta rapidamente do meu colo e olha sério para mim.

– Tu lembrou que dia é amanhã?

Dou os ombros e tento tirar uma mecha de cabelo do seu rosto.

– Temos um voo para casa amanhã à tarde!

– Droga! Esqueci completamente! – Luiza pula do meu colo e eu saio do sofá rapidamente.

– E ainda falei com a mãe hoje pela manhã sobre isto. Ela disse para eu não esquecer da viagem.

– Eu disse para mim mesma que ia arrumar hoje à tarde, mas fiquei com o Jeferson e esqueci completamente! – Luiza sai correndo em direção ao seu quarto.

A sigo e vejo ela jogando uma mala, que caberia até ela dentro, e começando a jogar coisas em cima da cama.

– Vou lá em casa arrumar a minha mala e a do Miche!

Ela se vira para mim lentamente e ainda me encara

– O Et vai junto?

– Óbvio que o Michelangelo – friso bem o nome – vai. Ele é da família também, Ferrugem!

Luiza continua me observando e eu saio para o meu apartamento. Se depois de uma carga emocional tão intensa com a partida do Jeferson, vamos ter outra carga imensa.

Voltar para casa.

Capítulo 29

Por Luiza

Em todos estes anos eu já quase me sentia em casa dentro de um aeroporto. Andar de avião era tão corriqueiro como andar de táxi. Agora, depois que voltei para o Brasil é que me distanciei um pouco deles. E confesso que não sinto nenhuma falta.

E agora aqui estamos nós, sentados na sala de embarque. Eu mexendo no celular, atualizando o pai, e o Diego mostrando para todas as crianças que aparecem na sala de embarque o Miche. Astro total da viagem.

Ainda bem que o Diego tem um conhecido veterinário que deu todas as autorizações e dicas para que ocorra tudo certo na viagem. Óbvio que eu disse que comprar um alimentador automático era mais fácil do que trazer mil e uma coisas para aquela tartaruga “gigante”. Se eu deixasse, teria até ração de tartaruga dentro da minha mala. Quem vê pensa que vamos passar uns cinco meses, e não três dias.

Miche não está nem aí para a agitação ao seu lado, está em um aquário improvisado e com panos úmidos no fundo da caixa, e se bobear muito, curtindo um sono legal dentro do seu casco.

Diego está todo orgulhoso pelo filho ET que mostra para todo mundo. Até uma comissária de bordo, loira falsificada e com sapatos copiando, exageradamente uma marca italiana, veio toda alegrinha para o lado dele conhecer o Miche.

E quando o nosso voo é chamado, depois da fila dos idosos, crianças de colo e maiores, sou a primeira da fila, já louca para chegar em casa e me deitar no meu quarto e olhar os meus pôsteres de adolescência colada na parede.

Sento, como sempre na janela, e começo a olhar na televisãozinha na minha frente junto com os fones de ouvido, que eu recebi, justamente da comissária falsificada.

– Segura o Miche aqui, Ferrugem, para eu fechar o cinto. – Me finjo de surda e ele empurra o aquário e eu dou de cara com o Miche, fora do casco olhando para mim.

– Pede para a tua amiga comissária. – Digo sem tirar os olhos da pequena tela.

– Ok. – Diego tira o aquário da minha frente e se inclina para a chamar a comissária tão falsa como os perfumes Chanel que eu encontrei lá na esquina de casa.

– Me dá aqui esse ET de uma vez! – Pego o aquário, até o Miche se assusta e volta para o seu casco de susto.

Diego fecha o seu cinto, desembrolha o seu fone de ouvido e ainda mexe um pouco no controle para escolher um canal aleatório. E depois disso, olha para mim e sorri ironicamente.

– Prontinho, Ferrugem. Pode me entregar o Michelangelo.

Continuo sem expressão e entrego o aquário para ele e volto a olhar para a TV. Nem presto atenção no que está dando.

Os procedimentos de embarque iniciam e a comissária passa toda sorriso por nós. Ahh se eu tivesse uma agulha para enfiar naqueles peitos siliconados e...

– Impressão minha ou tu está com ciúmes, Luiza?

Chego a virar a cabeça, a lá menina do Exorcista, em direção ao Diego e aquele sorriso presunçoso dele. E quando eu vejo a expressão divertida dele, reviro os olhos e volto a posição vertical novamente.

Fechos os olhos quando o avião começa a acelerar e levantar voo, e quando sinto ele estabilizar, Diego se escora em mim e esfrega o rosto, que ele não barbeou hoje, no meu ombro e pescoço.

– Sai. – Empurro ele com o ombro e não adianta em nada. – Vai acabar derrubando o Miche se continuar a fazendo isso.

– Não saio, – ele me beija – quero aproveitar os últimos minutos que te tenho para mim.

Diego coloca a mão no meu rosto e me puxa para um beijo. Eu resisto... ou melhor, tento resistir, mas acabo cedendo.

– Sua boba, brava e boba. – Ele ri de mim. – Tu fica bonitinha emburradinha, Luiza. Acho que eu já sei o que fazer na viagem.

– Me irritar até eu te bater? Isso eu posso fazer em casa. Ou melhor, colocar uns alfinetes nas tuas roupas, cada vez que tu te sentar, um te espetar.

– Ai. – Ele debocha e volta para a sua poltrona.

Seguimos viagem, sobrevoando as nuvens e eu mais olhando para a janelinha do que a TV em si. A mão do Diego, resvala até segurar a minha e eu me permito fechar os olhos por alguns segundos durante a viagem tranquila.

Ainda estou meio anestesiada com os acontecimentos dos últimos dias. Se não fosse a viagem, eu ainda estaria em casa ressentida e preocupada com o Jeferson.

Preocupada no sentido de ele chegar na nova casa e se adaptar. Porque sobre o novo rumo da sua vida, eu tenho certeza de que tudo está melhor. Nenhum mal vai atingi-lo e ele vai estar protegido contra os crimes e perversidades da rua, fome, frio e atrocidades. Este é o meu ponto de calma.

Outra coisa que eu penso é na estadia na casa do meu pai, e teoricamente, por ficar longe, fisicamente do Diego. Em comum conjunto, decidimos ainda não revelar a nossa aproximação.

Não é por nada, já que eu sei que se depender de mim, ficarei um longo tempo com o Diego, mas é mais para poupar estresse para o pai e principalmente para a Carla. Esta fase de adaptação dela como mãe ainda é um choque e tanto, ela não precisa de mais alguma coisa para se preocupar.

Tive que concordar com o Diego nesse quesito. Das últimas fotos que eu recebi deles, ambos estavam com olheiras profundas e no rosto um sorriso lindo e ao mesmo tempo cansado. Sei que o Rique está arrasando corações, e também, mudando toda a rotina deles.

Então para que perturbar eles, que já estão tão abalados, no bom sentido, claro, por uma questão que só cabe a mim e ao Diego? Ao invés de complicar, vamos empurrar com a barriga por mais algum tempo para deixar que tudo se acalme e entre em um ritmo menos estressante para todos os envolvidos.

E até porque, nada melhor do que um bom e velho romance às escondidas.

Mal posso esperar para ter que me esgueirar por algum lugar para conseguir roubar algum beijo do Diego, ou então sair de casa dizendo que vou a algum lugar, e mudo o meu rumo completamente.

O friozinho na barriga, os olhares escondidos e a tensão que vai se criar nestes dias que vamos passar assim. Nem quero ver o que vai acontecer quando voltarmos para casa. Pobre dos vizinhos....

Adormeço e acordo quando estamos iniciando os processos de aterrisagem. Diego continuou acordado e quando eu me virei para o seu lado, para me deitar no seu ombro, me abraçou de lado e beijou a minha cabeça.

Descemos e eu notei que a Falsificada foi toda sorrisinho para o lado do Diego que deixou ela no vácuo e ainda deu a mão para mim. Talvez a cor de cobre tenha alguma vantagem sobre o loiro de água oxigenada...

Esperamos as malas na esteira e antes de sairmos, Diego me puxa para um beijo mais profundo. Meu mundo dá uma balançada legal, tudo fica fora do foco e o chão demora um pouco para aparecer embaixo dos meus pés. Ele sai rindo, da minha recuperação arrastando as malas em um carrinho e segurando o Miche na outra mão, e eu fico tentando recuperar o fôlego.

Sáímos do saguão de desembarque e eu já avisto de longe três pessoas olhando para todos os lados nos procurando. Corro em direção deles e quando o pai me enxerga, vem em minha direção e quase me pega no ar.

– Pai!!!! – Grito e abraço o meu véio.

Ele me beija, me aperta, me levanta do chão e me aperta mais um pouco.

– Oi, filha! Como foi o voo?

– Foi ótimo! Oi, Carla! Rique!!!

Já estico os meus braços para a Carla me entregar o meu irmão e ela chega a se virar de lado e me negar.

– Sem acesso ao meu filho antes de me dar um abraço primeiro.

Sorrio e abraço a minha madrastra, cuidando para não amassar o Rique que ficou entre nós. Quero fazer isso com ele no meu colo mesmo.

Carla me entrega o Rique, que está acordadinho olhando para mim. Brinco com ele e vejo o Diego cumprimentando meu pai e a Carla, que ele levanta do chão e dá uma volta completa com ela.

Não entreguei o Rique até chegarmos no carro. Pai e o Diego vão na frente e eu e a Carla nos espremendo no banco de trás, já que a cadeirinha do Rique ocupa uma boa parte do banco, fora a bolsa dele, que fica na outra parte do banco.

– Estou afim de comprar um carro, Di. Quero uma opinião sobre modelo, porque se depender do pai e do Luiz eu saio com o mais caro de todos da agência.

– Com toda a razão. – O pai fala calmamente. — Já disse que tu pode ficar com este meu e

eu compro um novo.

– Não vou ficar com esse teu carro de tiozão rico e aposentado. – Carla olha para mim e pisca, sabendo que ganhou uma aliada.

O pai tem uma sina com carros, com todos os motivos, já que a minha mãe morreu em um acidente de carro grave. Então ele sempre compra os mais seguros da categoria, e todos eles têm um estilo de tiozão rico e aposentado.

– E quem disse que eu não tenho cara de tiozão rico, só não sou aposentado. Mas isto é uma mera conveniência, posso dar entrada nos meus papéis do INSS na segunda se tu quiser, guria. Aí passo o dia em casa sem fazer nada e atrás de ti.

– Não precisa, Luiz. Se tu e a mãe ficarem na minha volta o dia todo eu juro que surto rapidinho.

Diego ri e eu acompanho. Impossível não ficar ao lado deles e não sorrir a cada frase dos dois. Realmente estou para ver um casal tão perfeito um para o outro como esses dois. A loucura do pai combina direitinho com a racionalidade da Carla.

Chegamos em casa e a mãe do Diego já estava na porta nos esperando. Ela nem deixa o Di largar o Miche em cima da mesa para inspecionar cada centímetro do filho.

Tudo em ordem, tia Lúcia. Eu faço a inspeção quase diária em cada centímetro do teu filho. Nadinha fora do lugar, eu garanto e ainda reconheço firma.

Tio Rogério chega minutos depois e a família Denski e Lavorini está completa. Meu pai parece um filhote de cachorro, não sabe em qual pessoa vai pedir atenção primeiro. Ele pega o Rique no colo, beija e vem para o meu lado, todo sorriso com os dois filhos ao seu lado.

Vejo a mesma expressão no rosto da tia Lúcia e do tio Rogério, os dois com os filhos juntos e também, a primeira vez que eles conseguem se juntar com a cia do neto.

Quem sabe, futuramente, essa família não esteja mais junta do que nunca, com a mescla do Diego comigo?

Capítulo 30

Por Luiza

Dormir em casa, ou melhor, na casa do pai sempre foi nostálgico e um pouco perturbador. Principalmente com o quase absoluto silêncio que a casa sempre apresentou à noite. O bairro daqui é bem residencial e familiar, então só passa carros uma vez lá que outra. Já o que eu morava na Itália, ficava abaixo de um pub movimentado e o de agora, em uma avenida que não dorme. Barulhos de carro e buzina são os meus soníferos.

E depois que a calmaria chegou aqui em casa, com a saída dos pais da Carla e o Di para a casa deles, o silêncio tomou conta por completo. E isto me deixou com os olhos abertos boa parte da noite, simplesmente rolando de um lado para o outro. Só consegui dormir um pouco mais, depois que o Rique acordou inspirado a deixar todo mundo bem alerta. Principalmente o pai, que saiu correndo nas escadas e eu tenho quase certeza que lá pelo meio ele deve ter caído. Só escutei a Carla perguntando se ele estava bem e ele gritando que achava que sim.

E agora eu estou aqui de novo, olhando para o meu teto e alternando os olhos, com a luz do sol que entra pelas frestas das janelas, iluminando fracamente uma parte. A casa foi reformada há pouco tempo. Até o pai veio me perguntar o que eu queria mudar no meu quarto. Disse que por mim, poderia deixar como estava. E como o melhor pai do mundo, foi exatamente isto que ele fez. Apenas pintou o quarto, reavivando as cores, e mudou os móveis para os mais parecidos que a loja possuía. Até os meus cartazes e fotos já sem vida de tanto pegar sol, ele deu um jeito de mandar arrumar.

Literalmente estou deitada no mesmo quarto que eu deixei quando sai de casa. E isso é uma coisa tão boa, que nem ligo de ficar acordada olhando para as paredes e recordando cada momento que vivi por aqui. Desde as decepções mais bobas da adolescência, as conversas sérias que o pai tentava manter, e que ele levava na maior naturalidade, as risadas com as amigas, os planos.... Tudo o que eu esperava do mundo e nada que eu imaginava que ia acontecer realmente.

Escuto o barulho de conversas, passos na escada e resolvo começar o dia. Desço as escadas embalada com um som característico aqui de casa, aquele que muito me embalou, e se eu deixar, ainda me embala e traz ainda mais nostalgia ao meu coração. Sei que a cena que eu vou presenciar lá em baixo é uma tradição que o pai criou comigo quando eu tinha a idade do Rique, e com toda a certeza, ele deve manter ela acesa até hoje.

Encontro ele sentado no piano, tocando alguma coisa relaxante com a cadeirinha ao seu lado e um tal Rique embalado pelas notas que ele toca. Fico algum tempo observando a cena até o pai, sem tirar os olhos do piano falar comigo.

– Bom dia, filhota. Vai ficar aí me olhando ou vai me dar um beijo?

Rio. Nunca consegui pegar o meu pai no susto. Isto foi uma brincadeira nossa que sempre perdi.

– Ainda consegue escutar os meus passos na escada de longe? – Me aproximo dele e sento do seu lado, o oposto do Rique.

– Sempre. – Beijo na bochecha do meu vó e ele continua a falar. – Um pai sempre sabe

distinguir a presença de um filho há quilometro de distância e cheio de outras pessoas por perto. Dizem que é uma característica herdada dos nossos antepassados.

– E tu já sabe distinguir o Rique? – Ele volta a tocar e olha para o filho que está vidrado em nós.

– Desde que eu peguei ele no colo a primeira vez. Sabia que, pela segunda vez, eu era o cara mais sortudo do mundo. E que momentos como este valem cada dor de cabeça que ambos já me deram e vão me dar daqui uns anos.

– Nem te dou mais dor de cabeça, pai. Passei a bola toda para o Rique.

Brinco e vejo o meu pai soltar uma risada irônica, com um quê de que eu não sabia da missa a metade.

Ele volta a tocar com dois expectadores vidrados na magia que ele consegue fazer com as notas. Sempre fui péssima com música. Nunca consegui passar de ler uma nota a cada cinco minutos e ainda ter a capacidade de errar a metade. Tocar com as duas mãos? Só se for aleatoriamente e saindo um som como se eu tivesse pulando em cima do coitado do piando. E olha que eu tentei aprender.... Com professor particular, com o pai e até o Maurício, mas nenhum dos três conseguiu fazer um milagre comigo.

Rique fica uns bons quarenta minutos quietinho só escutando a música sendo produzida, e quando ele cansa, resmunga um pouco e o pai sente que é a hora da tradição número dois começar. O passeio pelo pátio de casa para pegar o sol da manhã. Saímos os três para a rua e começamos a conversar.

O pai faz as perguntas de sempre. Se eu estou bem no trabalho, se preciso de alguma coisa em casa, e a clássica de rotina: se eu estou saindo com alguém.

– Algo me diz que essa hesitação tem nome e sobrenome. – Tento, mas não consigo disfarçar o sorriso.

Diego Denski. Nome, sobrenome, armas e cicatrizes de trabalho. Posso enumerar cada uma delas sem pensar muito.

– E por que não o trouxe, Luiza? Gostaria de trocar algumas palavras com ele.

Ahhh, pai! Se tu soubesse que trocou várias com ele ontem mesmo.... Até vi vocês dois cochichando pelos cantos aqui da cozinha.

– É complicado. – Desembucho para evitar o olhar inquisitório do meu pai. Aquele que já fez eu confessar coisas que eu jurei para mim mesma que nunca ia revelar.

E conhecendo o meu véio como eu faço, sei que esta resposta só o deixou mais curioso ainda. Ele solta um “hmmm” prolongado e olha para o Rique que está olhando para as flores que formam um mosaico colorido. Sei que ele fez isso depois da reforma, trazendo mais cores e vida ao pátio.

– Ajuda o pai, Rique. Temos que conhecer o namorado da mana. Quem sabe um alvo novo para os teus jatos de xixi ou aquele refluxo básico que tu tem depois que mama até quase desmaiar a tua mãe.

E como quem entendesse do que se tratava, o meu irmão sorri, completamente sem dentes,

para o pai, que aproveita a deixa para beijar aquelas bochechas gordinhas que os bebês têm. Até eu faço isso quando deixam ele no meu colo, e até o Diego eu peguei fazendo isso ontem à noite. Ninguém resiste ao Henrique sorrindo.

Ainda mais eu e o Diego sabendo exatamente a sua origem. E neste caso, acredito que o Di se emocione mais que eu, já que acompanhou de “perto”, por assim dizer, a gravidez do Rique. No momento em que a Carla colocou ele nos seus braços eu vi uma emoção tão grande no Di, que tive que ajudar a distrair a Carla e o pai para que não notassem o Diego quase chorando.

– A gente também pode treinar aqueles teus ataques com bombas nucleares que só tu consegue também. – O pai continua a falar me tirando dos pensamentos distantes.

– Não precisa treinar o Rique para isso pai. A situação é... – hesito. – Complicada mesmo.

Pela segunda vez, escuto o “hmmmm” quilométrico do pai enquanto ele pensa na situação.

Complicada por alguns motivos, não que eu veja alguns deles, mas sim por parte do Diego. Sei que ele é um cabeça dura, e que só precisa de um pouco mais de tempo para aprender que não se discute ou se teima com uma Luiza Lavorini destemida e que sabe o que quer.

Deixa ele achar que sabe e comanda tudo, enquanto ele pensa eu já agi e já cuidei de todas as coisas. E também este lance de escondido sempre foi mais gostoso e um pouco perigoso. Sei que ele adora viver em perigo, então deixo ele pensar que está brincando com fogo e que está louco para se queimar.

– O complicado às vezes está só na nossa cabeça. – O pai fala entregando uma florzinha para o Rique que olha para ela quase hipnotizado pelo tom vívido da pétala delicada. – Muitas vezes a coisa é mais simples que imaginamos.

– Eu sei. – Concorde. – Mas vamos deixar isso assim por enquanto, quem sabe um dia a complicação se desenrola e a verdade vem à tona?

Sorrio para o pai daquele jeito que ele nunca resistiu e que até hoje não me deixa na mão. E como sempre, funcionou que é uma beleza....

Voltamos a conversar sobre tudo e nada até ele me perguntar o que eu vou fazer hoje à tarde. Não respondo e ele entende a dica como ninguém.

Um fato sobre o meu pai, ele nunca visitou o túmulo da minha mãe. No início eu também era contra isso e evitava ao máximo, mas isso mudou depois de uma conversa com o Diego depois que nos conhecemos e ele me deu um bom incentivo para eu realizar essa visita com dez anos de atraso.

Foi uma experiência que me emociona até hoje. E sempre quando eu cruzo os portões do cemitério não consigo segurar o choro por muito tempo. Ele vem com uma força que fica se acumulando desde quando eu cruzo os portões de volta. Uma chuva torrencial que me limpa em todos os sentidos.

– Se quiser ir junto... – dou os ombros e deixo a indireta para ele.

– Tu sabe que eu não gosto de cemitérios. Não quero me lembrar da Joana embaixo da terra. Prefiro me lembrar dela enquanto estava viva e com a gente aqui em casa. Assim como eu não quero me lembrar do meu pai na mesma situação e prefiro recordar dele comigo e brincando

contigo na fazenda.

Ele fala mudando o tom de voz alegre para um mais profundo e sério. Sempre quando ele toca neste assunto o Luiz brincalhão some e dá lugar a esse que me é totalmente estranho.

– Não é este o fato, pai.

Tento argumentar, mas ele sai caminhando com o Rique nos braços até um vaso onde há uns passarinhos pousados. E eu sigo atrás.

– É sobre ter a presença dela, de alguma forma perto de nós. – Digo quando chego ao seu lado e escuto ele suspirar.

Meu pai muda o Rique de braço e demora um pouco para me responder, e como eu já estou acostumada, espero as suas palavras.

– Sinto a presença da tua mãe todos os dias, Luiza. Sendo quando eu te ligo ou falo contigo por mensagem até quando vejo a Carla e o Rique interagindo. Eu sei que de um jeito ou de outro foi ela que trouxe os dois para a minha vida. A tua mãe queria que eu continuasse a minha vida aqui e que precisava de um pequeno empurrão de uma escada de cem metros para isto acontecer. Os sinais são tão sutis que nada me impede de pensar que não tem o toque dela em cada um deles.

Ele para, olha para o nada e continua a falar.

– Como eu disse, não quero imaginar a Joana em baixo da terra, e sim como uma pessoa livre, que depois de anos cuidando de nós aqui, conseguiu realizar a sua viagem e agora cuida de nós em outro lugar.

Sinto uma onda me invadindo. Uma mistura de amor, carinho e emoção. Por alguns segundos consigo entender o que o pai quer dizer com a presença constante da mãe a nossa volta.

– Sabe que eu me arrependo... – ele para e pensa um pouco – não é bem arrependimento, mas um pouco disto, em ter enterrado tanto a Jo com o pai e não ter cremado ambos. Assim eu poderia ter colocado as cinzas deles no mar, ou até mesmo espalhado elas ao vento lá na fazenda. Deixando eles livres para percorrerem os seus caminhos, para onde eles quisessem. E não aprisionados como estão. Às vezes me pego pensando nisto.

– Pai, agora não adianta ficar se remoendo com isso.

– Eu sei... – ele dá os ombros. – Mas sei que a Joana iria preferir ser cremada do que ser enterrada. – Ele se vira para mim e sorri, deixando de lado o Luiz sério para o Luiz que todos conhecem vir à tona novamente.

Ele me puxa para um abraço e beija a minha cabeça, fazendo com que o Rique também se agarrasse nos meus cabelos e puxando um pouco. Voltamos para casa minutos depois. Rique dormiu como um anjinho e o pai deixou ele com a Carla que também dorme para descansar de ficar amamentando ele três vezes durante a noite.

– Pensei que só a Elis gostasse de se exibir enquanto amamentava, mas não. A Carla não pode ver o Rique que já sai tirando a blusa. Não que eu esteja reclamando disso.

– Pai, que nojo!

– Mas é verdade! E quando eu saio com os dois, é pior ainda. Aí mesmo que ela quer se mostrar. O Rique chega a estar suando leite, mas não recusa uma mamada a hora que for e junta a fome com a vontade de comer.

O pai continua a falar e me matar de tanto rir. Ficamos assim até a Carla levantar e se juntar a nós. Escutamos a campainha tocar e quando eu abro dou de cara com a tia Lúcia e o tio Rogério, mas nada de um certo Diego que ficou dormindo no seu quarto.

– Vocês dois – Carla aponta para o seu pai e o meu – estou de olho nos planos que vocês andam armando e não gosto nenhum pouco.

– Relaxa, guria. Nós só vamos dar uma volta nas concessionárias da região e ver os carros que eles têm.

– Como se eu não te conhecesse, Luiz! E ainda mais quando está com o pai junto. Coisa boa não é, tenho certeza.

E a “discussão” continua até os dois saírem cúmplices de algum plano que a Carla não tem maneira nenhuma de escapar. Subo para tomar um banho enquanto escuto o plano da Carla e sua mãe para essa manhã ensolarada e quando eu volto, sou convidada para sair com elas e ir até o mercado para comprar as coisas do final de semana.

Declino dizendo que tinha umas coisas para fazer por aí ajudo elas a montarem toda a mala do Rique para saírem por alguns momentos. Quando eu aceno para os três dentro do carro do pai, um plano se forma na minha cabeça.

Que comece os jogos escondidos....

Capítulo 31

Por Luiza

Um fato incontentável do meu pai: ele nunca sabe onde estão as suas chaves. Quando eu morava aqui, cansei de ter que socorrer ele que simplesmente esqueceu de levar as chaves, ou esqueceu onde colocou e achou dois dias depois quando colocou a roupa para lavar na máquina.

Desde que eu me mudei, ele teve que começar a andar sempre com as chaves, ou fazer amizade com o chaveiro aqui perto de casa. Não duvido de nada que o próprio chaveiro não tenha uma cópia das chaves aqui de casa só por precaução.

Outra dor de cabeça dele é a chave do carro. Ainda mais que ela é daquelas eletrônicas que só chega perto do carro e ele abre. Também já perdi as contas de quantas cópias ele teve que fazer, e ainda por cima, trocar o sistema de alarme por não saber onde perdeu a antiga e nunca mais encontrar.

Agora, depois que a Carla veio aqui para casa, foi criado o sistema do “porta-chaves”, ele abre a porta e quase dá de cara em um. Praticamente impossível esquecer de pendurar elas ali. E desde então ele vem perdendo menos as chaves do que antigamente.

Claro que a facilidade é um plano e tanto para eu colocar em prática, ainda mais quando se tem um molho de inúmeras chaves disponíveis a mão assim. Metido do jeito que o pai é, com toda a certeza do mundo, uma destas chaves deve ser do portão e da casa da Carla. Ainda mais que para a reforma daqui de casa, os dois moraram quase um mês por lá. E elas estão gritando aqui para mim, implorando para serem usadas.

E eu não consigo deixar de atender o pedido...

Pego o molho de chaves, fecho a porta aqui de casa e sigo o meu caminho em direção à uma casa conhecida. Chego na frente do portão e acerto na segunda chave e na porta a história não é diferente. Subo as escadas e entro em um quarto escuro com uma cama de solteiro no centro e milhares de carrinhos e miniaturas de aeromodelo e afins.

Não perco tempo e sento ao lado de um Diego dormindo calmamente. Me aproximo sorrateiramente e quando ele começa a se esquivar de mim, monto em cima dele.

– Sai, Carla! – Ele tenta me empurrar e eu não deixo.

– Mulher errada, Di! – Rio e vejo ele acordar na mesma hora.

– O que tu está fazendo aqui, Luiza? Está louca?

– Relaxa, Di. – Me deito em cima dele e o beijo. – Casa limpa, tanto a minha como a tua. Tua mãe saiu com a Carla e o Rique e os nossos pais foram à caça de um carro. Estamos salvos, seguros e sozinhos.

E só depois de escutar isso ele se rende e me abraça.

– Vamos aproveitar estes minutos antes da terceira guerra mundial começar. – Ele fala com uma voz de sono. – Está pronta para ver a minha irmã surtar com o teu pai?

– Por causa do carro? Imaginei que o véio está armando alguma coisa, mas não consegui entender o que. Quando questionei, ele só deu aquele sorriso cheio de intenções não ditas.

Aposto que ele vai comprar um carro.

Diego ri meio sonolento, mas enfiando as mãos dentro da minha blusa causando arrepios pelo meu corpo inteiro.

– Tempo verbal errado, Ferrugem. Ele já comprou o carro, vai dar o velho, que não tem nada de velho para a mana. Está indo buscar com o pai na concessionária, para disfarçar. A Patotinha vai surtar completamente.

E eu começo a rir com vontade. Ahh a leve sutileza Lavorini de estar sempre uns cinco passos à frente dos outros....

– Tua irmã vai matar o meu pai, e eu nem trouxe um vestido preto para os atos fúnebres. Aliás, era disto que vocês três cochichavam ontem à noite?

– Não. – Olho para o Diego que mantém um sorrisinho besta no rosto.

Fico à espera da resposta que não vem e encaro ele.

– Se ele não te disse, não vai ser eu que vou estragar a surpresa, Ferrugem, ainda tem mais coisas por virem. – As mãos dele sobem mais um pouco e me apertam de um modo muito bom.

– O que vocês três estão tramando? A Carla vai matar os três, não só o pai.

Outra subida e outro apertão. Jesus Cristo, Diego....

– Nós homens somos parças. Temos que nos unir contra vocês mulheres. Por enquanto só deixamos o Rique no clã contrário por motivos óbvios, mas deixa ele crescer mais um pouco...

– Tu está falando igual ao meu pai. – Reviro os olhos.

E quando eu penso que ele parou de me provocar, sinto ele me puxar de uma forma e me colocar embaixo dele. Diego começa a beijar o meu pescoço e a explorar a região que precede a blusa que estou usando.

– Quantas tu já trouxe para o teu quarto escondido, Di? – Sinto o sorriso dele se formando enquanto me hipnotiza com seus beijos e a barba arranhando a minha pele.

– Com ou sem final feliz? – Puxo o cabelo dele, mas não de forma erótica, e sim para machucar. – Ai!

– Cuidado com a resposta. – Advirto e ele segue sorrindo.

– Sem final feliz. Eu juro. Mas para outros fins eu não lembro o número exato. Morria de medo da Dona Lúcia me pegar em uma cena constrangedora. A única pervertida da família é a Carla que trouxe o teu pai as escondidas e ele ainda teve que sair fugindo para não ser descoberto. Mas segundo relatos ele zerou a escapada quando esqueceu uma peça de roupa no quarto da mana. Se não fosse por isso, teria sido perfeito.

– Por favor, esqueça todas as aventuras do meu pai com a tua irmã. Principalmente quando tu estiver lutando com a minha blusa e o fecho do meu sutiã!

Ajudo o Diego na tarefa quase impossível que ele estava travando e faço ele calar a boca com estilo.

Por Diego

Luiza e eu fomos para a sua casa depois que eu consegui sair da cama, com ela ainda agarrada em mim. Como ela mesmo diz, se eu gosto de viver com a adrenalina à mil, não iria me importar de arriscar mais um pouco.

Ah se ela soubesse o quanto nós estamos nos arriscando com esta brincadeira doce.... Se imaginasse e pensasse mais com clareza, teria esperando, pelo menos até chegarmos em casa e ficássemos na privacidade das nossas casas. Mas não, a Ferrugem gosta é de provocar e correr riscos desnecessários.

Carla, minha mãe e Rique chegaram minutos depois que nós. Mais uma vez tive aquele sentimento de choque, dor e felicidade ao ver a minha irmã com o Henrique nos seus braços. Sendo a mãe que ela sempre sonhou. Eu não estava nenhum pouco preparado para reencontrar com essa cena.

Ainda me recordo e sonho, seguidamente, com a cena que antecederam a adoção do Rique por ela. O barulho da bala que atingiu a Lila na minha frente, as últimas palavras dela pedindo que eu cuidasse do seu filho, e todos os eventos que aconteceram depois. Inclusive a minha entrada na organização que salva crianças.

Nós salvamos o Rique e mais algumas de lá para cá, inclusive algumas foram lá para casa, como o caso do Jeferson, e eu ainda não consigo expressar o meu sentimento em relação a tudo isso.

Continuo achando um ato extremo de sequestro, sem contar os outros delitos, considerados crimes sérios e um bom princípio de cativo, quando levamos elas para alguma casa. Porém, ver a cena da Carla com o Rique, me faz ver um lado novo que, por mais que eu soubesse que ele existisse, ainda me parecia distante e quase utópico.

A esperança viva, por assim dizer. Se o Rique tivesse ficado com a Lila, com certeza não teria todo esse carinho e cuidado que a Carla e o Luiz, e também incluído no pacote meus pais, que ele possui hoje. Sem falar nos recursos que as nossas famílias têm no quesito saúde, educação, alimentação, moradia etc.

Ver essa realização do ato completo em si: resgate, cuidado intermediário, mesmo que tivesse sido no hospital e o destino final dele, me vez ter mais fé no sistema que trabalhamos anonimamente.

Sei que sempre que pensar em todas as crianças que resgatamos e cuidamos, imaginarei que elas tiveram, e terão, o mesmo destino que o Rique. Uma família com todo o amor e carinho que ela possa merecer, recursos para uma boa e confortável vida, não deixando que problemas como fome, frio e crueldade se intrometa nos seus sonhos infantis, e, acima de tudo, um mar de possibilidade e futuro para cada uma destas crianças.

Por esses motivos, até o sequestro e o cativo, mesmo que para o bem delas é justificado com êxito. Ninguém há de pensar que tirar essas crianças de um futuro incerto e cheio de obstáculos, mesmo que de uma forma abrupta é melhor do que deixá-las a esmo e contando apenas com a própria sorte e cuidados.

É neste ponto que eu vou pensar todas as vezes, daqui em diante.

Luiz e o pai chegam alguns minutos depois e quando a Carla vê o carro novinho em folha, ainda com os plásticos nos bancos, eu pego o Rique no colo e deixo a fera extravasar sua raiva no Luiz. Antes mesmo de eu entrar em casa com ele no colo, já escutei os gritos da Carla com o coitado.

– Alguém vai se intrometer? – Minha mãe pergunta.

Vejo a Luiza dizer que não, meu pai negar com a cabeça e eu olhar para o Rique que está se contorcendo no meu colo.

– Então vou começar a preparar o almoço. – Ela sai para a cozinha e ainda leva a Luiza junto dela.

Eu e o pai vamos para a sala e começamos a conversar sobre o trabalho. Este sempre foi o nosso ponto de conversa. Desde criança eu tinha curiosidade nata sobre a profissão que o pai exerce. Ficava fascinado com as histórias que ele contava no jantar e quando ele me levava para ficar algumas horas junto dele era o paraíso na terra.

Nunca vou me esquecer a primeira vez que ele me deixou atirar com a sua arma pessoal. Aquilo foi o auge da minha infância. Eu devia ter uns oito anos e até hoje a mãe nem sonha que ele fez isto. Ou nenhum de nós estaria vivo para contar essa história. E isso se tornou o nosso pequeno segredo, e todas as outras vezes que repetimos. Seja no clube de tiros daqui, ou um campo aberto de um colega que ele me levava no intuito de “pescar”. Eles até pescavam, mas eu ficava brincando com a arma descarregada e antes de sair, meu pai me deixava atirar em alvos que eles faziam com caixa. Nunca em alvo vivo.

Talvez tenha sido nestes momentos que eu me apaixonei por armas. E quando assumi o concurso para policial federal me achei realizado. Ainda me acho muito feliz no que faço, salvo os dias que me tudo dá errado e o peso de uma arma se torna um fardo demais para carregar nas costas. E também, o convite para o funeral de colegas cada vez mais frequentes.

Na delegacia, a situação do meu pai não é tão diferente. Mesmo com a sua idade, quase chegando a aposentadoria, nunca vi ele tão descreditado e com um pouco de medo da profissão. Um preço alto que todos nós pagamos, mesmo que involuntariamente.

Sei que o sonho do pai era se aposentar e ficar trabalhando ainda. Se tornar útil para a sua delegacia, mesmo que fosse só para ficar na parte administrativa. Ou até servindo cafezinho para os colegas. Porém, já percebi que os trocados que ele iria receber com continuar trabalhando não valem o risco. A sua nova função vai ser a de ser avô.

Meu pai, assim como a mãe, são umas corujas com o Rique. Se a Carla pensar em colocar o nariz para fora de casa, os dois já estão de prontidão aqui na porta para ficarem com o bebê. A Carla já chegou a me confessar que se sente um pouco sufocada com a mãe, mas sabe que ela faz isso para o bem de todos e teme que ela coloque muita manha no Henrique. Como, por exemplo, a do carrinho que existe só para enfeite, já que o Rique passa de colo em colo o dia todo. E quando eu e a Luiza chegamos, entramos no rodízio para o desespero de todos que tiveram os seus tempos reduzidos.

Meu turno acaba quando o Luiz chega com um sorriso no rosto e um aceno de cabeça dizendo que iria sobreviver por mais algumas semanas. Ele havia domado a fera, mas ainda estava em observação constante. Mal a Carla sabe que o Luiz ainda vai aprontar mais uma hoje à

noite.

E desta vez, nós, assim como todos os seus amigos vamos ser testemunhas do que vai acontecer.

Capítulo 32

Por Luiza

Tomamos conta do bar. Uma mesa só que ocupa boa parte do salão e uma demanda de pedidos sem fim. Observo o meu pai e o seu sorriso largo. Poucas as vezes foi que o vi assim e todas elas incluíam seus amigos no meio.

Quatro casais e cada um com uma peculiaridade e tanto. Noah e Su, como sempre com ela mandando e decidindo as coisas para os dois. Noah não liga nenhum pouco em ter a personalidade única e forte da Su. E ela, por mais mandona que seja, nunca consegue deixar um amigo na mão, nem que seja só para xingar ele. Elis e AC é o casal que se equilibram. Enquanto a Elis é um poço de empolgação e animação, o AC é mais calmo e tranquilo. Como eu disse, o equilíbrio perfeito na relação. Ambos se completam de uma forma única. André e Olívia é o legítimo casal feitos um para o outro. Liv ainda possui alguns traços da sua pertinente depressão. Ela já é uma velha amiga da sua doença, ainda em tratamento, ao qual já percebeu que será constante e se assume como tal. E o André, como apaixonado perdidamente por ela, fica ao seu lado em todos os momentos que Liv mais precisa. Assim como comandam a loja com suprimentos para artistas e agenciam tatuadores, levam a vida em uma parceria incrível.

E no meio disto tudo, o pai e a Carla. Carla, por mais que tenta disfarçar, fica de olho no telefone a cada dois minutos, como se esperasse uma ligação de casa com a tia Lúcia dizendo para ela ir para casa ficar com o Rique. O pai já ameaçou a tirar o telefone dela e agora a coisa ficou mais séria porque a Su também já se meteu na brincadeira.

Diego está sentado à minha frente, conversando alguma coisa com o AC sobre um assunto no qual eu não consegui identificar. E eu sigo sentada ao lado da Carla e da Elis, que já está um pouco alta pelo álcool.

– Precisávamos ter nos cronometrados. Agora que eu consegui me libertar do Otávio a Carla começou com o Rique. Estava louca por um porre à três, só de meninas e a Su dirigindo.

– Hey, à quatro. Me inclui nesta! – Brindo com a Elis e viramos os nossos copos juntos.

– Não vou morrer por ficar um tempo sem beber. – Carla se justifica mexendo o gelo com o canudo no seu suco de laranja. – E sempre quis amamentar.

– A Bibi tem umas recaídas. Às vezes acordo no meio da noite com ela se enfiando embaixo de mim para mamar. – Liv comenta ainda com o seu copo com a dose pela metade.

– O Tavinho também, aquela coisa safadinha. Mas ele vem empurrando o AC até quase expulsar ele da cama. Fica na transversal por completo e eu para cima. Se eu nego ainda começa a me dar cabeçada até eu ceder. Aí quando eu volto a dormir, o Antônio vem junto, nessa hora o AC sai da cama e se enfia na primeira cama que ele encontrar no meio do caminho.

– Não é à toa que eu ando dormindo em pé quase. – AC se intromete na conversa e olha para a esposa com um sorriso no rosto. – Estou afim de adotar o sistema dos colchões na sala. Cada um leva o seu e todo mundo dorme, um encima do outro. Assim ninguém sai perdendo.

– Nós saímos perdendo, AC! – Elis não hesita em se sobressair. – Sem colchão e sem todo mundo junto! Deixa como tudo está.

Ela troca um olhar cúmplice com o marido.

– A Fofinha está em uma fase independente. Quer fazer tudo sozinha e ainda briga quando a gente quer ajudar. – Noah fala e olha para a esposa. – Parece uma certa pessoa que eu conheço...

– Olha... – Su encara o marido que sorri para ela e não perde tempo de a beijar na frente de todos.

– Ahhh, pior é a Bibi que deu para brincar com as minhas tintas. – Liv geme. – Ela tinha parado com isto e agora voltou de novo, nem o Leco escapa. Levei ele no pet de novo essa semana por ele estar todo rosa e roxo.

– E o pior que o fedorentão ainda fica todo alegre mostrando as pinturas da Bibi nele. – André completa.

– E o Yago e a Sarah estão com a cabeça nos livros? – Meu pai vira mais um copo e levanta para o garçom que o conhece há tempos.

– Sim. – Su responde. – Ele sempre quis veterinária e a Sarah disse que quer medicina.

– Então ela vai ter que estudar e muito. – AC revela. – Disse para ela não se estressar por agora e deixar para fazer cursinho depois que acabar o ensino médio.

– Mas não adianta – Elis suspira. – Ela quer passar de primeira na federal e estudar por conta.

– Eu levei um tempo para passar na federal, mas eu já conversei com a Sarah e...

– Ela não quer que tu pague a faculdade dela, Luiz. – AC olha para o meu pai. – E eu também nem aceitaria.

Meu pai revira os olhos e o garçom chega com a sua outra dose que ele vira quase a metade de uma vez.

Seus amigos e seus filhos. A paixão escancarada do meu pai. Assim como ele é com o Maurício e a Júlia. Lembro como se fosse hoje quando os dois iam lá para casa, mesmo com a Júlia ainda pequena, a bagunça era garantida e sem hora para acabar. Assim como é até hoje com os filhos dos seus amigos.

E o assunto se volta novamente para os filhos e a vida cotidiana dos casais. Como sempre, alguns temas geram algumas polêmicas, logo esquecidas por todos e o riso chama a atenção das mesas vizinhas, ainda mais quando a Elis começa a rir daquele jeito que só ela consegue fazer.

Em um determinado momento os rapazes, menos o Diego, que não faz parte da “banda” formando pelo meu pai, AC, André e Noah, são chamados ao palco para cantarem uma música no Karaokê. Uma habilidade que ao longo dos anos de amizade eles vêm se aperfeiçoando, ou beirando a linha do ridículo.

Cada vez que eles sobem ao palco, todos param para ver a performance. Tenho todas elas salvas no meu celular. O repertório vai desde as músicas bregas, passando por Lady Gaga, sertanejo dor de corno das antigas, pagode dos anos 90 e as clássicas, que todo mundo sabe cantar de cor e salteado.

Meu pai segue por último, meio que se acavalando em cima das costas do André que cambaleia com o peso do véio em cima dele. AC e Noah, ajustam os microfones impulsionados pelas esposas.

– Gostoso! – Elis grita e assovia alto para o AC, que em resposta pisca para a esposa, levando ao delírio as mulheres que estão à espera.

Noah retira o casaco e outra salva do público fica forte. Ele foca na esposa e atira o casaco para ela que nem chega a virar a cabeça para ver de onde vem os assovios. Simplesmente confia no seu taco total e sabe que não tem chance para ninguém. Assim como o Noah só mantém os olhos para a esposa.

André sempre foi o mais tímido de todos, mas nem por isso o menos expressivo. Ele olha para a Liv, dá uma piscada e lança um beijo e ela fica encantada com o afeto que recebe.

E o meu pai, por incrível que pareça, vira para o outro lado e começa a falar com o AC, deixando a Carla completamente no vácuo. Até ela soltou um suspiro e notou isso. Por mais alto que ele estivesse, nunca deixaria de expressar os seus sentimentos pela sua guria, como ele mesmo fala. Estranho.

Olho para o Diego que, misteriosamente, tem um sorriso misterioso no rosto. Estranho parte dois da noite.

O som começa a tocar e eu fico tentando decifrar qual música que está tocando. Olho para as três ao meu lado e todas estão com a mesma expressão de que não estão entendendo coisa nenhuma do que está acontecendo. Até que....

– Ai, meu Deus! – Liv é a primeira a descobrir a música e aos poucos cada uma de nós vai reconhecendo e abrindo um sorriso enorme.

Boa escolha, meninos. Penso ao ver os quatro, vidrados na esposa cantando “Marry You” do Bruno Mars. Geralmente o AC e o André puxam o coro principal e deixam o Noah e o pai como auxiliares, já que eles passam mais tempo rindo e dançando ridiculamente do que cantando, por assim dizer.

Mas hoje não. Os quatro cantam e olham para a mesa. Até o Diego entra na brincadeira na mesa, e de soslaio, olha para mim e pisca.

E quando a performance está nos últimos versos, meu pai larga o microfone e vem em direção a nossa mesa, com aquele sorriso de mil e umas intenções que todo mundo conhece e não resiste.

Neste momento eu já começo a sentir as lágrimas nos meus olhos. E quando olho para o meu lado, vejo a Carla já com as marcas de um rio, e não simples lágrimas.

Quando o pai chega à frente da Carla ele fixa o olhar nela e estende a mão para que ela se levante. Nesta hora ninguém mais lembra de maquiagem ou de limpar as lágrimas, na nossa mesa o choro é livre para todos os públicos. Ainda mais quando a Carla levanta e o pai se ajoelha na sua frente e abre a caixinha vermelha com um anel dentro.

A gritaria invade o bar. Tanto que ninguém escuta o pedido realmente. Mas não precisa, apenas a troca de olhar entre eles já se entende tudo. Carla coloca as mãos na frente do rosto e chega a se tremer de tanto chorar. O pai fica com aquele sorriso besta que ele tem no rosto à

espera da resposta.

– Sim! – Ela sussurra e mais uma vez, o bar vem à baixo.

Sem perder um momento que fosse, o véio fica em pé e agarra a sua guria pela cintura a levantando do chão como se ela não pesasse quase nada. Carla abraça o pescoço dele e o beija, selando assim o acordo entre eles.

Depois de deixá-la no chão, finalmente ele coloca a aliança de noivado no lugar devido. Outro beijo e todo mundo para cima do casal. Noah, AC e André quase desmontam o meu pai, batendo as costas dele. Diego é mais civilizado e não perde a oportunidade de ameaçar o pai sobre ele fazer alguma coisa para a Carla. E nós meninas, ficamos na volta da Carla que ainda está tremendo e chorando como ninguém.

Nem ela acredita no que aconteceu. Para Carla era completamente inesperado, nunca passou pela sua cabeça que o pai a pediria em casamento. Aliás, este assunto já tinha sido conversado por eles assim que o Rique veio para casa. O pai quer entrar com uma ação para adicionar o sobrenome dele ao Denski da Carla, oficializando assim a sua paternidade. Mas foi conversado por alto e com a promessa de que um dia ela se cumpriria. Nunca foi estipulada data.

– Agora temos dois casamentos para planejar! – Elis é a primeira a pensar nisso.

– Teu casamento vai sair antes do nosso. – Liv fala com um sorriso no rosto. – Bem antes mesmo, já que eu e o André nem pensamos mais nisso. Nossos planos são outros.

– Não mesmo! – Su se intromete – Vou ter uma conversa com o André, ou melhor! – Ela dá um sorriso malicioso. – Pedirei para a Dona Eulália conversar com ele. Ele vai sair de lá com a data marcada e o curso de noivo quase completo. Foi assim que eu acabei casada com o Noah. Um simples final de semana e ela arranjou tudo.

– O AC não esperou muito não também. Ele prometeu para a vó que me pediria em casamento depois que uma coisa acontecesse e quando ele trouxe os papéis da adoção da Sarah já emendou com o casamento.

– Se depender de vocês eu não termino o ano solteira? Não vão nem deixar eu me acostumar a ser mãe e já querem me empurrar o título de esposa?

– Vestidos por minha conta! – Levanto os braços. – Mil e uma ideias para o casamento do século!

– Pronto.... Eu mereço! Estou bem arranjada com vocês quatro na minha volta.

Meu pai se intromete no nosso bolinho e quando nos damos por conta, ele já está com mais planos que nós mesmas para a festa. Legítima animação de criança em manhã de natal.

Fomos para casa depois de mais algum tempo. Meu pai ainda estava radiante de uma forma que até o sol se sentiria escuro ao seu lado. E a Carla, com um sorriso escondido que teimava em aparecer a todo momento.

Seguimos até a sua casa, onde o Rique estava com os seus pais. Carla mal estacionou o seu carro “novo” e saiu correndo ao escutar o choro do Rique ao fundo.

– Alerta mãe coruja ligado. Cuidado com o que falam. – O pai ainda cambaleia para sair do carro seguido por mim e o Diego e entramos em silêncio.

– Boa noite. – Diego fala, mas é ignorado com sucesso ao ver a Carla embalando um Rique chateadíssimo.

– Coitadinho do meu bebê – Carla fala beijando a sua cabecinha. – A mamãe deixou ele com a vovó e o vovô. Judiam tanto dele.

– Ele começou a chorar não faz muito. – Tia Lúcia comenta como se precisasse se justificar.

– Dormiu com o vovô por um bom tempo.

– É o ronco, pai. Ele está acostumando com o Luiz roncando, deve ter associado o teu ao dele. – Ela segue embalando o Rique que já se acalmou e apenas solta um choro mais ressentido no momento. Como se estivesse altamente ofendido por ter sido deixado de lado essa noite.

– E então, como foi a noite? – Tio Rogério abre um sorriso comparsa ao meu pai, já sabendo dos planos daquela noite.

Tia Lúcia quase desmaia ao ver o anel na mão direita da Carla. Meu pai fica todo orgulhoso de si mesmo e fica se sentindo mais que o normal com a recepção da sogra. Se eu já sou bem tratada por eles, quem dirá o pai que, assim como a Carla trouxe uma luz para a sua vida, ele também levou para a dela.

Com a noite alta e um vento friozinho, resolvemos dormir por ali mesmo. O pai e a Carla têm até um berço antigo montado no quarto de hóspedes, e eu fico com o quarto antigo da Carla mesmo. Nem preciso dizer que não esquentei muito as cobertas no meu quarto e no meio da noite pulei de cama por algumas horas.

Capítulo 33

Por Diego

Caminho o corredor dos quartos e escuto o barulho do chuveiro no quarto da Carla. Com certeza o Luiz deve ter acordado cedo e ido até a casa dele pegar roupas para todos, inclusive da Luiza. Aquela mesma que eu tive que correr da minha cama às cinco da manhã. Se eu não fizesse, ela ainda estirada lá e me empurrando com a bunda dela.

Desço as escadas e na sala vejo a cena. Luiz deitado no chão, com aqueles tapetes interativos e o Henrique em cima dele. Já a Carla, sentada no sofá, digitando ferozmente no seu notebook.

– Bom dia. – Digo para os três e o único que me responde é o Luiz.

– Bom dia, dindo. Vem aqui vem se tu não tem pena desta pobre criança? Ele está com tanta fome que pega a minha mão e dá bocada desesperado.

– Ele não está com fome, não faz meia hora que ele não conseguia nem piscar de tão cheio que ele estava. E já disse para tu ir à farmácia comprar fralda. Pelo tanto que ele mamou por algum lado vai ter que sair.

– Sempre sai, não é Rique? – Luiz volta a brincar com o filho que olha para o pai encantado.

– Tu não está de licença? – Pergunto a Carla que me olha por cima.

– Estou, mas não consigo ficar parada. Depois eu me acerto com a Su.

– A mamãe está querendo brigar... – Luiz cantarola.

– Papai quer apanhar da mamãe... – ela revida. – Fralda, agora!

– Ok, estamos saindo!

Luiz levanta e pega o Rique no colo, não perco a oportunidade de dar um beijo na bochecha dele quando o Luiz o traz para perto de nós. Os dois discutem sobre a carteira que o Luiz deixou em casa e a Carla só andava com a de motorista.

– Eu tenho que passar em casa mesmo e já pego a minha, então. Dá tchau para a mamãe, Rique. – Luiz pega a mãozinha dele e acena.

– Tchau meu amor, te comporta na rua. E cuida do teu pai.

– Nós vamos aprontar muito, isso sim! – E o Luiz sai murmurando alguma coisa para o Rique.

Sento ao lado da minha irmã que apoia a cabeça no meu ombro. Beijo os seus cabelos e ela boceja com um suspiro longo.

– Tu está cansada, não é? E bem mais magra.

– E vazando leite agora. Já nem uso mais o que pegávamos no hospital de doação. O Rique, se deixar fica pendurado o dia todo em mim. – Ela ri, daquele jeito feliz.

– Teu rosto é de cansado, mas um cansado de quem faria tudo de novo, não é?

– Em todos os detalhes. – Novamente beijo os cabelos da minha irmã. – Ser mãe é mil vezes melhor que eu pensei e... Nunca imaginei que seria tão cansativo, tão estressante e tão maravilhoso ao mesmo tempo! Ver ele me reconhecendo quando eu chego em casa e procurando a minha voz, como ontem à noite se acalmando nos meus braços.

E ela se anima mais ainda falando.

– Eu morria de medo, apesar de querer muito ter um filho. Não esperava que seria tão rápido, por assim dizer. Vi casos de pessoas que ficaram mais de cinco, quase dez anos na fila e eu com um pouco mais de dois! E quando eu peguei ele no colo a primeira vez já estava perdidamente apaixonada pelo meu filho. O Luiz é a melhor pessoa para ficar ao nosso lado. Ele é um louco de atar, mas o melhor pai que eu poderia esperar para o meu filho.

– Eu sei disso. Sou a prova real que ele é o melhor pai do mundo. Um chato de galocha, mas o melhor de todos! – Luiza aparece descendo a escada e se senta ao lado da Carla.

– Isso mesmo. Se o Rique for parecido contigo, vou ser uma mãe de sorte. – Carla fala sorrindo e as duas engrenam um papo interessante.

Acompanho por alguns minutos, até ver o rosto da minha mãe na porta me fuzilando com os olhos.

Vou até ela e seguimos para a cozinha onde eu me sento para tomar café. Ela continua em silêncio a me observar e eu começo a imaginar o que foi que eu aprontei para merecer tal olhar assassino da minha mãe. Quando eu era pequeno, e recebia esse olhar, ficava deitado no meu quarto em posição fetal por horas.

Hoje eu já sou crescidinho e não tenho mais medo desse olhar.

– Algum problema, mãe? – Atiço o fogo com álcool puro.

– Nenhum. – Ela dá os ombros e eu penso duas vezes antes de tomar o meu café, veneno é fácil de conseguir, não é?

Sigo tomando o meu café e ela senta na minha frente.

– Quantos anos tu tem, Diego? – Paro de tomar o café e olho para ela sem entender.

– Trinta e três? – Afirmo com uma pergunta.

– Trinta e três anos... – ela saboreia a frase na boca. – Há uns vinte, dezoito anos eu ainda tolerava tais coisas. Mas agora a situação é outra.

Olho para ela querendo entender a situação, mas fico sem compreender.

– Trocava os teus lençóis e fingia que não sabia que na tua última gaveta tinha umas revistas impróprias para a tua idade. Tu trocava com os teus colegas, não era?

– Mãe!

– Diego Denski! Eu não tenho mais idade, e nem tu mais para sujar os lençóis deste jeito! Vou falar com a Luiza para ela te apresentar umas amigas para resolver... âhnnn, o teu problema. Eu sei como é a situação..

– Jesus Cristo, mãe!

– Não é nada disso, meu filho! Olha a tua idade, tua irmã já é mãe e agora noiva.

– Ela é noiva do Luiz!

– O Luiz é um ótimo genro! E... ahhh, meu filho, – ela coloca a mão no meu braço e a outra no seu coração. – eu já entendi tudo! Mas não precisa se preocupar, eu e o teu pai ainda vamos te amar incondicionalmente. Não vai ser a tua opção que...

– Deus! Mãe... eu não sou gay, ok?

– Não precisa ter vergonha! Não vamos te expulsar de casa ou te renegar alguma coisa. É por isso que tu nunca trouxe um namorado para cá? É medo de represálias por nossa parte?

– Mãe! – Seguro o rosto dela e a beijo na testa. – Eu juro, por tudo que há de mais sagrado no mundo que eu não sou gay! Eu só sou seletivo demais.

– Ahhh, meu filho! Às vezes procuramos tanto que não olhamos ao nosso redor. Pode estar mais próximo que imagina.

– Eu sei, mãe. Eu sei disso e já olhei para os lados. – Pego as suas mãos e as beijo.

– Só não vai me tirar aquelas fotos sem vergonha, ok? A filha de uma conhecida fez isso e o namorado colocou na internet. A todo mundo conhece a coitadinha, e não por suas qualidades. Até eu vi as fotos, a Carla recebeu! Se eu receber tuas eu vou saber pela marca de nascença que tu tens na bunda, Diego!

E o assunto não termina nunca! Pelo visto, vai ser mais um dia que eu vou dormir em posição fetal lembrando da conversa com a mãe...

Por Luiza

– Tua mãe falou isso tudo mesmo? E eu pensava que só o meu pai falava estas coisas sem noção.

– Não, a minha também consegue. E ainda me deixar de um modo que eu vou sonhar com isso por um ano, no mínimo.

Estamos caminhando pela calçada em direção à casa do pai. Era para a Carla me dar uma carona até o cemitério, já que ontem ela me pediu para ficar com o Rique a ajudar ela a comprar algumas roupas no shopping para a pequena abóbora, que cresce mais a cada dia que se passa.

E ela pediu para o Di me dar uma carona de moto. Juntou o útil ao agradável, já que salvei o Diego das garras da sua mãe com os assuntos perturbadores. Nem eu escapei e ainda concordei quando ela me pediu em off para apresentar algumas amigas para ele.

Pode deixar, tia Lúcia. Vou apresentar eu mesma para ele. Opa... Ele já conhece, e muito bem ainda por cima.

Chegamos em casa e antes mesmo de eu abrir o portão, já estou pendurada nele. Gostei o cheiro da adrenalina correndo nas minhas veias e agora não quero perder nenhuma oportunidade de sentir novamente.

Diego é mais contido, ainda mais quando se nega em aprofundar o beijo. Me deixando um

pouco frustrada.

– Depois de pular na minha cama e invadir ela durante o dia, ficar de beijos aqui não tem graça, Ferrugem.

Ele aperta a minha cintura e me dá um beijo rápido.

– Tenho a chave de casa e nunca tive a oportunidade de levar um namorado para o meu quarto.

– Chega, Luiza. Daqui a dois dias vamos para casa e lá temos dois apartamentos a nossa disposição.

Ele me larga e me deixa com as mãos abanando no meio do pátio.

Diego me atira o capacete da Luiza e pega o do pai, ambos encostados na moto, quase abandonada da Carla. Diego manobra ela, verifica algumas coisas nelas e chuta os pneus.

– Temos que passar no posto aqui do lado para calibrar os pneus e colocar um pouco de gasolina.

– Sem problemas.

Diego sobe na moto e eu, sem cerimônia nenhuma, coloco o meu capacete, monto atrás dele, e não perco a oportunidade de apertar bem a sua cintura. Sinto o Di rindo e solto um gritinho quando a moto começa a andar e acelera.

Depois de passarmos no posto e a moto estar tudo ok, seguimos o nosso caminho em direção ao cemitério onde eu encontrarei a minha mãe. Diego não perde tempo e começa a acelerar a moto em uma estrada reta e sem movimento. Se eu gosto de me arriscar me agarrando nele pelos cantos, o seu gosto pelo risco é bem mais radical.

Se o pai sonha que ele corre tanto assim, nunca deixaria eu ou a Carla sair com o Diego dirigindo. Eu não reclamo e aproveito o momento. O vento batendo no meu corpo, eu agarrando a cintura do Diego sem medo de ser feliz e principalmente sabendo que ele está feliz com a moto da irmã.

Num dos nossos assuntos “de cama” ele me disse que tinha uma moto, mas que acabou vendendo e optado por um carro por ser mais seguro. Além do risco de acidentes, o perigo de uma emboscada e um tiro fatal é bem mais presente do que num carro com os vidros escuros e quase não dando para ver quem está dentro.

Fiquei com o coração partido ao escutar a história. E ver ele na moto da sua irmã é um sonho e tanto. Por isto acredito que a Carla me jogou para cima dele nessa missão. Já que a moto dela está um pouco atirada, ela deu carta branca para o Di usar e abusar dela, com a desculpa de não deixar a bateria arriar por ficar parada.

A viagem foi tão rápida que só percebi que chegamos quando a moto diminuiu a velocidade. Diego estacionou e eu desci logo em seguida. O cemitério ainda continua o mesmo. A mesma fachada, ao longe as lápides e a grama verde bem cuidada. Percebo algum movimento e quando olho para o Diego, vejo ele escorado na moto.

– Eu vou ficar aqui te esperando, Luiza. Tenho algumas ligações para fazer com o meu

chefe e outras coisas.

Respondendo um agradecimento silencioso e entro portão a dentro.

Caminho por entre as lápides fazendo o caminho que eu já decorei. Chego perto da que a minha mãe se encontra e vejo as flores ainda frescas no pote da frente. Meu pai nunca visitou a lápide depois do enterro, mas nem por isso a abandonou por completo. Sempre é a mais bonita e com as flores que a mãe sempre gostou.

Minhas lágrimas começam a salpicar nos meus olhos e eu me sento no banco à frente. Respiro fundo e sinto o perfume que me acompanhou por dez anos em vida, e depois do acidente, sempre sentia quando a saudade apertava demais. A comprovação que o pai sempre me disse que ela estava constantemente ao meu lado.

Limpo as lágrimas que já desceram e começo a formular na minha cabeça tudo que eu tenho para contar. Começando por mim e o Diego, que finalmente deu, e está dando certo, a organização que resgata crianças em situação de risco que caímos de paraquedas, mas que já consideramos quase como profissão. As crianças que já ajudamos neste meio tempo, incluindo o Rique, que ela deve conhecer muito bem, de cuidar do pai e a Carla de onde ela esteja. E agora o noivado do pai e como ele está feliz ao lado da sua guria e do Henrique.

Ainda bem que o Diego disse que me esperaria, pois, a conversa que terei com a minha mãe, será longa. Tomo mais uma respiração, deixando o seu perfume me inundar mais uma vez, sorrio para o nada e começo baixinho....

– Oi, mãe...

Capítulo 34

Por Luiza

Começo a rir quando vejo o Diego saindo correndo atrás da Fofinha que está com o Miche na mão correndo de um lado para o outro. E isto dura até o Noah se intrometer e dizer para a filha não maltratar a pequena tartaruga.

Mal o Diego sabe que eu surrupiei uma foto dele com uns doze anos de idade vestido de Michelangelo na sua festa de aniversário.

A turma toda, incluindo os filhos, os pais da Carla, meus tios, minhas tias e meus primos estão aqui. Meu pai consegue a façanha de conseguir reunir todo mundo e ainda conseguir não baixar a polícia aqui no meio da madrugada para reclamar do barulho.

Sigo sentada observando a cena, quando sinto uma mão gelada nas minhas costas.

– Ai!

– E aí, prima. – Maurício beija a minha bochecha e senta ao meu lado.

– Oii! E aí, quando vai ser a mudança?

Maurício revira os olhos e vira um pouco da sua bebida.

– Nem em fala, Luiza. Já estou a ponto de desistir.

– Ahhh não, Maurício! Não faz isto! Vou chamar o tio Gê para te bater.

Ele joga a cabeça para trás rindo.

– Meu pai já está bem feliz com isso, mas o problema – ele aponta para a tia Lena, que está conversando com a Tia Lúcia e a tia Vivi, com o copo. – Sabe as chantagens que o tio Luiz fazia contigo antes de ti ir viajar?

Concordo com um sorriso no rosto.

– Acho que ela fez um curso intensivo com o teu pai. Só pode. Se demorar muito essa mudança, capaz dela conseguir fazer até a cabeça do pai para desistir.

Sigo conversando com o meu primo, até as meninas, Su, Elis, Liv e Carla se juntarem à nós.

– Tenho um recado para te dar, Maurício! – Elis é a primeira a falar entusiasmada, como sempre. – A vó já disse que se tu precisar, pode ficar lá em casa até encontrar algum lugar para ficar. Ela já te considera um neto quase.

Todo mundo começa a rir do Maurício novamente. A vó da Elis é uma peça e tanto. Em uma destas junções épicas que o meu pai conseguiu fazer, uma delas foi na fazenda gigante que os pais da Elis têm. Se a da nossa família eu já acho grande, a deles deve ser uma três vezes mais. Por isso, ninguém ficou de fora e a Dona Eulália grudou no Maurício de uma forma inexplicável.

– Pode dizer para ela que se eu precisar, vou mesmo. Ainda mais se ela cozinhar para mim.

– Ahhh, então ela não vai deixar tu sair de casa e... Otávio! Desce daí! Antônio tira o teu

irmão e sai tu também! Se depender da vó, ainda sai daquela cidade casado.

– Jesus Cristo! Saio daqui para esquecer de uma tragédia e a tua avó vai me arranjar outra?

– Arranjar casamento para os outros é a especialidade dela. Ela que forçou o Noah a casar com a Su. – E a Su responde que sim com o olhar. – Ela que quase me deixou louca por um bisneto e que eu casasse até o Lindo aparecer. Eu sei que ela está louca para casar a Olívia com o André e vai ter um ataque quando souber que a Carla noivou com o Luiz. E... – ela olha para mim que me escondo atrás do meu copo de bebida. – Contigo ela não falou nada?

– Não. – Minto e volto a tomar outra bebida e cuidar o Diego com a Bianca no seu colo, de cabeça para baixo, fazendo ela rir.

Na verdade, a D. Eulália me sondou a respeito do Diego há uns meses atrás. Antes mesmo de nós dois tentarmos alguma coisa, naquela época eu ainda pensava/sonhava/fantasiava com o Diego na minha cama quase todos os dias. Ela chegou como quem não quer nada, daquele jeitinho vovozinha inocente que não faz mal a nenhuma alma. Ledo engano...

Ela foi bem direta no assunto perguntando se eu e o Diego já estávamos juntos. Foi como um tiro de escopeta direto no meu estômago. Sem chance de desvio. Me afoguei com o copo de água que eu estava tomando e quase morri engasgada com aquela direta. Tive que dar uma disfarçada e tentar contornar a D. Eulália, mas sei que não consegui. Ela saiu da cozinha com um sorriso estranho no rosto e resmungando alguma coisa inaudível. Se eu ver ela agora, com certeza não vou sobreviver ao interrogatório e vou acabar me mijando de medo e falando até o que não deveria.

Jantamos em uma bagunça completa. As crianças menores, Otávio e Bianca, comendo sozinhas, enfiando as mãos uns no prato do outro, com a Elis e a Liv tentando amenizar os estragos. Fofinha e Antônio, mais interessados no Miche dentro do seu aquaterrário comendo a sua ração, que eles colocaram, alegando que era hora da janta para ele também. Já o Yago e a Sarah eu quase nem reconheci pelo tamanho que estão desde a última vez que eu os vi a menos de dois meses. Acho que eles vêm tomando fermento de pão escondidos, só pode! É a única explicação.

Depois da janta, como de praxe, a Sarah fez a melhor sobremesa do mundo, nos deixando em êxtase de tanto comer. Continuei a conversar com o Maurício, até ele ir embora, alegando que estava cansado pois, tinha passado o dia todo arrumando o seu estúdio de música para o professor que irá ficar no seu lugar. Depois disso, eu me juntei com as mulheres enquanto os homens arrumavam a bagunça da janta. Ainda bem que o AC está coordenando isso, senão seria mais bagunça para se limpar amanhã.

O resto fez o Diego achar alguns desenhos das tartarugas ninjas na internet para elas olharem, e o Di não perdeu a chance de olhar junto.

– Que foi? – Elis olha para o Otávio que está parado na sua frente. E a Bianca na frente da Olívia.

– Acho que eles viram a Carla amamentando o Rique e também querem. – Digo vendo os dois enfiarem a mão dentro das roupas das mães.

– Vou dar um porre no meu Cabrito, isto sim. Olha o tanto que eu bebi ontem e hoje. Se

bem que isso pode derrubar ele de vez e só acordar amanhã de manhã.

– Até eu bebi ontem, filha. – Bibi faz beicinho para a Liv ensaiando um choro que leva o Otávio junto na onda.

– O que aconteceu? – André chega acompanhando do AC para carregarem as últimas coisas para lavar.

– Eles viram o Rique mamando e querem também. – Su explica. – Como está a arrumação lá dentro?

– O Noah está fazendo guerra de água com o Luiz, o Gê, Beto e Rogério estão na parte dos espetos, mas mais conversam do que limpam. – AC relata.

– Posso dar um porre de leite batizado com álcool para o nosso filho? Acho que ele vai dormir que é uma beleza. – AC olha para a esposa com uma cara estranha.

– Acho que pode. Pelo menos não vou ser chutado a noite inteira por duas pessoas, apenas por uma.

– Liv, tu tomou dois drinques ontem. Não vai fazer mal à Bibi. Até o Leco tomou mais aquele dia que fizemos uma janta lá em casa.

E isso foi a deixa para acalmar os pequenos, que quase não deixaram as mães se arrumarem e já enfiaram o rosto para mamar.

Por Diego

Desligo a TV onde os quatro dormiram depois de uma sessão de Tartarugas Ninjas e antes de ir ao banheiro me topo com uma Luiza no meio do caminho.

– Oii, Di! Tive que sair de lá, agora o assunto só gira em amamentação, fralda e coisas de crianças. Vim para dentro, mas o pai está mais louco que o padre do balão enchendo o saco de todo mundo. Acho que eu vou dormir mesmo.

Fico observando a Luiza falar como uma gasguita e fico em silêncio até ela me dar uma brecha.

– Tudo ficou chato depois que o teu primo foi embora, não é?

Eu fingi que não estava observando a conversa dos dois. Mas não consegui. Eles estavam perto demais, rindo demais e se tocando demais. Não permiti deixar batido essa situação toda.

Conheço o Maurício há tempinho já, quando eu vinha para casa, antes da Luiza se mudar para cá, já conversava com ele todas as vezes. Sei que ele é um cara legal, mas também conheço a “história” dele com a Luzia. Luiz me contou que sempre suspeitou que os dois tivesse um caso quando eram adolescentes, porém, nunca conseguiu flagrar nada.

– É, eu e o Maurício estávamos conversando bastante mesmo. Fazia tempo que não conseguia conversas assim com o meu primo e....

Ela para e me analisa de cima a baixo. Cruzo os meus braços no meu peito e fico esperando a conclusão dessa vistoria.

– Tu estás com ciúmes? – Ela fala a última palavra baixo e ainda olha para os lados para saber se ninguém estava nos escutando.

Não respondo e sinto a Luiza me puxando para uma sala onde o Luiz faz de depósito com mil e uma coisa dentro.

Luiza acende a luz e continua a me observar. A luz incandescente, daquelas antigas, acentua mais a cor de cobre dos seus cabelos deixando seus olhos, azuis acinzentados, mais chamativos no seu rosto.

– Diego Denski! Eu não acredito nisso. Ciúmes – ela começa a rir – do Maurício?

– Tu quem estás dizendo, Ferrugem. – Acentuo a palavra fazendo ela sorrir desdenhosa do seu apelido.

– Ciúmes. – Ela encosta a ponta do dedo bem no meu peito e empurra. – Daqueles bem ciumentos ainda por cima.

– Todo mundo sabe que vocês dois...

– Não me diz que tu andou dando ouvidos para o que o pai fala? – Ela me interrompe. – Ele sempre diz isto, mas nunca teve provas de que eu tive algo com o Maurício, sabe porquê? Porque isso nunca aconteceu! Simples assim. Nós saíamos junto e acobertávamos as coisas que cada um fazia. Parceria. Vai dizer que tu nunca teve uma assim?

– Não. – Ela fica me encarando com aqueles olhos que me perfuram. – Ok, tinha uma amiga assim também, mas no fim eu dei jus aos boatos de que a gente ficava.

– Safadinho. – Ela sorri maliciosamente. – Mas fique sabendo que eu e o Maurício nunca sequer pensamos em ter um algo a mais. Meu pai que é paranoico e pensa que o raio cai duas vezes na mesma família.

Luiza muda o olhar brincalhão para outra coisa. O contraste cobre e o azul acinzentado formam uma mistura que me faz engolir à seco e dar um pequeno passo para trás quando ela se aproxima. Minhas costas batem na parede e eu não tenho mais para onde fugir. E vendo isto, o sorriso dela volta com mil e umas intenções desconhecidas, fazendo com que ela se aproxime mais ainda de mim.

– Minhas amigas também sempre pensaram que eu tinha alguma coisa com ele, sabe? E elas me chamavam de louca quando eu dizia que não conseguia enxergar o meu primo além de quase irmão. Até brigava com elas por causa disso.

Luiza encosta a mão no meu peito e se aproxima do meu pescoço para me cheirar, começando dali a falar novamente, me intoxicando completamente com o cheiro do seu shampoo.

– Mas o que elas não sabiam é que eu nunca tive gosto para música. E agora, acho que encontrei o que procurava em um certo policial. – A mão dela desce o meu peito e vai contornando a lateral do meu corpo. – Daqueles que usam uniforme preto dos pés à cabeça e andam com arma no coldre da cintura todos os dias. Especialmente aquele que gosta de salvar crianças em situação de risco junto comigo.

A boca dela se aproxima mais ainda de mim e eu chego a fechar os olhos quando ela

encosta os lábios abaixo da minha orelha.

Jesus, dai-me forças para aguentar este furação!

Capítulo 35

Por Diego

Suor escorre pelo meu rosto, e eu me limito a deixar ele correr livre. Corro em direção à casa mais próxima e me escondo atrás de uma parede. O barulho dos tiros constantes me faz esquecer tudo a minha volta. A única coisa que estou conectado neste momento é a minha arma.

Aponto ela para a frente e sigo correndo até sentir uma nova salva de tiros em minha direção. Aperto o gatilho e sinto o coice leve da arma com o empuxo. Ouço o barulho de alguma coisa caindo ao longe e sei que acertei uma pessoa e possivelmente acabei com a sua vida. Antes a dela, do que a minha, como dizem alguns colegas que devem estar na mesma posição que a minha.

Tudo começou hoje quando cheguei para assumir o plantão. Estava calmo e silencioso demais. Nem a fila no posto de saúde ao lado de onde ficamos tinha uma viva alma. Um sinal característico de que alguma coisa ia acontecer, os moradores foram avisados do toque de recolher e forçados a não saírem de casa. Depois que a guerra estoura, ninguém entra e ninguém sai da favela.

E como já esperávamos, a bomba, literalmente, explodiu na nossa porta trazendo junto uma revoada de tiros em nossa direção. Mais uma vez, as paredes e o balcão de atendimento central forem feitos de peneiras.

Desta vez não teve escapatória, todos os agentes subiram no morro e o chefe pediu reforços nas favelas vizinhas, e se a situação não melhorar é certo que o reforço aéreo vai chegar e acabar com a festa deles por cima.

Se eu pudesse, estaria novamente onde estava ontem neste horário. Ainda na casa dos meus pais, sentado no sofá, com o Rique no meu colo me despedido do meu afilhado e ignorado todas as preces que a mãe estava fazendo na minha volta. Depois nós seguimos até o aeroporto e quando embarcamos eu pude beijar a Luiza com decência. Sem perigo nenhum de sermos pegos em flagrante.

Chegamos em casa e ficamos no apartamento dela mesmo. Encomendamos uma pizza e comemos sentados no sofá, olhando um filme repetido na tv. Dormimos juntos na sua cama e só nos desgrudamos quando saímos hoje pela manhã.

Como eu daria tudo para repetir tudo de novo....

Sigo o meu caminho e evito de olhar para o colega estirado no chão com os olhos já sem vida ao lado que eu passo. E eu continuo em frente, como o informado ao meu rádio acoplado no meu capacete.

Só rezo para não ter o mesmo destino que o meu colega ali. Acabar nas mãos de traficantes, viciados que não sabem o que estão fazendo e delinquentes que só querem descarregar as armas nos policiais para que saíssemos daqui e deixasse a venda de drogas correr livremente.

Escuto no rádio incluído no meu capacete que devemos continuar a missão e não recuar. Alguns pontos já estão tomados e calmos, claro que os da minha área estão longe disso

acontecer. Como sempre....

Subo mais um pouco e penso na Luiza. Provavelmente sentada atrás da sua máquina de costura, hipnotizada com o traçado que a linha faz no tecido. Imagino aquela cortina de cabelos cor de cobre caindo sobre o seu rosto e aqueles olhos azuis acinzentados focados.

Te concentra, Diego! Nada de desvios que te tirem a atenção do principal.

Dobro uma esquina e vejo um cano de arma apontada para frente, mas sem um corpo aparecer. Recuo um passo e fico na espreita de uma chance de tirar aquela arma de combate.

Me agacho até entrar em um nicho qualquer e pego uma pedra, a atirando em direção a arma. Fico em posição de tiro e quando percebo a boa posição atiro sem pensar duas vezes. A arma solta longe e eu escuto o grito de dor imensa e sigo o meu caminho.

Outra gota de suor desde o meu rosto e a minha respiração pesa a cada vez que inspiro e embaça o meu capacete por dentro me dificultando a visão por alguns segundos.

Observo as casas ao redor, todas fechadas. Pessoas escondidas embaixo das camas rezando para que tudo acabe. Crianças apavoradas nos colos dos pais chorando com medo da situação. E eu não poderia estar mais apavorado como elas neste momento.

Não sei porque estou assim. Sempre entrei em combate e esquecia tudo a o meu redor. Já fui atingido e continuei até o final, ficando quase em choque hipovolêmico em decorrência à perda de sangue em grande quantidade. E agora estou aqui, tremendo nas bases com o peso da minha arma e sentindo um coice gigante quando eu puxo o gatilho.

Um peso a mais do que eu já sentia antes.

– Parado aí! – Escuto a voz ao longe e ergo os braços.

– Arma no chão! Rápido! – Outra voz aparece e eu solto a arma com um estrondo dela caindo no chão.

– Sabe o que os policiais fazem quando pegam um de nós nesta posição? – Engulo à seco.

– Responde, viado! – Sinto um chute nas minhas pernas e caio de joelhos no chão.

– Se não responder a gente vai demonstrar.

– Atiram. – Respondo.

– Para matar, não é? – Levo outro soco, no pescoço desta vez. – Qual o teu nome?

Não respondo e sigo olhando para a frente. Sinto o gosto de sangue na minha boca. Fecho os olhos e as imagens da minha família me preenchem. A visão da Carla sorrindo com o Rique nos seus braços e o Luiz o fazendo rir, minha mãe me colocando na parede com perguntas ridículas, meu pai olhando jogo comigo e comentando sobre o nosso trabalho e finalmente na Luiza.

O barulho da arma sendo engatilhada seguido pelo estrondo de um tiro me faz perder noção do que acontece na minha volta, mas antes disso acontecer a imagem da Luiza me vem à cabeça novamente.

Por Luiza

Minha mãe dizia que eu e o meu pai tínhamos uma pulga dentro das calças. Nunca parávamos quietos em algum lugar. Sempre mexendo em alguma coisa, fuçando em outra ou simplesmente caminhando sem motivo aparente.

Com o passar dos anos, e a necessidade de trabalhar altamente concentrada, para não costurar as minhas próprias mãos junto com as roupas, aprendi a controlar a minha ansiedade. Mas somente até certo ponto.

Ainda tem dias, como hoje, que eu sinto que tem literalmente uma pulga dentro da minha calça. E ela me pica cada vez que eu me sento por mais de cinco minutos, me fazendo levantar nem que seja para olhar para o movimento da loja, ou ir até a praça de alimentação ver qual o motivo daquela fila gigante em uma certa rede de fast-food. Depois que eu vi que era uma baita promoção do dia, já entrei na fila e garanti o meu hambúrguer também.

Comi ele caminhando pela minha sala olhando para todos os cantos que ela possui. Estava com a cabeça tão à mil que nem notei que comi o hambúrguer, só percebi quando só tinha o papel na minha mão.

Voltei para a máquina, onde eu estava fazendo um casaco que tenho que entregar semana que vem, já que eu estou adiantadíssima com as minhas entregas e consegui quebrar uma agulha e enredar a linha de uma forma que vou ter que começar do zero. Essa foi a gota d'água para a minha falta de atenção do dia. Pego a minha bolsa e aviso que vou para casa.

Tenho uma pilha de roupas para lavar, vou aproveitar e incluir a do Diego junto para ter mais trabalho e pode ser que depois disso essa maldita pulga vá embora das minhas calças e me deixe em paz novamente.

Ligo o som do carro, mas não consigo gostar de nenhuma então parto para o rádio. Troco de estação milhares de vezes, até parar em uma que não está tocando as mesmas músicas de sempre. Uma coisa calma, relaxante e....

– E agora as últimas notícias na rebelião na favela da zona sul da cidade. A polícia federal, a qual tem um força-tarefa para combater os traficantes da região e levar segurança aos moradores, está toda empenhada em apaziguar os ânimos na favela munido com armas e bombas. A situação ainda não está controlada e vários civis, meliantes e policiais estão sendo removidos em direção ao hospital mais próximo....

A voz da locutora fica mais longe e eu assimilo a notícia. A única favela que sofre estes constantes ataques é a do Diego e eu começo a ficar em pânico dentro do carro em movimento.

A notícia continua rolando até a música voltar e eu não sentir mais nada. Nem sei como consegui chegar em casa, por assim dizer, quando dei por mim, estava dentro do meu apartamento escutando a caixa de mensagem do Diego no celular.

Não vi eu chegar no prédio. Não senti eu estacionando o carro ao lado da vaga vazia dele. Não lembro de ter escutado o tradicional “boa tarde, dona Luiza” do porteiro gentil que temos, muito menos ter pego o elevador e aberto a porta aqui de casa.

Simplesmente me teletransportei para cá e aqui estou, sentada, com o único som vindo do aquecedor que o Miche tem e o barulho da caixa postal novamente.

Levanto e ligo a TV no canal local. Está passando uma novela antiga que não me atrai.

Troco de canal até encontrar aqueles programas sensacionalistas que ficam mostrando as desgraças da cidade o dia todo.

O locutor pede imagens ao vivo de um helicóptero distante mostrando a atividade ao redor da favela. Coloco as mãos sobre a boca ao escutar o barulho longe de tiros vindo de lá.

– Meu Deus! – Solto isso e sinto as lágrimas correndo livres sobre o meu rosto.

Como continuar calma sabendo que o Diego está no meio desta guerra? Ficar em casa, com um sorriso no rosto, sabendo que ele pode estar machucado ou na pior das hipóteses...

Não!

Para, Luiza!

Não continua nesta linha de pensamentos!

Tomo uma respiração profunda e tento me acalmar, mas a única coisa que sai de expiração é um soluço de um choro forte e incontrollável.

Nunca passei por tanta apreensão na minha vida. Nem nos momentos em que eu estava em alguma zona de terrorismo na Europa. Nestes casos eu já corria e ligava para o pai dizendo que estava segura e bem longe de tudo.

Agora a situação é completamente diferente de tudo que eu já vivi. Todas as vezes que o Diego estava em combate, eu estava trabalhando de boa sem nem desconfiar de nada. Eu sei o inferno que está se passando naquela favela. E que o Diego está no meio disso tudo apenas com um mísero colete salva vida, que protege apenas o tórax e olhe lá.

E também percebi que estou completamente sozinha aqui e com as mãos atadas. Não tenho forças, e muito menos coragem para ligar para a tia Lúcia ou a Carla para dizer o que está acontecendo. Não vou preocupá-las antes da hora e sem saber nenhuma notícia sobre o Diego. Nem a melhor ou a pior que pode aparecer.

Apenas sento, oro e peço para a minha mãe, de onde ela estiver, que oriente os caminhos para o Diego.

Fico sentada, agarrada ao meu celular e esperando que a porta se abra e eu veja o Diego inteiro na minha frente.

Capítulo 36

Por Luiza

Mais uma vez escuto o barulho do elevador parando neste andar. Ele já fez esse trajeto umas quatro vezes desde que eu estou sentada aqui, no escuro, olhando para o nada e esperando.

Esperando o Diego voltar para casa. Esperando alguma ligação com notícias. Esperando.... Qualquer coisa que seja.

Meu único barulho que me acompanha é o aquecedor do aquaterrário do Miche. Um barulho quase ensurdecador de tão alto e rítmico que é. Tenho medo de começar a ficar louca por causa deste barulho infernal. Mas não tenho coragem nenhuma de desligá-lo ou então ir para o quarto e arranjar alguma coisa para fazer enquanto espero.

Simplesmente não consigo. Estou em um estado catatônico, no escuro, esperando a porta se abrir e o peso da minha alma sair. Eu juro que quando ver o...

– Diego! – A porta se abre e eu dou um pulo gigante em direção a ele.

Não hesito em começar a chorar no mesmo instante que meus braços o circundam. As mãos dele ficam ao lado do seu corpo imóvel, e quando eu olho para o seu rosto, vejo que somente o corpo dele está presente. Sua alma andava longe.

– Eu estava tão preocupada! – Beijo o seu rosto sentindo o gosto do suor da sua pele. – Entra.

Fecho a porta e levo o Diego, ainda de uniforme, até o banheiro. Ajudo ele a tirar as roupas, pego a sua arma e deixo fora do alcance dos nossos olhos e entro embaixo da água para ajudar ele a tirar a sujeira que ele estava.

Voltamos para o quarto com ele ainda em silêncio. A única vez que ele reagiu, foi embaixo d'água quando levantou a mão em direção a meu rosto. A água já mesclava junto com as minhas lágrimas que ele tentava limpar.

Deixei o Diego sentado na cama apenas de toalha enquanto eu me vestia. Coloquei um pijama velho e me ajoelhei na sua frente e puxando as suas mãos.

– Aconteceu alguma coisa? – Sussurro.

Vi um pequeno lampejo nos olhos do Diego. Nada do que eu esperava, bem ao contrário. Me senti em um redemoinho de tempo e retornei ao momento logo após que a minha mãe morreu. Era exatamente o mesmo olhar desesperançado e destroçado que o meu pai carregou por muito tempo.

– Di. – Beijo as suas mãos. – Eu estou tão aliviada que tu está aqui comigo.

E neste momento, eu sinto uma lágrima correndo pela sua bochecha e caindo onde as nossas mãos se encontravam. Pulei e sentei no colo dele, deixando suas mãos me abraçarem pela cintura e ele chorar no meu pescoço por alguns momentos.

Ele tenta falar, mas simplesmente não consegue. Deixo ele me molhar toda com as suas lágrimas enquanto eu tento o acalmar, e também me molhar com as minhas próprias lágrimas. Só que estas eram de alívio por ele estar aqui comigo e o fato de não receber más notícias, e ainda

por cima, ser a portadora delas para as nossas famílias.

– Aconteceu uma espécie de rebelião. – Ele consegue se acalmar e começa a falar aos poucos. – Muitos tiros, bombas e gritos. Todos nós subimos para chegar até a fonte e acabar com tudo isso.

Limpo as lágrimas do Diego enquanto ele fala aos poucos.

– Chegou uma hora que eu me perdi dos meus colegas. Eles foram para um lado e eu para outro. Minha arma estava carregada e eu tinha mais munição comigo caso acabasse. Mas pela primeira vez eu senti medo. Medo que acontecesse alguma coisa comigo...

Ele suspira e olha para cima.

– Vi colegas meus mortos ao meu lado por onde eu passava. Atirei em pessoas com a consciência que ou eu as matava ou elas me matavam. Eu nunca tive esses pensamentos quando estava lá, Luiza. Eles sempre vinham depois que tudo acabava e eu estava em casa com segurança. Na hora eu agia no automático, fazia o meu trabalho e pronto. Minha cabeça ficava vazia e eu não pensava em nada a não ser me cuidar e atirar nas pessoas que aparecessem na minha frente para salvar a minha vida.

Novas lágrimas caem dos meus olhos.

– Uma hora eu... – ele faz uma cara estranha de dor – eu entrei em uma emboscada. Dois apareceram, me encurralaram e me desarmaram.

Novamente eu vejo uma expressão de dor nos seus olhos e fico com o coração na mão por ver ele ter que passar por tudo isso.

– Um deles apontou a arma para mim e engatilhou. Ele ia me matar ali mesmo, Luiza. Um tiro e eu ia cair já morto. Nunca mais ia ver a minha irmã, nem acompanhar ela até o altar como ela me pediu antes de nós sairmos de casa. O Rique crescer.... – Novas lágrimas caem nos olhos dele. – Meus pais.... E tu, Luiza. Nunca mais ia te ver.

E eu o abraço imaginando a dor que seria para nós o perdermos agora que todos nós estamos juntos e unidos. Tremo com os meus soluços intermináveis nos seus braços. Ficamos assim por alguns minutos até ele se acalmar novamente e voltar a falar.

– Eu escutei ele engatilhando a arma e quando o tiro veio, esperei a dor e a morte tomar conta de mim. Mas isto não aconteceu e outros tiros foram disparados na nossa direção. Um colega apareceu e matou os meus quase assassinos antes que eles pudessem fazer o que queriam comigo.

Simplemente eu não conseguia falar mais nada. Meu coração estava sangrando de uma forma dolorida. Como se ele fosse uma ferida aberta, pulsante e alguém derramasse ácido, fazendo com que corresse mais ainda a ferida.

– Meu medo sempre foi que isso acontecesse. Que um dia eu tivesse o azar de cair em uma emboscada e acabasse no chão, sem vida, com os meus colegas passando por mim e rezando que isso não acontecesse com eles.

– Mas não foi o que aconteceu, Diego. – Coloco as minhas mãos no seu rosto fazendo ele focar em mim e repito. – Não foi o que aconteceu.

– Não aconteceu hoje. E amanhã?

Sempre que o Diego toca neste assunto, e ele sempre toca seguidamente, vejo um poder indescritível nos seus olhos. Como se realmente tudo isso que ele passa, como passou hoje, realmente valesse a sua vida. Se todo o treinamento que ele teve para chegar onde está tivesse um único propósito e não pudesse ser usado para outra função. Uma pessoa altamente treinada com armas militares, preparado para matar todos que entrasse no seu caminho.

E agora, com ele tão vulnerável a minha frente, percebo um Diego com medo. Apavorado como uma criança pequena e assustado com o que o futuro no seu trabalho o reserva. Hoje ele teve sorte de conseguir se livrar do perigo, mas e da próxima vez, será que vai ter a mesma sorte?

Viver com a arma apontada para a cabeça é uma forma de suicídio, na minha opinião. Sair de casa sem a certeza de que irá voltar é um fardo enorme que uma pessoa deve carregar. Eu sei que hoje em dia ninguém está a salvo, podemos morrer atropelados na esquina de casa, ou ser assaltada e por um gesto mal interpretado ser assassinado, assim como muitos casos que vemos hoje em dia. Mas a questão aqui eleva o risco a números exponenciais.

E, pela primeira vez, eu penso que esta vida eu não escolhi para mim. A de ficar sentada em casa esperando a porta se abrir ou então aquele telefonema que vai me dar a pior notícia de todas.

Sentada na frente do Diego, consigo entender com todas as palavras todos os questionamentos que ele sempre me impôs, antes mesmo de começarmos a termos alguma coisa juntos.

Como suportar e pressão de conviver com isto diariamente? Saber que pela manhã, antes de sair de casa, pode ser a última vez que eu irei o ver. Se o beijo que trocamos não foi o último e o sorriso da noite anterior eu nunca mais poderia ver novamente?

Saio do colo do Diego e sinto como se os pensamentos me invadissem com a mesma precisão da bala que tinha como destino o Diego. Acabando com tudo ao meu redor, inclusive as pessoas que eu mais amo nessa vida.

Vou até o banheiro e lavo o rosto. Vejo no reflexo do espelho uma Luiza que eu nunca conheci. E novamente a certeza de que eu não vou aguentar isso me sendo apresentado diretamente.

Percebo o Diego atrás de mim focado na mesma imagem minha que eu estou vendo.

– Agora tu entendeu, não foi? – A voz dele carregada é nítida e sem repreensão.

Não respondo e olho na água que escorre da torneira. Ela passa pelos meus dedos e se esvai. Assim como a vida do Diego pode se esvair da minha em qualquer dia.

– Tu percebeu que eu sou uma bomba e que quando explodir vou destruir tudo a minha volta. – Novas lágrimas caem do meu rosto. – Ante de tu vir para cá, eu quase nem voltava para casa para não deixar eles mais preocupados ainda. Tua vinda para cá mudou tudo, Luiza. Eu vou para casa com frequência. Não gosto de me despedir da minha mãe sabendo que tem a possibilidade de ser a última vez que ela me vê.

Volto a olhar o Diego que me encara e as lágrimas correm soltas.

– Eu nunca quis fazer ou trazer mal a ninguém, Luiza. – Ele se aproxima ficando atrás de mim. Nos encaramos através do espelho. – Principalmente a ti.

– Eu não consegui evitar. – Digo. – Nunca consegui te esquecer, Diego. E sei que nunca vou conseguir. É mais forte que eu e que tudo que eu já vivi. Simplesmente....

Simplesmente eu não consigo ficar afastada dele.

O que começou como brincadeira, agora já não pode mais ser classificada como tal. Os sentimentos que carrego dentro de mim são maiores que qualquer coisa. Uma vez pensei que estava apaixonada, chorei durante dias quando acabou o relacionamento e eu imaginei que nunca mais fosse me sentir daquela forma novamente. Só que eu estava completamente enganada.

Se eu achava que estava apaixonada naquela época, o que será que sobra de mim com os sentimentos bem mais fortes do que da trágica última vez que isto me aconteceu?

Diego se afasta de mim silenciosamente. Fico me encarando no espelho mais algum tempo até escutar a porta do meu quarto se movimentar. Diego aparece vestido com as roupas que estão na minha casa e ele me encara tão abalado como eu.

– Vou para a minha casa. – Sussurra evitando olhar diretamente para mim. – Eu entendo se... – Sua voz some fazendo com que ele tenha que limpar a garganta para continua. – Adeus, Luiza.

– Não! – Grito. – Não! – Repito mais alto ainda em um tom de desespero.

Diego olha para mim sem entender o que e estou fazendo. Mais lágrimas aparecem no nosso meio e eu me posto na frente dele.

– Te perder assim dói mais que qualquer tragédia que possa acontecer. Eu te amo, Di. Eu vou sofrer, sei disto, como já estou sofrendo agora. Mas nada se compara ao sofrer sabendo que eu não tenho mais nada contigo por causa disso. Prefiro sofrer contigo ao meu lado do que sozinha.

Capítulo 37

Por Diego

Dormir é para os fortes. Eles não têm sonhos aterrorizantes, e se têm, conseguem saber que é somente um pesadelo. Aquilo não está acontecendo de verdade e quando abrirem os olhos, tudo vai estar bem novamente.

Já os fracos, quando se rendem ao sono, não possuem esta habilidade. Cada vez que eles fecham os olhos, imagens aterrorizantes, como se fossem verdadeiras, pulam na sua frente a ponto de quase te deixarem louco. Assim como eu me encontro.

Não é difícil encontrar um agente mais antigo de profissão que não tome remédios fortes para conseguirem dormir. Até já tive uma conversa com o Luiz sobre isto. O alto índice de buscas por medicamentos e o vício “legal” por assim dizer, já que por um preço baixo se consegue comprar uma prescrição médica para qualquer medicamento que precisar.

Sempre fui contra qualquer tipo de vício, cigarro, álcool, drogas, medicamentos ou substâncias que altere a forma, da pessoa sã, pensar e agir. Não incluo as pessoas que necessitam destes remédios para terem uma vida normal. Até porque, as indústrias farmacêuticas gastam rios de dinheiro e pesquisa para que essas pessoas possam ter uma vida melhor.

No início eu não entendia o porquê de tantos colegas viciados ou alcoólatras. Achava altamente hipócrita a atitude deles de combaterem as drogas ilícitas durante o dia e se renderem as lícitas durante a noite. Com o passar dos anos percebi que existe uma razão para todo esse ciclo.

Se com apenas um evento, como o que eu passei hoje, só de imaginar fechar os olhos já me leva ao local onde eu quase perdi a minha vida, quem dirá para quem já viveu isso mais de uma vez? E não só apenas as cenas já vividas que aparecem quando fechamos os olhos, e sim imagens onde a pessoa que está ao nosso lado da cama sendo alvo do que eu passei.

Fechei os olhos por menos de cinco minutos e me descobri expectador, sem poder me mexer ou gritar, observando a Luiza na mesma posição que eu estava. Os cabelos cor de cobre caindo pelos ombros com a sua cabeça baixa, a arma encostada no seu pescoço, o barulho do gatilho e sendo puxado, fazendo com que o seu corpo tombasse para o lado com uma poça de sangue se formando aos meus pés. Os olhos azuis acinzentados focando para o nada e sem nenhum brilho neles.

Se cada vez que eu fechar os olhos ver essa imagem, prefiro nunca mais dormir na minha vida.

Então eu fiquei com o escuro me acompanhando a Luiza dormindo agarrada em mim, comigo sentindo o subir e descer do seu peito encostado ao meu, o modo como ela apertava os braços e murmurava o meu nome. Eu sabia que ela também estava sonhando. E que também ela era mais forte que eu para aguentar os sonhos.

Sim, eu sou um fraco. Tenho medo de dormir novamente e sonhar coisas que eu não quero. Me escondi atrás de um uniforme da polícia durante anos para não ter que voltar para casa e enfrentar os olhares da minha família cada vez que me despedia deles. Inventava horas extras

que não existiam ao invés de voltar para casa. Era mais fácil evitar do que enfrentar. Minha esperança egoísta era que com o tempo eles não notassem tanto a minha ausência e se acostumassem com ela.

Sim, eu sou um verdadeiro filho da puta por imaginar que a minha família faria isto comigo. Só que o tiro saiu pela culatra, e quanto mais eu me distanciava, mais alguma coisa me puxava para eles. Começando por aquele acidente no qual eu me machuquei e eles tiveram que vir correndo me socorrer.

Minha vontade de não ter acionado a minha família foi ignorada, e quando vazou para eles, eu não imaginava qual a proporção que isto acarretaria no meu plano idiota e mesquinho. Nunca passou pela minha cabeça que o recente namorado da minha irmã pudesse ter uma cunhada médica que me trouxe para o seu hospital, me deixando a vista de todos.

Porém o final do meu desastroso plano foi a cereja do bolo. A cereja com cor de cobre que acabou com todas as minhas chances: Luiza. E quando, mais uma vez o Luiz se intrometeu, e colocou ela para morar quase ao meu lado, eu quis socar a cara do meu cunhado. A única coisa que não me deixou fazer isto era que a minha irmã o ama, se acontecesse alguma coisa ela voltaria a ser a Carla reclusa de sempre e estragaria o meu plano. A Carla, antes de começar a se relacionar com ele era quase um carrapato em mim, não havia dia que ela não me ligasse para conversar. Depois que eles começaram a namorar que ela me soltou um pouco mais, não muito, mas cada vez as ligações se espaçavam e eram mais rápidas. Porém a cartada final foi a Luiza vindo para cá.

Eu tentei, juro que tentei, com todas as minhas forças evitar ela. Até que cedi na esperança ínfima que isso acabasse com a curiosidade dela comigo e voltássemos ao ponto de início da nossa relação. Sim! Eu era o idiota o bastante para, lá no fundo do meu ser, supor que isso poderia acontecer. A Luiza é impulsiva demais e se cansa de alguma novidade com rapidez. Passaria a graça da brincadeira e ela me deixaria depois de algum tempo. Eu até poderia sofrer um pouco, mas depois tudo voltaria ao seu normal. Até mesmo a nossa relação com a organização que nós ajudamos com as crianças em perigo iria continuar numa boa. Eu resgatava, ajudava ela a cuidar das outras que ficariam temporariamente aqui com a gente e pronto.

Chegaria um dia que eu iria trabalhar e não voltaria mais. Seria um dia inevitável nos meus planos e eu já estava com tudo pronto para quando ele chegasse. Um testamento escondido dentro do meu guarda-roupa deixando o meu apartamento e o carro para a Carla para ela fazer o que quisesse com eles e outras coisas insignificantes, mas que para a minha família valeriam algumas lembranças. Sabia que eles iam sofrer com isso, mas com a minha ausência frequente, com o passar dos anos ela nem seria mais notada. A mãe o pai, assim como a Carla, agora teriam o Rique para se preocuparem. Eu iria em paz sabendo que morri fazendo o que fui treinado para fazer e que as vidas que eu salvei valiam mais do que qualquer bem material que eu pudesse deixar.

Todo mundo deve um plano de morte. Um dia ela vai chegar, querendo ou não, mais cedo ou mais tarde. Ela nunca falha e é a coisa mais certa que pode acontecer. No dia, milhares de pessoas nascem no mundo e outros milhares morrem. É o ciclo natural das coisas. Mesmo que a gente ainda não esteja acostumado. Talvez este fato se dê porque ninguém nos prepara para ela. Inventamos histórias para as crianças que as coisas que morrem vão para uma fazenda ou

viajaram para algum lugar distante. Nós evitamos a morte sempre que podemos. Uma coisa que não deveríamos fazer, na minha humilde opinião de quem vê ela por perto quase todos os dias.

Eu estava em plena aceitação da minha. Queria preparar a minha família para este dia, já que no calendário da vida, eu já estava mais próximo dela do que do dia que nasci. Queria ser cremado, nada de enterros e o meu corpo apodrecendo embaixo da terra. Cremação era mais simples, ocupava menos espaço e o meu corpo não seria comido por larvas e outros insetos.

Era o plano perfeito. Sem furos e, mesmo com algumas tortuosidades no caminho, ele transcorreria conforme foi traçado. Porém a vida me deu uma rasteira que me deixou no chão e muito mais machucado do que eu gostaria.

Mais uma vez eu tenho a certeza de que sou um medroso, que foge de todos os seus problemas se escondendo atrás de uma máscara de durão. Mas na verdade eu não sou nada do que as pessoas pensam de mim. Minha teimosia nata é umas delas. Com essa cabeça dura que dizem que eu tanto tenho, conseguia levar o meu plano adiante. Esta máscara só me livrava de alguns desvios mais adiante.

Porém meio disso tudo, uma curva no meio do caminho me fez capotar e tudo saiu completamente do meu controle. Aquele “problema” que lá no fundo, eu achava que ia ser coisa rápida e temporária: a minha relação com a Luiza.

Ela se tornou de uma coisa simples e sem cobrança para algo assustadoramente grande em um piscar de olhos, de um certo par de olhos azuis acinzentados. Luiza me enredou nos seus dedos sem nem eu mesmo perceber que estava até o pescoço, e lutando para respirar, com isto tudo.

Fui enfeitiçado, laçado, atingido.... Costurado por ela.

Nunca me imaginei nesta posição que me encontro, completamente indefeso, com medo do meu próprio trabalho, desesperado, porque cada vez que eu fecho os olhos quase sinto o metal da arma tocando no meu pescoço, e, acima de tudo, com receio de sair de casa e nunca mais voltar.

Se antes eu esperava por isso pacientemente, e com a esperança que esse dia fosse sereno e me levasse com rapidez, agora eu não tenho coragem de encará-lo e deixar este mundo para trás do jeito que as coisas estão.

Simplesmente meu plano foi alterado e descartado.

Nada que eu planejei saiu como os conforme, já que esse pequeno, e “enferrujado” intercurso não estava no cronograma.

Ontem, depois de eu falar tudo o que aconteceu, a Luiza me deu um soco fatal. Ela havia falado aquelas três palavras, que lá no fundo dos seus olhos azuis acinzentados e tão reveladores, eu já sabia, mas não tinha coragem para admitir para mim mesmo.

Ela me ama.

A única coisa que eu não esperava no meu plano aconteceu. O fogo de palha que eu imaginava que seria a nossa relação começou a encorpar e se tornou tão flamejante com o próprio sol. Não seria apenas um vento fraco que o apagaria facilmente.

E isto me atingiu em cheio. Porque o meu medo aflorou mais uma vez e eu não consegui responder para a Luiza a altura. Eu também a amo! Mas como colocar isso em palavras se, até então, e ainda é o plano inicial a minha morte iminente?

Como sair da cama daqui umas horas sabendo que eu poderei morrer e nunca mais ver a Luiza na minha frente? Como encarar o futuro de todos nós sem ainda conhecer todos os segredos dela? Saber que eu nunca mais sentirei as suas mãos no meu corpo ou o seu sorriso depois de uma piada sem graça que eu contar.

Simplesmente não consigo lidar com esse dilema de quem eu sou para ser quem eu quero ser.

Sou um agente federal, em plena guerra em uma favela com criminosos que matam sem motivo nenhum. Meus colegas e eu somos os alvos principais. Posso estar vivo aqui agora e daqui a horas em algum necrotério esperando alguém que reconheça o meu corpo e entregue para a Luiza e a minha família.

E ainda mais sabendo que essa notícia irá destruir a minha família, ao invés de uni-la na minha morte. A Luiza não vai aguentar e nem suportar o fardo que, de graça, ela recebeu por querer ficar ao meu lado, como me disse ontem à noite.

Ver o seu rosto machado pelas lágrimas foi mais traumático do que sentir o cano gelado da arma no meu pescoço. E naquele momento eu percebi que eu sentia uma inveja gigante da coragem que ela sente. Me senti um nada, com o meu medo aterrorizante perto das palavras que ela me disse naquele momento.

Queria eu ter um pouco da coragem que ela tem. De não ser covarde e encarar as adversidades de frente. Não fugir da luta e colocar a cara a tapa, mesmo estando apavorada com a situação. Talvez este fosse um dos motivos inconscientes que me fazia não querer me relacionar com a Luiza. Ao seu lado, fico exposto ao meu lado fraco com tanta nitidez que quase me faz ficar com vergonha de saber que ela sente alguma coisa por mim.

Ela se mexe nos meus braços, me agarrando mais forte ainda.

– Di? – Murmura e abre os olhos para mim lentamente.

– Eu estou aqui. – Aperto e beijo os seus cabelos. – Ainda é cedo, pode dormir mais um pouco.

Ela fecha os olhos e se aproxima mais um pouco. E mais uma vez, eu sinto inveja da força que a Luiza tem ao dormir, sabendo que quando acordar, tudo não passou de um sonho.

Ou nem tudo.

Capítulo 38

Por Luiza

– Eu não vou fazer isso, Luiza! Pode tirar o teu unicórnio colorido da chuva. – Diego grita do quarto e eu reviro os olhos. – Teu pai é capacho da minha irmã. Ela manda e desmanda sem ele nem perceber. Qualquer prensa que ela der nele, o Luiz vai contar até o que não deve. Inclusive sobre isto. Vai ser o meu fim.

– Ele não vai fazer isso por causa de um simples detalhe. – Caminho até o quarto e paro na porta o observando. – Sigilo médico. Ele não pode abrir a boca, nem se a Carla colocar ele na fogueira.

Diego para de arrumar o guarda-roupa e solta uma risada irônica.

– Desde quando teu pai é sinônimo de quem segue as regras? Sem contar que eu sou seu cunhado. Ele nem pode me atender e muito menos me receitar alguma coisa controlada.

Abro a boca para argumentar alguma coisa à altura, mas nada me vem à cabeça. Teoricamente ele está certo. Diego volta a guardar as roupas e eu me aproximo sorrateiramente. Já que com conversa normal não adianta, quem sabe comigo fazendo uma chantagenzinha? O abraço por trás e encosto a minha cabeça no meio das suas costas sentindo ele respirar fundo, soltar o ar aos poucos e relaxar com a minha aproximação. E depois de meio caminho andado para a sua rendição total, largo a cartada final e espero colher os louros da vitória.

– Só quero que vocês conversem. Não precisa narrar tudo de cabo à rabo o que aconteceu, só dar uma pincelada de leve no básico. Ou usar aquela tática infalível do amigo que está tendo estes problemas. Sempre funciona e o pai é besta demais para desconfiar. Fiz um questionário de anticoncepcional para ele por telefone dizendo que era dúvidas de uma amiga e ele caiu como um patinho. Com certeza ele não vai desconfiar de ti e até pode recomendar alguma coisa não tão forte, só que te ajude a dormir melhor.

Continuo a me esfregar nas suas costas para ter mais êxito na guerra. Ele chega a hesitar e eu sinto isso como uma pequena rachadura naquela cabeça dura gigante.

– Eu estou bem, Luiza. Não precisa se....

– Me preocupo com todas as letras e significados da palavra.

Saio do abraço e o encaro. Ou melhor, encaro alguém que já foi o Diego. É como se o Di tivesse tirado umas férias e deixado apenas o Ego aqui. Confesso que o Ego consegue ser pior que o Di e os dois, quando estão em sintonia, a cabeça durice dele faz uma média ficando mais agradável de se conviver com o Diego completo do que o Ego.

Brincadeiras à parte, desde aquele fatídico dia ele está diferente. Até um pouco mais carinhoso e presente do que o costume, mas tem horas que ele entra em uma espécie de estado de catatonia que me preocupa. Elas geralmente acontecem antes dele assumir o plantão pela manhã. E sem contar das noites mal dormidas, os pesadelos que o fazem acordar uma poça de suor, gritando e se debatendo ao meu lado.

E ele ainda quer que eu não me preocupe com isto? *Scusa*, meu amor, mas é mais fácil eu não desenhar uma peça de roupa por uma semana do que isso acontecer de fato.

Minha única e simples sugestão é falar com o meu pai. Nem que seja por cinco minutos que fosse. Sei lá, o véio pode ser louco, mas cuida dos loucos bem, poderia dar uma apertada nos parafusos do Diego. Uma calibrada nos neurônios para que ele se acalmasse um pouco e estes terrores noturnos parassem de incomodar. E a mim também, já que a cada pulo, grito e debatida que o Diego dá na cama eu acordo junto.

Mas não! Quando o Diego está com esse espírito de porco, consegue deixar a coisa mais simples virar uma tempestade com direito à furacão, granizo, terremoto e tudo mais. E às vezes, é tratando com choque alto que a gente consegue resultados satisfatórios.

– Então quem vai falar sou eu! Já fiz isso com um amigo, mas não adiantou muito. – Cruzo os braços o encarando firmemente.

– Por que?

– Era tarde demais e o cara se matou. – Dou os ombros calmamente e observo a reação dele arregalando os olhos para mim.

Ele pisca algumas vezes e eu não consigo manter a postura dura por muito tempo.

– Brincadeira, Di. Tem medicamentos aqui que não são liberados lá e vice-versa. Porém o pai me disse para eu falar para ele buscar ajuda antes que alguma coisa desse tipo acontecesse.

Vejo ele pensando no assunto por alguns segundos. Já posso considerar a guerra quase vencida. Quando ele parar para pensar direito vai ver que o que eu estou dizendo/pedindo não é nada mais do que para o seu bem e.... Um barulho alto chama a atenção, nos olhamos e saímos correndo pelo apartamento.

– O que aconteceu, Florzinha?! – Pergunto para ela e vejo o meu guerreiro notebook no chão. – Puxou o fio do carregador e ele caiu, não é?

A criança faz um beicinho fofo e começa a chorar. Não consigo ficar brava com ela e a pego no colo.

Florzinha é como eu estou chamando a criança que estamos cuidando nestes dias. Ela chegou para nós sem nome, já que daqui em diante terá uma vida totalmente nova, inclusive o seu nome. Então eu a apelidei de Florzinha, por causa da camisetinha fina, estampada com flores, que ela estava usando quando chegou.

Ela veio para amenizar os ânimos aqui em casa. Ou dar um cansaço. Ainda não sei em qual dos dois a situação se encaixa, porém está funcionando perfeitamente até então. Ela chegou há uns dois dias, olhando e querendo mexer em tudo, com a empolgação e curiosidade de uma criança da sua idade. Nem o Miche escapou dos eu encanto. O Diego teve que salvar o aquaterrário de um destino triste no ar, já que a Florzinha adora puxar qualquer coisa pendurada, como o carregador do meu notebook, a tomada da TV e a toalha que eu coloquei embaixo do Miche para não estragar o móvel. Tive que tirar o pano de lá antes que o Miche ficasse desabrigado e sem a sua pedra quentinha no sol.

Fomos avisados da sua chegada quase em cima da hora. O chefe do Diego simplesmente o dispensou aquela noite do trabalho para que ele viesse para casa aguardar uma nova criança para nós. Não sabíamos nem a idade que seria desta vez. Quando a porta se abriu com um dos resgatadores eu tive vontade de chorar com a cena que vi.

Ela estava embrulhada em um cobertorzinho assustada. Pelo que o cara nos falou, ela estava sozinha dentro da sua “casa” a qual a mãe não aparecia há mais de dois dias, os vizinhos que a socorriam. Só que não a levaram para casa por também não serem pessoas de tanta confiança para uma criança. Ela estava imunda. Os cabelos enredados e o cheiro que a coitadinha exalava, de quem não trocava a fralda há muito tempo me enjoou. Não com uma repulsa normal de nojo e sim o asco com o tipo de pessoa que deixar uma criança ficar nesta situação tão alarmante.

A levamos para o banho imediatamente e nele a minha indignação foi maior com o seu descaso. A sua pele, aquela que deveria ser lisinha e perfeita estava vermelha e muito irritada. Provavelmente pelo contato direto com os seus dejetos por não trocarem a fralda quando deveria, deixando a área completamente sensível e “assada”. Florzinha chorou na hora do banho pelo contato da água e quando eu tentava desembaraçar os seus finos cabelos com um creme. Desisti e para não machucar e assustar mais ela tive que partir para uma coisa mais definitiva. Pedi para o Diego me trazer um pente e uma tesoura e fiz o melhor que pude para deixar tudo uniforme. Sem contar na infestação de lêndeas que encontrei no meio dos fios de cabelo.

Como, até então, só lidamos com crianças maiores, não tinha nada em casa que a Florzinha necessitava. Tivemos que ir à farmácia e comprar o básico para ela: fraldas, mamadeira, uma pomada boa para as assaduras feias no bumbum e um remédio para piolhos, com três doses individuais, já que eu sempre tive uma predisposição para ser hotel cinco estrelas para piolhos.

Meu pai sempre dizia que se um piolho passasse na outra esquina, ele daria um jeito de ficar na minha cabeça trazendo a família toda de mudança. E isso durou até eu sair da escola com dezessete anos. Era um inferno todo o início de ano letivo. Mal começa o ano e a Luiza já estava infestada de piolhos. Então sempre que eu começo a coçar a cabeça sem motivo aparente, já compro aqueles shampoos especiais e misturo com o que eu uso.

A nossa sorte é que está um clima quente, pois se estivesse um pouco mais frio, não teríamos com o que vestir a Florzinha até um de nós ir ao shopping mais próximo ou eu juntar uns pedaços de tecido e fazer alguma coisa para ela vestir. Durante a noite, visto ela com uma blusa pequena minha, que fica um vestido de gala nela e durante o dia, deixamos ela de fralda pelo apartamento tocando o terror em nós.

Depois de banho tomado, alimentada e menos assustada, podemos realmente ver a Florzinha como uma criança. Uma face angelical, só que sem aquelas bochechas e as gordurinhas características da idade, já que o seu peso deve ser abaixo do recomendado para a sua idade. E um sorriso arrebatador com alguns dentinhos brancos que encanta no primeiro olhar.

Vendo ela assim, parece impossível que alguém cometa a atrocidade de a abandoná-la em uma casa sozinha. E pelo as notícias que o Diego recebeu do seu caso, de denúncias de terceiros sobre alguém a “sequestrando” até a parte do desaparecimento na polícia, nada foi recebido. Ou seja, ela já está aqui em casa há quase três dias e ainda não deram falta dela perante as autoridades.

Ela é uma criança perfeita, curiosa, engraçadinha e esperta. Ela não fala quase nada, mas acredito que por falta de estímulo, já que ela fica observando quando alguém fala com ela atenta as nossas bocas em movimento. E também, carinhosa de uma forma que chama a atenção. Se ela vê alguém perto, já estica os braços para ser pega no colo, e se eu me deito no sofá, ou o Diego,

já corre para a nossa volta e deita em cima de nós. A única coisa que ela não gosta, e quando vê se encolhe toda e se esconde é a vassoura. Diego disse que ela deve ter apanhado de vassoura, e eu espero que os vergões vermelhos no seu corpinho frágil, não seja disto.

Nem preciso dizer que isso derrubou por completo qualquer psicológico que eu tenho. Se ele já estava abalado com a situação do Diego, agora com a chegada da Florzinha temporariamente, ele foi dizimado por completo. Simplesmente este “trabalho” vai me detonar se cada criança que vir aqui para casa tiver uma história tão forte assim....

Porém eu tenho que manter a cabeça erguida e pronta para encerrar qualquer desafio que entra pela minha porta. Seja com crianças que entram aqui desacreditadas com o mundo a sua volta, as quais eu entrego com um sorriso no rosto de esperança, ou o cabeção duro do Diego que eu ainda vou fazer picadinho triturado.

Dou janta para a Florzinha, com o Diego me ajudando e percebi que deve ter comida até no teto. Agora eu entendo quando a Elis e a Liv falam isto... Ela faz uma bagunça tão feliz que eu não me importo de subir nas cadeiras para limpar o teto ou então em cima da minha geladeira. Cada sorrisinho dela compensa todo o trabalho que eu vou ter. Dar um banho nela também me faz cansar e ficar toda molhada, tanto que eu acabo entrando embaixo d’água e participando da festa dentro do balde gigante que compramos na loja de utilidades aqui perto. Caímos na cama, os três e eu vejo a Florzinha fechar os olhinhos e entrar em um sono sereno e com sonhos felizes.

– Será que a Carla está pronta para aguentar esse pique com o Rique? – Diego pergunta baixinho, arrumando a coberta no corpo da Florzinha.

– Vamos reformular esta frase: será que o Rique está pronto para aguentar o pique do pai? – Ele ri baixinho.

– Boa. Gostei dessa. – Diego beija a cabeça dela e depois me beija de leve. – Vou deixar vocês dormirem, enquanto vocês duas estavam fazendo folia no banheiro o Bruno me ligou.

– Vão sair em resgate a essa hora?

– Não é aqui na cidade, é em outra da região. Temos uma viagem e conhecer um pouco da área antes de agir.

– Boa sorte. Me liga quando chegar e....

– Quando terminarmos. – Ele volta para me beijar novamente. – Pode deixar. Boa noite para vocês duas.

– Boa noite, Di.

Vejo ele sair do quarto fechando a porta de leve. Meu coração chega a ficar aliviado em saber que ele está indo em resgate de outra criança que sairá de um destino feio e sem esperança. Bem melhor do que subir uma favela com uma arma na mão e outra apontada para ele.

Capítulo 39

Por Diego

Entro no carro do Bruno e vejo o meu chefe no banco da frente.

– Boa noite. – Digo e sou respondido por ambos.

Partimos em direção da casa do Alexandre, que teve um imprevisto na sua academia e se atrasou.

– Provavelmente ele deve estar dando banho na Rafa. – Sua filha menor. – O Alê nunca vai sair de casa sem fazer todo o trabalho de pai com as três. Depois ele vai ver os temas da Lari e por último, colocar a Manu na cama. Aí sim podemos sair. – Bruno responde.

– Vou ver as meninas então, já devem estar gigantes. – Meu chefe se anima no banco da frente e eu continuo em silêncio enquanto eles conversam.

A questão é a seguinte: eu estou cansado. Muito cansado. Psicologicamente estressado, mentalmente abalado ainda com a situação que passei e o meu corpo está como se eu tivesse sido atropelado por um caminhão. Essa última parte a Florzinha tem uma grande parcela de presença, mas nada se compara ao que eu já estava sentindo.

Sei que a Luiza está preocupada comigo, e que eu, na ânsia de não querer deixar ela nesta situação, acabo fazendo completamente ao contrário. Parabéns, Diego, só tu consegue fazer essas coisas. Às vezes me pergunto como eu consigo complicar as coisas em níveis tão altos.

Minhas noites de sono têm sido horríveis. Pesadelos constantes de estilo variados. Desde eu assistindo a minha excussão, aos meus parentes, a Luiza e tantas outras coisas mais que quando acordo não me recordo. Isto está me deixando louco e quase psicótico.

Meu trabalho, que nunca foi um mar de rosas o clima, está de mal a pior. A cada ataque destes que passamos, nos reerguer é uma tarefa e tanta. Armários sendo esvaziados por familiares, já que os donos foram mortos, colegas novos chegando para ocupar os postos perdidos, e ainda vários reflexos que nos atingem. Sem contar no “ódio” dos familiares que chegam na recepção munidos de xingamentos por nós termos matado entes queridos deles. Gerando assim, um misto de raiva por parte dos moradores se mesclando com a proteção que nós fazemos para outros. A favela fica completamente dividida, nós sofrendo ameaças constantes e alguns colegas tendo carros furtados e avariados por moradores. Isto tudo gera uma linha entre a paz e outro ataque muito fácil de ser ultrapassada.

E como eu, Diego, fico no meio de tudo isso? Completamente perdido e sem ânimo nenhum para continuar, para parar e seja lá o que acontecer. Nos outros ataques, eu conseguia me entrosar mais, ficava a par de todos os aspectos que estava acontecendo com a gente e, quando tinha a oportunidade, conversava com os moradores e amenizava o clima entre os agentes e a população ferida. Hoje? Não tenho ânimo nem de sair de casa para ir trabalhar.

Segundo a Luiza, eu entro em um estado catatônico. Fico parado olhando para o nada até chegar o último segundo antes de sair. Sim, eu fico pensando e imaginando tudo o que poderá acontecer quando eu chegar para trabalhar. Se esta vai ser a última vez ou se eu vou conseguir voltar para casa mais um dia.

No meio do trajeto, já começo a suar frio. Fico mais paranoico que o normal, olhando para todos os lados, como se a cada esquina que eu paro, alguma moto parará ao meu lado e descarregará uma arma no meu corpo. Fico tenso, quase tremendo de medo quando desço no estacionamento. Minha vontade é dar uma corrida até o prédio, como se lá me oferecesse algum tipo de segurança que eu não possuo na rua aberta. E quando visto a farda, minha vontade é de chorar e fazer aquelas birras que eu fazia com a mãe com sete anos e não queria vestir o uniforme da escola. Me sinto um alvo ambulante quando coloco o colete com o POLÍCIA FEDERAL escrito nas minhas costas. Para mim parece um seta indicando um ATIRE AQUI em letras amarelas e um alvo em azul e vermelho.

É... talvez eu precise dar uma conversada com o Luiz em breve. Mais uma vez a Luiza tem razão e eu, com a minha cabeça dura, não aceitei a oferta de primeira. Pode ser que o meu cunhado me dê alguma coisa forte, como os remédios para dor daquela vez que me acidentei, para que isto tudo pare e eu volte a ser o Diego de sempre. Com a paranoia controlada e o sono mais tranquilo.

Chegamos à casa do Alexandre e descemos. Uma menina, de uns onze anos abre a porta entusiasmada.

– Tio Bruno! – Ela se atira no colo do Bruno que a intercepta no ar e a levanta do chão.

– Oi, minha linda. Tudo certo? Como foi na prova de português que estudamos semana passada?

– Tudo ótimo! Passei com a nota mais alta! Vamos ao cinema semana que vem? Estreou aquele filme que vimos o trailer daquela última vez.

– Vamos ver com o teu pai, depois combinamos. – Bruno à solta no chão e ela vai abraçar o meu chefe. – Manu, minha lindinha, vem aqui!

Uma outra menina, não maior que a Bibi e o Tavinho corre em direção do Bruno que também a agarra no colo a tirando do chão.

– Oi, tu que é o novo amigo do meu pai? Que trabalha com a Luiza Lavorini das roupas?! – Larissa para na minha frente com um sorriso no rosto. Até bem parecida em empolgação com o Alê.

– Sim, sou o Diego. – Respondo e confirmo com a cabeça. – Trabalho com a Luiza. E ela já sabe que tu conhece o trabalho dela e está te esperando lá em casa.

E com isso eu ganho uma amiga.

– Dona Lurdes! – Meu chefe cumprimenta uma senhora de mais idade. – Onde está seu filho?

– Olá, Nunes, ele está dando banho na Rafa. Bruno, não me dá mais bolacha para a Manu, ela ainda não jantou. – Ralha com o Bruno que estava atacando o pote de bolachas – E este moço bonito deve ser o Diego.

Me aproximo da senhora que não hesita em me abraçar fortemente. A mãe do Alexandre é quem fica com as meninas enquanto ele sai para “trabalhar”. Ela nos leva até a sala e fica conversando com a gente até o Alê descer as escadas com outra menina no colo agarrada em uma mamadeira. Ela não deve ter mais de oito meses. Ele senta e continua a amamentar a filha

enquanto conversa com todos.

– Pai, o tio Bruno pode me levar no cinema semana que vem?

– Não, tu estás em semana de provas. Só na outra. – Larissa perde o entusiasmo, mas não contesta a decisão do pai. – Bruno, se tu quer gastar dinheiro com as minhas filhas, me compra umas latas de NAN, isso sim eu aceito ao invés dos presentes caros para elas.

– Compro os presentes e o NAN também. Minha função é mimar estas gurias.

– Mimar é uma coisa, estragar é outra, Bruno! – Lurdes o repreende que fica com um sorriso no rosto.

– Fica a dica, Diego. – Alê olha para mim. – Quando tiver filhos escolha tios ricos, é metade do problema resolvido.

E eu fico completamente sem reação com isto, tanto que todos notaram e começaram a tirar sarro da minha cara.

Bruno termina de arrumar as filhas, nos despedimos de todos e saímos para mais um trabalho. Resgatar uma criança que está sofrendo maus tratos ou em um ambiente não apropriado para o seu desenvolvimento.

Meu chefe senta ao meu lado no banco de trás e ficamos escutando a conversa animada entre o Bruno e o Alexandre, que viravam melhores amigos com o passar dos anos. Já eu e o meu chefe mantemos a aproximação completamente profissional entre nós.

E no âmbito profissional, nestes últimos dias, tudo tem estado muito superficial. Em nenhum momento conversamos sobre o que aconteceu, mas segundo os relatórios que todos os agentes fizeram sobre o que passaram, ele está ciente com o que ocorreu comigo. Assim como o que aconteceu com todos os agentes, e nem por isso, algum recebeu um tratamento especial.

Eu tento dormir com o embalo do carro. Fecho os olhos, mas por mais que eu esteja completamente moído, não consigo pegar no sono. E fico assim até eu ver que o Bruno está com sono e o Alê já dormiu ao seu lado. Trocamos de lugar em uma certa altura e eu fui dirigindo sendo guiado pelo GPS do carro, até a cidade e especialmente uma rua onde trocaremos de carro para um que não chame tanto a atenção como o do Bruno.

Fico dentro dos limites de velocidade e atento ao movimento da estrada ao nosso redor enquanto todos dormem. E isso se segue por um bom tempo até eu escutar o meu chefe falando comigo.

– Tu não está bem, Diego. Conheço todos os meus agentes antigos e sei quando um não está no seu melhor estado. Foi o que aconteceu contigo aquele dia?

Fico em silêncio, não preciso responder. Ele leu os relatórios e sabe que eu não estou bem, não preciso confirmar o que ele já sabe.

– Nós cuidamos dos nossos, Diego. E como eu te disse um dia no meu escritório, que não iria mais te colocar em perigo. Aquele dia foi o último, já estou resolvendo as questões para que isto não se repita mais. Teu cargo vai ser diferente.

Olho para ele pelo retrovisor não entendendo o que ele quer dizer. Meu concurso é para este trabalho e não há desvio de funções onde estamos.

– Como eu já disse, cuidamos dos nossos e conseguimos nos infiltrar nos mais altos escalões. Tua vida é importante para nós e eu peço desculpas pelo ataque que aconteceu estes dias. Eu pensei que antes do próximo tudo estaria resolvido, Diego. Desde que tu se juntou a nós, tua guerra é outra. Nada mais de drogas e tráfico, tuas lutas são ao nosso lado resgatando os inocentes no meio de tudo isso e outras coisas.

Sigo dirigindo e escutando.

– Vai haver uma espécie de concurso interno entre os agentes federais para outros cargos, como para treinar novos agentes, chefias de setores e outros que não vem ao caso. E tu vai prestar ele para mudar de função. Teu salário aumentará consideravelmente e assim, dependendo da tua escala, poderá realizar trabalhos em outras cidades, estados e até países.

– E isso é legal? – Minha dúvida em relação a tudo isso sempre será essa.

Desde a função dos sequestros, mesmo eu sabendo que poucos “pais” dão queixas sobre o desaparecimento dos filhos. Ou aqueles que não dão para não perderem aquelas bolsas que o governo distribui para as famílias. Pouquíssimos são os casos onde as crianças são realmente procuradas, e quando os pais desistem, elas entram para as estatísticas de desaparecimento. Menos de dois por cento das que passam por nós estão nesta lista.

Porém agora, isso é uma coisa completamente nova para mim. Forjar uma promoção interna, através de concurso, para me mudar de setor já é uma coisa completamente fora da realidade e absurda! E se descobrem a fraude? Mais um escândalo para o nosso país? Será que a minha vida e a organização toda vale tudo isto?

– A legalidade é certa, Diego. O concurso já iria sair de qualquer forma. É uma maneira do governo presentear alguns agentes através do mérito de estudo para que eles saiam da zona de risco. Apenas vamos embarcar neste trem e sentar na janela. Não vai ser preciso esforço nenhum, nem estudo, teu nome já foi marcado e será selecionado mesmo que tu não acerte nenhuma questão.

Sigo dirigindo e o silêncio reina no carro novamente.

Minha cabeça começa a processar tudo o que isso significa para mim. Ou melhor, não só para mim, para todos que me rodeiam e especialmente a Luiza. Com esta chance, o meu medo de morrer e nunca mais a ver e estragar a sua vida, e de outros, será reduzida a valores insignificantes pertos dos que eu estava acostumado a lidar com a favela.

Sem contar que no treinamento de agentes eu não vou estar separado do que eu gosto, que é estar perto das armas e sentir a sua potência nas minhas mãos. E também, o novo “trabalho” o qual eu comecei a me afeiçoar rapidamente. Salvar crianças e cuidar delas por alguns dias me ajudou a ver a importância que eu tinha sobre algumas vidas. Saber que eu tirei uma vida da rua, abusos e um futuro incerto é melhor do que qualquer pagamento que a polícia federal pode me oferecer.

Seria esse o primeiro passo para a vida nova que eu comecei a sonhar no momento em que senti aquele cano de arma encostado no meu pescoço?

Capítulo 40

Por Luiza

Acordei diversas vezes durante a noite. Algumas por mim mesma outras com a Florzinha se mexendo e ela mesma acordando. No meio da noite, Florzinha acordou chorando e eu dei um pouco de chazinho para ela que voltou a dormir logo depois. E da outra vez, ela estava resmungando e eu percebi que era a sua fralda cheia. Todo o chá que entrou tinha que sair por um lado....

De resto, a minha noite foi dividida entre olhar o meu celular e esperar algumas mensagens do Diego no meio da noite. Ainda bem que foram bem mais do que algumas. A última que recebi, eles já estavam voltando e haviam parado para comer alguma coisa em um posto de gasolina vinte e quatro horas.

E agora eu acordei novamente, mas desta vez, com o barulho do chuveiro ligado. Salto da cama deixando a Florzinha no meio dela, completamente à vontade e dormindo. Vou até a cozinha, abro a geladeira e pego alguma coisa para comer.

Não demora muito para o Diego aparecer, somente de bermuda na cozinha. Ele vem em minha direção e me abraça. Me deixo acordar completamente com o seu corpo quente e o cheiro de quem acabou de sair do banho.

– Bom dia. – Ele me beija.

– Bom dia, Di. Como foi a noite? Deu tudo certo?

Diego senta e eu aproveito a brecha para me sentar no seu colo e o abraçar pelo pescoço, descansando minha cabeça no seu ombro.

– Tudo perfeito. Nos atrasamos mais porque nos perdemos na volta e os celulares estavam sem sinal de GPS. Fora isto tudo ocorreu dentro dos conformes.

Diego me narra todos os acontecimentos da noite enquanto eu o observo. E sinto uma vibração diferente do seu modo de falar, como se ele estivesse mais leve e o meu Di tivesse voltado de novo para mim.

– Aconteceu alguma coisa? – Pergunto depois que ele acabou de narrar todos os acontecimentos da noite.

Passo as pontas dos dedos sobre o seu rosto com a barba por fazer e ele pega a minha mão e a beija.

– Tu está diferente do Diego que estava aqui há horas atrás.

Diego sorri, daquele jeito que eu não via desde o “acontecido”. Confesso que até eu me animei ao ver este olhar novamente no meu Di. Adeus, Ego! Que o Diego volte completo para mim, que depois eu controlo as coisas por aqui e não deixo mais ele sair!

– Conversei com o meu chefe. – Diego começa a falar baixinho enquanto mexe nos meus cabelos. – Ele disse que tem uma grande chance de eu sair do meu trabalho como agente de campo e que enfrente cara a cara os problemas na favela.

Chego a dar um grito com a notícia. Diego calou a minha boca com a sua mão e eu tive que

me controlar. Além de ser muito cedo para acordar os vizinhos assim, a Florzinha está dormindo e eu espero que ela ainda continue a dormir por um longo tempo ainda para me dar uma folga de correr atrás dela o resto do dia. Sem contar que eu quero fazer algumas coisas hoje e adiantar alguns trabalhos para a semana.

– Como assim? Tu vai sair da linha de fogo? Meu Deus, Di! Era o que eu pedia todos os dias antes de dormir! Já avisou os teus pais? A Carla! Ela vai surtar.

– Calma, Luiza. Calma! Não me abre a boca para ninguém que isto não pode vazar, ok? Se isso acontecer eu posso perder o meu emprego e muitas pessoas também. Me promete que isso não vai sair destas paredes até tudo estar certo.

Cruzo os meus dedos sobre a minha boca. Nunca que eu falaria nada para prejudicar o Diego. Bem pelo contrário! Para que ele saia deste emprego suicida eu chego a vender roupas por R\$1,99 na minha loja por um ano e pagando por fora os prejuízos. Lavaria até as peças que eu vendesse à mão se o Diego saísse da favela.

– Prometo que a única pessoa que eu vou conversar sobre isso é com o Miche!

– Eu sei que vocês dois conversam bastante. E o Miche é um baita de um fofoqueiro. Tu sai de casa e ele me conta tudo o que vocês conversaram.

Começo a rir e sinto o meu riso livre, leve e solto.

– Esquece o Miche e foca aqui em mim. – Viro o rosto dele até os seus olhos estarem nos meus. – Me conta o que pode acontecer.

– Uma espécie de concurso interno. – Ele dá os ombros. – Parece que vai ter um para amenizar os ânimos e dar uma esperança para os agentes que sonham em sair da rua e começarem outra carreira dentro da polícia federal. E eu vou prestar ele e ser uma carta marcada, não interessa a minha pontuação, eu vou ser aprovado e sair das ruas.

– Meu Deus! – Grito novamente de felicidade.

Isto é mais que perfeito. É os meus sonhos sendo realizado. Uma manhã de natal antecipada!

Com o Diego fora das ruas, tudo melhora. Minha preocupação cada dia que ele sair de casa vai ser quase ínfima. E sei que quando eu voltar para casa ele vai chegar logo depois. Sem contar a aflição que o povo lá de casa vai deixar de sentir cada vez que o telefone tocar com um número completamente diferente.

E também, a minha situação com o Diego. Sem esta sombra pairando por nós tudo se resolve mais facilmente. Ela vai poder parar de colocar o seu trabalho perigoso como problema principal para nós escancararmos a verdade sem medo de ser feliz. Meu pai vai pirar, eu sei. Mas não posso fazer nada por ele. Minha meta de vida agora é ficar ao lado do Diego, para sempre.

– Hey. – Diego estala os dedos na minha frente. – Já está pensando em mil e umas coisas, não é?

– Ainda bem que tu me conhece, meu amor. – Beijo ele de leve.

– Estou com a leve impressão de que eu acabei de assinar um contrato no qual eu estou de dando plenos poderes sobre a minha vida.

Saio do colo do Diego com um sorriso no rosto. Ainda bem que ele sabe com quem está se metendo.

Expulso o Diego da cozinha mandando ele ir dormir um pouco. Apesar do clima mais tranquilo sobre o seu estado de espírito, consigo ver que ele ainda está cansado fisicamente por ter viajado e resgatado uma criança para uma nova vida a partir deste dia que se inicia.

Começo o dia passando uma vassoura geral na casa, aproveitando o fato que a Florzinha está dormindo e ela não gosta nenhum pouco quando vê alguém com uma vassoura na mão. Limpo o resto da casa e não deixo nem o Miche fora disso. Acordo a tartaruga preguiçosa e tiro ela do seu aquaterrário que está quase podre de tão sujo.

Limpo a casa com um sorriso no rosto que eu não tinha há um bom tempo. E quando a Florzinha chora lá do quarto eu vou correndo até o quarto e a pego no colo. A trago para a cozinha e a minha paz acaba depois que ela termina de tomar o leite com nescau que eu fiz na mamadeira.

Mais um dia com ela colocando a casa abaixo e eu correndo atrás dela toda hora.

Diego acorda na hora do almoço quando a Carla liga para saber como estamos e mostrar as novas artes do Rique para nós. Tive que inventar que o computador não estava ligando a webcam para a Florzinha não se meter no meio da transmissão e a gente ter que explicar como uma criança de dois anos veio parar na minha casa e porque ela vai embora depois de alguns dias.

Então nós só respondemos escrevendo e vendo o Rique e o pai rindo para a câmera. Ele está cada dia mais gostoso, mais arteiro e também tocando o terror com todos lá em casa.

Depois disto, passamos o resto do dia cuidando da Florzinha e ela nos enchendo de alegria por algumas horas. No final da tarde, um telefonema nos tira da rotina que já tínhamos firmado há alguns dias. Eu estava terminando de dar janta para a Florzinha, que já tinha feito uma bagunça geral. Diego aparece na porta, mexendo no telefone e eu já imagino o que vai acontecer.

– Estão vindo buscar a Florzinha, não é? – Ele me responde com um aceno de cabeça.

– Daqui umas duas horas, no máximo. – Diego entra na cozinha e pega ela no colo a beijando na bochecha.

– Acho que temos que dar um banho nela então. – E eu tento esboçar um sorriso, mas ele sai muito forçado.

Mais um baque na Luiza Lavorini com outra criança que passa pela minha casa e me deixando em frangalhos. Incrível como eu consigo a façanha de me apegar tão rápido à uma criança. Mesmo sabendo que ela está aqui só de passagem rápida.

Damos um banho na Florzinha, que passa o tempo todo brincando com a espuma que se forma. Ela nem imagina que em breve vai encontrar a sua casa definitiva e deixar para trás todo o sofrimento que ela já passou nessa vida.

Vesti ela com as roupas que havíamos comprado e deixado de reserva para quando esta hora chegasse. Ela já estava acostumada a andar só de fralda que não gostou nenhum pouco das roupas que eu coloquei nela. Um vestidinho de florzinha e um chinelinho de dedo com um elástico atrás para não sair do seu pezinho fofinho. Minhas lágrimas começaram a chegar enquanto eu penteava os seus cabelinhos, com aqueles pentes finos para retirar o resto das

lêndeas e piolhos que o remédio agiu os matando.

Com essa cena, eu até tenho um pequeno flashback de como eu chorava para a minha mãe quando ela pegava o maldito pente fio para passar nos meus cabelos compridos. E como eu sofri nas mãos não habilidosas do pai fazendo isso depois que ela nos deixou. Limpo as minhas lágrimas depois que eu vejo o Diego parado na porta.

– Estou lembrando de como eu sofri com a mãe e o pai fazendo isso em mim.

– Uma vez a Carla pegou piolho na escola e a mãe queria cortar os cabelos dela porque ela não deixava a mãe limpar assim.

– Isto aqui – limpo o pente fino na toalha molhada – é o terror de todas as crianças.

E volto a fazer o meu trabalho, até não achar mais nada no meio dos dentes do pente fino. Diego fica analisando a cena com um sorriso no rosto, até eu perguntar para ele o que foi.

– Nada... Só me lembrando uma coisa que o Alexandre disse ontem sobre filhos. Além do conselho de eu escolher tios ricos para ajudar nas despesas e os presentes caros. – Rio.

–E o que foi?

– Que ser guardião intermediário não era trabalho para ele. O Alê ia querer ficar com todas as crianças que passassem por ele. Não é à toa que ele tem três filhas e disse que só está esperando a Lari crescer e ficar mais independente para pegar outra criança.

– Pensando em adotar uma criança, Di? – Florzinha olha para mim e sorri com os dentinhos separados.

– Não sei. Acho que a possibilidade de ter um futuro pela frente me fez pensar em algumas coisas que nunca me ocorreram. Mas acho que os meus pensamentos voaram muitos anos à frente.

Não consigo evitar o olhar do Diego sobre mim. Filhos sempre foi um sonho meu. Desde criança. Não que o pai saiba disso, ele tem um AVC se pensar na possibilidade, mas eu nunca deixei de pensar nisto.

– Muito anos não, Diego – Levanto a Florzinha no meu colo e entrego para o Di junto com um beijo. – Só anos. E não muitos.

Saio deixando os dois no quarto e sorrindo para o nada.

Capítulo 41

Por Diego

A única luz que entra pelo quarto é a da lua alta no céu, bem na frente da janela do quarto. Eu estou acordado. Ou talvez sonhando, ainda não consigo descobrir qual dos dois me ataca nesse momento. Só tenho uma certeza, todos os segundos que se passam se voltam para a pessoa que está ao meu lado dormindo.

Nunca fui um cara dado à poesias e coisas melodramáticas. Sempre fui prático, um pouco previsível, e como dizem, muito cabeça dura. E isto está sendo assim até hoje. Não consigo me recordar de quantas pessoas, mulheres, que podem dizer que realmente conheceram o Diego Denski. Talvez a minha mãe e irmã possam afirmar que estão neste seleto grupo. Mas nem elas me conhecem tão bem como eu mesmo, ou melhor, como eu penso que me conheço. Já que desde que a Luiza entrou na minha vida, eu me pego fazendo coisas que nem imaginava que um dia pudesse fazer.

Acho que olhando por esse ângulo, posso incluir a Luiza nas mulheres que conseguem me decifrar. E para a minha surpresa, ou desespero, ela tem um dom sobre isto que me deixa completamente embaçado. Ela consegue prever uma ação, fala, pensamento ou qualquer coisa minha antes mesmo de eu imaginar o que posso fazer. Confesso que chega a ser um pouco assustador e faria qualquer cara, assim como eu, correr léguas dela. Só que para a minha surpresa, e convicção, eu estou aqui.

Só que neste jogo entre nós, ela não é a única que sabe jogar. Tenho as minhas manhas também, e consigo entrar e ganhar uma rodada nos meus dias de sorte. Ou seria os dias que ela não está bem? Como hoje.

Eu percebi que tinha alguma coisa errada assim que acordei. A cama estava vazia e pela primeira vez, ela não fez questão de me acordar assim que abrisse aqueles olhos azuis acinzentados. Nada das suas mãos no meu rosto, me fazendo cócegas, ou ela simplesmente subindo em cima de mim, quase me matando esmagado e sufocado pelos seus cabelos cor de cobre inconfundíveis. Simplesmente uma cama vazia e fria. Percebi ali que tinha alguma coisa errada.

Meu primeiro pensamento era a saída da Florzinha do nosso convívio. Ela foi a criança que passou mais tempo com a gente. Foi quase uma semana agitada, já que a pequena não parava um minuto que fosse, estava sempre na nossa volta, fazendo alguma arte ou dormindo no nosso meio. Até eu senti um peso na alma quando ela abanou com a mãozinha para nós enquanto o Bruno carregava ela no seu colo. Foi devastador, mas ao mesmo tempo, feliz por saber que ela não sofreria mais e seria uma criança normal com pais amorosos.

Luiza ficou completamente abalada depois da sua saída. Chorou por algum tempo no meu abraço e dormiu a noite toda abraçada em mim. Porém no outro dia, já levantou com a corda toda, parecendo que a Florzinha tinha deixado toda a energia dela aqui em casa e a Luiza absorvido. Tomamos café juntos, já que eu trabalharia só mais tarde aquele dia, conversamos, rimos, flertamos e ainda sonhamos com o futuro da Florzinha e de como ela saiu daqui uma criança diferente. Aliás, abro um espaço para dizer que todas as crianças que passaram por nós, Cecília, Jeferson e Florzinha, saíram daqui diferentes. Uma característica da Luiza é esta, quem

vive ao seu redor se torna uma pessoa melhor. Eu mesmo sou prova disso e não nego.

E quando eu a vi hoje pela manhã, percebi que esta não era a minha Luiza de sempre, aquela que corria de salto alto pela casa para me dar mais um beijo antes de sair e ainda me manchando de batom, ou aquela que quando estava sem inspiração, me fazia de modelo e ficava em enfiando algumas roupas sem costurar direto para ver como ficava. A que estava comigo àquela hora não era essa Luiza. Era uma cabisbaixa que estava mexendo no telefone, mas sem aquele brilho no olhar e rindo sozinha. Uma automática que simplesmente estava cumprindo o seu papel.

No beijo que eu a dei, não fui puxado pelos cabelos e nem senti o seu sorriso no meio dele. Era como se eu tivesse acabado de beijar o mármore frio e nem conseguido esquentar ele eu havia. Questionei o que havia acontecido, fiz contas loucas de cabeça, mas não obtive nenhuma resposta com ambas, apenas uma mexida de ombros sem significado nenhum. Pensei em convidar ela para ir malhar na academia do prédio, mas quando retornei à sala, ela estava dormindo encolhida no sofá. Voltei ao quarto, peguei uma coberta, coloquei a mão na sua testa, a procura de febre e descartei uma gripe. Sai, deixando a casa em silêncio para ela dormir e dei ordens expressas para o Miche cuidar da Luiza para mim por alguns minutos enquanto eu malhava um pouco.

Quando retornei, ela ainda estava dormindo. A deixei mais um pouco e fui tomar um banho e só depois dele eu tive a confirmação do que se passava com a minha Ferrugem. Em uma ligação rotineira da Carla, para saber as novidades daqui e contar todas que o Rique fez, fui informado que o Luiz também estava na mesma situação que a filha. Cabisbaixo, quieto e como se quisesse ficar na dele.

Depois de analisar os dois a Carla teve um estalo e recordou porque os dois estavam compartilhando as suas dores, mesmo com quilômetros de distância entre pai e filha.

– Di! Hoje é o aniversário de morte da Joana. Por isso que os dois estão assim. Como eu fui burra! Esqueci disto por completo! O Luiz se sente um nada nesse dia. Vou ter que desligar o telefone e ficar com ele. Não deixa a Luiza sozinha tu também. Aproveita que tu está em casa sem fazer nada e vão fazer alguma coisa. Vou pedir para a mãe ficar com o Rique umas horas e sair com o Luiz também! Tchau!

E antes mesmo de desligar o telefone com a minha irmã, eu já tinha começado a bolar um plano.

Acho o termo “aniversário de morte” um pouco pesado. Aniversário vem de nascimento, um começo de uma nova vida, ou uma nova oportunidade para ela, como o Noah e a Su comemoram todos os anos com o Yago. Nestes casos eu acho certo usar a palavra aniversário, mas nesse caso, acho um pouco contraditório, já que as palavras são completamente opostas.

Então, para que a Luiza não se sentisse tão sozinha e triste, eu resolvi tirar o dia para cuidar dela. Não que eu não faça isto todos os dias. Mas hoje a atenção e prioridade seria somente a Luiza. E comecei pelo café da manhã, onde eu fiz até aquelas panquecas que ela gosta e comprei cobertura para ela comer sem reclamar. A acordei já com uma bandeja no sofá, para que nem caminhar ela precisasse.

Ela não se surpreendeu com o fato, já que muitas vezes já acordei ela com uma bandeja de

café, não tão elaborada como esta, mas ideia é a mesma. Tomamos juntos o café, com ela ainda em silêncio e comentando que hoje era o dia que o acidente deles completava mais um ano.

Deixei ela falar o quanto ela quis. Me contou alguns detalhes que eu não sabia, como quando ela acordou no hospital sozinha e se desesperou. Gritou e saiu correndo do seu quarto e se enfiou no do Luiz, já que o da mãe ela não achou. Ele ainda estava inconsciente e tiveram que tirar ela à força do quarto por uma das suas tias. Escutar aquilo foi como uma tortura para mim. Não consigo imaginar a Luiza desesperada para saber da mãe, com apenas dez anos, e muito menos o Luiz deitado em uma cama de hospital sem resposta do seu corpo por algumas horas.

Luiza chorou e deixou que eu limpasse suas lágrimas enquanto eu a abraçava e tentava fazer com a sua dor e memória passasse para mim. Eu já era acostumado com estas dores e não ficaria abalado em receber as dela, desde que a minha Ferrugem voltasse novamente.

Ficamos assim por algum tempo, até ela cansar de chorar e sair para o banho. Dei várias opções do que poderíamos fazer durante o dia, até ela percebeu que ficar em casa não adiantaria em nada e só faria ela ficar mau.

– Podemos ir ao cinema. – Disse sem obter repostas dela que estava virada para o seu guarda-roupa. – Caminhar pela praça, almoçar em algum restaurante chique – e fui dando opções enquanto ela se vestia.

– Quero fazer uma coisa que eu nunca fiz. Lembra quando tu disse que me levaria num clube de tiro para aprender a atirar?

– Podemos ir lá, até tenho que renovar o meu cadastro e pagar a anuidade dele. Já aproveitamos a viagem então.

Nunca imaginei que a Luiza fosse escolher este destino. Mas se era isso que ela queria, era o que ela ia ter. Disse para ela vestir roupas confortáveis e nada de salto, um tênis velho ia servir para a ocasião. Saímos de casa quase em seguida e chegamos antes do almoço no clube de tiro.

Quando eu ainda estava sozinho, era aqui que eu passava os meus dias de folga. Chegava pela manhã e passa o dia por entre as modalidades de tiro. Desde ao tiro ao prato, no qual eu não sou tão ruim, ao tiro ao alvo, como também aquelas cabines de treinamento, quase militar, com o alvo em forma de uma pessoa impressa em um papel. O clube tem várias modalidades, até curso de porte de armas e de tiro.

Luiza chegou estranhando ambiente e quando nos registramos percebi que ela estava tensa com a possibilidade de estar com uma arma na mão. Como eu já tenho muita familiaridade com as armas, não precisamos de guia e eu assinei o termo de responsabilidade por estar portando uma arma em um ambiente com pessoas.

Escolhi uma pistola para ela e fomos a uma cabine com proteção para que ela pudesse praticar. Eu, com a minha inegável prática, dei uma explicação básica de como segurar a arma, destravar e travar, como ficar em posição de tiro e não se assustar com o coice dela. Quando eu demonstrei, a Luiza deu um pulo para trás, mesmo com o protetor auricular que estávamos usando. Naquela hora eu pensei que ela fosse desistir, e mais uma vez, ela me provou ser a pessoa mais forte de todas.

Fiquei atrás dela, posicionando seus pés e segurando o seu braço para que ela não caísse

com o susto. E quando ela atirou pela primeira vez, quase caindo em cima de mim, começou a rir. Um pouco de nervosa, de medo e de alívio.

Comecei a instruir ela e quando me dei por conta, ela já estava tirando sozinha e com um sorriso infantil no rosto de quem estava se divertindo com a situação. Como dizia um instrutor que eu tive quando entrei para a polícia “está nervoso? Nada de ir pescar, vá ao clube de tiro e descarregue em algum alvo”. E a Luiza estava confirmando mais uma vez a teoria.

Ela conseguiu gastar uma caixa de munição em pouco tempo, e logo perguntou se poderia trocar de arma para outra mais potente. E eu, como havia dito, realizei o seu desejo. Passamos o dia com ela me perguntando sobre armas e até usando uma submetralhadora MP5, que eu usava naquele dia que sofremos o ataque.

Sáímos com o sol já se pondo no horizonte e a Luiza mais alegre ao meu lado. Ela sugeriu que nós fôssemos em algum lugar para dançar, e eu, com a minha elegância e porte em pessoa, teria que ir junto. Aceitei na hora, mesmo sabendo que o meu papel seria ficar sentado na mesa, cuidando para que ninguém importunasse a Luiza na pista de dança.

Escolher a minha roupa foi o desafio do dia. Meu guarda roupa é simples, algumas calças jeans, camisetas e bermudas. Nada mais sofisticado do que isto, porque dependendo do dia, eu fico só de bermuda em casa e ela sabe muito bem disso. Então ela subiu até o meu apartamento e destrinchou o meu guarda-roupa para me vestir do jeito que ela queria. Me senti um Ken gigante com ela mudando a minha roupa toda hora, até que finalmente encontrou alguma coisa que ela se agradasse.

Ela eu nem preciso mencionar. Estava radiante, com uma roupa que a deixava mais linda do que ela já era. Chegamos e antes mesmo de eu escolher uma mesa, a Luzia já estava com uma bebida na mão, eu avisei que não ia tocar em uma gota de álcool porque estava dirigindo, então ela se aproveitou. Ficou na mesa comigo por um bom tempo. Às vezes só olhando o movimento, outras quase sentada no meu colo me beijando. A noite era dela e eu apenas o seu servo.

Luiza foi para a pista de dança enquanto eu ficava de olho na sua performance. Sentia os olhares em cima dela, mas não me importava, porque sabia que ela estava dançando exclusivamente para mim. Assim como a Luiza sabia que havia mulheres me olhando e que os meus olhos estavam no seu corpo. Mas isto não bastou e se eu pudesse escolher um adjetivo para a Luiza essa noite, além de linda, seria possessiva.

Ela queria mostrar para todo mundo que eu estava com ela. Para os homens que babavam na ruiva da pista de dança ela mostrava que só eu poderia a tocar aquela noite. Nenhum deles chegaria perto e ela ainda demonstrava um sorriso sacana para todos os que olhassem para ela. E para as que me secavam, que eu tinha dono e nada do que elas fizessem mudaria isto. Eu era um cara marcado, e a Luiza fazia questão de deixar isso bem claro para todos naquela boate escura e quente.

Ela quase me levou à loucura. Em todos os sentidos da palavra. Principalmente quando ela me levou para um canto mais escuro ainda e me atacou contra a parede. Eu sabia que o álcool dos drinques dela já havia subido para a sua cabeça, então a convenci de ir para casa e continuar a festa lá na privacidade do nosso apartamento.

E foi isso que aconteceu. Chegamos em casa com ela já pendurada do meu pescoço e me

atirando no sofá. Fiquei submisso aos seus desejos, mas com uma pitada que só a prática me deixou aprender sobre ela. Como aquele ponto no seu pescoço, onde o seu coração bate acelerado quando eu beijo exatamente ali.

Assim como o dia começou, ele quase acabou no sofá novamente. Só saímos de lá porque estávamos suados, com cheiro de fumaça da boate e necessitando de um banho urgentemente. Então porque não dar uma esticada até o box com a água caindo sobre os nossos corpos?

A sorte é que o apartamento ao lado está vago.

E agora estamos aqui, ela dormindo com um leve sorriso nos lábios, diferente de como ela acordou triste e sem ânimo. E eu acordado, ou melhor, acredito que dormindo, já que tudo o que eu vivo ao lado da Luiza parece um sonho.

O melhor e único que uma pessoa possa ter.

Capítulo 42

Por Luiza

Acordo com uma dor de cabeça do capeta. Até penso que eu voltei para a Itália e estava lidando com um dos meus porres fantásticos que eu tomava por lá. Só descobri que isto não tinha acontecido quando eu vejo o Diego ao meu lado. Geralmente quando eu acordava assim por lá, a pessoa que acordava ao meu lado não era conhecida, ou se era, não se parecia nada com o Diego.

Minha cama gira e eu começo a recordar de como eu cheguei neste estado. Começando pelo fato de ontem ter sido o dia em que a morte da minha mãe completava mais um ano. Eu sempre digo que a data vai ser mais uma normal na minha vida, e todos os anos eu me engano completamente.

Nunca que esta data será normal para mim ou para o meu pai. O dia que era para ser em família acabou com uma parte de mim morta. Os anos podem passar em um piscar de olhos, eu estar aqui ou na Europa, cheia de trabalho ou ociosa como ontem, e nada vai me fazer ficar terrivelmente triste por saber que eu completei mais um ano sem a presença da minha mãe.

Nos outros anos eu ficava completamente imprestável. Se caísse em um final de semana, eu me trancava em casa, em um casulo e só me movimentava quando precisava ir ao banheiro, e olhe lá. E quando eu tinha que trabalhar, era a mesma coisa que não ter ido. Tudo dava errado, o dia era um desastre sem fim.

E a coisa começava a afundar mais quando o pai me ligava. Bom, aí eu poderia encerrar o meu dia com chave de ouro e muitas lágrimas. O choro era livre para os dois lados. Tanto que tinha vezes que eu já atendia o telefone chorando e a gente não falava, só ficávamos na linha escutando o outro chorar até um ter a coragem de encerrar a ligação primeiro.

Este ano a coisa foi bem diferente, por muitos motivos. O dia começou péssimo, como sempre acontecia, aos poucos foi começando a ficar diferente. Um café especial no sofá para mim, eu falando para o Diego algumas coisas que eu sempre revivo na minha mente, mas nunca havia colocado em palavras, nem para o pai sobre coisas que aconteceram depois do acidente.

Resolvi ligar para o pai, e ele atendeu já brigando porque o Rique havia metido as mãos dentro do olho dele, começamos a conversar, sem lágrimas, porque o pai estava narrando que o Rique estava babando tudo ao seu redor e tentando comer o braço do pai, mordendo com a boca desdentada. Parece que os dentes dele estão querendo aparecer e ele está mordendo tudo que está aparecendo na sua frente. Até recebo uma foto dele agarrado na bochecha do pai que estava áspera por causa da barba que estava grande.

Terminamos a ligação com o pai me perguntando sobre o que eu iria fazer durante o dia todo. Avisei que ia ao clube de tiro com o Diego, com a intenção de não ficar sozinha em casa o dia todo e recebi um recado em tom de alerta e não pude deixar de concordar.

– Cuidado, filha, os Denski's têm uma forma de persuasão incrível, a gente pensa que são os Lavorini's que mandam, mas quando eles entram na luta não é para perder.

Sim, pai. Eu sei que sou muito persuasiva, mas o Diego é letal quando usa essa artimanha. Também sei que a Carla estala os dedos e o pai já está de quatro esperando as ordens dela. E por

isso que não tinha chance nenhuma quando ele me perguntou se eu queria fazer alguma coisa no dia de ontem. Mesmo que eu respondesse não, ele faria alguma coisa para me tirar de casa. Essa era a missão para ele, e como dizem, missão dada é missão cumprida.

Escolhi ir ao clube de tiro por ser uma coisa que eu nunca quis fazer. Se era para sair de casa para não curtir a minha *bad* em paz, que eu curtisse ela em algum lugar inusitado e que eu nunca havia pensando em passar. Diego ficou nas nuvens quando me ouviu dizer que tinha escolhido aquele destino. Então, calcei meus tênis e uma roupa confortável e fomos em direção ao clube de tiro.

Nunca imaginei que seria uma coisa tão legal como foi. Me senti uma criança em um parque de diversões que eu nunca tinha ido, ainda mais acompanhada por alguém que sabia onde ficava os brinquedos mais legais. Aproveitei tanto o dia que não me peguei pensando no acidente por nenhum instante que fosse. Meu choro de sempre foi trocado por risos e andar de mãos dadas com o Diego por um lugar aberto.

Então eu quis aproveitar o resto do dia e esticar a noite. Fomos à um bar famosinho da cidade e eu quis demonstrar mais uma vez que eu estava com o Diego. Mesmo que todos os olhares do mundo estivessem sobre mim, a única pessoa que eu queria era o Diego. Assim como eu sentia os olhares dele em cima de mim transmitindo o mesmo recado para todas as outras. E já que ele estava no comando de tudo, resolvi beber para extravasar todos os meus sentimentos. Só que quem muito extravasa à noite, sofre durante a manhã.

E quando a cama para de rodar comigo em cima, a dor de cabeça horrível volta a me atormentar como se alguém tivesse martelando nela. E quando eu me viro para abraçar o Diego, a dor me faz gemer.

– Bom dia, Luiza. Curtindo uma ressaca? – A voz do Diego me faz ver estrelas sob os olhos fechados.

Nem respondo e isso o faz rir.

– Eu sabia que isso ia acontecer hoje, Ferrugem. – Gemo implorando para que ele feche a boca. – Vou pegar um remédio para ti.

Ele levanta e o barulho da porta abrindo é uma furadeira fazendo o seu trabalho no meu cérebro. Diego volta segundos depois com um copo de água e algum remédio que ele me ajuda a tomar e ele ainda tem a audácia de sair rindo de mim do quarto. Ainda vou bater nele por isto, mas só depois que a minha cabeça parar de me matar de dentro para fora.

Por Diego

– Ah, seu desgraçado! – Bruno grita quando o Ale faz um gol nele no videogame.

– Para de reclamar e joga direito! Ah, filho de uma puta! Fica reclamando para se passar de coitado e me aprontar uma dessas?! – O *replay* do gol de bicicleta do Bruno faz o Ale reclamar.

– Filho da puta é a única coisa que tu pode me chamar que não me ofende em nada. Minha mãe biológica era isso mesmo e.... – outro gol de placa – então pode xingar ela de tudo que não me atinge.

Começo a rir dos dois que seguem jogando e se xingando a cada minuto que se passa. Finalmente a tal janta que nós tanto marcamos está saindo. Os dois, acompanhando das filhas do Ale estão aqui em casa. Nós três estamos fazendo um minicampeonato de vídeo game, enquanto a Luiza está soterrada com a Larissa, Manu e Rafa na sua volta.

– Oh Luiza, se tu deixar elas não vão te largar o resto da noite. Para de incomodar, Lari!

– Não estou fazendo nada, pai. A Manu que está atrapalhando aqui.

– Deixa elas, Ale. – Luiza responde com um sorriso no rosto. – Estamos brincando aqui como vocês estão aí. E até parece que eu não estou acostumada com crianças na minha volta. Tu não viu nada quando eu e o Diego vamos para casa...

Como eu estou esperando que saia o vencedor entre os dois para disputar a final, me aproximo da Luiza e vejo ela ensinando a Lari a costurar alguma coisa enquanto fica com a Manu no colo e a Rafa olhando tudo ao seu redor na sua cadeirinha.

Jantamos quando a comida fica pronta e começamos a conversar como pessoas normais. Nada de resgate de crianças, problemas que enfrentamos cada vez que saímos em busca de uma ou as que ficam aqui em casa neste meio tempo entre o resgate e o destino final. Somente quatro adultos e três crianças interagindo como se fossem amigos há um bom tempo.

– A comida está muito boa, mas a pergunta que não quer calar é... – Ale faz uma pausa dramática. – Qual é a de vocês dois?

– Curiosidade nata, hein? – Bruno pega no pé do amigo.

– Vai te catar, Bruno. Vai dizer que tu também não te perguntou a mesma coisa quando conheceu o Diego e soube da Luiza? Todo mundo sabe que quando dois entram para o “nosso meio” é porque são um casal e, geralmente, casados há um bom tempo e já com família.

– Sim, mas eu sou uma pessoa discreta. Não fico me mordendo por dentro para descobrir as coisas.

– Aí é um problema teu e... Manuela come direito ou vai ficar sem sobremesa, Larissa, ajuda a tua irmã aí... e eu sou mais direto no assunto.

Eu e a Luiza nos entreolhamos e começamos a rir. Até por que nem eu mesmo sei o que somos. Namorados escondidos?

– Pelo o que eu saiba – Bruno é o primeiro a falar – no fundo vocês tem um parentesco, não é?

– Não – Luiza responde. – Parentesco, de sangue, não. É mais uma... junção? – Ela olha para mim e fica pedindo ajuda com o olhar.

– Junção não sei se é a palavra certa. Minha irmã é noiva do pai dela.

– Tua irmã mais velha? Pensei que tu fosse o mais velho. – Ale olha para mim e eu sorrio.

– Mais nova. Sete anos. Ela tem 26. – Ele pisca algumas vezes.

– E o teu pai...? – Bruno olha para a Luiza.

– Idade física 44 e mental uns 15. Ele me teve com 20 e foi casado até os 30 quando minha mãe morreu, aí virou celibatário até conhecer a Carla há uns dois anos e com isso eu conheci o

Diego.

Os dois seguem olhando para nós esperando mais respostas.

– Eu dei em cima do Diego, ele caiu como um patinho e depois cortou as minhas asas.

– Calma aí, vocês dois tiverem um caso já de cara? – Ale nem pisca.

– Um caso não. – Me intrometo. – Uma noite que não vem ao caso porque eu fui seduzido e estava machucado e indefeso. Foi logo depois que eu fui atingido no braço. Mas eu dei um fim rápido em tudo.

Luiza olha para mim e revira os olhos.

– Que seja, eu voltei para a Itália onde me formei e quando voltei para cá meu pai comprou esse apartamento para mim no mesmo prédio do Diego para que a gente não ficasse isolado um em cada canto da cidade.

– E aí vocês resolveram recomeçar de onde haviam parado. – Bruno chega a conclusão por conta.

– Com algumas brigas, problemas e outras coisas no meio. – Ela responde olhando para mim com um sorriso cúmplice.

– E como o teu pai e a tua irmã, – Ale altera o olhar entre nós – reagiram a tudo isso?

– Quem disse que eles sabem? – Luiza pega o seu copo e toma um pouco analisando a reação dos dois.

– Cara, – Ale olha para mim – eu já te admirava pelo teu trabalho, mas agora virei teu fã!

– Sempre disse que as minhas habilidades eram muitas!

– Uma delas é ficar com a Luiza sem o pai dela perceber. – Bruno completa.

– E se ele falar alguma coisa, jogo na cara que ele está com a minha irmã.

E com isto, os dois chegam a bater palmas para mim.

– Ok, chega de falar de nós, quero saber de vocês dois. – Luiza, com um sorriso no rosto, olha para os dois.

– Solteiro convicto. – Bruno é o primeiro a se acusar.

– Nada em vista? – Ele nega com a cabeça.

– Tive que desistir de algumas coisas para me dedicar à faculdade e depois ao concurso de juiz que eu queria passar. Depois que passei e fui chamado, tive que mostrar serviço para conseguir ser respeitado pelos colegas. Enfim... – Luiza assente entendendo o drama do Bruno e volta a olhar para o Ale.

– Sou dono de academia e professor. Sempre tenho uma aluna...

– Ou duas. – Bruno se intromete com uma tosse forçada.

– Para quererem umas aulas particulares depois que eu encerro o expediente. Mas nenhuma quer assumir alguma coisa com alguém que tem três filhas lindas, cheias de energia e que dão uma baita dor de cabeça. E só elas descobrirem isto que param de pedir aulas particulares eu me

liberar para casa mais cedo.

A risada da Luiza me faz olhar para ela daquele jeito embasbacado que eu sempre tive ao seu lado. Ela continua a falar com o Alexandre e o Bruno com uma espontaneidade que só ela consegue. Mais uma vez aquela teoria que ela muda as pessoas para melhores se confirma. Em todos estes anos que eu morei aqui essa é a primeira vez que eu posso dizer que tenho amigos jantando comigo. Pessoas que são daqui, e não os lá de casa que estão à passeio.

Realmente, a mudança começa a aparecer cada vez mais, e eu fico mais contente quando uma acontece.

Capítulo 43

Por Diego

Cheguei na minha unidade e já percebi o alvoroço dos outros agentes conversando pelos cantos. Vou até o vestiário onde me arrumo e lá fico descobrindo o que aconteceu para todo mundo estar tão animado assim hoje. Foi aberto o edital interno para a promoção de agentes através de um concurso. Aquele mesmo concurso que o meu chefe disse que eu sou carta marcada para ser promovido e sair da zona de perigo para não correr mais riscos e assim, poder ajudar nos resgates de crianças.

Meus colegas estão esperançosos, é a chance que eles têm de saírem desse inferno urbano que vivemos. Onde muitos saem de dia de casa e não voltam à noite para junto da família. Claro que todos estão com muitas expectativas com este concurso interno. Além dessa nova chance, o salário aumentaria uma boa porcentagem com a elevação de cargo. Com a situação econômica do país do jeito que está, misturando com a segurança que não temos, é claro que todos vão se esforçar ao máximo para conseguirem passar. Alguns já estão até vendo cursos e apostilas para conseguirem se sair melhor na prova.

E eu, começo a me sentir um pouco mal por saber que não vou precisar de nenhum esforço para ser promovido. E uma dúvida cruel está me remoendo por dentro, tanto que eu bato na sala do meu chefe para descobrir antes que eu surte.

– Bom dia, chefe, posso fazer uma pergunta? – Ele olha para mim e pede que eu entre.

– Bom dia, agente Denski. Quería mesmo falar contigo. Como tu já deve ter percebido o edital do concurso saiu e eu preciso do teu número de inscrição para repassar.

– Ok, minha dúvida é sobre o concurso mesmo. No edital fala de duas vagas e...

– Não, Diego. O edital fala de duas vagas, mas ele vai chamar bem mais do que isto, se essa é a tua dúvida. Por mais que o teu cargo seja carta marcada, isso não vai afetar nos sonhos dos outros agentes que também vão fazer o concurso.

Sinto como se um pouco de peso dos meus ombros fosse retirado. Se o concurso fosse só para eu entrar, com certeza seria um fardo gigante para eu carregar pelo resto da minha vida. Ver a esperança nos meus colegas serem esvaídas por minha causa.

Eu sei que se a Luiza estivesse aqui escutando os meus pensamentos, teria me dado um belo soco no braço e começado a falar mil e umas coisas para mim. Só que ela não entende que este é o meu jeito de ser e, por mais que eu queria ser diferente, eu nunca vou conseguir mudar o meu modo de pensar e agir.

E falando em Luiza, descobri que eu estou completamente enrolado nas mãos dela. Pensava que a Carla mandava e desmandava no Luiz como bem queria, e ele obedecia como um cachorro adestrado sem pestanejar, mas agora eu já começo a ver as coisas por outro ângulo.

Ligo para Luiza que atende depois de alguns toques.

– Bom dia pessoa iluminada da minha vida. Como foi o trajeto de ônibus?

O sorriso dela invade até o telefone e eu imagino ela olhando para a frente e apertando os

olhos azuis acinzentados.

– Ótimo, já decorei umas cinco letras de funks diferentes. Posso fazer uma performance em casa quando eu chegar.

– Ahh eu dispenso esta apresentação e acho que o Miche também. Mas vamos as boas notícias, amanhã o meu carro volta.

Como um bom cachorro adestrado, cedi o meu carro para a Luiza nesta semana enquanto o dela está para arrumar na autorizada. Fazia uma semana que estava com uma luz acesa no painel e a Luiza rodando com ele por toda a cidade e nem percebendo isso. Quase surtei quando saímos sábado no carro dela e eu vi aquilo.

– Ainda bem, já estava pensando em fazer um vale para começar a andar de ônibus pela cidade. Mas não é sobre isso que eu te liguei. Meu cartão do banco está contigo não é? Procurei ele aqui agora e não encontrei.

– Hmmm, acho que sim. Tu me entregou ele para comprar ração para o Miche aquele dia e eu não te entreguei. Deve estar aqui em algum canto da minha bolsa. Depois eu procuro ele e te entrego.

Cachorro adestrado parte dois. Ela já tomou conta dos meus cartões do banco. E como o Luiz sempre disse, Luiza com cartões é um perigo. Outro dia cheguei em casa e tinha inúmeras sacolas de roupas em cima da cama dela. Todas elas masculinas e do meu tamanho. Ela fez eu experimentar todas elas e ainda dizer que era a primeira parte do “projeto Diego”, que ela nomeou. Nem preciso comentar que eu quase tive um ataque cardíaco precoce quando a fatura chegou, e quando fui falar com a Luiza, ela só deu os ombros e me fez um agrado.

O Miche é a única tartaruga que tem como dono um cachorro que fica de quatro quando a dona judia e depois faz um carinho para amenizar os ânimos....

– Então procura para mim e paga uma fatura que eu vou te mandar por e-mail daqui a pouco, pode ser?

– Sim, senhooor. – Ela fala animada. – Andou comprando alguma coisa escondido, Di?

– Não comprei nada é que saiu o edital daquele concurso e....

– Aquele concurso? Aquele, aquele?

– Sim Luiza. O único. Aí... – olha para os lados para ver se não tem ninguém ao meu redor – o meu chefe pediu o meu número de inscrição.

– Ahhhhhh, que ótimo! Uma bela notícia então! Me manda esse boleto agora que eu já pago, se não achar o teu cartão pago com o meu mesmo! Vou passar no mercado para comprar uma garrafa de vinho para nós comemorarmos e fazer alguma janta especial. Já estou esperando o boleto, rápido, Diego! Beijos!

E ela desliga o telefone sem nem mesmo escutar o meu tchau para ela. E eu, sem pensar mais, envio o boleto e recebo a confirmação que ela recebeu com uma mensagem cheias de emojis com corações de diversas cores. Se eu tivesse um rabo neste momento, estaria quase decolando de tão rápido que eu estaria abanando.

Por Luiza

– Oi, pai! Ai, droga!

– O que houve? – Coloco o telefone no viva-voz e a mão embaixo da água da torneira.

– Me queimei com o vapor da massa. Como vocês estão aí?

– Tu fazendo massa ou cimento para a parede? A última que tu fez aqui em casa se eu jogasse no teto era capaz de ela ainda estar lá. Estamos bem. Por que tu está cozinhando? Isto é um perigo para a humanidade.

– Olha quem fala, a pessoa que me explodiu uma panela de pressão e quase colocou fogo na cozinha quando estava fazendo um bife.

– Eu melhorei as minhas habilidades na cozinha. Ainda mais com a Lúcia me dando uns toques agora, o Rique chega a babar quando vê a gente comendo aqui. Se bem que ele anda babando por tudo mesmo.

Rio e sigo conversando com o pai, depois com a Carla e por último até com o Rique que não responde e tenta comer o celular na mão do pai. Ele está cada dia mais fofo! As fotos que o André tirou dele são tão lindas que me faz querer entrar num avião e chegar em casa o mais rápido para morder aquelas bochechas gordinhas que ele tem. Meu irmão é o mais gostoso de todos. E nada vai mudar este fato.

Coloco a massa na travessa de vidro e misturo o resto das coisas. Começo a pensar que realmente isso mais parece um cimento de parede do que realmente massa. E olha que eu segui a receita tal como o vídeo do Facebook mostrava.

– No máximo, vamos ter que pedir uma porção de batata-frita de sempre, Miche. – O Et nem se mexe com o que eu falo e eu suspiro olhando para o prato e esperando que ele não vire um monstro e comece a aterrorizar a cidade.

Tirando este pequeno desastre gastronômico, eu estou feliz. Feliz por saber que a data em que o Diego vai sair da zona de perigo está cada vez mais próxima. Isso vale até uma massa que está meio verde e um pouco, na verdade muito, pegajosa e uma bela garrafa de vinho para acompanhar.

Uma verdadeira comemoração!

Sigo arrumando a mesa para dois quando a porta se abre. Sigo fazendo o meu trabalho até sentir um par de braços me apertando pela cintura e um beijo no meu pescoço seguido por uma pequena mordida. Me viro e coloco meus braços envolta do pescoço do Diego e retribuo o beijo que ele me dá com uma animação que me faz arrepiar.

– Oiii, Di! – Digo e vejo o sorriso dele.

– Boa noite, Luiza. O que fez de... – vejo ele olhar a massa e completar – bom para nós?

– Era para ser uma massa, mas agora não sei se já não está um monstro. Mas dizem que a intenção é que vale, não é?

– Claro! – Ele diz sem hesitar, e volta a olhar para a massa. – A intenção vale sempre.

Sorrio para ele, não sabendo se é para me desculpar por este desastre ou pela confiança de

que ele vai comer sem reclamar.

– Então vai para o banho que tu está cheirando a suor e ônibus lotado.

– E sem ar-condicionado, esqueceu do pequeno detalhe.

– Meu nariz não esqueceu não. – Diego me larga e quando se vira em direção ao corredor, eu ainda dou um tapa forte na bunda dele.

Diego para, olha para mim e começa a cantar algum funk proibido para menores de idade me fazendo rir alto. E segue para o seu banho rindo junto.

Termino de arrumar a mesa suspirando, por assim dizer.

Sempre soube que um dia as coisas se ajustariam de uma forma ou de outra. Às vezes me pego pensando em tudo o que eu já passei até chegar onde estou e abro um sorriso, como o que eu estou agora, por saber que cheguei até aqui e que o futuro não é mais uma névoa.

Meu trabalho está em uma fase ótima, cada dia que passa meu nome se torna mais conhecido no ramo da moda brasileira. Até uma entrevista em uma revista renomada de moda do país eu já dei e saí na capa como uma promessa futura para a moda brasileira. Segundo o pai, até enquadrada na sala lá de casa a revista está. E a cada dia que se passa, a nossa filial brasileira está ganhando mais espaço e mais clientes que buscam uma peça de roupa assinada e feita por mim. Ando trabalhando tanto que até os meus dedos estão todos furados das agulhas e alfinetes, e ir à uma manicure para fazer as unhas é uma coisa tão distante que nem me lembro mais o que é um cheiro de esmalte.

O nosso trabalho paralelo com as crianças em situação de perigo está indo conforme o esperado. Tanto que eu recebi uma e-mail da Cecília estes dias que me fez chorar escandalosamente no meu escritório do trabalho. Ela procurou na internet o endereço eletrônico da loja e enviou sem ninguém saber junto com algumas fotos da sua nova família.

Ela está em outro estado se adaptando tão bem que, conforme o tempo passa, ela nem se lembrava mais dos horrores que havia passado nos últimos anos. Isto foi tão reconfortante e revigorante que eu fiquei nas nuvens e orgulhosa de mim mesma por ter ajudado ela, e tantos outros que ainda virão, a recomeçarem uma vida nova.

Não há pagamento no mundo melhor do que esse.

E também há eu e o Diego como casal. Disto eu não tenho nada a reclamar, tudo tem sido mais que perfeito. Nossa sintonia sempre foi nata e de resto, vamos nos moldando um ao outro, aprendendo sobre os gostos e preferências assim como todo o par faz. Brigamos como gato e rato, saímos de casa sem nos falarmos, mas antes do meio dia já estamos trocando bobagens por mensagens e imagens idiotas que um acha e manda para o outro. Às vezes ainda quero rachar aquela cabeça dura dele e sei que ele já teve vontade de esgoelar inúmeras vezes. Isso dá um toque e tanto no relacionamento.

Diego volta para ao meu lado sorrindo novamente. Sirvo duas taças de vinhos e nos sentamos à mesa e ficamos nos encarando para ver quem é o mais corajoso em experimentar a massa, ou seja lá a coisa que ela tenha virado.

– As damas primeiro? – Olho para o Diego, no fundo dos seus olhos e ele se retrata. – Ok, vou ser mal-educado, ofendendo a educação que a Dona Lúcia me deu e comer primeiro.

Vejo ele se servir enquanto tomo mais um pouco do meu vinho e comer um pouco, evitando olhar para mim. Espero um pouco para ver se ele vai vomitar ou cair morto em cima de prato, mas ele repete e olha para mim.

– Por mais estranho, para não dizer nojento, que isto pareça, até que está muito bom. – Ele volta a comer e eu desconfio.

– Está falando sério ou é para me zoar e eu acabar comendo isso e parar o resto da noite no banheiro?

– Não, olha... – ele serve um garfo e coloca na minha boca. – Está boa mesmo.

Eu experimento com hesitação e fico até espantada em descobrir que a gororoba está altamente comestível e muito bom. Ainda mais acompanhado de vinho.

Comemos toda a travessa e ainda rapamos o que tinha sobrado de molho com outra garrafa de vinho, já que a primeira foi em um tapa. Depois disto, cada um se deitou para um lado e dormiu como uma pedra, de tão cheio que estávamos. Impossível de fazer qualquer esticada nas comemorações.

Capítulo 44

Por Diego

– E então a diretora da escola me chamou em uma reunião particular e me questionou na cara se eu fazia alguma coisa de errado com as minhas filhas. Uma indireta perguntando se eu abusava de alguma delas. Tem noção do quanto eu me enfureci com isso?

Molho o meu pincel na tinta rosa e volto a trabalhar sobre a parede da Manu, filha do meio do Alexandre. É sábado à noite e estamos aqui os três pintando as paredes enquanto a Luiza está com a mãe do Ale e as meninas conversando, tanto que escutamos as risadas daqui.

– Olha bem para mim – ele continua a falar indignado – vê se eu tenho cara de quem faria algum mal a minhas filhas?

– Absolutamente com esta cara de babaca, nenhum pouco. – Bruno fala sem tirar os olhos da parede que ele está dando o acabamento e eu rio.

– Cala a boca e pinta isso direito, te chamei aqui para pintar e me escutar.

– Ok, pode continuar a falar então....

– Voltando ao assunto. A mulher lá disse que “isso” – ele diz com uma voz de asco imitando a tal mulher – de um pai solteiro com três filhas e com idades tão diferentes era muito suspeito para aquela instituição.

– Juntando com a tua cara de favelado aí... – Bruno fala. – Ela te colocou na lista de pais perigosos em primeiro lugar.

– Exatamente! Mesmo tu tendo mais cara de favelado que eu, não é? – Bruno sorri e concorda. – Mas a questão foi aquela bruxa velha ter insinuado que eu faço alguma coisa para as meninas! A Manu ainda não vai ao banheiro sem me chamar depois e a Rafa alguém tem que trocar as fraldas dela, então é impossível eu não ter nenhum contato com elas assim, mas a Lari nem quando ela chegou aqui em casa eu encostei um dedo nela, foi a mãe que ajudou nestes momentos. Nem andar de cueca em casa eu faço mais por respeito a elas e quando a Lari anda de toalha no meio da casa eu peço para ela ir se trocar. E agora tenho essa mulher pegando no meu pé.

Alexandre para de pintar e tomo um pouco de água que ele nos ofereceu.

– Coloquei a maior briga com aquela mulher e disse que vou tirar a Larissa assim que o ano acabar. Já basta as amigas da minha mãe pensando que eu era algum tipo de marginal quando eu era menor e abri a academia. Elas pensavam que eu distribuía bomba para os caras lá.

– Cara, como tu tem esta cara de favelado, as pessoas pensam isso mesmo. – Bruno ri e volta a pintar.

– Olha quem fala... – Ale implica.

– O pessoal julga as pessoas sem conhecer a história de ninguém. Assim como a minha irmã é vista como golpista na cidade que nascemos. O pai da Luiza tem dinheiro e veem ela como alguém que só quer o dinheiro dele. Agora com a chegada do Rique então.... Ele me disse que a coisa triplicou, mas ela já aprendeu a relevar e dá risada junto com o Luiz quando eles

escutam estas coisas. No teu caso é a mesma coisa.

– Brincadeiras à parte, Ale, o Diego está certo. Eu mesmo, até os oito anos vivi no meio da favela comendo lixo praticamente e cuidado da minha irmã mais nova que era um bebê. Quando fomos adotados, eu sofri demais na escola por não estar no mesmo nível que eles e nem por me comportar como as crianças de “classe”, como eles diziam. E isso me marcou muito, sempre tive que provar que merecia estar onde estar por méritos e não por ser um coitado, adotado e favelado. Por isto que eu sei pintar uma parede ao contrário de vocês, porque quando eu passei na faculdade federal para direito, eu trabalhava como auxiliar de pedreiro para não precisar dos meus pais me bancarem enquanto eu estudava.

– Tu era um rebelde sem causa, isto sim. – Ale olha para o Bruno. – Ralava porque queria na faculdade e depois, se quisesse teus pais te bancavam sem problema.

– Como eu acabei de dizer, seu surdo, não queria me formar sendo o filho adotivo favelado deles, como todo mundo achava e me julgava, queria me formar por ser o Bruno. Com os meus méritos e hoje eu consegui. E ainda sei pintar uma parede melhor que vocês dois juntos.

E os dois começam a brigar, implicando um com o outro até a mãe do Alexandre nos chamar para jantar.

– Nada melhor do que a comida da Dona Lurdes. – Bruno se aproxima da mãe do Ale e beija a sua bochecha.

– Só se for a da empregada da tua mãe, como elas estão, meu querido?

– Ótimas, sempre esperando aquela visita que vocês prometeram a elas.

– Viu mãe, – Ale pega a Rafa no colo e a pequena se alegra toda nos braços do pai. – Eu sempre falo, Bruno, mas a velha aí não me escuta.

Sento ao lado da Luiza e jantamos em grupo, com uma pequena bagunça generalizada e muitos risos. E quando vamos retornar ao trabalho que o Bruno nos mandou, o telefone toca e ele sai para atender com um olhar que nos deixou em alerta.

– Era o Nunes, ele perguntou se estamos livres, já que as outras equipes estão desfalcadas hoje. – Eu dou os ombros e o Alexandre pula da escada com um barulho alto.

– Só avisar a mãe e estamos prontos.

– Ok, vou buscar o carro então. – E ele sai.

– E quem diria que o sábado de pintores acabaria com mais um resgate. Chupa supervisora da escola da Lari, ao invés de machucar as minhas filhas, eu vou é regatar outra.

Sáímos logo depois que eu me despedi da Luiza e dei ordens expressas para que ela fosse direto para a casa assim que terminasse de jantar e brincar com as crianças do Alê. Bruno retornou com um carro que ele batizou de “velho de guerra”, já que é um carro caindo aos pedaços e com um problema na hora de engatar a mudança.

– Assim o carro é invisível. O meu, ou qualquer um dos nossos, chama muito a atenção para o lugar que nos mandaram. Este aqui vai passar que é uma beleza. – Ele bate no painel que despenca um pedaço.

Nos afastamos muito de onde estávamos, entramos em uma zona barra pesada, onde os

olhares para nós é inquisidores e desconfiados.

– Uma pergunta, – Ale se vira para mim – tu está armado? Porque eu acho que as minhas habilidades de lutas e as do Bruno não vai ser tão útil aqui.

Aponto para a cintura e o coldre aparece.

– Peguei a que tenho escondida dentro do meu porta-malas, a Luiza nem sonha que eu tenho uma arma lá.

– Agora eu estou mais confiante. – E se vira para frente acompanhando a subida íngreme por uma estrada de chão a nossa frente.

Bruno desliga as luzes do carro e seguimos em direção de um ponto de luz ao longe. Pouco antes de chegarmos à casa, descemos do carro e seguimos a pé o resto do caminho.

Escutamos gritos abafados de uma criança ao fundo e eu saco a minha arma sem pensar duas vezes. Destranco e a engatilha. Bruno toma a frente e quando ele empurra a porta eu entro me vejo um homem em cima de uma criança desesperadamente gritando por ajuda.

O homem não tem tempo nem de negar que estava estuprando a criança, porque eu atirei bem na cabeça dele o fazendo cair para trás no mesmo instante.

– Puta que pariu. – Escuto o Alexandre falando ao fundo e saindo para a rua vomitando.

Fico parado, com a arma na mão, ainda quente pelo tiro que eu acabei de dar. Sinto o Bruno batendo no meu ombro e se aproximando da criança desesperada a nossa frente em pânico comigo ainda apontando a arma na sua direção.

– Estamos aqui para te ajudar. Não precisa ficar com medo de nós. – Bruno fala baixinho enquanto eu baixo a arma, tranco e coloco no coldre.

Fico observando o corpo atirado no chão e não sinto nenhum remorso pelo o que eu fiz.

– Liga para o Nunes, Diego. – Ale me tira do transe quando ele volta. – E pede para um médico esperar na casa dos guardiões intermediários.

Pego o meu celular e saio para a rua em busca de sinal e quando o meu chefe atende no segundo toque eu conto que acabei de matar um cara.

– Ele estava estuprando a menina. – Digo por fim, como se me justificasse pelo meu ato.

– Nós já tínhamos esta suspeita, Diego. Nossa fonte já tinha alertado para esse risco. Bom trabalho, um a menos na rua para fazer mais danos.

– Eu usei a minha arma pessoal, a balística pode me apontar como suspeito se eu não fazer um registro de roubo ou...

– Ninguém vai usar balística em um cara com uma ficha criminal tão extensa, Diego. Aqui no Brasil não temos nenhuma equipe forense como o CSI. Mas vou avisar algum pessoal nosso sobre isso. Não precisa te preocupar, tu fez o teu trabalho.

Desligo o telefone com a confirmação de que o médico estará lá quando nós chegarmos e volto para a casa abandonada.

– Ela está aqui há mais de cinco dias. Tem treze anos. – Bruno fala baixinho para mim. –

Ele a amarrou e a estuprava com regularidade, ela não tem ninguém e nem recebia comida e água. Chegamos na hora certa antes do pior. E nada me faz pensar que ela não foi a primeira que conheceu esta casa.

Olho ao redor e chego a ficar enjoado com o que a minha imaginação me mostra.

– Temos que ir embora daqui o mais rápido possível. – Digo e vou em direção ao Alexandre que está acalmando a criança.

O ajudado a carregar a menina em direção ao carro e seguimos em direção à cidade onde estão nos esperando para entregar a criança. Ela ficou o tempo todo chorando no banco de trás com o Alexandre, no meio do caminho eu desci em um bar e comprei umas garrafas de água e algumas bolachas para que ela se alimentasse um pouco.

Depois de entregue e com cuidados do médico, seguimos os três em direção as nossas casas. O trajeto foi silencioso. Eu pensando no que havia feito, Alexandre nas suas filhas que ele tirou de um destino incerto e o Bruno em como pessoas daquele tipo ainda conseguem circular por entre nós. Cada um com o seu dilema e pensamentos.

Desci em casa e subi para o apartamento da Luiza onde a encontrei já dormindo. Tomei um banho e coloquei as minhas roupas sujas para lavar, não deixei nenhum rastro do que havia acontecido nesta noite.

Me aconchego ao seu lado e ela, automaticamente, se vira para o meu lado me abraçando e se enrolando em mim, daquela forma que só ela consegue fazer.

– Como foi o resgate. – Ela murmura.

– Deu tudo certo. – Me limito a dizer somente isto.

Luiza me aperta mais um pouco e volta a dormir nos meus braços. Solto uma respiração profunda e sinto um pouco do peso nos meus ombros saírem. Me lembro de uma frase do meu chefe quando ele me convocou para este “trabalho paralelo” há alguns meses atrás.

“O mundo ainda vai continuar o mesmo, mas para essa criança que tu salvou ele nunca mais será igual. E a cada salvamento o sentimento é o mesmo. Para nós um trabalho normal, mas para elas a mudança de vida completa”.

Eu fecho os olhos e tento dormir, pensando sobre isso. Matar pessoas ainda é o meu trabalho, uma coisa normal no meu cotidiano. Não vai ser este assassinato que irá mudar as coisas para mim, mas para aquela criança que salvamos, fez toda a diferença.

Capítulo 45

Por Diego

Entro em casa e só vejo o cabelo cor de cobre da Luiza correndo de um lado para o outro. Até o Miche estava escondido dentro do seu casco de tanto movimento ao seu redor.

– Isto é uma tragédia! Vou matar a tua irmã. Meu pai nem vai deixar de ser viúvo e já vai ficar novamente. O Rique vai ter só pai também, assim como eu.

Luiza passa por mim, com uma pilha de roupa e fica falando enquanto caminha. E eu tenho que a seguir para conseguir escutar o que ela fala.

– Tem noção do que está acontecendo?

– Na verdade não, acabei de chegar em casa. Ia perguntar para o Miche, mas ele está escondido e eu acho que com medo de ti.

Luiza para, coloca as roupas dentro da mala e olha para mim séria.

– Dá para parar de brincadeira e fazer a tua mala? Nosso voo sai ainda hoje! Não tenho como arrumar a minha mala e a tua! Camiseta, cueca, bermuda, calça, meia e estas coisa... um, dois, três e te mexe!

– Voo? Como assim? Tu comprou passagens para hoje à noite? E nem me avisou?

Luiza olha para mim, completamente irritada, e penso em dizer que ela fica bonitinha assim, mas penso um pouco melhor e decido deixar para mais tarde.

– Tua irmã! – Ela aponta o dedo para mim e encosta no meu peito, querendo furar a minha pele. – Ela teve a audácia de marcar o casamento dela para daqui a dois meses! Tem noção disso? Dois meses! Impossível!

Ela tira o dedo do meu peito e eu espero ela se virar para fazer uma careta de dor. Caramba, isso dói mesmo!

– Eu vi a chamada dela no meu telefone, mas resolvi chegar em casa para depois retornar a ligação. Era isto que ela queria dizer? Que resolveram marcar a data do casamento? Pensei que ela ia fazer o Luiz andar de cadeira de rodas antes de ele conseguir arrastar ela para o altar.

– Diego, tua mala, rápido! Vai para o banho, arruma a tua mala, deixa o Miche com o filho da vizinha que domingo a gente volta.

Chego a dar um pulo de susto com a ameaça, mas então me lembro de um pequeno detalhe.

– Tu comprou as passagens agora?

– Sim, tua irmã não me deu opção! Tenho que fazer roupas para todo mundo em dois meses. Sentiu drama? Dois meses, Diego! E tu aqui me atrapalhando!

Saio para o banheiro sentindo o rombo no meu cartão de crédito. Preciso recuperar o meu cartão o mais rápido possível.

Entramos no avião na última chamada. O táxi demorou para chegar e ainda pegamos um trânsito horrível. Luiza estava quase entrando em pânico e só faltou pedir para o motorista deixar

ela dirigir e passar por cima da calçada e gritando para o pessoal sair da frente que ela está passando.

Nunca bloqueiem o caminho de uma Lavorini, ainda mais se ela estiver com algum problema relacionado as roupas que ela confecciona. Como um casamento marcado em cima da hora, um casal de noivo, três madrinhas, a mãe da noiva e mais 2 aias que precisam de vestidos personalizados e assinados pela Luiza. Isto que as roupas dos homens, é mais simples e ela só precisa a medida mesmo.

Prevejo estes dois meses de muitos surtos enferrujados e que vai sobrar para eu aguentar.

– Ainda está pensando em como matar a minha irmã? – Sinto a Luiza olha para mim com uma cara séria.

– Parei de contar na maneira vinte e quatro. Quem diria que eu ia aproveitar aquelas matérias extras de idade medieval na faculdade. A maioria tirei de lá. Onde já se viu marcar esse casamento tão em cima da hora assim....

– Talvez ela não tenha outra data por causa do trabalho. Parece que elas estão se virando nos trinta para dar conta de tudo. Os dois salões já estão ficando pequenos para...

– E então ela resolve me estressar neste nível?

– Ra! Teu pai deve ter culpa no cartório, mais que Patotinha. Aposto que ela deu as datas, esta de dois meses e uma bem mais adiante e ele escolheu a mais próxima, porque ele tem um gene de ansiedade acima do normal que transmite aos descendentes dele.

Ela sente a indireta batendo bem no meio dos seus olhos, os mesmos que me fuzilam e eu me faço de santo e sorrio. A puxo para um beijo e ela recusa por alguns segundos, mas cede.

– Vai dar tudo certo, Luiza. E todas elas vão ser as mais bonitas, principalmente a minha irmã.

– Vou transformar a Carla em uma rainha. Aquela que comanda todos só com um olhar.

– Mas ela já não faz isso?

Luiza ri que chega a chamar a atenção de um senhor do outro lado do corredor. Ela se aproxima mais de mim e encosta a cabeça no meu ombro. Me permito fechar os olhos por alguns segundos até aterrissar. Simplesmente tento relaxar de um furacão para entrar em outro.

Minha cabeça ainda volta para os momentos em que eu atirei no cara que estava estuprando aquela criança que estávamos resgatando. Ontem quando cheguei para trabalhar, percebi que já haviam achado o corpo, e puxei o nome no sistema e não consegui chegar ao fim da lista de crimes que ele tinha.

Fechei o arquivo quando senti o olhar de reprovação do meu chefe para o meu ato. Me senti com dez anos de novo e fui pego pela mãe fazendo alguma coisa que não devia. E como toda a criança levada, depois que o meu chefe saiu, eu continuei olhando a ficha dele, mas não a criminal, mas sim a que contava o que havia acontecido com ele naquela noite.

Em resumo: falava de um tiro, com uma arma de calibre pequeno e que foi fatal. Falava das desavenças que o cara já estava metido, como drogas e simplesmente acabaram ali o relatório. Sem mais detalhes, esclarecimentos e motivos que vá incentivar uma investigação mais

profunda sobre o caso. Simplesmente assim. E só depois de ler essas palavras, é que eu consegui respirar aliviado.

Abro os olhos quando o avião encosta no chão e a Luiza olha para mim com uma cara de sono, assim como eu devo estar. Saímos e fomos esperar as nossas malas na sala de desembarque.

– Nem podemos nos despedir em casa com decência. Vou ficar duas noites sem poder te agarrar. Maldade. Tudo culpa da tua irmã.

Rio.

– Vamos ter que encontrar um jeito de dar uma escapada.

– Acho que estamos nos arriscando demais já, Luiza.

Ela me olha séria e eu a encaro.

– Sem escapada então?

Não respondo e pego a mala da Luiza da esteira e logo depois da minha. Saímos pelo corredor e eu fico observando a Luiza caminhando um pouco a minha frente. E eu começo a analisar alguns fatos que andam acontecendo na minha vida.

Desde a chegada dela no meu prédio, tudo está de cabeças para baixo. Mas de uma maneira tão boa, que simplesmente a névoa que me acompanhava, foi sobrado por um sol cor de cobre que iluminou tudo a minha volta. Se antes eu era um agente federal, esperando a hora da morte no trabalho e que se importava apenas com a minha família. Hoje eu ainda sou um agente federal, mas que sonha com o dia de amanhã e ajuda a regatar crianças em situação de perigos, e junto com ela, acolhemos elas em nossa casa como início de um novo futuro para estas crianças.

Nada teria acontecido se a Luiza não tivesse aparecido e me importunado até eu ceder e ser envolto por toda a sua luz. E ver como eu sou dependente dela hoje e dia é a certeza de que o que eu sinto é para sempre e nunca vai mudar.

As mudanças que chegaram na minha vida nestes últimos dias vieram para ficar. Talvez seja a hora de encarar a última e a que eu tenho mais certeza.

Dou uma apertada no passo e me aproximo dela, quase saindo do portão de desembarque.

– Talvez seja a hora de sairmos da clandestinidade.

Ela olha para mim e eu dou os ombros.

– Está falando sério?

– E por que estaria brincando? Acho que já passamos do status de caso, não é?

Luiza sai no portão com um sorriso com múltiplos sentidos e eu sigo atrás também sorrindo. Sentamos em um dos bancos e ficamos esperando o Luiz, que ainda está preso no trânsito para nos buscar.

– Algum plano brilhante para escancarar a verdade para as nossas famílias?

– Pensei em algo dramático, tipo eu fazendo uma serenata embaixo da tua janela. – Luiza ri. – Ou melhor, posso pedir uma ajuda para o teu pai e quando ele me disser o que acha melhor,

eu vou lá e faço em ti.

– Com certeza é um presente e tanto para o pai. E para a Carla?

Penso um pouco.

– Quando a gente era pequeno, eu tinha a mania de implicar com tudo que ela dizia. Bem coisa de criança e irmão mesmo. Se a Carla me falava para eu não fazer tal coisa, eu fazia. Como colocar o apelido de Patotinha nela, ela chorou um mês por causa disso, quase apanhei da mãe por encher o saco. Por isto e ainda a chamo assim.

– E ela ainda detesta.

– Exatamente. Vai ser a mesma implicância. Ele me disse uma vez para ficar longe de ti e....

– Aqui estamos nós. No fundo eu pensei que tinha te conquistado, mas no fundo é só mais uma birra de irmãos, não é?

– Sim, Ferrugem.... – Luiza me lança um olhar mortal e eu desvio apontando que o seu pai chegou.

Luiza muda a expressão completamente em menos de um segundo. Ela corre, como uma criança, em direção ao Luiz, mas desta vez não pula no seu colo, pois as mãos dele estão bem carregadas.

– Pai! – Ela o abraça e por tabela, esmaga o Rique que está até assustada com aquela névoa enferrujada de cabelos da irmã no seu rostinho.

– Oi, filhota! Como foi o voo? E aí, Diego! – Luiza tira o Rique do colo do Luiz e eu cumprimento o meu cunhado...

Ou sogro.

Isto ainda vai dar uma pequena dor de cabeça,

– Foi tranquilo. Cadê a mana?

– Trabalhando. Ela tem menos de uma hora para levar o carregamento de suprimento para o Rique.

Luiza se adonou do Henrique e não me deixou nem chegar perto do meu sobrinho...

Ou cunhado.

Caramba, isto vai ser mais difícil do que eu imaginava. Se já está me confundindo todo agora, imagina para a cabecinha do Henrique quando começar a questionar as coisas.

Capítulo 46

Por Diego

Chegamos na casa do Luiz, já que a minha mãe está por lá e o Henrique está impaciente na sua cadeirinha durante todo o trajeto.

– Ele ainda não tomou banho, está na hora dele comer e ainda com sono. Com toda a certeza do mundo que ele não está nenhum pouco de bom humor. — Luiz justificou.

Descemos do carro já com ele chorando. Minha mãe já está na porta nos esperando e ainda hesita em me cumprimentar ou pegar o Rique no colo. No último instante ela deixa o neto com o Luiz e vem ao meu encontro.

– Diego, meu filho! – Ela me abraça e eu retribuo levantando ela do chão e senso xingado por fazer isto.

– Pensei que nem ia me abraçar e já ia correr para o Henrique. – Brinco.

– A Carla já está chegando. Não faz dez minutos que me ligou dizendo que já está vindo.

– Oi, tia! – Minha mãe me solta e vai em direção da Luiza enquanto eu entro na casa do Luiz.

Tudo continua a mesma coisa, tirando o fato que a sala de visitas agora parece um playground de uma escola infantil. Diversos brinquedos, aqueles tapetes interativos, fraldas e roupas espalhadas.

– Tem que ver o varal. – Luiz aparece atrás de mim. – Ele gasta mais roupas do que eu e a Carla junto. Praticamente o varal todo é dele.

Vejo o Luiz se sentar o chão e deitar o Rique num dos tapetes com um móbile pendurado para entreter ele enquanto a Carla não chega. Ouço a mãe a Luiza conversando e me sento no sofá e fico conversando com o Luiz e o Rique com as cores do móbile na sua frente tocando música.

Conversamos sobre as coisas do dia a dia e focamos praticamente no Henrique. Tudo nesta casa se move em torno no pequeno. De cara dá para perceber que ele é paparicado de todos os lados. E todos os seus momentos são registrados e exposto nos porta-retratos que estão espalhados pela casa. Inclusive um digital que fica trocando de foto a cada segundo. E acredito que atualizado toda a semana com toneladas de novas imagens.

Sem contar nas que o André vem tirando mensalmente dele. Uma está na sala ocupando boa parte da parede com os três olhando para a câmera com um sorriso feliz. A felicidade está estampada aqui em casa centímetro da casa.

Acredito que onde a Lila está, com toda a certeza do mundo está em paz. Não consigo pensar em um lar melhor para o seu filho do que com a minha irmã e o Luiz.

O barulho do portão eletrônico da casa sendo acionado e o motor da moto da Carla, faz o Henrique ficar em estado de alerta total. Ele começou a espernear freneticamente com os braços e as pernas, esquecendo completamente do móbile colorido e musical à sua frente.

– Ele é que nem cachorro, escuta o dono chegando e se anima todo. Só falta se mijar de

felicidade. – Luiz pega o filho no colo e ele continua agitado escutando a voz da Carla conversando com a Luiza e a mãe.

– Cadê o meu filhote?

Entramos na cozinha e o Rique só faltou voar do colo do Luiz em direção à Carla.

– Oi, meu amor! A mamãe estava morrendo de saudades do bebê dela. – Carla fala abraçando o Rique que se alegra todo no colo da sua mãe. – Como foi com o papai e a vovó? Vocês foram buscar a mana Luiza e o tio Di? – Carla se aproxima de mim e eu a abraço de leve. – Oi, mano.

Beijo os cabelos da minha irmã e tento segurar a onda por alguns instantes. Esta cena, e a Carla se mencionando como mãe, é pior do que se eu tivesse descascado um quilo de cebola a menos de cinco centímetros dos meus olhos.

– Eu sei que tu está com fome, mas eu preciso tomar um banho. E pelo cheirinho alguém ainda não tomou banho, não é, meu amor? – Carla começa a cheirar o filho o fazendo rir de uma forma gostosa fazendo a Luiza suspirar.

– Estávamos só te esperando para tomar banho, não é Rique? – Luiz entra no meio dos dois, beija a minha irmã e pega o Rique no colo, que agora, bem mais alegre por estar com os dois, continua a rir.

– Estão vamos lá começar o trabalho. – E ela começa a explicar o sincronismo – Eu tomo banho primeiro com o Luiz tirando a roupa do Rique, quando ele me entrega eu dou banho nele e o Luiz arruma as coisas no quarto. Aí depois eu troco de lugar com o Luiz e entrego o Rique para ele e eu vou me vestir e quando acabo termino com a farra dos dois no banheiro e arrumo o Rique.

– E eu vou arrumar a janta aqui embaixo. – Minha mãe sai para o outro lado enquanto o Luiz sobe as escadas fazendo cócegas no Henrique.

Fico com a Luiza perto de mim por um tempo e ela não perde a oportunidade de tirar um sarro com a minha cara.

– Segura a onda aí, Diego. – Ela sai rebolando e sobe as escadas com a sua mala em direção ao seu quarto.

Volto para o lado da minha mãe e só assim, consigo a sua atenção. E ela começa com o questionário de sempre. Como eu estou, se estou comendo direito, não esquecendo de que não se come só porcaria, se estou lavando a minha roupa e não saindo de casa sujo e que eu tenho que cortar o cabelo. Inclusive ela já disse que o pai também tem e que amanhã à tarde nós vamos fazer isso. Ela mesma já fez a nossa programação.

– E aquele conversa que tivemos da última vez? Andou pensando no que eu disse? – O choro forte do Henrique atrapalha as nossas conversas. – Não dá bola, ele deve ter saído debaixo d'água neste momento. Ele é dramático como o Luiz.

– Que conversa, mãe? – Geralmente as conversas dela comigo seguem a linha de pensamento que eu devo largar tudo e voltar para casa, especialmente para a casa dela onde ela possa ficar de olho em mim vinte e quatro horas por dia.

Se bem que agora os seus olhos só devem acompanhar o Rique. Talvez eu tivesse uma boa margem para escapar dos seus cuidados por algum tempo.

– De conhecer algumas amigas da Luiza, Diego. Conseguiu fazer isto ou estava pensando demais no trabalho?

Começo a rir lembrando da última conversa que eu tive com a mãe. Foi a coisa mais constrangedora que eu já vivi na minha vida.

– Pode deixar, mãe. Eu estou bem neste quesito. Quem sabe em breve não tenha novidades por aí?

– Não vejo a hora, Diego. – Vejo o sorriso no seu rosto.

– E o pai, como está? – Mudo de assunto antes que ela comece a fazer perguntas e me faça confessar antes do tempo que eu estou mesmo é com a Luiza, e nunca tive a intenção de sair com alguma amiga dela.

– A mesma coisa de sempre. Um pouco mais teimoso do que antes.

E eu fico conversando com a mãe até a Carla voltar com o Henrique já de pijama e muito impaciente. Carla senta à mesa e não perde tempo em desabotoar a camiseta que ela está e alimentar o seu filho. Mais uma vez eu seguro a onda em saber que outro sonho que a Carla sempre teve conseguiu se concretizar. Amamentar o seu filho.

– E aí, Di. Como está tudo por lá?

Puxo outra cadeira a sua frente e começo a conversar com a minha irmã.

– Muito trabalho, mas nada que dê para reclamar muito. E vai sair um concurso interno para escalar alguns agentes para outras funções.

– Ahhh, meu Deus! Sério? Tu vai fazer, não é? Se tu não fazer...

– Vou sim, mana. Até já me inscrevi e estou estudando algumas coisas.

– Tu tem que passar, Diego. Está me escutando?

Rio. A Carla não tem a mínima ideia que este concurso para mim já está mais que certo. É apenas uma formalidade para a minha promoção não ficar tão escancarada.

Por Luiza

– Ai pai, que susto! – Me viro novamente para a parede e termino de colocar o meu pijama de ursinho. – Para de ficar me olhando enquanto eu troco de roupa.

– Mas vai te catar que eu muito limpei esta tua bunda suja. Só vim aqui te dar um cheiro a mais antes que tu fique morrendo de ciúmes do Rique.

Me viro para ele que não hesita em vir me abraçar novamente. Sempre me senti completa quando estava nos braços do meu pai. E hoje a sensação não poderia ser diferente. Eu retribuo o abraço e quando ele acaba, já fico com vontade de dar outro abraço no meu véio.

– Como está o trabalho? Muitos autógrafos nas revistas? – Rio.

– Nas revistas não, mas nas etiquetas e nas notas lá da loja, sim. Ainda bem. Disto eu não posso reclamar, a loja está bombando de uma forma que nem eu esperava. A central lá na Itália

está bem satisfeita com os resultados.

– Claro que estariam, tu quem está no comando, e eu conheço bem quem eu criei.

– E tu aqui? Como estão os velhos no asilo? E a escola?

– Estamos melhores do que a encomenda. Um pouco cansados – noto as olheiras nele – o Rique dá um trabalho imenso, como toda a criança da idade dele, mas é tão recompensador. Assim como foi quando tu chegou para mim e a tua mãe. Nós nos viramos nos trinta e olha só como todo o esforço foi recompensado. – Agora eu dou uma de Diego e encho os olhos de lágrimas, assim como ele que tentou esconder isso ao ver a Carla sendo mãe. – E a escola está ótima também, o Maurício já assumiu a nova filial e a Lena está lá para ajudar ele no início. O Gê pode pensar que manda, mas quem faz isso com maestria é a Lena.

– Eu sei, mandei uma mensagem para o Maurício avisando que eu ia estar aqui este final de semana e ele me disse que está atolado de trabalho por lá.

– Sim, eles estão reformulando todo o ensino. O Beto e o Gê vão ficar lá o final de semana para ajudar. Como essa parte não é a minha praia eu nem me meto. Só vou lá quando precisa da assinatura dos três filhos para alguma coisa.

Meu pai se empolga falando e o seu sorriso se acentua quando ele volta a falar na Carla e no Rique. E é contagiante, já que eu me pego sorrindo junto.

– E quem é a pessoa que eu tenho que xingar por escolher essa data tão em cima? Dois meses é um tempo minúsculo para tudo que eu tenho que fazer.

– *Colpa mia.* – Ele fala em italiano, minha culpa, me fazendo rir.

– Sabia que esta ideia brilhante não era da Carla.

– Claro que não! Pela guria esse casamento nem sairia ano que vem. Mas eu estou louco para entrar com o processo de adoção para que eu seja o pai do Rique no papel também.

– E o papel importa desde quando, pai? O que vale é o que vem do teu coração, não vai ser um papel que vai mudar isso. O Rique é teu filho também.

– Eu sei, eu sei, Luiza. Mas esfregar na cara dos outros é legal. O falatório da minha situação com a Carla está cada vez pior. – Faço menção de interromper ele e dizer que isto não muda o fato. Deixa esse povo recalcado falar o que quiser. – Mas eu não quero que ele seja atingido futuramente por causa disto. Se a Carla protelar muito e o tempo do processo também, é capaz do Rique entrar na escola ainda sem ser meu filho. E depois se acontece alguma coisa comigo...

– Ei! Não fala isso, ok?

– Eu sei que não vai acontecer nada, Luiza. Mas assim quando tu nasceu eu e o teu avô mudamos algumas coisas, agora que o Rique chegou eu também tenho que mudar, ok? É uma segurança que não se dispensa.

– Certo. Agora vamos descer que eu estou morrendo de fome. Aqueles lanches que os aviões dão não dá nem para forrar o meu estômago.

Pego a mão do meu pai e descemos as escadas rindo de alguma besteira que ele falou. Como sempre, meu véio não perde o senso de humor e me faz rir das coisas mais idiotas que

existem no mundo.

– Vamos interromper essa confabulação de Denki's aí que os Lavorini's chegaram!

E depois que ele fala isso, o Rique solta um arroteo tão alto, que até ele se assusta do barulho que produziu, fazendo todos rirem. Inclusive ele.

Capítulo 47

Por Diego

Caminho ao lado do meu pai em direção à casa do Luiz para o pegar e irmos à barbearia. A mesma que o pai vai desde que se mudou para cá, a mesma onde eu cortei o cabelo com um ano e pouco e fiz a barba pela primeira vez com barbeiro.

Realmente um marco na minha vida. Me achava o maior homem de todos, no auge dos meus seis, sete anos, indo à barbearia junto com o pai e recebendo o mesmo tratamento como ele. O dia que marcávamos ir era o dia mais esperado por mim na semana. Acordava e já ficava à espreita do movimento do pai e quando ele dizia que estava indo, meu coração quase explodia de tanta felicidade por fazer este nosso “ritual de homem” como ele dizia. E até hoje ainda é uma coisa que eu me alegro em fazer ao lado do meu pai. Por isso que nem fiz a barba hoje quando acordei, para fazer o tratamento completo.

E agora, com a chegada do Luiz ao nosso clã, meu pai faz questão de levar ele no mesmo barbeiro que ele. E futuramente, sei que o Henrique também vai entrar para o time.

Caminhamos tranquilo, já que a barbearia é apenas algumas quadras aqui de casa, e aproveitamos para conversar.

– Eu vi que vai sair esse concurso interno na tua área, Diego. – Confirmo que sim. – Acho que é uma boa para ti fazer.

– Sim, pai. Eu já me inscrevi e estou estudando. – Minto em partes, já que não precisarei estudar para ser aprovado.

Vejo o semblante do meu pai suavizar um pouco. Ele sabe como é a situação na favela em que trabalho. E, mesmo ele não comentando, sei que ele consegue ver os relatórios e ler tudo que acontece na minha zona de trabalho. Inclusive o meu próprio relatório, onde eu narro os eventos que vivi na minha última ação. Ele me ligou depois de dois dias do ocorrido perguntando como eu estava, mesmo que seja uma simples pergunta de pai, no fundo eu percebi que no fundo a sua preocupação era bem mais profunda.

– Eu e a tua mãe estamos ficando velhos demais para me preocupar contigo e com a Carla. – Fico em silêncio para o escutar. – Tua irmã já está no caminho certo. Agora com a chegada do Henrique, e o casamento, podemos descansar mais em questão da tua irmã. E só falta tu.

Ele toma uma respiração profunda. Já que ver a Carla feliz deste jeito que é hoje era uma coisa que todos nós sonhávamos, mais do que a própria Carla. Tudo que ela passou na adolescência foi um choque, especialmente para o pai. Junto comigo, o irmão mais velho, nos martirizamos muito por ter visto a Carla sofrer tudo o que ela viveu. Era a nossa função proteger a nossa menina de todos os males que ela pudesse passar. E nós falhamos e vimos ela sofrer de camarote.

Eu mesmo sofri e fiquei revoltado com tudo. Quando descobrimos que ela passou por um erro médico, queria socar a cara daquele médico. Meu pai teve que me segurar para não fazer uma besteira épica. Mas só não fiz isto por respeito ao meu pai que me proibiu, porque se não fosse isso....

– Saber que tu está empenhando em fazer o concurso interno já é uma boa paz para mim, Diego. – Ele continua a falar. – Se tu te focar, consegue passar. Assim como foi em todas as coisas que tu te propôs em fazer.

– Vou dar o meu melhor, pai.

– Eu sei, meu filho. Eu sei.

Continuamos a caminhar em direção à casa do Luiz que está nos esperando e eu penso que este é o momento perfeito para largar a bomba que eu e a Luiza resolvemos estourar sobre a nossa família. Ontem, antes de dormir, tivemos uma briga ferrenha por mensagens para saber quem contava para quem, e por uma leve e nada delicada pressão, eu fiquei com os meus pais e o Luiz e ela com a Carla e o resto do pessoal.

Ela disse que com a Carla se entende, assim como eu me entendo com o Luiz. Temos bons argumentos para deixar os dois quietos sobre qualquer coisa que falarem. Ou pelo menos assim esperamos que aconteça.

– Pai, – vejo ele me olhar e chego a me engasgar com o que eu tenho para falar.

Posso ter mais de trinta anos na cara, mas levo em consideração tudo o que o meu pai me falar. E sempre busco a sua aprovação para as minhas ações.

– Eu tenho uma coisa para falar que pode causar um certo abalo momentâneo na nossa família. – Ele fica desconfiado, pois tudo que ele me disse hoje foi em relação à harmonização que estamos e como isso o deixa mais tranquilo.

Aí vem o Diego e a Luiza como uma onda e derruba tudo.

– Eu estou me relacionando com alguém. Já faz um tempo e cada vez mais sério.

– Fico feliz em saber disso, filho.

– Pai, é com a Luiza. – Ele chega a parar de caminhar e me observar um pouco. E eu me mantenho ao seu lado esperando a sua reação e firme com o que eu decidi.

– A Luiza. – Ele testa a sonoridade do acontecimento e segue me olhando.

Chego a ficar apreensivo com a sua reação. Geralmente esta é a que antecede uma negação da sua aprovação. E quando eu abro a boca para fazer alguma defesa dos meus atos ele sorri.

– Pela primeira vez vou conseguir me vingar do Luiz. – E começa a rir.

E desta vez quem para de caminhar e fica sem reação sou eu.

– Como assim vingar? Sempre pensei que tu aprovava a relação dos dois.

– Sempre aprovei o Luiz como genro, mas no início eu não acreditava que isso fosse durar tanto. Sem contar que ele é um pouco folgado. Já sabia que ele era um bom rapaz, mas mesmo assim. Era com a minha filha que ele estava namorando. E o meu papel sempre foi de ficar de olho na Carla, ainda mais depois do que aconteceu. Eu mantive os olhos sobre o Luiz por um bom tempo. Agora vai ser bom ver isso acontecer com ele.

Meu pai volta a rir e ainda me manda caminhar que estamos atrasados.

– Então tu aprova eu e a Luiza....

– Desde que vocês sejam felizes... – ele dá os ombros. – Um pai nunca vai ficar triste em ver um filho feliz, Diego. Por mais que seja estranha a união. Carla e Luiz, tu e a Luiza. Um pouco confuso para entender, mas o que vale é a felicidade dos meus filhos.

Chegamos na frente da casa do Luiz e antes de entrarmos, eu puxo o meu pai para um abraço e beijo o seu rosto.

Por Luiza

Estamos caminhando pelo shopping atrás de uma roupa para o Henrique usar em um evento que o pai foi convidado e ele quer levar o Rique, nem que seja por alguns instantes. A Carla não concordou plenamente com isto, e só cedeu quando conseguiu mudar a sua escala de trabalho para poder ir junto e ficar de olho nos dois.

E por isso estamos nós aqui, sozinhas andando de uma loja em outra com inúmeras opções e nenhuma que me agrade ou agrade a Carla para o Rique, que nesse momento está com a Tia Lúcia na casa dela.

É o momento perfeito para eu colocar a Carla contra a parede e falar tudo de uma vez, só que ela não para de caminhar entre as lojas e nem presta a atenção no que eu digo. Entramos em outra e eu sigo ela por entre as araras e reviro os olhos com a sua indecisão.

– Carla, as opções são estas. Escolhe qualquer um, já que o Rique vai babar e vomitar nela mesmo assim. E ele nem vai ligar se vai estar de roupa ou só de fralda no evento. Deixa isso para quando ele ficar maior e entender o que está acontecendo na sua volta.

– Tem alguma coisa te incomodando, Luiza? – Ela se vira para mim com uma cara de quem está cansada. – Tu era mais animada ao sair de casa para comprar roupa, geralmente era tu quem me arrastava de um lado para o outro pelas lojas.

Eu suspiro.

Sim! Eu estou com isso engasgado na minha garganta. Quero fazer um cartaz com as canetas mais coloridas que existe para dizer que eu e o Diego estamos juntos. Eu consegui rachar aquela cabeça dura do irmão dela e nada vai nos impedir neste momento de ficarmos juntos.

Nem a Carla indecisa com a roupa do Rique.

– Eu colocaria esta aqui. – Pego o conjunto de calça jeans e uma blusa xadrez, junto com o sapatinho que combina. – Ele vai ficar lindão e ainda combina com a cor dos olhos dele.

Vejo a Carla morder o lábio, mas por fim decidir por essa combinação mesmo. Graças aos céus! Levamos a escolha para a vendedora e pagamos. E eu aproveito a brecha para arrastar a Carla para a praça de alimentação para que podemos sentar e assim conversar.

– Ok, Luiza eu estou aqui sentada e com tempo livre – ela olha no relógio do celular. – Nem tanto assim, mas tenho. Desembucha de uma vez antes que tu exploda de ansiedade. Tu fica igual o teu pai quando está louco para me contar alguma coisa. Parece que tem uma pulga dentro das roupas.

– É uma coisa séria! – Alerto.

– Não vai me dizer que tu está grávida.

– Não! Vira essa boca para lá, sua louca! – Ela ri.

– Então pode falar, Luiza. Eu estou te escutando.

Começo a falar que desde que eu vim para o Brasil eu tinha mudado um pouco. Se lá eu saía todo o final de semana e quase nunca ficava desacompanhada aqui eu sou quase uma santa, tirando um pequeno detalhe.

– Tu está namorando com alguém? – Carla se ilumina e sorri para mim. –Teu pai vai querer conhecer amanhã a pessoa e enquanto não tirar essa história a limpo não vai sossegar. É isso que tu quer me dizer? Que eu acalme os ânimos do véio?

– Então, Carla. Um pouco é sim, mas a questão aqui não é esta.

– E qual é então? A gente conhece ele? O Diego conhece?

Tomo um pouco do meu Milkshake de chocolate e penso bem antes de falar tudo na lata.

– Sim. Vocês conhecem ele, muito bem – admito. – E o Diego principalmente.

Carla olha para mim e eu me a encaro.

– Se bem me lembro, não consigo pensar em ninguém que eu conheça lá onde tu mora. É algum amigo policial do Diego?

– Não. É o próprio Diego.

Carla simplesmente para. Como um bug em algum computador velho, onde para destrancar a gente precisa reiniciar ele e esperar um bom tempo para voltar a funcionar.

Sigo olhando para ela até a Carla voltar a piscar novamente.

– Como assim “o Diego”?

Me aproximo dela por cima da mesa.

– O teu irmão. Que mora no mesmo prédio que eu. Nós estamos juntos há um tempo, quase a mesma época em que o Rique chegou e...

– Isso é impossível! Ele tinha me prometido que nunca ia chegar perto de ti, Luiza. Eu não...

– Eu sei! – A interrompo. – Eu sei que ele te prometeu isso. E posso jurar que ele me contou e levou isso em consideração por muito tempo. Mas não conseguimos evitar.

Vejo a reação da Carla mudar e os seus olhos se encherem de lágrimas.

– Luiza, isto não pode acontecer! O Diego é o meu irmão e tu é filha do Luiz....

– Meu pai. Eu sei de tudo isso, e o Diego também. Mas não conseguimos evitar!

– Como não conseguiram evitar?! – Ela limpa o rastro de lágrima que cai no seu rosto. – Isso é.... Terrível!

E eu já começo a sentir as minhas lágrimas vindo também.

– Por favor, Carla, não fala isso. Não é terrível. É ótimo! Eu amo o teu irmão. No início quando eu conheci ele era diversão mesmo, mas agora que eu conheço mais o Diego posso dizer que não é nada disto. Eu amo o Di e sei que ele me ama também. Olha todas as mudanças que

aconteceram com ele desde que eu vim para cá e comecei a conviver com ele.

Carla chega a olhar para o outro lado para não me encarar e continua a chorar, assim como eu.

– Tua mãe mesmo disse que o Diego está diferente. Que esse ano ele já veio para casa mais vezes do que os anos que passaram. Que ele está mudado e chegar a ligar para ela, e para ti também, mais vezes do que antes. Vocês nem precisam correr mais atrás de notícias dele. E o concurso interno que ele vai fazer... tu mesma me disse que já teve outras oportunidades do Diego fazer um, mas nunca se interessou. – Chego a apelar e colocar isso no meio também. – E eu.... Eu também mudei, Carla. E grande parte disso é por causa dele.

Pego as mãos dela e faço ela me encarar.

– Eu entendo que é uma bomba. Também foi para nós, pode ter certeza disto, mas olha por esse lado. O Diego está optando pela vida dele, uma vida que ele possa passar ao meu lado lá. Não deixa de pensar por este ângulo, por favor.

– Ele me prometeu...

– Eu sei e eu também fiz promessas ao meu pai que não consegui cumprir por muito tempo. Isto tem boa parcela de culpa minha, e eu peço desculpas por ter dito ao Diego que o que faríamos não chegaria aos ouvidos de vocês. A minha intenção inicial era apenas de ter um caso rápido com ele para matar a minha curiosidade. E ela mudou para outra coisa que também acometeu o Di. Fomos traídos pela nossa curiosidade que se transformou em outra coisa. Nós estamos felizes.

Sorrio para a Carla que volta a me observar.

– Imagina se fosse ao contrário. – Brinco. – Se eu estivesse casando e recebesse a notícia de que tu está de namorando o meu pai. Seria um choque e tanto para mim e acredito que para o Diego também, mas eu ficaria tão feliz em saber que o pai está feliz.

Carla solta as minhas mãos e limpa o rastro de lágrimas que mancharam o seu rosto.

– Vamos embora que o Rique vai começar a chorar de fome daqui a pouco.

Sigo ela e fazemos o caminho de volta em silêncio. E quando chegamos em casa, quando eu desafivelo o meu cinto de segurança, ela segura a minha mão e eu levanto os meus olhos para os dela.

– Tu estava falando sério sobre amar o meu irmão?

– Sim. – Firmo o meu olhar no dela. – Como eu nunca amei outro cara, a não ser o meu pai.

Carla me solta e sai do carro.

Solto uma respiração, que pesa uma tonelada nos meus ombros e puxo o meu celular para avisar que a primeira parte da minha missão estava concluída.

Luiza: Pensei que a tua irmã ia se avançar em mim, mas eu sei como convencer os Denki's.

Diego: Depois eu me viro com ela. Falei para o meu pai e ele ficou feliz em saber que vai poder ver o Luiz sofrer comigo te namorando. Estou pensando em contar daqui a pouco para ele.

Luiza: O pai é fácil de convencer, só dizer que eu estou feliz ao teu lado e já conquistou o véio.

Diego: Então não vou precisar nem mentir?

Luiza: Nenhum pouco, meu amor. <3 Boa sorte e te vejo mais tarde.

Saio do carro e abro um sorriso. Tudo está se encaminhando para o nosso final feliz.

Capítulo 48

Por Diego

Guardo o meu telefone no bolso e dou de cara com a Carla. Minha irmã me olha de cima abaixo e não fala nenhuma palavra. Seu olhar mortal fala mais do que qualquer coisa. Chego a engolir à seco depois dessa.

– Chegaram bem na hora. Pensei que fosse embora sem ver o meu neto. – Meu pai toma a frente e tira a Carla de perto de mim antes que ela se avançasse no meu pescoço.

Ele sempre soube como evitar uma briga entre eu e a Carla como ninguém. Enquanto a mãe já tinha desistido e nos ameaçava individualmente quando brigávamos, o pai era de nos afastar e conversar com quem estava querendo avançar no pescoço do outro.

– Vem aqui, filha. Quer ver uma coisa contigo sobre o meu celular novo que eu não entendi.

Meu pai puxa a Carla que me segue com o olhar até o último instante. Tenho que me cuidar quando ela ficar perto de alguma pedra. Tenho uma cicatriz na cabeça de quando ela me atirou uma pedra porque eu escondi uma boneca dela. Se por uma boneca encardida ela fez isto, quem dirá com a situação de agora?

Luiza é a próxima a chegar e trocamos um olhar cúmplice. Luiz desce as escadas e se intromete entre nós. Beija a filha que percebe o seu novo corte de cabelo e a barba feita.

– Mais uma vez abandonando o projeto mendigo, pai. Gostei. Podia ficar assim sempre.

– Até podia, mas a preguiça e o Rique não deixam. Ainda mais que eu acordo como um zumbi e quando vou tomar banho à noite, tenho que ficar com ele. Aí atravanca tudo e eu deixo sempre para fazer no outro dia.

Os dois continuam a falar e eu faço alguns comentários para não parecer um intruso entre eles. E quando o meu pai se despede, depois de quase uns vinte minutos falando com a minha irmã, Carla chama a Luiza lá em cima para a ajudar em alguma coisa e eu fico sozinho com o Luiz.

Percebo que é o momento perfeito para dizer ao Luiz que eu e a Luiza estamos juntos. E eu chego a ensaiar na minha cabeça algumas frases prontas, demonstrando mais o meu nervosismo que eu já estou. Faço um retrocesso mental e percebo que nunca conheci nenhum pai das minhas namoradas. Nenhuma dela chegou a este patamar de envolvimento.

Sentamos na sala à espera do momento em que todos vão chegar. Já que está meio frio à noite para ficar andando na rua com o Rique. Então Luiza vai fazer a medição de todos aqui mesmo. E pelo relógio eu ainda tenho quase duas horas para falar com o Luiz.

Foi muito mais fácil pedir para ele que cuidasse da Carla, caso alguma coisa acontecesse comigo anos atrás do que contar que eu optei pela a minha vida e de preferência com a filha dele ao meu lado.

Ficamos assistindo um jogo de futebol e comentando que até nós, ganhando a metade que os jogadores ganham, jogaríamos melhor. E isto se segue até o nosso time levar mais um gol e

entregar o jogo. Resolvemos desligar a TV para ver se o time melhorava sem a nossa presença.

E então eu tomo uma respiração e olho para o Luiz. A pessoa que sempre eu vi como um cara legal, que trata a minha irmã como rainha e serve como seu laçao particular. Aquele que deu uma nova perspectiva de vida e a ama incondicionalmente. Nunca fui intimidado por ele, até hoje. Desde quando o Luiz me dá medo, a ponto de eu ficar com medo de apanhar dele? Mesmo sabendo se eu levantar a minha mão desmonto o Luiz rapidinho.

– Diego, tu está bem? – Ele me pergunta. – Se está com dor de barriga o banheiro é aqui do lado e tem bom ar para disfarçar depois. Ou se quiser usar o lá de cima e tomar um banho sem problemas. Estes dias tua mãe errou na dosagem de alguma coisa e foi o quanto eu cheguei em casa correndo para o banheiro. – Ele olha para mim com um olhar cúmplice.

– Eu estou bem. Não é nada disso. É que... – Luiz chega a se aproximar de mim para escutar melhor. Curiosidade nata.

Igual a uma certa ferrugem que eu conheço.

– Ok, tu começou a falar. Desembucha ou quem vai ficar com dor de barriga por saber o que é sou eu.

Tento sorrir, mas não consigo e resolvo acabar com isso de uma vez.

– Eu tenho uma coisa para conversar contigo. Mas de tu falar, quero que me escute antes, certo? E que mantenha a mente em aberto para as possibilidades.

– Cara, se tu te descobriu gay, eu não tenho nada contra isso. Bem pelo contrário. Acho legal tu querer te assumir para os teus pais e te dou a maior força. Sei que o Rogério e a Lúcia não vão se opor e...

– Luiz, depois que eu falar tu comenta, ok? E não, eu não virei gay e nem vou me assumir. Da onde...?

Ele ergue os braços e eu entendo que o Luiz deve ter conversado com a minha mãe e ela não poupou palavras para descrever a minha “situação” da última vez que eu estive aqui. Ela é apaixonada pelas coisas que o Luiz fala, ainda mais quando se mexe com a mente de uma pessoa.

– Seja lá o que a minha mãe te falou, é mentira, ok? Bem pelo contrário eu estou com uma pessoa e...

– Sério?! A Carla e a Lúcia vão surtar com isso e enquanto não conhecerem quem é ela....
– Luiz vê a minha expressão – ok, calei a minha boca. Pode continua a falar.

– Obrigado. – Me recosto no sofá e tomo um fôlego para me dar coragem de proferir essas palavras. – Há um tempo que isto vem acontecendo. Nós começamos com a vontade de passar um tempo juntos – suavizo o caso, já que o Luiz não precisa saber de como foi realmente o nosso início. – E isso foi aumentando até percebermos que as coisas começaram a ficar mais sérias do que esperávamos.

Luiz assume uma expressão que eu imagino que ele deva ter no seu consultório. De uma coisa curiosidade nata a um semblante atento a todas as palavras e entonação que eu uso.

– Tu está apaixonado, Diego. – Ele fala isso como quem dá um diagnóstico preciso e fatal.

Tu estás apaixonado e não há nenhuma cura para esse mal. É uma coisa que vai te acompanhar para o resto da tua vida. Nenhum remédio, cirurgia ou prática alternativa que irá modificar isso.

– Sim. – Respondo aceitando o meu diagnóstico. – Eu estou apaixonado, Luiz.

Ele me dá um sorriso de quem compartilha a mesma coisa do que eu e sabe todos os sintomas que eu passo e vou passar.

– E é pela Luiza.

E o sorriso dele tranca de uma forma assustadora.

– Pela Luiza. – Ele repete como se isso falado por ele soasse diferente do que a realidade. – Pela minha Luiza. Minha filhota.

Afirmo que sim com um balanço de cabeça, mas sem desviar o olhar e captando todas as suas reações.

Luiz levanta e caminha até a metade da sala. Dá meia volta, caminha em minha direção com o dedo apontado para mim, para na minha frente, abre a boca para falar alguma coisa e se vira e faz o trajeto novamente até o meio da sala.

– A minha filha? — Se vira novamente em minha direção.

– A única.

– Acho que vou ter um ataque do coração. – Luiz perde a cor, eu me levanto rápido e o ajudo sentar no sofá.

– Quer uma água, alguma coisa?

Ele respira fundo e coloca a mão na frente, como quem pedisse espaço para absorver o choque do momento.

Volto para o outro sofá e fico em silêncio observando o Luiz ter o seu ataque. Ele fica alguns segundos respirando fundo de olhos fechados e murmurando alguma coisa que só ele consegue ouvir. Eu espero o esporro que nunca vem. Sofrer por antecedência é a pior coisa que existe. E o silêncio dele é a minha cova para me enterrarem.

Acho que levar uma pedrada da Carla é bem melhor do que isto. Agora eu entendo porque a Luiza encheu tanto o meu saco para ela contar para a Carla e eu para o seu pai. Se a minha mãe com o seu silêncio é torturante, o do Luiz é matador.

O tempo passa e quando eu penso que nunca mais ele vai dirigir a palavra para mim, Luiz levanta aqueles olhos, perturbadoramente iguais ao da Luiza, em fúria e mira nos meus. Se eu não estivesse preparado teria quase me mijado nas calças. Isto é pior do que estar com uma arma apontada para o tu pescoço e tu enxergando a luz no final do túnel.

– A Carla já sabe? – Sua voz e o tom sempre brincalhão assumem uma personalidade fria e calculista que me gela a coluna.

– Sim. – Limpo a garganta e continuo a falar. – A Luiza contou para ela agora à tarde. E eu para o pai quando estávamos vindo para cá.

– Ahhhhhh, cacete! Agora eu entendi porque o Rogério estava rindo da minha cara hoje lá

na barbearia. Ele ficou me torturando e me dizendo que um dia a Luiza ia achar alguém e eu ficar na mesma situação dele. Caramba, como eu odeio o teu pai, Diego! Aquele desgraçado me paga!

Luiz começa a rir e eu fico sem entender nenhuma vírgula do que está se passando aqui.

– Ähn? – A única coisa decifrável que sai da minha boca é isso no momento enquanto eu vejo o Luiz rindo como nunca.

– Teu pai ficou a tarde toda me enchendo o saco por causa disso. Eu não tinha falado com ele depois que anunciamos a data do casamento e ele quis ter um papo de pai para genro enquanto te atendiam. Que eu era um ótimo genro, mas que nunca deveria esquecer o meu lugar e que a Carla era a filhinha dele. Ninguém machucaria a sua filha de novo, ficaria de olho em mim sempre e pronto para agir quando chegasse a hora e a necessidade. E que quando a Luiza conhecesse alguém ele ficaria feliz em ver eu definhando de raiva ao ver a minha filha com outro cara e sem poder machucar ele, como eu estou neste momento, Diego. Minha vontade é de te enfiar um brinquedo do Rique onde o sol não bate e ver tu sofrendo nas minhas mãos.

Engulo à seco.

– De querer fazer churrasquinho e vender aos poucos e barato nas esquinas das praças, ou drenar o teu sangue e fazer czarnina, aquela sopa de sangue de pato que a D. Eulália deu a receita para a tua mãe. – Ele me dá um sorriso afetado. – Mas eu não posso, porque a minha filha está feliz ao teu lado, e como eu sei disto? Porque eu conheço a Luiza desde que ela saiu, literalmente 50% dela de dentro de mim. Conheço quando a minha filha está feliz e o modo que ela chegou aqui ontem me disse tudo antes mesmo de tu abrir esta tua maldita boca, que eu quero encher de formigas carnívoras, e falar que vocês estão juntos.

Luiz levanta e caminha em minha direção, olhando para mim de cima, se sentindo superior.

– E agora eu nem acredito que vou usar as mesmas palavras que eu escutei do teu pai há poucas horas. – Ele dá uma risada como quem não acreditasse na coincidência. – Tu pode ser um ótimo partido para a minha filha, mas não esquece o teu lugar e que ela sempre vai ser a minha filhota, certo? Eu vou estar a cada momento te observando e em qualquer passo em falso teu eu posso agir e acabar com a tua vida, certo?

E então eu me levanto e o quadro se inverte, já que eu sou maior e o Luiz precisa esticar o pescoço para me olhar.

– Também faço das palavras do pai a minha, Luiz. A Carla é minha irmã e sempre vai ser a minha irmãzinha, certo? Não vou tolerar alguém fazer alguma coisa que eu não faria com a tua filha, combinado?

Ficamos nos encarando como dois cachorros raivosos. Mas como diz o velho ditado, cão que ladra não morde, e assim que a Carla e a Luiza entram na sala, nós dois baixamos os fochos e colocamos os nossos rabos nos meios das pernas. Agindo como se fossemos os cães mais dóceis do mundo e loucos por carinhos das nossas donas.

Capítulo 49

Por Diego

AC se engasga com a cerveja que está tomando depois que o Luiz conta a “novidade” da semana para os caras. AC continua tossindo para desafogar até o Noah levantar e dar um tapa nas costas do amigo. Por pouco seu pulmão não saiu pelo seu nariz.

– Caralho! – AC ofega e isso faz o Otávio e a Bibi arregalarem os olhos e colocarem as mãos sujas de sobremesa na boca.

– O papai falou nome feio! – Otávio olha para a Bibi espantado com a reação do pai.

– Tio, AC, que feio! – Ela levanta o dedo e movimenta ele fazendo um não. – Isto não se faz.

– Vou contar para a mamãe! – Otávio sai correndo com a Bibi atrás dele. – MANHÊ! O PAI FALOU NOME FEIO NA MESA!

AC continua tossindo aos poucos enquanto todos riem da cena das crianças.

– Se eu ganhasse um real por cada vez que ele vem me contar que a Elis falou nome feio em casa eu não precisaria mais trabalhar. Noah, acho que tu quebrou uma costela minha.

– Não foi nada em comparação a isto! – Noah olha para mim e o Luiz. – A Luiza?

– A própria. – Digo deixando o meu copo em cima da mesa. Chega de bebida para mim por hoje.

– Jesus, em que mundo nós vivemos em que as nossas filhas não são nem respeitadas pelos cunhados. E tu Luiz, vai fazer o que com isto?

Luiz faz uma pausa dramática. Pega a garrafa de cerveja, enche o seu copo e ainda toma uma boa parte antes de responder.

– Nada. A Luiza já é bem grandinha para saber onde ela se mete, e o Diego bem crescido para saber também onde ele se mete.

André geme, AC ainda recupera o fôlego e o Noah fica desnorteado.

– Preparem-se, quando vocês menos esperarem a filha de vocês vão aparecer com um – Luiz olha para mim e pensa duas vezes antes de continuar a falar – namorado em casa ou uma notícia bombástica.

– Nem me fala. – AC olha para o seu copo ainda pela metade. – A Sarah já está cheias de conversas com a Elis e ela ainda diz que é coisa entre mãe e filha. Mas no fundo eu sei o que é....

– Lá em casa é o Yago suspirando pelos cantos. O dinheiro que ele estava juntando, do trabalho que ele fazendo na petshop ali perto de casa era para umas cordas importadas para a guitarra, mas virou em roupas nova para ele sair com uma amiga. – Noah balança a cabeça. – Simplesmente não estou preparado para certas coisas.

– Vocês estão me assustando. – André resolve falar finalmente.

– A Bibi ainda é criança, tu tem tempo para curtir. – Luiz consola o amigo.

– Mas não pisca muito, porque quando tu ver está no tamanho da Fofinha e já meio caminho andado.

E os quatros resolvem matar mais algumas garrafas de cervejas se lamentando que os filhos crescem e choramingando. Olho para o lado e vejo as gurias sentadas dentro de casa rindo e conversando alto, bem mais animadas que eles. E então eu observo que a Carla não está no meio delas.

Meu coração de irmão sangrou ao ver o rosto dela na mesa enquanto jantávamos. Carla nunca me enganou, assim como ela conseguia fazer com os nossos pais, fingindo sorrisos e dizendo que a sua vida era ótima. Na verdade, ela imaginava que eu caia como um patinho na sua conversa e nas saídas com as “amigas”, aquelas que ela nunca teve até então. Eu sabia de cada segredo que ela possuía, só em olhar no fundo dos seus olhos.

Talvez este fato de externar felicidade seja uma característica compartilhada por nós dois. Se eu sabia todos os seus segredos, a Carla sempre soube dos meus na mesma facilidade.

Saio da mesa em direção ao banheiro, e quando eu coloco a mão na maçaneta, ela se abre e eu vejo a minha irmã. Ficamos nos encarando por alguns segundos até estarmos um nos braços do outro.

– Está tudo bem? – Pergunto baixinho enquanto tento me desenroscar dos seus cabelos.

Sinto a minha irmã suspirar no meu abraço e isto me atinge como uma faca.

Eu traí a Carla. Fiz a única coisa que eu não poderia fazer com a minha irmã. Quebrar uma promessa minha para com ela. Uma coisa que realmente eu não poderia fazer sob hipótese nenhuma. Carla teve a sua confiança abalada com estranhos quando ainda nova, e segundo o Luiz, isso vai perdurar por longos anos, de tão traumático que foi para ela.

Apenas há pouco tempo que ela consegue realmente conviver com outras pessoas e a confiar nelas, principalmente depois que ela conheceu o Luiz e ele começou a cuidar desta parte dela com mais afinco. Coisa que a Carla nunca deixou ninguém fazer, até desistindo de ir à psicóloga quando mais nova mentindo para si mesmo, e externando para os outros, que estava tudo bem.

Lembro quando eu conversei, escondido da Carla com o Luiz, logo quando eles começaram a namorar. Ele explicou que nascemos com um certo nível de confiança inabalável. Confiamos nos nossos pais, irmãos e pessoas que nos cuidam nos primeiros anos de vida. Depois, expandimos o círculo de confiança para professores, amigos e conforme o tempo passa e a gente cresce, ele aumenta mais. Damos a nossa vida à médicos que cuidam de nós, a policiais que nos ajudam quando passamos por um assalto ou acidente de trânsito, advogados para defender as nossas causas e assim por diante. Criamos um senso de proteção com estranhos que tem como trabalho esta função. Nossos vínculos de confiança se baseia nesses princípios.

No caso dela, com pouca idade foi confiada a um profissional que ao invés de passar confiança para a Carla, a acalmando, fez exatamente ao contrário. Extirpou dela, além de um pedaço da sua alma, o senso de confiança que ela depositava em pessoas estranhas. Fazendo com que ela se retraísse e ficasse tão isolada de todos. E deixando seu senso de confiança voltou ao mesmo da sua infância, onde ela apenas confiava na sua família, que a protegiam de todos os males.

Em casa era onde ela se sentia segura. Sabia que nós não íamos abusar psicologicamente dela e estaríamos ali para tudo que ela precisasse. Uma confiança cega e com uma via de mão dupla. Eu confio nela assim como ela confia em mim. Por isto, desde então, eu nunca prometi nada para a Carla que eu não pudesse cumprir. Assisti de camarote a sua perda e não estava afim de ver a minha irmã sofrer outra vez. Ainda mais por minha culpa.

Então sempre fui a pessoa mais sincera que podia. Quando ela me pedia uma coisa eu já falava se era possível ou não. Nunca deixei ela na esperança de alguma coisa para depois não poder cumprir e acabar arrebatando o pouco do fino fio de confiança que ela já possuía. Se isto acontecesse, com quem mais a minha irmã poderia contar?

E agora eu fiz justamente isso. Prometi a Carla que não me envolveria com a Luiza, não importando se foi semana passada ou há dois anos. As palavras saíram da minha boca, a Carla as escutou e compreendeu. Confiou na minha palavra e de que eu não faria isto.

Meus pensamentos são bloqueados pelo choro baixo na sala ao lado. Carla sai do meu abraço e entra na sala indo em direção ao Rique no bebê-conforto deitadinho.

– Vim para cá amamentar ele, mas ele fez tanta festa com o Tavinho e a Bibi que estava com sono e acabou dormindo. – Ela pega o Rique no colo que, pelo visto ficou assustado por estar em um lugar diferente e sozinho quando acordou.

– Eu estava escutando as risadas dele lá da rua.

– Sim, ele ama uma boa fuzarca com as crianças. Daqui uns dias vai estar correndo com eles no pátio. O Luiz já começou a ver para gradear a piscina no verão e mês que vem já quero começar a levar ele para nadar junto com as crianças.

Me sento ao lado da minha irmã e pego o Rique no meu colo. Ele não gosta muito de sair de perto da sua mãe, mas não estranha e nem começa a chorar.

– Ele está pesado. A mãe estava dizendo que ele anda comendo demais. – Minha irmã revira os olhos.

– O pediatra disse que ele está com o peso normal dele. A mãe que é exagerada. A consulta mensal dele foi semana passada.

Sigo observando o meu afilhado e conversando com a Carla sobre ele. Rique volta a dormir depois de um tempo sendo paparicado por nós dois e eu coloco ele de volta no bebê-conforto.

Olho para a minha irmã e nos seus olhos, ainda percebo um resquício de dor.

– Carla... Eu....

– Está tudo bem, Di.

– Não. – Seguro o seu braço quando ela faz menção de sair da sala e me deixar aqui. – Eu quero falar contigo sobre o que está acontecendo. – Ela hesita e eu continuo. – Por favor, mana.

Carla suspira e eu a solto. Tento encontrar palavras para expressar o que eu sinto, até que tomo uma respiração e começo a falar.

– Eu quero te pedir desculpas por isso. – Minha irmã me encara e eu sigo falando. – Sei que nunca te prometi nada que eu não conseguia fazer.

– Até agora. – Ela completa e eu aceno que sim.

– Isso. Por isso eu preciso te pedir desculpas. Porque a promessa que eu fiz aquela vez vai ser impossível eu cumprir como eu prometi. Simplesmente eu não consegui evitar. Eu poderia ter sido mais forte, mas foi impossível.

– Eu sei, Diego. – Minha irmã toca no meu rosto. – Eu entendi isso. Nem todas as promessas são cumpríveis. Ainda mais quando é a tua felicidade que está em jogo. Na verdade, quem tem que pedir desculpas nesta história sou eu. Não posso aceitar as tuas, porque não há nada que tu tenha que desculpar, e sim eu.

Ela sorri para mim.

– Quando a Luiza me contou eu fiquei sem chão. Simplesmente não entendia como tu poderia ter feito isso comigo, abalando a minha confiança em ti. Mas depois que conversei com ela, as gurias e o Luiz, compreendi melhor e percebi que eu não posso ficar magoada com uma coisa que te faz feliz. E ela te faz feliz, não é? Assim como a Luiza está feliz contigo.

– Sim. – Respondo com um meio sorriso no rosto. – Aquela ferrugem me tira do sério, mas ao mesmo tempo não consigo ficar afastado dela. É mais do que simplesmente atração. Nem consigo colocar em palavras o que eu sinto pela Luiza.

– Acho que isso é uma coisa de Lavorini, também tenho meus dias de querer matar o Luiz e outros de não conseguir ficar longe do meu véio.

Carla ri e volta a me abraçar.

Beijo os cabelos da minha irmã e ficamos juntos por um tempo, até o Rique dar um suspiro e a Carla sair dos meus braços para olhar ele.

– Tem dias que eu acho que o Rique vai começar a roncar igual ao Luiz.

Saio da sala e encontro a Luiza no meio do caminho. Ela olha para mim, arregalando os olhos azuis acinzentados e começa a me analisar de cima abaixo.

– Qual parte foi mutilada? – Ela faz eu dar uma volta na sua frente.

– Nenhuma, estou mais inteiro do que nunca. Acho que vencemos a batalha sem baixas em nenhum dos lados.

– Graças! – E ela se atira nos meus braços, tanto que eu tenho que dar um passo para trás para não cair no chão.

– Ah, não. Nem inventa eu ter que ver vocês dois se agarrando por aí. – Luiz aparece na cena, já deixando evidente que está mais para lá do que para cá de álcool.

– Ahhhh, digo eu! – Luiza fala sem pestanejar. – Aguento tu agarrando a Carla segundo sim, segundo não. Agora aguenta, pai.

Luiz cambaleia para o nosso lado e chega bem perto de nós.

– Meus pêsames, Diego. Não vai ser fácil aguentar a Luiza todos os dias. Boa sorte.

E volta a caminhar entrando no banheiro e fechando a porta.

Luiza olha para mim e dá os ombros. E então me beija.

Pela primeira vez beijo a Luiza com alma limpa e sem receio nenhum. Até o gosto de liberdade é melhor.

Capítulo 50

Por Luiza

Vou mudar o meu nome para trabalho. Trabalho Luiza Lavorini. Porque esta é a única coisa que eu faço ultimamente.

Acordo já em cima de uma mesa de desenho, vou ao banheiro com o tablet na mão onde eu vejo o desenho em 3d para ver se ficou aceitável. Como com um lápis na mão e com a planilha de medidas ao meu lado, se não prestar atenção, capaz de limpar a boca com eles. Tomo banho com o pensamento voltado aos tipos de tecido que eu posso usar. E durmo sonhando que estou sentada, trabalhando na minha primeira máquina de costura e ela não faz nada que eu quero. Eu começo a chorar ao ver os meus clientes saindo da loja com as mãos vazias. Já dei até um susto no Diego uma noite dessas de tanto que eu me debatia na cama.

Realmente eu estou cansada. Estressada no mínimo. Se não tivesse o Diego em casa arrumando as roupas na máquina de lavar, fazendo janta e me lembrando de comer um pouco eu já teria definhado por aí. Estes dias ele disse que eu parecia um zumbi por cima da mesa de desenho, com olheiras, branca como um papel e toda escabelada. Quase tive um susto quando vi o meu reflexo assim no espelho do banheiro.

Tudo isto tem um ótimo significado. Meu trabalho está sendo reconhecido pelo país! E também fora dele, como nos países aqui de perto, já que eu atendi pessoas que estavam à trabalho por aqui e passaram para dar uma olhada nas roupas e acabaram comprando. Até na central da Itália está reconhecendo o meu crescimento. Me senti nas nuvens quando aconteceu.

E por isso que para onde eu me viro vejo algum desenho meu espalhado. Aqui no trabalho são os dos clientes, lá em casa os do casamento do pai com a Carla. E assim a Luiza aqui entra em parafuso total a ponto do Diego me intimar a descansar um pouco. Bati boca com ele por alguns minutos, até então eu ceder e ele me fazer prometer que neste final de semana eu não vou tocar em nenhuma agulha, papel, desenho e afins.

Por causa disso eu estou como uma louca aqui tentando colocar tudo em ordem antes de sair para ficar dois dias trancada em casa, fazendo o trajeto da cama para o banheiro, do banheiro para a cozinha, da cozinha para o sofá da sala e do sofá da sala para a cama, fazendo um ciclo completo. Ainda tenho que sair daqui e passar no mercado para comprar todas as coisas que eu ando com vontade de comer para não precisar colocar o nariz fora de casa.

Final de semana de pijama de bolinhas!

Chego a sorrir para o nada pensando nos meus pezinhos, machucados pelo salto alto que usei esta semana, no colo do Diego e sendo massageados por ele. Nas mãos do Diego nos meus ombros desmanchando os nós de tensão e todas as outras coisas mais que vamos fazer no final de semana. E dormir! Meu Deus! Já estou imaginando a sensação. Me abafar com o meu cobertor, abraçar o meu travesseiro e dormir sem ter que pensar em nada mais.

– Luiza? – Uma vendedora abre a minha porta e eu chego a dar um pulo na cadeira de susto. – Tem um homem aqui querendo falar contigo.

– É cliente?

– Não parece. Ele está de uniforme.

Levanto da cadeira, arrumo a minha roupa e chego a suspirar para o nada. Mais um leão para a Luiza aqui matar sozinha. Caminho em direção ao salão de vendas, resolvendo mais um pepino com a vendedora e quando levanto os olhos não acredito no que eu estou vendo na minha frente.

Um certo agente, vestido dos pés à cabeça de preto, com um cinto e uma arma no coldre e o emblema, junto com a serigrafia amarela da Polícia Federal nas costas.

Diego conversa, amedrontando o coitado do meu vendedor, que olha para mim implorando por ajuda. Coitado do meu vendedor, sabe como tratar um cliente como ninguém, mas ao ver o Diego todo vestido e armado, tremeu nas bases.

– Agente Denski. – Paro nas suas costas e vejo o Di se virar lentamente em minha direção.

– Senhorita Lavorini. – Sorrio para o Diego que pega a minha mão e a beija educadamente.

– Poderia me acompanhar, por favor? – Entro na brincadeira dele.

– Primeiro a senhorita. – Diego sorri para mim e eu sigo para a minha sala com ele atrás de mim.

Fecho as portas e antes mesmo do Di se ambientar, eu já estou nos seus braços o beijando. Fico na ponta dos pés e sinto os braços dele me rodeando e quase me levantando do chão.

– O que tu está fazendo aqui? – Levo ele para o sofá que tenho na sala e quando ele se senta, já jogo as minhas pernas cansadas em cima do seu colo.

– Meu chefe me liberou mais cedo. Mandou uns rapazes subirem na favela para fazer varredura em alguns pontos e me disse para ir para casa.

Diego começa a massagear as minhas pernas e eu quase me perco. Se ele ficar mais dois minutos nisso eu chego a dormir de babar aqui.

– Luiza. – Ele me empurra me trazendo à tona de novo. – Sabe o que isto significa, não é?

– Ahn? – Diego ri.

– Eu sair mais cedo, Luiza. Sabe o que significa?

Começo a raciocinar novamente e faço uma cara de quem está com dor de barriga.

– Nosso final de semana de pijama, cama, banheiro, sofá e cozinha foi por água abaixo?

– Acho que sim, mas se tu quiser, posso ligar e avisar que tu está indisponível esse final de semana e eles dão um jeito de transferir a criança para outras pessoas cuidarem.

Por alguns instantes eu penso em aceitar essa proposta do Diego. Assim consigo aproveitar o meu final de semana de pijamas e pernas para o ar. Mas então alguma coisa bate fundo, como a lembrança do outro e-mail que eu recebi da Cecília esta semana, com ela me dizendo as novidades do seu novo lar e as fotos do seu sorriso inabalável. Quem a vê hoje, não imagina os horrores que ela já viveu.

– Não precisa, Di. Vamos descansar fazer aquilo que praticamos de melhor.

Por Diego

Chego em casa carregado de compras com a lista de coisas que a Luiza me passou. Só passei em casa antes para trocar de roupas, detesto ficar com o uniforme fora do trabalho. As pessoas te olham com um medo e algumas até mudam de rota ao encararem de frente um agente federal com uma arma na cintura.

Guardo as coisas, dou a ração especial de Tartaruga Ninja para o Miche e me deito no sofá. Fecho os olhos por alguns momentos para me preparar para o furacão ruivo da minha vida e as instruções da criança que vamos ficar por alguns dias.

Desde que voltamos para a casa que ela está nesta correria louca. Disse que se ela não se acalmar, o Miche vai ficar se sentindo negligenciado por ela e ficar depressivo. E esse final de semana seria nosso para ficarmos em casa sem fazer nada, aproveitando que eu estava fora da escala de trabalho. E agora, como ela disse, passaríamos o final de semana fazendo aquilo que mais gostamos e somos bons: ajudando crianças.

Converso com a Carla por alguns minutos, para a verificação diária, assim como ela chama de nós aqui e para transmitir as notícias que acontecem por lá em vinte quatro horas. Como a de ontem para hoje que o Rique descobriu que ele tem nariz e com algum esforço, ele consegue enfiar um dedinho dentro dele. Então alguém tem que ir lá e tirar o dedo do Rique dentro do nariz, que ele já machucou por ficar fuçando nele. Realmente uma façanha e tanto.

Depois que desligo o celular, durmo um pouco e acordo com o barulho do chuveiro vindo do quarto da Luiza. Aproveito o tempo para arrumar um belo café da tarde para nós e quando ela sai, já de pijama, comemos conversando até o meu telefone tocar e eu descer para receber a criança que virá para os nossos cuidados.

Encontro outros caras, que eu já tinha visto de longe junto com o Bruno e o Ale e eles me entregam um pacote. Seguro nos braços um bebê frágil e tão pequeno como o Rique era ao nascer.

– Cara, acho que vocês vão precisar chamar o médico. – Um deles me avisa. – Achamos que a mãe quis se livrar da criança a qualquer custo e simplesmente largou por aí. Não sabemos nem a quanto tempo ela estava lá onde a encontramos.

– Tu tem o número do médico? – O outro questiona.

– Sim, o Nunes me passou hoje à tarde. Obrigado.

– Que tudo dê certo para vocês aí.

Aceno um agradecimento e subo para o apartamento da Luiza. Ela já me espera no corredor, na porta do elevador, e quando ela se abre, a Luiza já percebe e quase desmorona.

– Ai, meu Deus! – A criança se mexe nos meus braços e choraminga quando eu coloco ela no colo da Luiza. – Que mundo é esse?

Entramos em casa e eu já pego o meu celular para ligar para o médico que atende as crianças que regatamos quando elas precisam. Falo a situação para ele e passo o endereço. Em breve ele chegará.

Luiza coloca o bebê em cima do sofá e desembulha o pano que está na volta da criança. E quando chegamos ao fim, vimos um bom pedaço do cordão umbilical amarrado, amadoramente, com um barbante.

– Jesus. – Digo e a criança começa a chorar.

– Diego esse médico tem que vir rápido. Olha aqui, – ela aponta para o sangue no pano.

Luiza sai e volta com uma toalha limpa para cobrir a criança enquanto esperamos o médico chegar. O choro se intensifica e eu vejo o desespero no olhar da Luiza. Ela se levanta e começa a ninar a criança para que ela se acalme nos seus braços.

O tempo passa e começamos a ficar preocupados, ainda mais quando a criança para de chorar por completo e a sua respiração começa a ficar mais ruidosa.

E quando finalmente o médico chega, nós suspiramos em conjunto.

– Obrigado por ter vindo, estamos bem espantados aqui. – Digo ao cumprimentar o médico, tão jovem quando eu e a Luiza.

– Não precisa me agradecer. Foi graças a pessoas como vocês, que abriram a casa para crianças em zonas de perigo que eu hoje estou aqui. – Ele nos dá um sorriso e segue em direção à Luiza com a criança no colo.

Depois de analisar e fazer alguns exames, me deu uma lista de medicamentos, como vitaminas e um soro para instalar na criança. Desci na farmácia para comprar as coisas dizendo que era para uma senhora idosa e vizinha de prédio para não levantar bandeira.

Volto para o apartamento novamente sentindo que a nossa noite e o final de semana tranquilo foram por água abaixo. Ao invés disso, vamos salvar a vida de um recém-nascido.

Capítulo 51

Por Diego

Chego em casa percebendo que Luiza já tinha dado um banho no bebê com a ajuda do Fábio, o médico que está aqui em casa para medicar e nos ajudar neste momento.

– A princípio, só vejo desidratação e por isso do soro com algumas vitaminas. Essa criança teve muita sorte, não é todas que conseguimos chegar a tempo.

Vejo a Luiza murmurar alguma coisa que também reflete o meu rosto perplexo com a situação que estamos vivenciando aqui.

Todo mundo conhece algum caso, seja ele no jornal, internet ou em conversas alheias, de crianças encontradas em ambientes inóspitos para um recém-nascido. Porém, ver com os próprios olhos a crueldade, ou desespero a ponto de alguém abandonar o próprio filho a sorte, é um sentimento tão forte que é impossível colocar em palavras.

Lembro de quando comecei a trabalhar na favela e, em um dos matos ao redor, encontramos um corpo de um bebê, tão minúsculo como esse. Envolto em um pano azul, ainda com o cordão ligado à placenta. Foi a primeira vez que eu me senti inútil perante o meu trabalho. Todos da equipe, inclusive o pessoal do IML que levou o bebê estava em silêncio, orando pela alma de um inocente que havia voltado para casa antes mesmo de completar a sua missão aqui na Terra conosco.

Naquele dia eu cheguei em casa carregado. Havia sobre mim um peso que eu só consegui me libertar quando estava no banho e chorando embaixo d'água. Era os meus primeiros meses como agente federal em uma favela, ainda era “virgem” e ingênuo quanto à maldade e a corrupção da alma de uma pessoa. Era tão novato que nem tinha empunhado uma arma ainda em combate, muito menos atirado em alguém para matar.

Um choque e tanto e que mudou o meu modo de ver a vida.

Sempre tive para mim como lema, desde que eu entrei para trabalhar na favela, que cada tiro que eu disparava, era uma criança que eu tirava das ruas e reduzia a porcentagem de usuários de drogas. Era uma criança que eu ajudava a salvar e dar um novo começo de vida para ela. Agora eu vejo que por mais que eu e os meus colegas empunharmos armas em uma quase guerra civil entre os traficantes, as crianças não estarão totalmente a salvo.

Com cuidado, vestimos a criança e ajudamos o médico a instalar o acesso para a administração do soro. O Vini, apelido que a Luiza já deu à criança, assim como foi com a Florzinha, voltou a chorar quando o Fábio espetou com a pequena agulha na sua pele frágil.

– Prontinho, agora é só deixar correr o soro e eu acredito que tudo estará bem. Agora quero ver a incisão do cordão.

– Eu lavei com água, tinha sangue àquela hora, mas depois que amarramos de novo ele parou.

– Isso é bom. – Fábio analisa. – Conseguiu comprar o clamp? – Ele olha para mim e eu aceno que sim. – Ótimo, vou trocar aqui e está pronto o trabalho.

Com uma habilidade, a qual o Vini nem resmungava, ele troca o fio atado pelo clamp certo e deixa o bebê no colo da Luiza, que cuida do local onde o soro está sendo administrado.

Sentamos no sofá ao redor e depois que eu ligo para o meu chefe para repassar as informações de como estamos nos saindo, Fábio conta a sua história para nós.

– Fui resgatado da casa da minha mãe biológica com uns nove anos em outro estado. Ela era relapsa. Deixava a gente em casa e saía por semanas, e quando voltava era com algum homem diferente e que nem sempre era bom. Ela apanhava, nós apanhávamos e tantas coisas mais que eu nem lembro. Meu irmão mais velho não teve a mesma sorte que eu. Ele acabou falecendo meses antes de me resgatarem por decorrência de espancamento e abuso.

– Meu Deus! – Luiza exclama já com os olhos cheios de lágrimas.

– Não lembro de muitas coisas no trajeto, só de quando já estava na casa dos meus pais, os que me adotaram. Foi aí que eu comecei a ter uma vida mesmo. E quando me formei em medicina, disse que ia trabalhar em locais onde as crianças que precisassem de ajuda, foi aí que eu acabei entrando para a organização e sabendo de onde eu realmente eu vim. É uma honra e um dever meu ajudar a causa, porque se não fosse ela....

Ele deixa subentendido no ar, mas não precisa de mais palavras. Se ele não tivesse sido resgatado anos atrás, hoje poderia nem estar vivo, ou se estivesse, não saberia como seria hoje em dia.

– Já nós caímos de paraquedas aqui. – Digo olhando para a Luiza que acaricia o Vini dormindo no seu colo. – Eu trabalho com o Nunes e ele me infiltrou antes mesmo de me dizer o que era tudo isso e de quebra ainda trouxe a Luiza junto.

– Sim, eu ouvi falar em vocês dois. Aliás, eu que atestei a morte daquela criança que foi remanejada para algum familiar teu.

– O Rique? – Luiza olha para o Fábio.

– O próprio. Meu sobrinho – digo com um sorriso em forma de agradecimento.

O assunto segue até o soro do Vini acabar e o Fábio ir embora depois que preparamos uma mamadeira com aqueles suplementos para quem não consegue amamentar e uma fralda cheia, uma das últimas preocupações do médico, se os rins estavam funcionando corretamente.

– Vou dormir no outro quarto e deixar a cama para vocês dois. – Abraço a Luiza depois que ela coloca o Vini na cama.

– Nem sei se vou conseguir dormir esta noite.

– Então vamos ser dois. – Beijo os seus cabelos e espero a Luiza se deitar na cama para desligar a luz e ir para o quarto de hóspedes ao lado.

Por Luiza

Escuto o Diego deitar no quarto ao lado e solto um suspiro alto. Através da luz do banheiro que eu deixei acesa, com a porta meio aberta, observo o pequeno Vini, que eu apelidei, dormir e contendo a minha vontade de chorar.

Mesmo ele sendo tão pequeno e indefeso, não foi poupado de começar a vida assim. Acaricio a sua cabecinha e me certifico que ele está respirando sentindo a sua respiração quando

faço o contorno do seu rosto na ponta dos meus dedos. E depois disso eu não aguento mais e começo a chorar no meu travesseiro.

.

– Bom dia. – Encontro o Diego sentado à mesa com uma cara de quem não dormiu nada essa noite.

Igualmente ao meu reflexo hoje.

Sento no seu colo e roubo um pouco do seu café.

– Consegui dormir um pouco depois que tu foi ao quarto da última vez. Isto faz o que?

– Uma hora.

– Então foi isso que eu consegui dormir. Agora eu sei porque o pai e a Carla às vezes estão com uma cara de loucos.

Diego ri e coloca os braços ao meu redor. Encosto a minha cabeça no seu pescoço e fecho os olhos por alguns segundos, e quando acordo estou deitada na cama sozinha. O sol já entra alto dentro do quarto e eu pulo de susto ao ver que eu estou sozinha na cama. Sem nenhum sinal do Vini ao meu lado.

Saio da cama e quando entro na sala, paro e vejo a cena que me faz parar aonde eu estou. No sofá, alheio a minha presença, vejo o Diego com o Vini no seu colo o amamentando e o observando de perto.

Por alguns instantes me sinto a mulher mais sortuda deste planeta e de tantos outros que existem e ainda nem foram descobertos. Eu, Luiza, estou com um homem que trabalha em uma quase zona de guerra, que já foi ameaçado de morte inúmeras vezes, atingidos tantas outras e muito cabeça dura. Onde as pessoas que o conhecem sabem o seu potencial como policial e que contam com ele para a sua segurança no local onde moram.

E ao mesmo tempo, atrás de todo essa carga que ele carrega nos ombros por ser o que é, eu encontro o meu Diego.

Aquele que, junto comigo, doa o seu tempo livre para salvar crianças como o Vini. Pega junto no trabalho de resgate, expondo o seu emprego e a sua vida para tirar as crianças de zonas de perigo. Uma faceta que só eu enxergo e tenho que valorizar cada vez que tenho a oportunidade.

Graças ao Diego e a realidade que ele me mostrou eu posso ser uma Luiza melhor. Se o meu mundo cor de rosa e com tecidos brilhantes foi manchado, hoje eu agradeço. A minha futilidade com certas coisas deu espaço para uma vida melhor, onde eu penso mais nas outras pessoas do que em mim mesmo.

Como dizem, conselhos de pais são só notados quando outras pessoas nos mostram. E hoje eu reconheço isto. Se eu pudesse contar ao pai que trabalho para uma organização que cuida de criança por baixos dos panos da lei, sem se vangloriar, veria o meu véio orgulhoso de mim. Pois todos os anos que eu passei escutando ele tentando corrigir certos hábitos meus, vendo ele cuidar dos seus pacientes com todo aquele carinho e devoção foi finalmente alcançado.

Dizem que o amor muda as pessoas de uma forma incrível. Elas têm que se adaptarem a

conviver com outra pessoa ao seu lado todos os dias, e por mais que haja afinidades infinitas, sempre há os pontos de convergência entre o casal. Posso afirmar que eu e o Diego temos muito destes pontos, mas também sei que eu mudei de uma forma incrível desde que eu passei a conviver com ele, e nem comento depois que comecei a me relacionar com o Di.

Agora, vendo esta cena sei que não trocaria a melhor temporada de moda da Europa, com o meu nome estampado nas melhores grifes e com os melhores estilistas me parabenizando. Nada é mais recompensador do que estar aqui, nesta sala, ao lado do Diego e com uma criança precisando de carinho, para renovar a sua fé na vida e com isso, fazer um mundo melhor para ela.

E isto é o que realmente importa. Não vai ser uma marca de roupa caríssima que irá mudar o mundo. Nem o traçado de uma máquina de costura em cima de um tecido para uma pessoa, a qual se mantém numa linha rígida para manter o “perfil de modelo” intacto, que escraviza milhões de garotas, irá salvar o nosso futuro.

Sei que ainda há muitas crianças a serem salvas por aí. Algumas delas neste momento estão passando por dificuldades sérias. Muitas com fome, frio e com medo do que virá amanhã e se virá um amanhã para elas. Isso é uma realidade, um fato terrivelmente incontestável atualmente. A cada dia que passa, mais delas entram em perigo iminente e são poucos os que podem e conseguem mudar a realidade.

Fazer parte dessa organização abriu os meus olhos para coisas que eu via, mas ignorava. Chegava a brigar com o pai quando ele tinha que sair no meio da noite para atender algum paciente. Não entendia porque ele doava rios de dinheiro as causas que ele vestia a camiseta. Tudo bem doar, sem problemas, mas achava que ele exagerava em alguns tópicos.

Hoje, sou eu quem me xingo por não fazer mais do que eu posso. Sou eu quem choro ao ver ao meu lado um bebê inocente atirado à própria sorte logo depois de nascer. Eu que me apego a crianças que me dão tanto carinho nos dias que passam aqui, mesmo elas nunca tendo recebido um abraço ou um beijo de boa noite dos pais.

E quando o Vini for embora, para uma casa onde ele é tão aguardado por uma mãe que está há anos na fila de uma adoção, junto com um pai tão nervoso por não saber como lidar como uma criança, eu chorarei. Chorarei por saber que nunca mais verei o Vini, o bebê que eu ajudei a salvar a vida, alimentei e cuidei por alguns dias sem receber nada em troca. Chorarei de felicidade em ser testemunha de como um bebê pode ser tão esperado por uma família e tão amado instantaneamente. Chorarei por saber que muitas crianças não vão ter a mesma sorte que o Vini. E finalmente chorarei sabendo que em breve outra criança virá para a nossa casa e será tão amada nestes poucos dias, como nunca foi, e como será pelo resto da sua vida.

Capítulo 52

Por Diego

O final de semana, que era para ser tranquilo, foi uma correria só. E amanhã já recomeça a semana à mil novamente.

O treinamento intensivo que havíamos feito com o Rique há alguns dias atrás de nada serviu quando o Vini chegou. Passamos alguns perrengues e eu tive que apelar para o Ale vir aqui nos dar uma mão com o pequeno, já estávamos perdendo feio esta parada. E agora, o único acordado sou eu.

Estou deitado no sofá, com a Luiza em cima de mim e, por cima dela, o Vini dormindo em cima do seu peito, acalentado pelas batidas rítmicas do coração da Luiza. Se eu pudesse levantar, tiraria uma foto deste momento e guardaria em algum lugar onde só eu pudesse ver e sentir toda essa entrega e carinho que a Luiza tem por cada criança que chega aqui para nós.

Sou um cara abençoado, disto eu nunca tive dúvidas. E mais uma vez a certeza de que isso realmente acontece me deixa um pouco emocionado.

Se eu for parar para pensar em outra mulher que encarasse este “trabalho” comigo não encontraria nenhuma tão disposta como a Luiza. Qual seria a namorada que deixaria de passar um final de semana de pernas para o ar com o namorado para se dedicar a uma criança que precisa de cuidados?

Sei que muitas até aguentariam os primeiros casos de boa. Achariam altruístas e benfeitoras. Sentiriam orgulho de cada chamada que eu recebesse, não dando bola que o cinema à dois foi cancelado ou aquele jantar de comemoração de alguma data adiado em prol de uma criança que precisa ser resgatada.

Isto continuaria até ela perceber que o trabalho estava tomando tempo das nossas vidas. Tanto a particular como a em casal. A casa sempre teria que estar aberta para receber crianças, algumas rebeldes, como o Jeferson, arteiras, como a Florzinha ou até mesmo indefesos e tão dependentes como o Vini.

Infelizmente a doação completa não é para todas as pessoas. Muitas até tentam e se dizem solidárias sempre, mas não conseguem levar à risca completamente o que a ação precisa.

Por isso que eu digo que sou abençoado. Todas as vezes que eu tive que sair de casa em missão de resgate, tive a Luiza ao meu lado, torcendo por mim e me esperando acordada para saber das novidades. Sempre que eu ligo perguntando se podemos ficar com uma criança, porque também podemos recusar a guarda provisória por viagens, problemas ou até mesmo visitas, ela não hesita em desmarcar tudo e se preparar ao meu lado para recebermos a criança com os braços abertos.

Eu sempre tive esse meu lado protetor. Hoje, de tanto escutar isto ao meu respeito, já consigo perceber melhor. Não me nego ao trabalho, não recuso sair no meio da madrugada para responder a algum chamado. Sempre que saio de casa tenho a certeza de que vou mudar o mundo de alguma criança. E que vou fazer a felicidade de alguma mãe ou pai ansioso para a chegada de seu filho tão aguardado.

Meu chefe diz que eu tenho o dom de cuidar. De me preocupar com todas as pessoas ao meu redor e ser empático ao extremo. Pode ser um dom, uma qualidade ou sei lá o que chamam. E confesso que faço mesmo.

Gosto de ajudar as pessoas, cuidar de crianças que precisam. Tirar da rua inocentes e auxiliar na transição de casas dos resgatados. Ver no sorriso de cada criança que passa aqui por casa que elas estão sendo crianças e vão ter um teto seguro sobre as suas cabeças essa noite e não vão sentir fome e frio.

Isto é mais recompensador do que qualquer pagamento monetário que eu poderia receber. Nada pagará saber que daqui a alguns anos, homens e mulheres que passaram pelas minhas mãos tornarão pessoas melhores para esse mundo. Que um Bruno se tornou um juiz, ou um Fábio se tornou médico e começaram a ajudar na mesma causa que eles um dia foram resgatados.

A ação cria um círculo. Um ciclo de ajuda para quem precisa. Os resgatados de hoje serão os ajudantes de amanhã. Serão pessoas que sabem que há maldade no mundo, mas que também existe pessoas lutando contra isso e tirando crianças da rua. Dando chances para que estas crianças cresçam e recomecem o ciclo de ajudarem a melhorar o mundo resgatando mais crianças.

Sei que posso soar utópico. Um sonhador que não saber o limite do que pode crer. Mas lá no fundo, eu acredito que um dia a organização possa sair da clandestinidade agindo na formalidade e ajudando mais crianças, fazendo com que esse ciclo cresça e fique cada vez mais forte. E quem sabe, daqui alguns anos, ela mesmo se extingue por não precisar mais regatar crianças, pois todas elas estão seguras nos seus lares.

Sei que isso é impossível de acontecer, mas eu vou continuar sonhando. Continuarei pensando que quando meus filhos forem adultos, nada disto precisará ser feito. Sonharei que tudo o que eu vi, tanto na favela como agente policial, o cidadão que ligou a TV no noticiário, ou até mesmo resgatador da organização, não passe de lembrança. Lembranças feias e marcantes, e que servirão de exemplo para as futuras gerações do que não se pode repetir.

Fecho os meus olhos e volto a sonhar onde isso tudo é realidade. Que eu e a Luiza salvamos todas as crianças que passaram pela nossa vida juntos, e cada vez mais unidos como pessoas, casal e como ativos na organização. Porque eu sei que não existe outra pessoa melhor para ficar ao meu lado em todas estas situações além da Luiza. Ela é a única. E sempre vai ser.

.

– Não posso faltar o trabalho amanhã. – Luiza sussurra para mim na cama. – Tenho muita coisa para fazer e não tenho como trabalhar em casa.

– Eu sei, já tinha mencionado isso para o meu chefe quando ele me disse que teríamos uma criança para cuidar esta semana. – Respondo no mesmo tom, já que o Vini está dormindo no nosso meio da cama.

Sinto a Luiza suspirar e se xingar.

– Ele já trocou o meu turno essa semana para eu ficar em casa pela manhã e à noite, depois que tu chegar, assumir o posto.

– E como vai ser quando te chamarem no concurso? Não vai ter esta possibilidade de mudar de turno.

– Vamos dar um jeito. Meu chefe está para se aposentar e me disse que está louco para sair da favela, não duvido que ele ainda continue o meu chefe no outro departamento.

– Isto é ótimo. Conheci pouco ele, mas sei que ele te considera bastante, Di. E só por isso eu já gosto dele. – Rio baixinho.

– Ele também diz que gosta da senhorita Lavorini. – Luiza se mexe na cama e quando eu percebo, ela está deitando em cima de mim.

Beijo os seus cabelos cor de ferrugem e ela me abraça forte suspirando.

– Esse final de semana foi uma loucura, mas eu consegui aliviar a minha cabeça para a semana que vai começar. Poderia desestressar mais, mas a nossa cama está um pouco ocupada neste momento.

– Acho que terça a nossa cama já vai estar mais folgada, aí a gente pode aproveitar mais o espaço dela. – Luiza dá uma risadinha cheia de outras intenções e depois solta um lamento.

– Terça? Já? – Ela levanta o rosto do meu peito e me encara que, mesmo na penumbra, eu vejo a tristeza nos seus olhos azuis acinzentados.

– Sim, demorou mais por causa do final de semana. – Coloco uma mecha dos cabelos dela no lugar e a Luiza volta a se deitar em cima de mim.

Ela se cala e fica com os seus pensamentos por alguns instantes.

– Gostou de brincar de mãe de um bebê por alguns dias? – Sinto ela rindo sobre o meu peito. – Não adianta me esconder, Luiza. Sei que tu ama ser a mãe do Miche, e também quando a Florzinha estava aqui em casa e com o Rique lá em casa.

– Gosto de crianças, e estamos sempre rodeados de crianças quando estamos em casa. Chego a ficar feliz, por assim dizer, quando tem uma aqui. Parece que a casa fica com mais vida e cor.

– Hmmm... Pensei que a minha presença colorisse a casa bastante. Ai! – Ela me belisca.

– Seu chato, não é a mesma coisa. Contigo a casa fica alegre com um tom diferente de quando é uma criança.

– Muitas cores e tons diferentes. E aposto que nenhum é de cinza.

– Nada de cores cinzas e escuras. Eu prometo. Só que com uma criança aqui eu me sinto diferente. Talvez seja o fato de ter perdido a mãe cedo e queira ser uma mãe para todas não ficarem em falta como eu fiquei.

Vini suspira e choraminga um pouco. Automaticamente a Luiza já se aproxima dele e o acalma com a sua voz doce e calma. Ele volta a dormir, como se o pesadelo que o estava atormentando foi espantado pela Luiza, como uma mãe faz com o seu filho.

Luiza volta a deitar em cima de mim e se aconchega em mim como se eu fosse um travesseirão gigante, feito especialmente para ela e o meu corpo se moldasse ao dela perfeitamente.

– Di... – Ela volta a sussurrar, como se estivesse testando se eu ainda estava acordado ou já havia me rendido ao sono.

– Oi.... – Enfio a mão por dentro do seu pijama e acaricio a sua pele lisa.

– Se um dia... – ela hesita, pensa um pouco e volta a falar mais baixo ainda. – daqui uns anos, sei lá, a gente resolva ter um filho. Tu acha que vamos conseguir conciliar tudo isso? Trabalho, nosso bebê, os teus resgates e as crianças que cuidamos?

Luiza volta a me olhar e eu vejo a dúvida encrustada nos seus olhos. Eu sorrio e a puxo para um beijo profundo. Mesmo que mal dado pela posição que estamos no momento, o que vale é a intenção e o que ele significa.

– Eu não tenho dúvidas, Luiza. Nós vamos ser bem capazes de dar conta de tudo sem reclamar. Tem muitos casais com filhos que fazem a mesma coisa que nós.

Luiza sorri daquele jeito que ela me derrete.

– Tu vai ser a mãe mais babona de todas. Se for menina já estou vendo milhares de roupas exclusivas para ela. Uma Luizinha de cabelos cor de ferrugem tão espoleta como a mãe.

– Ou um Dieguinho teimoso. Meu Deus, já estou imaginando as brigas aqui em casa.

– A Luizinha não vai deixar as crianças irem embora daqui. Vai ficar me implorando com uns olhos azuis acinzentados gigantes.

– Daqui uns anos. Muitos de preferência.

– Claro. Temos muito que curtir a sós antes de pensar em cogitar a possibilidade.

Ficamos em silêncio um pouco e eu volto a perguntar.

– Luiza....? – Deixo a minha pergunta no ar.

Será que....?

– Não, Diego. – Ela bate na mesa de cabeceira ao nosso lado. – Isola na madeira, Di! Menstruei semana passada, lembra? Te deixei na mão por uns dias.

Agora quem quase teve um infarto fui eu.

Chego a respirar aliviado depois da confirmação. Sem chance de a Luiza engravidar neste momento. Ainda mais com a mãe descobrindo seu lado de avó, ela não aguentaria até me convencer, ou convencer a Luiza de ficarmos em casa por um bom tempo. Sem contar a chantagem emocional diária.

– Relaxa, Diego. Estamos a salvo.

E para a Luiza parar de rir da minha cara de assustado, o Vini teve que acordar novamente e reclamar por sua mamadeira. Luiza fica acalmado ele no seu colo enquanto eu vou lá preparar o leite. Só assim para eu conseguir acalmar o meu coração depois do mini ataque cardíaco.

Capítulo 53

Por Diego

Abro os olhos com o barulho da porta rangendo e me sento no sofá. Bocejo quando vejo a Luiza caminhando para dentro de casa com os saltos altos batendo no chão.

– Bom dia, ou noite. – Ela se aproxima de mim e me beija.

– Boa noite, Ferrugem. – Levanto e vou atrás dela até o quarto.

Enquanto ela começa a tirar o sapato e as roupas pelo quarto eu vou ao banheiro e quando saio, encontro uma Luiza vestida de pijama e de pés descalços saindo do quarto.

Vamos até a cozinha onde comemos juntos alguma coisa.

– Vou sentir saudade do Vini. – Luiza suspira alto depois que eu conto que vieram buscar ele no meio da tarde. – Ele parou de resmungar enquanto dormia?

– Sim. Ele foi bem acordado ainda, olhando para tudo ao redor.

– Ohh, coisa fofinha. Acho que vou ligar para o pai e pedir para ver o Rique no Skype, assim posso matar a saudade de um, pelo menos. E tu, não vai trabalhar hoje á noite?

– Não. Ganhei uma folga, mas em compensação eu e Bruno dar uma volta e um lugar longe para ver se encontramos alguma coisa. O Alê está com a Manu com febre.

– Tadinha. E eu, pelo visto, vou passar mais uma noite sozinha em casa.

Levanto e deixo o meu prato na pia. Beijo os cabelos da Luiza e ainda arremato:

– O Miche te faz companhia. Ele ama conversar contigo.

Luiza reclama alguma coisa e eu saio rindo em direção ao banheiro para tomar um banho e esperar o Bruno para a nossa ronda da noite.

A princípio eu não entendi qual era a função dessa tal ronda que o Bruno e o Ale faziam quando ficávamos tanto tempo sem alguma missão de resgate, e hoje, como o Ale está com a Manu doentinha, eu fui escolhido no seu lugar.

Me despeço da Luiza com um beijo e desço para a recepção onde encontro o Bruno naquele mesmo carro caindo aos pedaços que nós fomos aquela vez a um resgate.

Tenho medo até de entrar e ao fechar a porta o carro se desmontar.

– Boa noite, Diego. – Bruno me recebe com um sorriso no rosto e saímos em direção aos lugares mais afastados do centro da cidade.

Conversamos sobre amenidades, com o tempo, esportes, já que os nossos times se enfrentaram recentemente e eu pude tirar um sarro da cara do Bruno e nossos trabalhos.

– Pronto para sair da vida de perigo? – Ele me pergunta forçando o motor do carro em uma subida.

Agora eu entendo porque a Carla diz que o Luiz ronca como um carro velho subindo uma ladeira. Igualzinho a este carro do Bruno nesse momento.

– Muito pronto. – Respondo depois de conseguir respirar aliviado por ter conseguido chegar ao topo da ladeira. – Até deu uma estudada básica em alguns pontos para não fazer tão feio na prova assim.

– Nem me fala em estudar. Quando eu me formei, quase morri estudando para a OAB, passei de primeira e com uma ótima nota. Mas nunca pensei que fosse só o começo dos meus estudos.

– Eu passei na OAB antes mesmo de acabar a faculdade, um semestre antes. Fiz só para teste e nem acreditei quando vi o meu nome na lista.

– Sortudo. – Ele resmunga. – Eu quase entrei em estado crítico de estudar. Minha mãe disse que queria me levar ao médico de tão magro que eu estava. Tu chegou a advogar?

– Não muito.

– Eu também não. Sempre quis ser juiz mesmo, e aí tive que passar a estudar mesmo. Trabalhava em um escritório meia boca de dia e virava a noite estudando. – Rio. – Ahh, não vai me dizer que tu também só fez o concurso para agente federal de brincadeira e acabou passando?

– Quase isso. – Admito. – Eu trabalhava de dia e estudava só final de semana, quando não saía e tinha preguiça. Mas foi também só para testar, queria o que abriria no outro ano, de delegado, mas acabei gostando da Polícia Federal e estou até agora lá. E não tiro o teu mérito, o concurso para Juiz é bem mais acirrado do que o meu. Se eu fosse fazer um destes teria que criar vergonha na cara e estudar mesmo.

– Acho bom! – Bruno ri e o carro da uma engasgada e segue o caminho.

Cada vez nos afastamos mais do centro da cidade. Eu começo a olhar para todos os lados vendo, cada vez mais, a pobreza se aprofundar à medida que andamos. Eu já acho a favela que eu trabalho pobre, mas vendo esse outro lado da cidade, percebo que existem outros níveis de miséria que as pessoas nem sonham.

– Estamos chegando. – Bruno diz e quando eu penso em perguntar aonde exatamente nós estamos chegando, ele responde. – Este foi o lugar que eu e a minha irmã nascemos.

Chego engolir à seco quando escuto essas palavras do meu novo amigo. Ele sempre foi bem reservado quando ao seu passado. A únicas coisas que eu sei é que ele foi resgatado junto com a irmã mais nova, quando ele tinha oito anos e ela poucas semanas de vida e que foram adotados por um casal rico do interior do estado. Mas detalhes de como tudo aconteceu e como era a sua vida antes do resgate ele não comenta quase nada. E eu respeito, porque pelo o que eu vejo da região que estamos, a sua infância não foi nada fácil.

– Nós morávamos naquele barraco ali. – Ele aponta para uma coisa que um dia foi uma casa.

A estrutura comprometida não deve servir de moradia nem para os ratos da região, mas lá no fundo, eu sei que pessoas devem se alojar ali para se abrigarem do frio e chuvas intensas.

– Às vezes eu volto aqui e dou uma olhada em tudo. Como se fosse uma forma de me lembrar de onde eu vim e quem eu sou. Morei por oito anos aqui com a minha mãe e a minha irmã, quando ela nasceu. E fico me perguntando o que seria de nós se o Nunes não tivesse nos encontrado naquela noite. – Ele suspira. – A minha mãe era prostituta, nunca soube quem é o

meu pai ou o da minha irmã, e ela nunca desistiu de nós. Saía a noite para trabalhar e me deixava com ela com dias de vida, mas sempre voltava. Minha mãe me ensinou a trocar os panos que ela usava e a lavar no rio lá embaixo que era um esgoto. Até que um dia....

Bruno se cala e caminha alguns passos comigo atrás dele.

– Eu fiquei uma semana sozinho naquela casa. Minha irmã chorava e eu não sabia o que fazer e nem o que dar de comida para ela. Eu não tinha nem para mim, quem dirá para um bebê de semanas. E ficava o dia olhando pela janela esperando que a mãe voltasse. Até que um dia o choro dela estava insuportável e eu tive que sair de casa para achar alguma coisa para a gente comer. Fui até o mercadinho mais próximo e quando o dono se distraiu eu roubei um pacote de pão velho. Comi um e dei aos poucos para a minha irmã até ela parar de chorar.

Continuamos a caminhar até chegar a uma árvore e nos sentarmos em uma pedra.

– E naquele dia o Nunes apareceu com mais dois caras e nos levaram para outra casa. Eu me agarrei na minha irmã e não deixei eles tirarem ela de mim. Só iria para algum lugar se ela fosse junto. Eu já tinha feito tantas coisas pela minha irmã, que não ia entregar tudo assim de bandeja. Eles tiveram que encontrar algum casal atrás de um casal de filhos, coisa que até hoje é bem complicado de encontrar. Quem dirá naquela época.

Concordo. Uma vez nós três conversávamos sobre isso. O fato de irmãos serem resgatados e serem entregues à mesma família. Geralmente nestes casos os guardiões intermediários têm que ficar mais dias com as crianças até ser encontrado pessoas dispostas a amarem duas crianças como filhos biológicos. E isso é bem complicado no caso de adoções. Muitas vezes os pais não sabem nem como vai ser a reação de adotar uma criança, quem dirá duas, e com idades tão diferente assim.

– Nós fomos abençoados por termos sido remanejados para uma família tão perfeita como eu e a minha irmã fomos. Eles nos aceitaram de braços tão abertos que eu ainda não acredito que tivemos esta sorte. Meus pais, os adotivos, são bem simples, se casaram cedo e sempre trabalhavam. O pai teve um golpe de sorte e ganhou uma bolada na loteria e investiu o dinheiro que ganhou e até hoje multiplica o que ganhou. A mãe sempre teve o sonho de ter um filho e depois que ganharam o prêmio, ela se dedicou a tentar engravidar e cuidar dos filhos biológicos que nunca vieram. Eles tinham dinheiro, recursos e amor, e com todos os exames possíveis nunca foi descoberto o porque ela não engravidava. Ela se sentia muito mal por causa disso.

– Sei como é essa sensação de não poder engravidar. Minha irmã também não pode e sofreu muito com isso. – Bruno olha para mim e nos solidarizamos com o sentimento de impotência que elas sentiram.

– Exatamente, Diego. E então eles resolveram entrar na fila de adoção, que na cidade do interior com uma população completamente fechada para certas ações, ainda mais quando eu e a mana chegamos para a nossa família. Como eu disse, nós fomos recebidos como filhos mesmo. Já no primeiro abraço eles nos chamaram de filhos e não hesitaram um segundo em nos aceitar. Mas para a cidade foi o fato do ano, e eu, mesmo fingindo que não entendia, compreendia tudo o que se passava ao meu redor. Além de já sermos uma família conhecida, por ter ganho na loteria, a adoção foi o ápice das falações por todos os cantos. A mana não sofreu muito porque era bebê e isso já foi bem mais aceito do que no meu caso, já com oito anos e nem sabia escrever o

próprio nome. Quando eu cheguei à escola, foi aquele baque. As crianças nem chegavam perto de mim com medo de pegar alguma doença, já que não sabiam de onde eu vinha e por isso nunca tive muitos amigos. Mas sabe que nada importava para mim? Eu chegava em casa e tinha uma mãe me esperando com um sorriso no rosto e cuidado da minha irmãzinha, como ela merecia, e um pai que me ensinou tudo o que eu sei hoje. Nunca pedi tratamento especial por ser o filho adotivo deles, como algumas pessoas diziam, nunca quis isso e nem iria aceitar. Em momento algum esperei algum tipo de compreensão por causa da minha situação. Só queria ser o Bruno mesmo, sem nada por trás disso.

Ele para e chuta uma pedra no chão.

– Eu sai de casa para estudar com dezessete anos e a melhor nota da escola, sem a ajuda de ninguém. Minha irmã também sempre foi um exemplo em sala de aula, era a única coisa que os nossos pais pediam para nós. Entrei na faculdade pública, mesmo o pai querendo pagar a faculdade particular para mim, ele tinha condições para fazer isso, mas eu não quis. Queria apenas ser filho dele, era isso que eu sempre demonstrei. Meus sonhos eu conquistaria sozinho para mostrar que o favelado, pobre e adotado poderia vencer na vida sem a ajuda dos pais ricos adotivos. Queria que o povo que falava de mim, percebesse que a única coisa que eu precisava dos meus pais era o amor deles e não o dinheiro, como eu escutei muito quando era pequeno. Quando eu me formei, no dia da minha formatura, eu me deitei no meu quarto e comecei a retroceder a minha vida até chegar ao momento que eu fui resgatado. Naquela época eu sabia que não tinha sido o conselho tutelar que havia me achado e nem por vias legais que a minha adoção tinha sido feita. No fundo eu sabia que havia um algo a mais e que ele funcionava perfeitamente. E foi quando eu decidi que queria participar de alguma coisa que pudesse fazer a diferença na vida de uma criança. Assim como um dia a chegada do Nunes fez toda a diferença na minha.

Vejo o semblante do Bruno ganhar um ar de felicidade, por assim dizer, um brilho nos olhos que eu nunca vi.

– Eu encontrei o Nunes em um dos meus casos de advogado novato. Passei por ele e tive aquela sensação de já ter visto ele, até porque, nos meus sonhos a personificação do Nunes era do meu salvador. Meu e da minha irmã. Se não fosse por ele, eu ainda poderia estar morando naquele barraco e sem ter a certeza que a mana ainda estaria ao meu lado. E quando eu fui atrás dele, ele tentou desconversar e isso durou até eu conseguir arrancar alguma verdade. Ele me contou da organização e como ela funcionava por cima. Não pensei duas vezes em dizer que eu queria trabalhar junto com ele. Ajudar crianças na mesma situação que nós estávamos e dar a oportunidade de serem amados por uma família como eu tive.

– E foi fácil ele deixar tu entrar assim?

– Nenhum pouco! – Bruno ri. – O Nunes é um cabeça dura, tive que persuadir muito ele para entrar na organização. E não me arrependo, Diego. Nenhum pouco. Por isto que eu saio as escondidas nesse carro caindo aos pedaços para lugares como este que eu nasci a procura de crianças. Quem sabe uma delas não é um Bruno da vida que só precisa de uma oportunidade para fazer parte de uma família tão boa como a minha.

Nos levantamos da pedra e seguimos por entre as ruas estreita da favela em busca de alguma coisa.

Nunca tinha escutado a história do Bruno assim. Confesso que fiquei bastante mexido

com os detalhes e emocionado com o rumo que ela tomou. Respiro fundo e tenho a mesma intenção que o Bruno. Quem sabe na próxima esquina eu não ajude a resgatar alguma criança, com uma história tão parecida com a do Bruno e que também precise de um final igual.

Capítulo 54

Por Luiza

– Já vou indo, vai ficar a manhã aí olhando filme?

– Maratona Harry Potter, nem vou perceber o tempo passar. – Diego vem e me beija.

– Levei a Carla em todas as estreias do Harry Potter, aquelas à meia noite. Na verdade, eu era pago para fazer isso, rendeu oito bônus na minha mesada. – Reviro os olhos.

– Meu pai também fez isso, mas eu desconfio que era por causa do filme mesmo, porque eu queria era ir com as minhas amigas, e não com ele me cutucando e dizendo que no livro era diferente.

Levanto do sofá, ainda de pijama e levo Diego até a porta. Desejo uma boa prova, mesmo sabendo que ele não vai precisar de sorte e peço para ele me ligar assim que estiver saindo do local da prova para eu começar a me mexer para fazer o almoço.

Aproveito que estou em pé, caminho até o quarto, pego minha coberta favorita, meu carregador e o celular e volto para o sofá. Agora sim tudo está perfeito para esse domingo chuvoso e frio. Nada melhor que uma maratona Harry Potter para fechar com varinha de ouro.

Entre uma olhada no filme e uma no celular, eu passo a manhã deitada e com as pernas para cima. Chego a dar até uma cochilada em alguma hora, mas acordo com o meu celular vibrando em cima da minha barriga. Era lá da loja com uma dúvida que eu solucionei na hora. Nem que me pagassem o meu peso em barras de ouro que eu vou colocar o meu nariz para fora de casa hoje. Se alguém vir me incomodar, eu faço como o Miche e me escondo dentro da minha coberta e fico lá até pararem de me procurar.

Finalmente consegui o meu final de semana de pernas para o ar. A semana foi um terror e para a minha felicidade, a minha querida, amada e futura madrasta ainda me ligou e me pediu um vestido de casamento igual ao que ela vai usar, só que curto. Se eu morasse na mesma cidade que eles, meu pai seria o primeiro bi viúvo da família Lavorini. Eu queria matar a Carla e esse pedido sem cabimento nenhum. O que aquela santa pessoa vai fazer com um vestido de casamento tão curto como um cinto?

Me obriguei a ligar para o meu pai e perguntar se ele sabia desse detalhe tão minúsculo e se aquilo era realmente verdade. A Carla ia colocar as pernas de fora em pleno o casamento dela com um vestido rodado? E para a minha surpresa o meu pai estava ciente de tudo isso e ainda concordava com cada detalhe audacioso que a Carla tinha em mente. Fiquei uns dois minutos sem reação quando escutei isso.

E então, a minha listinha de trabalho teve um acréscimo nos quarenta e oito do segundo tempo. Minha vontade era jogar as coisas para o alto e ficar jogando paciência no computador, ou tirando selfie com os filtros do Snapchat, assim como o pai fica fazendo com o Rique, ou filmando a Carla escondida brigando com ele, com cara de cachorro e mandando para todo mundo. Saudades quando eu podia ficar em casa mexendo no computador e depois quase apanhando com a conta do telefone e a internet discada lá de casa.

Depois do meu “frustrado” final de semana passado, com a presença do Vini, eu adiei para

esse. Claro que não estou reclamando da intromissão gostosa do Vini, longe disso, chorei litros enquanto o Diego saía com o Bruno e eu fiquei sozinha em casa. Dava para lavar a escadaria de uma igreja, de tanto que eu chorei por “n” motivos.

E agora eu estou aqui. Ontem eu passei o dia com o Di. Fomos ao clube de tiro novamente e eu já comecei a atirar razoavelmente mal. Antes disso era péssima, e o Diego tinha que segurar a arma junto comigo, não que eu reclamasse. Depois jantamos em um barzinho comendo alguns petiscos e terminamos a noite em casa mesmo, já que o hoje é a tão esperada prova do concurso interno da polícia federal. Não é porque o Diego vai ser aprovado, de um jeito ou de outro, que não precisasse chegar cedo para a prova e fazê-la como todos os seus outros colegas.

Mas quando ele chegar, pretendo começar a parte dois do nosso final de semana. Vou fazer ele olhar a maratona Harry Potter comigo e fazendo massagens nos meus pezinhos de princesa. Com certeza não há jeito melhor de passar um domingo chuvoso em casa.

Foco no filme, e na metade do segundo, quando o Rony não quer seguir as aranhas, o meu celular toca uma mensagem com o Diego dizendo que já estava no caminho de casa. Eu deveria levantar e fazer o almoço, mas protelei até o Diego abrir a porta e me ver fazendo parte da decoração do sofá.

– Tu ainda está deitada aí?

– Estava olhando filme e me perdi no horário. Com fome?

– Muita. E por isso que eu mesmo estou indo para a cozinha. Fica aí com o teu Harry Potter que eu vou fazer alguma coisa decente para a gente comer.

E o Diego sai rindo da sala em direção à cozinha. E é por estes motivos que eu amo esse homem!

Depois de um almoço bem feito, arrasto o Diego para o sofá junto comigo para continuar a maratona Harry Potter. Ele deita só de camiseta e cueca e eu me atiro em cima dele.

– Agora eu sei porque a minha lâmina de barbear está durando menos tempo. Essas pernas aí não estavam tão lisas ontem.

– Shiu, é segredo. – Rio.

Minha preguiça anda tão grande que eu cheguei a desmarcar o meu horário na depiladora, sexta à tarde, então usei a lâmina dele mesmo.

– Quando eu penso que me livrei da Carla roubando a minha do meu banheiro, encontro a Luiza pegando.

– Para de me amassar, o Sirius Black vai aparecer. Para Diego! – E ele continua a me fazer cócegas até eu me render por completo.

Me viro para o lado dele e sofro com o peso dele em cima de mim. Meu fôlego acaba quando ele foca os olhos nos meus e eu me perco neles, esquecendo até de respirar. Pois nada mais importa nesse momento, somente a certeza de que eu não poderia estar mais feliz e completa do que nesse momento.

Por Diego

Depois de aguentar os filmes do Harry Potter no sofá, consegui arrastar a Luiza, no meu colo, para a cama. A chuva caiu o dia todo, e se não fosse pela prova do concurso pela manhã, nem teria saído de casa.

A prova foi até fácil. Nem estudei, pois nem precisava mesmo, mas fiz toda ela e se fiquei em dúvida em duas questões foi muito. Na saída ainda tive que dizer que esqueci de anotar o meu gabarito, para não levantar suspeitas de muitas respostas diferentes e eu passar e o colega não. Podem me chamar de paranoico, mas na dúvida, melhor não arriscar.

Me aproximo mais da Luiza, puxando ela para o meu lado pela cintura. Ela resmunga da minha forma nada delicada de puxar ela para o meu lado, mas quando eu deixo o meu nariz encostado no seu pescoço, ela para de reclamar. Fico sentindo o seu cheiro e me intoxicando dele.

– O Perereco quebrou o braço hoje à tarde. O pai está contando aqui. Estava brincando de homem aranha na grade da janela e se deu mal.

Ela me mostra a foto com a Liv desenhando um sapo vestido de homem aranha no gesso branco.

– Parece que a Elis não sabia se matava o Antônio ou cuidava dele. No fim acabou cuidando do Perereco. A Fofinha xingou ele demais, mas disse que vai dormir na cama dele para cuidar.

Luiza ri e termina com um suspiro. Puxo ela mais para o meu lado ainda e escuto clique do celular dela tirando uma foto nossa.

– Coloca aquela legenda que vimos esses dias.

– Hastag after sex? Tá afim de receber um nude do meu pai e da tua irmã?

Depois que, finalmente, nós assumimos, começamos uma pequena guerra entre os casais. Se a Carla e o Luiz colocam uma foto juntos, a Luiza faz questão de postar uma nossa. Se a Luiza me marca em alguma postagem bonitinha, a Carla pega a mais melosa e marca o Luiz. E assim a briguinha dura eternamente.

– Eca. – Luiza faz uma cara de nojo. – Olha isso. – Ela me empurra o telefone onde o Luiz está desentupindo a Carla.

Empurro o celular para não ver tal cena. Já basta as fotos da Carla amamentando todos os dias que eu recebo. A favorita dela é do Rique rindo, agarrada nela como leite escorrendo pelo seu queixinho. A cena é linda, mas ainda são os peitos da Carla. Nenhum irmão tem que ter tal foto registrada no seu celular.

– Já pensou se eu tivesse colocado aquela hastag?

– Pelo menos seria uma boa desculpa para eu te agarrar nesse momento.

Sinto a Luiza virando o pescoço e olhando séria para mim. Me finjo de louco, fecho os olhos e aperto a minha mão na sua cintura.

– E desde quando tu precisa de desculpa para me agarrar? Eu sei que não preciso de nenhuma para fazer tal coisa.

E quando dou por mim, tenho uma certa Ferrugem montada no meu corpo. Ela começa a

tirar a minha camiseta, e quando eu me sento para ajudá-la nessa tarefa, me perco no seu olhar azul acinzentado.

Falar de amor nunca foi uma coisa fácil e eu acredito que não é todas as pessoas que conseguem colocar em palavras o sentimento. Eu sou uma destas, não consigo me expressar corretamente e sempre acabo me perdendo nas palavras ou então não saindo do jeito que eu imaginava.

Porém, agora, eu sei que palavras não são necessárias para a Luiza entender que eu a amo. Ela é bem inteligente e sabe que eu faço isso todos os minutos do meu dia.

É por ela que eu levanto pela manhã e preparo o seu café, só para ela dormir aqueles minutos a mais. Que eu faço o almoço, mesmo quando não é a minha vez no rodízio, limpo a casa enquanto ela trabalha e massageio os seus pés quando ela se atira no sofá quase colocando eles no meu rosto. Chego a trocar a água do Miche mais regularmente só para ela não reclamar do cheiro. Eu cheguei a mudar a minha vida e adaptar ela só para estar ao lado da Luiza.

– O que houve? – Luiza para de me beijar, coloca as mãos na cintura e me observa.

– Nada. – Sorrio e quando tento voltar a beijar ela se esquiva.

– Te conheço e não é de hoje, Denski. Desembucha ou vai dormir no sofá. Junto com aquela tartaruga fedida.

– O Miche não está fedendo, limpei o aquaterrário dele sexta.

– Não adianta limpar, ele é fedido e ponto. Agora fala de uma vez.

Agarro a Luiza pela cintura e quando ela menos espera, a jogo na cama e prendo suas pernas embaixo das minhas. Seguro os seus braços em cima da sua cabeça geniosa e me aproximo dos seus lábios. Beijo rapidamente e ou até o seu ouvido e falo uma coisa que ela sabe, mas já que a curiosidade é tanta, eu não tenho escolha a não ser falar.

– Eu te amo, sua Ferrugem.

Sinto ela me empurrar e eu a liberto.

– Era isso? – Desdenha revirando os olhos. – Isso eu já sei há tempo, antes mesmo de nós termos alguma coisa. Agora para de frescura e vem aqui me agarrar de uma vez.

E eu, como bom pau mandado que sou, não hesito mais. E no fundo, percebo o sorriso da Luiza com a minha declaração. Ela se faz de durona só para não perder o costume.

Capítulo 55

Por Luiza

O casamento.

O tempo se esgotou rápido demais, e por um triz, eu não consegui acabar tudo a tempo. Foram dias e noites em cima da coitada da minha máquina de costura e dos croquis. Milhares de neurônios queimados para buscar inspiração, não sei de onde, para criar tantos vestidos. Desde os dois de noiva da Carla, das madrinhas, das crianças, das minhas dindas e da mãe da Carla.

Resultado de tudo isso: uma Luiza completamente acabada. E quando isso acontece, tudo no meu corpo se desregulaliza. Meu cabelo está caindo, meu corpo está todo inchado, minha menstruação não desceu e tudo me enjoa. Detesto quando eu fico assim.

Agora estamos em casa desde ontem, quarta. O Diego andou fazendo umas boas horas extras e conseguimos tirar essa semana até segunda pela manhã. Umas feriazinhas que nós precisávamos.

Neste meio tempo, enquanto eu estava atolada de trabalho, ainda ficamos com uma criança por uns quatro dias lá em casa. Mais uma que saiu da rua e está feliz na sua nova casa com uma família. Fora os resgates que o Di participou junto com os guris.

Eu acabei de acordar, o meu quarto rosa se ilumina com o sol entrando pela janela. Chego a levar um susto ao sentir toda a cama só para mim, mas aí eu lembro da “briga” de ontem à noite com o pai. Ele teve a cara de pau de não deixar o Diego subir para dormir comigo. A minha vontade era de dar um soco naquela cara lava do seu Luiz. Só não fiz isso porque o véio estava com o Rique, rindo de tudo, no seu colo.

Subi as escadas em direção ao meu quarto, com o aquaterrário do Miche nas minhas mãos, como se tivesse meus treze anos de volta e era revoltadinha com tudo e todos. E ainda bati a minha porta com toda a força quando entrei no quarto. Se catar, né?

Olho para o lado e encontro o Miche, aproveitando o sol da manhã. Chego até a sorrir para a tartaruga ET, então saio correndo da cama em direção ao banheiro e começo a vomitar.

– Jesus, maldito lanche com maionese caseira que eu comi quando chegamos ontem. – Gemo e decido por tomar um banho.

Bem disse o Diego para eu não comer mais maionese do que lanche. Aposto que ele também deve estar passando mal, já que para o Diego sair correndo para um banheiro não é preciso muita coisa.

Depois de tomar meu banho, alimentar o ET, desço as escadas e encontro o pai tomando café e o Rique muito interessado no que ele está comendo, na sua cadeirinha.

– Bom dia, filhota. Dormiu bem?

Pego o meu irmão no colo e nem respondo o meu pai.

– Bom dia meu gordinho. Como foi a tua noite? – Beijo e amasso ele.

– A dele ótima, a minha e da Carla péssima. – Escuto o pai dizendo enquanto eu ia até o micro-ondas esquentar o meu leite.

– Bem feito. – Murmuro e beijo mais um pouco do Rique por ele ser esse irmão perfeito.

– Ele acha que a cama dele tem espinho, aí fica chorando e não dorme até pular para a nossa cama.

Coloco o Rique na sua cadeirinha e me sento olhando sorrindo para o meu pai que me devolve o mesmo sorriso irônico.

– Pode tirar este cavalo da chuva, aqui em casa o Diego não dorme contigo. – Ele fala olhando sério para mim. – Isso se chama respeito.

Tomo um pouco do meu leite com nescau e respondo.

– Isso é ridículo. A Carla dorme aqui desde que vocês começaram a namorar e o pai dela nunca te proibiu de dormir lá. Tu até chegou a fugir da tia Lúcia uma vez. – Digo e ele segue comendo sem olhar para mim. – E agora quer criar essa regra ridícula?

Meu pai suspira com um sorriso no rosto. Termina de comer, pega o Rique no colo e antes de sair da cozinha, beija a minha cabeça enquanto eu me esquivo.

– Minha casa. Minhas regras. Tu dentro, Diego fora. Se o Rogério tivesse me dito isso, eu aceitaria.

– Aceitaria nada – Carla aparece e o Rique chega a dar um gritinho de felicidade ao ver a mãe. – Se o meu pai falasse alguma coisa, tu daria um jeito de mudar a cabeça dele. Assim como tu fez a minha mãe te amar tão rápido. Bom dia, Luiza. E pode ter certeza que o véio ali escutou bastante antes de ir dormir ontem.

– Bom dia, Carla. – Sorrio para a minha madrastra que sai com o Rique no colo e o pai atrás dela a chamando de guria.

Continuo a tomar o meu café da manhã e do nada o meu estômago se embrulha. Deixo tudo pela metade e saio da mesa já quase vomitando de novo.

– Tu já é branca, mas agora está um pouco mais. Aconteceu alguma coisa? – Encontro o pai no meio do caminho.

– Enjoada. Acho que foi a maionese ontem.

– Quem mandou comer demais? Tem remédio lá no meu armário, se precisar.

– Pode deixar, pai. – Ele me abraça e beija a minha bochecha me apertando igual ao Rique.

E eu aproveito um pouco de carinho do meu véio, teimoso e que inventou mil e umas regras para mim. Vou para a sala e me deito no sofá olhando tv. Fico de pernas para cima até o meu estômago voltar ao normal e chego até adormecer um pouco. Acordei no susto com o Diego parado na minha frente e com uma cara desconfiada.

– Tudo bem? Teu pai disse que tu estava enjoada.

– A maldita maionese. Aposto que tu já deve ter ido ao banheiro umas três vezes só hoje pela manhã. – Me levanto, e se não fosse o Diego me segurar pelo braço, eu teria voltado ao sofá.

– Que isso, Luiza. Está se sentindo bem? – Ele me ajuda a sentar e fica agachado na minha frente. – Eu comi a maionese e não me fez mal. Quer que eu...

– Não precisa chamar o pai. É o estresse dos últimos dias. Tu sabe que eu não parei quieta e só comia quando tu me levava na mesa de desenho.

Diego chega a abrir a boca para falar alguma coisa, mas eu o calo com um olhar que ele conhece muito bem. Aquele que se ele inventar em dizer um “a” se for, a briga começa e só para quando os destroços da casa estão por cima da sua cabeça dura. E por isso, ele fecha a boca e sorri para mim.

Carla entra na sala com o Rique no colo e já atirando ele no nosso meio.

– Preciso ir ao salão ver algumas coisas, o Luiz vai lá para o asilo. Bunda limpa e barriga cheia. Só não deixem ele sozinho, que ele dorme, está com sono. Não o agitem demais que ele vomita. Qualquer coisa me liga, ou liga para a mãe.

Nem temos tempo de responder alguma coisa e ficamos com o Rique sozinhos. Ele está muito entretido em comer as próprias mãos e rir para o nada. E depois de algum tempo ele dorme.

Consegui aproveitar um pouco da manhã ao lado do Di, sem o olhar inquisidor e de quem está tramando mil e uma forma de tortura ao Diego. Até a Carla revirava os olhos e cutucava o pai quando ele ficava muito fixado no seu irmão. Com certeza ele deve estar roxo no braço de tanto beliscão que levou.

A saída dos dois não demorou muito, assim que o Rique abriu os olhos e deu uma choradinha, o barulho da moto gigante da sua mãe o acalmou. E depois, com a chegada do pai, o seu mundinho infantil estava completo.

Almoçamos em conjunto e no meio da tarde, enquanto eu colocava um biquíni para me atirar na piscina e ver se pegava uma cor diferente do branco albina, uma surpresa me alegrou.

– Maurício! – Pulo no colo do meu primo quase derrubando nós dois!

– Oi, Lu! Que saudade, prima! – Ele me beija e me abraça forte.

– O que tu está fazendo aqui?

– Três coisa. Primeiro, ver a minha prima, saber das novidades ao vivo e não por uma conversa por celular.

Posso não ver o meu primo regularmente, mas todos os dias a gente bate o cartão na nossa conversa particular. Ainda mais depois que ele se mudou e está comandando uma escola no interior. E pode ter certeza que as nossas conversas são quilométricas e com sentimentos que a gente não consegue expressar para outras pessoas.

– Segundo, – ele continua a contar – síndrome do ninho vazio. Dona Lena e Seu Gê estão sofrendo com a saída de casa do filho de quase trinta anos. Como tu suportou toda essa pressão psicológica, Luiza?

– Aguentei? Meu pai quase virou alcoólatra e eu um zumbi. Mas relaxa que eles vão tirar de letra, os dois tem um ao outro para se cuidarem.

– Exatamente, os dois. Mas eles não querem ser dois mais. – Chego a arregalar os olhos com isso, e o Maurício já me tranquiliza. – Não, eles não estão pensando em se separar, longe disso. Depois eu te explico a sós, porque ainda tem a terceira, mas não menos importante, trouxe

duas pessoas que estavam lá em casa e assim que souberam que tu estava aqui, me incomodaram até eu trazer elas aqui.

Me viro e vejo a Júlia pendurada no Diego. E quando os dois se soltam, vejo a Nilza. A senhora que cuidou do meu pai quando criança, e também de mim.

– Nana! – Corro para o seu lado e a abraço tão forte quando uma pessoa de idade pode aguentar.

– Minha pequena Joana! – Ela coloca as mãos no meu rosto e seus olhos se enchem de lágrimas. – Cada dia mais parecida com a tua mãe. – E como sempre, quando me falam isso, quem fica a ponto de chorar sou eu.

– Como tu está, tia? Estava com tantas saudades!

– Eu estou ótima, sempre cuidando da fazenda, esperando que alguém apareça por lá.

– Hey, tia Nana, a gente foi semana passada! – Julia rouba a cena e eu me abraço com a espoleta que tem uma queda pelo Diego. E eu não posso dizer nada, porque sei que na idade dela tinha uma queda por qualquer cara que fosse bonito.

– Vocês vão lá e passam pouco tempo. Tem que ficar mais e levar o Henrique. Quando o meu Luiz levou o bebê para lá com a Carla eu fiquei tão feliz!

E outra vez ela se transborda em lágrimas. O pai sempre foi como um filho para ela, e sei que ver essa ascensão à felicidade dele contagia todos que assistiram os seus anos de sofrimento.

– Olha lá o gostoso do Rique. Vou lá apertar aquelas bochechas dele! – Julia sai correndo e carrega o Maurício junto com ela.

Diego se junta a mim e a Nana que fica dizendo que desde que nos viu juntos sabia que estávamos destinados. E como sempre a família Lavorini testemunhou que tudo que a Nana fala se concretiza. Assim como ela disse que a Dinda Lena era a esposa ideal para o Dindo Gê, e que a Dinda Vivi ia conseguir, depois de um bom tempo, colocar o Dindo Beto nos eixos. E a principal de todas, desde criança ela dizia que o pai e a mãe iam se casar e ter uma menina.

Então criou-se a profetiza Nana, lembro do vô perguntando para ela se ia chover em um dia ensolarado de verão e ela confirmar uma chuva forte. Eu, na minha santa ignorância de criança duvidei e fiquei assustada quando os primeiros ventos do temporal chegaram. Eu e o Maurício ficamos quase um mês pensando que a tia Nana era uma bruxa, mas uma bruxa do bem que só fazia coisas boas para nós.

É batata. Tudo que sai da sua boca se concretiza.

Ficamos mais um tempo conversando, até ela colocar a mão na minha barriga e olhar para mim e o Diego.

– E para quando é a menina de vocês?

Capítulo 56

Por Diego

Existem momentos em que o mundo para de girar. O relógio não se movimenta e tudo ao redor fica estático. Simplesmente tudo se congela, resetando-se e volta a funcionar normalmente. Só que às vezes, no voltar a funcionar, alguma coisa se perde no meio do caminho e demora mais ainda a voltar para o seu lugar.

Eu já passei por momentos assim. O primeiro quando eu tive que carregar a minha irmã no colo em direção ao hospital, com ela se esvaindo em sangue no seu aborto de anos atrás. Naquele momento eu sabia que a vida dela, e a minha e dos nossos pais, havia parado totalmente e quando voltou a funcionar, alguma coisa importante ficou para trás. Outra vez que eu posso citar que isso me aconteceu foi há pouco tempo, quando eu senti o cano frio da arma encostando no meu pescoço e o gatilho sendo puxado. Meu mundo congelou e quando voltou a girar, eu percebi que eu tinha mais a perder do que a ganhar com a minha morte no trabalho.

E agora, estou vivendo um desses episódios. A Tia Nana sempre foi uma segunda mãe para a Luiza e quase a principal para o Luiz. Desde que a conheci, escuto os dois falando com tanto amor e carinho pela senhora que cuidou de ambos e, se deixar, faz isso até hoje. E também fui apresentado as suas profecias que nunca falham. A Luiza já me jurou de pé junto que todas elas acabam acontecendo.

– Que é isso, Tia Nana. – Luiza sorri e disfarça que ficou tão chocada com a frase como eu.
– Eu ainda não estou grávida. Ainda falta uns bons anos para eu e o Di pensarmos nessa possibilidade e....

– Ah, minha Joana – Tia Nana pega as mãos da Luiza e as beija. – Eu soube de cara quando a tua mãe estava grávida de ti, antes mesmo dela e o teu pai desconfiarem. E agora eu também sei que vem uma menina por aí.

A Luiza chega a ficar mais branca do que o normal com isso. E eu? Se eu não estivesse escorado em nesta mesa aqui, já estaria estirado no chão há muito tempo.

– Vou te trazer uma muda de hortelã para ti fazer chá pela manhã. Era a única coisa que acaba com os enjoos da tua mãe.

Nana olha para mim, sorri e sai caminhando em direção ao Luiz que a abraça levantando do chão.

– Luiza....

– Diego...

Ela se volta para mim e percebo que nós dois estamos à beira de um ataque de pânico.

– Meus enjoos são da maionese de ontem, o estresse sempre atrasou a minha menstruação e.... – Ela para de falar e suspira.

– Tu realmente acredita que estes sintomas são isso mesmo? – Ela me encara e eu, conhecendo todas as faces da Luiza, nem preciso de resposta.

Assim como eu, a Luiza não é tão ingênua para pensar que realmente a maionese de

ontem estava estragada e o estresse está fazendo a sua menstruação atrasar. Seria muita coincidência os dois agirem no mesmo período e sem contar que eu, Carla e Luiz nos lavamos nos hambúrgueres ontem e nenhum ficou mal. E a queda no sofá hoje pela manhã?

Jesus....

– Acho que precisamos de uma comprovação clínica antes de surtarmos. – Ela respira fundo e tenta se acalmar. – A Nana pode estar pensando no futuro e querendo me assustar.

Tento concordar, mas não tenho tanta convicção assim de isto seja uma brincadeira para testar como anda o meu coração. Posso atestar por mim mesmo que ele está em boas condições. Não preciso de um susto destes para isso.

– Amanhã pela manhã vamos ao laboratório da outra rua, o exame deve ficar pronto na parte da tarde e aí nós vamos curtir o casamento sem nenhuma preocupação, certo? – Digo para uma Luiza com os olhos arregalados surtantes.

Ela me abraça e eu a aperto nos meus braços.

– Nenhuma palavra sobre isso. Com qualquer pessoa. – Ela me solta e selamos um acordo.

Amanhã esta história será revelada. E seja lá qual for a resposta, eu sei que vamos estar prontos para encarar qualquer uma. Até porque uma criança sempre vai ser bem recebida nas nossas vidas.

Luiza sai para espairecer para outros lados e vai para o lado da Júlia, sua prima, e eu tento me misturar em algum lugar. Porque eu sei se ficar sozinho vou ficar pensando em uma criança com os olhos azuis acinzentados ou com o cabelo com cor de ferrugem me acordando todos os dias e me chamando de papai.

Por Luiza

Sem pensar no que a Nana me disse.

Só vou pensar nisso quando receber o exame negativo amanhã e tirar esta sombra de dúvida de cima dos meus ombros. De maneira nenhuma eu estou grávida. Todo anticoncepcional há tanto tempo que se eu resolver engravidar devo parar um ano antes para o remédio parar de fazer efeito e...

Aahhhh, meu Deus! A Elis engravidou tomando remédio, a Su porque esqueceu por dois dias, a Liv por causa de um antibiótico. Se o ditado é quem está na chuva é para se molhar, eu ando em uma tempestade contínua.

Cala a boca, Luiza! Esquece isto! Foca em outra coisa como..... O Diego fazendo o Rique rir como eu estou vendo na minha frente! Ele é tão carinhoso com o afilhado, adora fazer ele rir e cuida dele quando a Carla precisa. Hoje mesmo ele até trocou uma fralda, coisa que eu fugi léguas e nem quis chegar perto. Com certeza o Diego vai dar um excelente pa....

Certo. Agora eu parei de pensar nisto! Vou me sentar com o Maurício e saber das últimas novidades que o meu primo quer me contar. Com certeza não deve ter nada a ver com crianças ou gravidezes inesperadas.

Sento ao lado do meu primo na beira da piscina e começamos a conversar. Conto para ele a repercussão da minha loja e de como eu estou trabalhando arduamente nela. Do reconhecimento

dos clientes, de algumas revistas de modas do país e o retorno positivo da filial onde eu trabalhava na Itália. Não consigo escapar do assunto Diego e acabo reafirmando aquilo que o Maurício já sabe. Que estar com o Di foi a coisa mais certa que eu já e que a vida ao lado dele parece mais leve e simples do que antes.

Escuto o Maurício falar de todas as suas conquistas na nova escola que ele está administrando. De como é a vida de um cara da cidade grande que se mudou para o interior. A calmaria das ruas, de poder ainda sentar na frente de casa para conversar com os parentes, sem medo de assalto e conhecer todos os moradores da cidade por nome e sobrenome. Chega a ser engraçado escutar isso, já que eu nunca consegui sair dos grandes polos. E se eu souber o nome de dois ou três vizinhos é muito.

– Disso eu não reclamo, Luiza. Tu sabe que a nossa preocupação de filhos não é nós. – Concordo e olho para o meu véio brincando na piscina com a Júlia. – O pai e a mãe sentiram demais a minha saída. Assim como eu senti também, mas com tanto trabalho, mal chego em casa e só penso em dormir. A mãe me liga todos os dias e o pai qualquer coisa que acontece ele já me liga para conversar.

– Eu imagino. Ainda mais que vocês são duas horas de distância. Parece que a saudade é maior ainda e a vontade de pegar o carro e se mandar é gigante para suportar.

– Muito. Nos primeiros dias eu fiz isso umas duas vezes. De sair à tarde da escola e só dormir em casa com eles e voltar. Ser filho único é uma a mais nisso tudo. Os dois só focaram e mim toda essa preocupação de pais, e agora que eu sai... – Rio.

– Eu sei como é. E te digo uma coisa, depois que o Rique chegou a coisa não ficou melhor, sabia? O pai me liga todos os dias e fora as milhares de mensagens querendo contar as façanhas dele, ou então eu estou na volta querendo saber as notícias. Mas lá no fundo é um pouco reconfortante saber que, daqui uns anos, o pai vai ter outro filho para contar quando precisar.

Maurício pensa nas minhas palavras e suspira. E eu, conhecendo o meu primo, pela sua expressão, sei que ele ainda tem mais coisa para me falar.

– Não sei se tu lembra, ou sabe da história da vó e da mãe. – Ele olha sério para mim.

Conheci a minha vó, mas não tive todo aquele contato que as crianças normalmente têm. Meu pai sempre foi o filho renegado dela. Ela nunca foi um exemplo de mãe amoroso e cuidadosa com o pai, quem fazia esse trabalho era a Nana. Naquela época, as doenças psiquiátricas e psicológicas não eram tão conhecidas e aceitas como são hoje. O pai sempre classificou ela como depressiva e com outros distúrbios que ele fala com tanta fluência do que eu falando de tecidos. Sabendo desses prognósticos, ele relevou e perdoou todos os abusos que sofreu na infância, porém não a reconhece como além de uma genitora. E nem por estes nada pequenos detalhes ele deixou de ser o melhor pai do mundo para mim e está sendo o mesmo para o Rique.

– A mãe nunca foi o modelo de nora que a vó queria para o pai.

– E a Dinda Vivi, a mãe e a Carla seriam? – Maurício ri junto comigo e concorda que nenhuma seria mesmo.

– Que seja, mas a mãe, como esposa do filho mais velho dos Lavorini levou nas costas o

dever de dar a família um herdeiro. Depois de casados eles tentaram por uns sete anos e nada dela engravidar. Foram a médicos e nenhum conseguia explicar do porque aquilo acontecia. E a vó pressionando a mãe por isso. A mãe conta que pensou que o pai ia abandonar ela por causa disso e quando ela descobriu que estava grávida de mim, só rezava para que eu fosse menino e que viesse com saúde. Porque se eu fosse menina ela não sabia se ia aguentar a vó a chamando de todas as coisas e dizendo que ela só estava com o pai por causa do dinheiro dele.

Eu sempre escutei estas histórias. Mesmo, hoje, sabendo que a vó era doente, no fundo eu não consigo imaginar certas coisas que ela fazia. Xingar a Dinda Lena era o segundo passatempo favorito dela, o primeiro era rebaixar e espancar o pai. Eu mesma ela xingava quando eu era criança e o vó que ia me defender.

Meu avô sim era um exemplo perfeito de avô. Ele levava eu e o Maurício as escondidas para tomar sorvete das nossas mães. Nos dava dinheiro para comprar balas e chocolates. E quando a gente menos esperava ele chegava nas nossas casas com presentes gigantes. Sem contar quando ele nos tirava de dentro da sala de aula e nos levava para a fazenda para passar a tarde com ele na piscina. Lembro da mãe e o pai em pânico me procurando na escola um dia e eu na fazenda brincando na piscina com o Maurício na chuva. Fiquei uma semana com febre em casa depois disso.

Inconscientemente coloco a mão na minha barriga lisa e fico imaginando o meu pai como avô. Tenho a certeza que o meu véio iria pirar com a notícia. Primeiro ele iria literalmente surtar, mas depois do choque inicial e quando a menina nascer, ele iria ficar o avô mais bobo e babão do mundo. Se com o Rique ele já é assim, imagina com uma neta, na qual a sua função maior vai ser mimar e fazer todas as vontades que eu e o Diego não vamos deixar. Aposto que ele, o Rique e a minha filha vão ser o trio terror da cidade. Se juntar com os pais do Di e a Carla, o sexteto está armado e ninguém vai conseguir conter eles.

– Luiza....? Tudo bem? – Maurício me pergunta depois de eu ter dado um vácuo nele por alguns instantes.

– Tudo mais que ótimo. – Sorrio e continuo com a mão em cima da minha barriga ainda sem nenhum sinal óbvio de gravidez.

– Continuando então. O Dindo Luiz andou conversando com a mãe sobre essa função do ninho vazio e que ela e o pai andavam sozinhos em casa, sem saber o que fazer para preencher o vazio que eu deixei em casa. Aí o teu pai deu uma ideia para a mãe. – Maurício hesita e olha para mim.

– O que o pai sugeriu? – Questiono sabendo que quem me criou tem as ideias mais loucas que alguém normal pode ter.

– Chega a ser óbvio, e o teu pai, sabendo que depois que eu nasci a mãe deixou nas mãos de Deus, como ela diz, se engravidasse de novo. Não tomou nenhum remédio e entrou na menopausa antes dos quarenta anos. E agora, ela com 54 e o pai com 59....

– Fala de uma vez Maurício. – Quase bato no meu primo para ele destrancar e avançar um pouco no assunto.

– Teu pai falou para ela de adoção. Adotar uma criança entre oito e dez anos para eles cuidarem como filho.

Coloco as mãos na boca para suprimir um grito histérico.

– O vírus da adoção contaminou a minha mãe e ela convenceu o pai. Ele me ligou no início da semana para saber o que eu achava da ideia. E o que eu poderia dizer, Luiza? Meu pai faz tudo para o outro ser feliz, e se a mãe quer ser mãe outra vez, o pai não vai se opor e ainda ficou bem animado com a história toda.

– Vírus da adoção, não, Maurício! – Dessa vez eu dou um tapa no ombro do meu primo o empurrando para a frente. – Vírus do amor! Olha a felicidade do pai com o Rique! E olha que ele tinha encerrado a fábrica quando eu nasci. Já a Dinda sempre quis ter outro, isso é lindo, Maurício.

Meus olhos se enchem de lágrimas em saber que a minha própria família está se engajando com essa causa. Uma causa que eu e o Diego lutamos por baixo dos panos em prol das crianças que precisam tanto de uma família, como a dos meus dindos, para as amarem e cuidarem.

– Eu sei. – Ele suspira. – Nunca pensei que eu fosse ser um irmão mais velho. E falando neles, acabaram de chegar.

Vejo o tio Gê e a Dinda Lena chegando e me levanto rápido, tonteando um pouco.

– Nunca é tarde para aprender a ser um irmão mais velho.

E nem uma mãe, meu subconsciente me fala e eu saio correndo em direção aos meus dindos.

Quando eu me abraço com a minha Dinda, seguro as lágrimas, a cumprimento por tão belo gesto e digo que estou tão feliz para isso acontecer. Sentamos e conversamos sobre isso por um bom tempo. Dinda Lena me disse que estava com medo por causa da idade deles e eu tive que rir sobre isso.

Não há idade para distribuir amor para crianças. Uma criança não vai ligar se o seu pai e mãe adotivos já tem certa idade. Se o pai tem fôlego para aguentar os plantões à noite, trabalho de dia e o Rique com todo o seu pique de bebê, quem dirá eles com um já entre oito e dez anos.

Acabou que quando vimos, o Dindo Beto e a Dinda Vivi apareceram e logo após o Tio Rogério e Tia Lúcia. Uma verdadeira convenção entre os Lavorinis e Denkis, que agora estão unidos por tantos laços de amor e amizade que formamos uma única e grande família.

Capítulo 57

Por Luiza

– Não está com calor com esse casaco? – O pai me pergunta de dentro da piscina com o Rique fazendo a maior folia.

– Nenhum pouco. – Minto.

Na verdade, eu estou me sentindo em uma sauna. Deve estar quase uns 35°C e eu aqui de casaco. Eu até poderia tirar o casaco e me atirar na piscina para brincar com o meu irmão. O problema é que a guria que tirou o meu sangue hoje pela manhã, me deixou com um roxo tão grande, que eu pensei que fosse ter uma hemorragia interna e perder o braço por causa disso.

Pior que eu nem posso falar nada. Minha pele é branca como papel, então qualquer coisa que para as pessoas com melanina normal não passaria de um pequeno roxo, para mim é como se eu tivesse apanhado feio no local.

E como eu não estou afim de explicações para todos que vão chegar em pouco tempo do porquê deste roxo no braço, especialmente o pai, nada melhor do que uma sauna natural antes do casamento para não correr riscos de o vestido ficar apertado. E amanhã, muito corretivo no braço para disfarçar e colocar a culpa em alguma maçoneta alheia.

Acordei com o Diego me ligando, incessantemente. Tive vontade de jogar o celular na parede quando ele começou, e só não fiz isso, porque eu tive que correr para o banheiro e vomitar. O enjoo só passou quando eu desci as escadas, me encontrei com a Nana e ela me esperava com o tal chá de hortelã que tinha o poder de parar com esse mal-estar. E para o meu espanto, depois de alguns goles, eu já me sentia bem melhor.

Quando o Diego chegou e nós saímos em direção ao laboratório, eu comecei a chorar. Ainda não consigo me imaginar nesta situação. Estar grávida era um sonho muito distante, que nem nos meus devaneios e agenda se encaixavam com perfeição.

Simplesmente não consigo me ver mãe de uma criança. Eu vejo o trabalho que o Rique dá para o pai e a Carla e não me vejo resolvendo nenhum dos choros que ele tem durante o dia. Quando eu penso que ele está chorando de fome, a Carla já me corrige dizendo que é sono, e quando eu penso que é sono, é apenas manha para sair da cadeirinha e filar um colo alheio por aí.

Eu escutei ele abrir o berreiro umas três vezes durante esta noite. Percebi os passos do pai nas escadas subindo e descendo para buscar coisas. Ouvi a Carla caminhando no corredor entre os quartos cantando para ele dormir e ele resmungando, como se quisesse dizer que não queria dormir e sim festa.

Não.

Não consigo me ver fazendo nenhuma destas coisas. Posso amar o meu irmãozinho, mas não tenho nenhuma paciência para decifrar choros e trocar fraldas recheadas de presentes quase que toda a hora.

O tempo que nós ficamos com a Florzinha e o Vini lá em casa me provou isso. Eu não dormia, parecia um zumbi, e quando eles saíram, eu dormi o dia inteiro. Quando a coisa apertava eu dava para o Diego resolver. Ele sim tem bem mais paciência do que eu nestes assuntos. O Di

consegue decifrar o que o Rique quer, ele não se importa de ficar a noite em claro e nem de trocar fraldas.

Já eu não. Ficar alguns dias, tudo bem, eu dou um jeito, aguento uns choros e troco umas fraldas. Agora, para sempre....

Rique começa a chorar quando o pai tira ele da água e o entrega para a Carla. A tarde já começa a cair e a temperatura também. Fico vendo o pai nadar pela piscina e quando ele sai, sento ao meu lado.

– Como tu consegue? – Pergunto vendo ele secar o cabelo com a toalha.

– Nadar? Tu sempre foi uma pedra dentro d'água, nunca conseguiu aprender nem a boiar e...

– Não pai. Ser pai... como?

Ele ri e se aproxima de mim, me molhando toda.

– Sinceramente? Não tenho a mínima ideia. Mas eu tô aí na atividade de novo. Tinha jurado para mim mesmo que não ia ter outro filho depois de todo o trabalho que eu e a tua mãe tivemos para te criar, para depois ela morrer e não ver o bom trabalho que fizemos.

Ele me aperta mais e volta a falar.

– Mas percebi que a gente não pode prometer estas coisas. O tempo passou, eu conheci a Carla e percebi depois de um tempo que eu estava louco para ter um filho com ela. Sofrer tudo que eu tinha sofrido contigo novamente. Perder toda a independência que eu tinha resgatado depois que tu saí de casa, toda a privacidade de poder fazer o que eu quiser dentro de casa e principalmente de poder dormir à noite bem mais sossegado. Dizem que é um reflexo do tempo em que éramos poucos no mundo e a nossa espécie precisava se reproduzir loucamente para povoar o mundo. – Ele dá os ombros indiferente. – Eu acredito em parte nisto, e também acrescento que, as motivações mudaram um pouco. Não temos mais filhos para povoar o mundo, isso ele já é até demais hoje em dia, e sim para eles cresçam e façam um mundo melhor e assim sucessivamente.

Carla chama o pai que me deixa com essa última frase no ar e me beija nos cabelos novamente.

Crianças que crescem e tornam o mundo um lugar melhor. Inconscientemente o pai imagina que eu faço isso. Torno o mundo novamente um lar de esperanças para que essas crianças que ajudamos cresçam e façam dele um lugar melhor. E assim recomeçando o círculo. Como o Bruno que foi resgatado e hoje resgata, e como o Fábio, médico que cuidou do Vini lá em casa, também estive na mesma posição e hoje trabalha voluntariamente cuidando de crianças que foram resgatadas e precisam de atendimento médicos.

E agora eu e o Diego podemos estar recomeçando um novo círculo.

Por Diego

Entro na casa do Luiz com um peso no meu bolso. O exame da Luiza que eu peguei na passada.

– Onde tu foi? Estava te procurando! – Carla olha para mim com aquela cara de quem está a ponto de matar um.

E o alvo escolhido foi eu.

– Não interessa. Preciso de um favor – ela continua a falar e ao mesmo tempo que tira a mão babada do Rique dos seus olhos.

Começo a fazer careta para o meu afilhado que ri.

– Era isto mesmo que eu ia te pedir. Brinca um pouco com ele que eu vou lá brigar com a mãe. – Pego o Rique no colo e ele começa a enfiar os dedos na minha boca. – Se ela não acalmar os ânimos dela eu vou surtar.... – Carla sai me deixando com o Rique e começa a gritar o Luiz pela casa.

Realmente agora eu começo a entender quando a Carla me contava que as noivas que ela atendia viraram um monstro e pior ainda ficava a mãe da noiva. Enquanto o Luiz está todo relaxado e com a sua rotina diária, evitando ao máximo se indispor com alguém e evitando ser encurralado por alguém, a mãe e a Carla se engalfinham pelos cantos. Uma hora é pela disposição dos convidados, outra pelo cardápio e a última que elas tiveram hoje pelo almoço foi os guardanapos das mesas. Até a Luiza teve que se meter na briga e apartar as duas, enquanto eu, o Luiz e o pai começamos a falar sobre a construção que o nosso vizinho está fazendo.

Escuto os gritos das duas e pego o Rique o levando para a rua onde eu encontro a Luiza sentada na beira da piscina.

– Olha a mana Ferrugem aqui. – Me sento ao lado dela e a beijo.

– Pegou? – Confirmo que sim. – Abriu?

Nego. Se a Luiza está toda com medo do resultado do exame, eu devo estar um pouco mais. E também vivendo uma montanha russa de sentimentos. Uma hora eu paro e penso em tudo que vem pela frente e no outro em todas as coisas boas que também vão vir.

Pego o exame amassado e quando entrego para a Luiza, alguém tenta interceptar com as mãozinhas já abrindo a boca para colocar nela.

– O Rique já quer morder a prima/afilhada. – Beijo a sua bochecha gordinha e a Luiza começa a abrir o papel com as mãos tremenda.

Quando ela pega o resultado dentro do envelope, eu coloco a minha mão na frente e faço ela olhar para mim.

– Independente do resultado, eu quero que tu saiba que isso não vai mudar nada, certo?

Vejo a sua hesitação e um aceno singelo de cabeça.

Luiza volta a olhar o resultado junto comigo e quando achamos os valores de referência e interpretamos, ambos nos olhamos e, outra vez, o mundo parece que para de girar e o relógio parar de se movimentar por alguns segundos, e voltam a funcionar depois normalmente.

Luiza começa a chorar instantaneamente, e eu com o Rique no colo, não consigo fazer muita coisa, a não ser abraçá-la de lado. Ela olha para mim e ao mesmo tempo que as lágrimas escorrerem eu vejo o brilho nos seus olhos e o sorriso se formando.

– Di, nós vamos ser pais! – Ela pula no meu colo e eu me divido em não deixar o Rique cair e abraçar a mãe da minha filha.

O riso do Rique nos acorda e ele se junta nós em um abraço coletivo e altamente desengonçado.

– O Rique é o primeiro ao saber que estamos grávidos! Maninho, tu precisa guardar esse segredo da mana, ok? – Ele fica sério como se estivesse entendendo a situação toda e sorri, concordando com as condições.

Escutamos alguém vindo em nossa direção e rapidamente a Luiza enfia o exame no meu bolso e limpa as lágrimas, sem sair do meu colo.

– Hey, agarração na frente dele nem pensar! – Luiz pega o Rique do meu colo e faz uma cara feia para nós.

Ele pode pensar que assusta todos com essa cara dele, mas não. O Luiz não faz nem cócegas no meu medo fazendo isto. Chega a ser hilário, isso sim. Principalmente depois dessa notícia.

Rique choraminga quando ele se afasta e antes de entrar em casa escutamos a sua risada alta. E eu finalmente consigo abraçar a Luiza como ela merece e compartilhar a nossa felicidade em segredo.

– Podemos contar hoje mesmo, não é? Aproveitar que vai estar todo mundo reunido.

– Hoje? – Ela olha para mim.

– Sim, estou louco para tirar essa cara de quem não está gostando nada disso do teu pai. Comigo sendo o pai da tua filha ele não vai poder mais me tratar assim.

– Isso não vai estragar o casamento? Sei lá, dele querer te matar na frente de milhares de pessoas de testemunhas.

– Luiza, eu levanto o teu pai do chão com uma mão só. E outra, eu não entendo esta pirraça, ele está casando com a minha irmã! Minha irmãzinha! Não pode falar um ai que for.

– Eu não aguento a competição de vocês dois! Minha vontade é de afogar ambos na piscina para deixarem de serem tão crianças, isso sim.

– Agora tu não pode fazer esforço. Deixa que eu afogo o teu pai com uma mão atada nas costas.

Luiza revira os olhos e volta a me beijar com um sorriso no rosto. Abraço ela e coloco a minha mão em cima da sua barriga, ainda lisa, mas que abriga a nossa filha.

– E a tua mãe? Como vamos lidar com isso?

– Primeiro eu tiro o sorriso besta de quem está por cima do teu pai, depois lidamos com a fera Denski. Tenho um truque na manga. Se ela pedir para eu voltar para casa e te trazer de arrasto, vou ter que abandonar o concurso interno que fiz e ficar na mesma posição de agente de campo.

– Maléfico. Gostei. Simples e difícil de ser rebatido.

– Convivência com uma certa Ferrugem, que vai ser uma ótima mãe daqui uns meses.

Luiza volta a encher os olhos de lágrimas, por trás do sorriso de felicidade e eu volto a beijá-la.

Capítulo 58

Por Luiza

Confusão. Essa é a palavra aqui de casa neste momento. Tem gente saindo para todos os lados que eu olho. É uma mistura da minha família, com a da Carla e de quebra os amigos e filhos de todos eles.

Acho que nunca vi a minha casa de infância tão alegre e viva como esta noite. As luzes chamam a atenção e conversa e risos me fazem respirar fundo essa onda de alegria e ficar contagiada.

– Sonhando acordada, Luiza? – Su passa por mim com o Otávio no colo.

– Um pouco. – Respondo com um sorriso e vejo os dois se afastarem rindo de alguma coisa entre eles.

Sonhando é pouco. Acredito que estar acordada e presenciar tudo isto é mais potente que um sonho qualquer. É a concretização de um desejo tão profundo que eu nem consigo acreditar que ele simplesmente vai acontecer amanhã.

Meu pai vai se casar! Vai subir ao altar novamente para jurar amor eterno pela sua guria perante todos nós. Não que a gente precise dele fazendo isso, só de olhar dá para notar que o seu Luiz é completamente arriado pela Carla. E ela não fica muito atrás.

Porém a simbologia de tudo que me encanta. Apesar das brigas que estão acontecendo entre a Carla e a sua mãe, sobre a decoração, tudo é emocionante e tão aguardado. Mal vejo a hora de ver a reação do pai ao ver a Carla vestida de noiva caminhando em sua direção pelo salão.

Ou de ver o Rique de terninho no meu colo durante a cerimônia. Sei que vou cansar de ficar com aquele pesinho no colo, ainda mais com ele olhando tudo e se atirando em direção dos pais. Ele adora fazer isso e se pega a pessoa desprevenido é capaz de cair dos braços das pessoas.

E as crianças? Chego a ficar mais um pouco ansiosa só de imaginar a Fofinha e o Antônio carregando as alianças e o Otávio e Bibi abrindo a cerimônia.

Ainda bem que a maquiagem de todas é à prova d'água. Ou o André e a equipe de fotos teriam muito trabalho com o photoshop, os olhos de panda com o rímel e a maquiagem escorrendo pelos nossos rostos.

Só de imaginar eu já fico emocionada, quem dirá amanhã vendo tudo ao vivo em cima e ao lado do Diego, que é outro que eu sei que vai chorar a cerimônia toda. Até porque nós dois estamos com os nervos bem à flor da pele hoje.

Grávidos.

Ainda não consigo entender como... ok, eu tenho a plena consciência de como aconteceu, mas não de como conseguiu burlar o meu medicamento. Simplesmente vou me tornar uma paranoica como a Elis ficou depois que o Otávio nasceu. Qualquer atrasada eu vou surtar e surtar o Diego de quebra junto. O AC, para se livrar da mulher louca, e de quebra do quarto filho, resolveu cortar o mal pela raiz. O Diego não vai ser tão fácil de convencer para uma coisa tão

radical como uma vasectomia.

Uma coisa eu aprendi, o cara pode ser o mais durão de todos, mas sempre tem um certo ponto fraco.

E deixando este problema futuro para daqui uns meses, meu foco se volta ao presente. Meu psicológico já começou a me pregar peças logo depois de horas de saber o resultado do exame. Passei por um espelho aqui em casa e tive que dar ré ao notar o meu reflexo diferente.

Procurei o Diego, no meio do mar de gente e crianças pulando e o arrastei para o meu quarto. Coloquei ele sentado na minha cama e tirei o casaco que eu estava usando e a blusa. Ele chegou a pensar que eu ia atacar ele no meio da festa, e quase me deu dó de ver a carinha de felicidade desmanchando quando eu perguntei se o meu corpo já estava diferente. E quis bater nele quando escutei a resposta que só fazendo um exame mais aprofundado para responder.

Tive que tirar a dúvida por mim mesma e mandar ele me ajudar a colocar o meu vestido de amanhã. Fiquei aliviada quando o vestido fechou e eu conseguia caminhar e respirar normalmente. Acredito que os meus peitos, que já não são grandes coisas, não irão triplicar de tamanho da noite para o dia.

Continuo a ver a festa aqui em casa e a Carla senta ao meu lado suspirando.

– Amanhã a loucura acaba. Não aguento mais esta pressão louca, e juro que todas as noivas que eu atender daqui para a frente nunca mais vou ameaçar elas de morte. – Rio.

– Relaxa, Carla. Vai dar tudo certo.

– Eu sei que vai, que planejou todo ele foi eu, a Su e a Elis. Nada vai dar errado, o problema é chegar até lá. Minha mãe mesmo anda mais louca do que nunca. Parece que o casamento é dela e tem que ser como ela quer. Tive que pedir ajuda para o Di, ainda bem que ele disse que vai fazer o foco dela desviar do casamento ainda. Sabe o que é?

Sim, o nosso bebê que está dentro de mim.

– Não. Ele me disse alguma coisa do tipo. A minha suspeita é sobre o concurso e o gabarito que ele corrigiu as escondidas. – Minto, um pouquinho para a minha madrastra/cunhada.

Peguei carona em um fato já confirmado sem nem mesmo sair o resultado oficial, já que nós sabemos que ele vai sair positivo e o mais breve possível.

– Eu espero que seja uma coisa bem chocante para amenizar os ânimos. Ahh, nem te preocupa com o teu pai e a tua função com o mano. O casamento passa e eu coloco ele no lugar dele. Onde já se viu essa picuinha dos dois, aliás, da parte do Luiz. Ele pode me agarrar na frente do pai e da mãe e vocês dois não? Vou cortar as asas dele rapidinho.

Carla se vira para mim e eu a abraço.

– Obrigada – murmuro para ela.

– Não há de que. Nós duas temos que nos unir contra eles.

– Não é por isso que eu estou te agradecendo. O pai é uma mula manca empacada, mas depois de um tempo desempaca. Eu estou falando de tudo. Isso – me refiro as conversas paralelas, o riso, a energia contagiante do ambiente – não seria possível se tu não tivesse aparecido da vida dele. E da minha também, se não fosse pelo relacionamento de vocês eu não

teria conhecido o Diego e...

Engravidado. Ajudado a tirar crianças da rua e dado a elas um futuro melhor. Ter crescido como pessoa, saído do meu mundinho cor de rosa e conhecendo a realidade das pessoas a nossa volta. E ter a oportunidade de ver o sorriso voltar ao rosto e, principalmente, a alma do meu pai.

Carla entende o que eu quero dizer e eu vejo os olhos dela se enchendo de lágrimas junto com os meus.

– Todo mundo da família de vocês fala isso para mim, mas ninguém enxerga o contrário. Que o Luiz fez tudo por mim. Ele que me tirou de um buraco tão fundo, e tão negro, que eu me arrepio só de pensar nele novamente. E agora...

Ela olha para todos a nossa volta e para os olhos no pai com o Rique no colo brincando daquele jeito que as crianças adoram, quase os colocando de cabeça para baixo enquanto eles riem.

– Não quero nem imaginar a minha vida como seria se eu não tivesse encontrado o Luiz. Não consigo me ver ser ter ele ao meu lado e agora o Rique. Com o teu pai eu realizei o meu maior sonho de todos. Se mãe. Uma coisa que foi roubada de mim tão brutalmente e ele me ajudou a recuperar, estando ao meu lado e me ajudando quando eu queria desmoronar.

Ela limpa as lágrimas.

– Nunca fui a protagonista desta história, Luiza. Os créditos são todos dele.

Por Diego

– Tem certeza de quer contar agora? – Luiza tenta me chantagear novamente. – Pode ter sido um falso positivo, ou eu posso abor....

– Não usa essa palavra, por favor.

– Desculpa, sempre esqueço que a Carla... – Ela olha para mim e fica quieta novamente.

– Quero contar de uma vez, isso vai amenizar os ânimos entre a Carla e a mãe. Aí ela se vai se focar em mim e eu aguento ela por mais tempo que a Carla. A mana perde a paciência rápido demais.

– Já tu é uma mula manca e empacada igual ao pai. – Olho para ela. – Que? Chamo o pai assim e também posso te associar ao apelido.

A Luiza não entende que eu cansei de me esconder em relação a ela. Principalmente agora que descobrimos que vamos ser pais. Fui contaminado com a felicidade da Carla em realizar o sonho de ser mãe e agora quero ser pai também.

– Se tu for com um olho roxo para o casamento eu não vou te emprestar a minha maquiagem.

– Tu acha que o teu pai vai conseguir fazer alguma coisa? Só se for muita hipocrisia da parte dele. Uma vez ele disse que o teu avô recebeu a notícia que tu estava vindo muito bem.

– Isso é verdade. O pai sempre diz, que o vô aceitou a notícia e ficou tão feliz em escutar aquilo. E também que a minha chegada foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele. Que se

não fosse por isso a vida dele não seria nada.

– Exatamente. O Luiz não seria louco de surtar por causa disso. No máximo uma surtadinha momentânea.

Luiza me abraça e eu aproveito a oportunidade de beijar aqueles cabelos cor de ferrugem que eu tanto amo.

– O esquema é o seguinte, – levo a Luiza para um canto e eu explico o meu plano enquanto eu bebo um pouco. – Antes da meia noite, os homens vão ficar aqui e as mulheres vão lá para a casa. O único intruso lá vai ser o Rique. A mãe não quer que o Luiz veja a Carla antes do casamento, uma tradição que ela quer manter e a mana não conseguiu a convencer ela ao contrário.

– A tia Lúcia me disse. – Luiza revira os olhos e quando ela faz menção de roubar o meu copo eu a interrompo.

– Sem bebidas para ti.

– Ahh, droga, esqueci deste detalhe. Estava contando de encher a cara amanhã.

– Plano abandonado. – Ela geme e por vias das dúvidas eu termino o meu copo. – Voltando a esse....

– Acho que não vai dar mais tempo de tu me contar. – Me viro e vejo o pessoal se despedindo das suas respectivas esposas e filhos para que a noite continue sem a presença uns dos outros.

– Droga.

Pego a Luiza pela mão e caminhamos até o meio do povo, desviando das crianças que correm brincando entre elas.

– Está pronta? – Olho para ela sorrindo.

– Nenhum pouco.

– Estão está ótimo.

Subo em uma cadeira e quando o povo não faz silêncio eu assovio alto, coisa que aprendi no exército e até hoje funciona para chamar a atenção e todos a nossa volta.

– Hey, pessoal! – Grito como uma ordem de comando que recebia dos meus superiores e o silêncio é imediato.

– Sim, general! – AC fica em posição de sentido e bate continência para mim.

– Se é para marchar eu já aviso que não estou em condições motoras de caminhar em linha reta. – Noah levanta o copo na minha direção.

– Muito menos eu. – André repete o ato.

– Aconteceu alguma coisa? – Liv pergunta arrumando a Bibi no seu colo.

– Sim. – Falo e quando eu tento voltar a falar o pessoal recomeça a conversar e a rir alto me fazendo repetir o assovio.

– Se tu fizer isso novamente eu te atiro o meu sapato, Diego! Isso dói na minha alma. —

Noah reclama.

– Cala a boca e deixa ele falar que talvez ele não repita. – Faça um agradecimento a Su pela ajuda.

Desta vez todos respeitam o meu pedido de silêncio e eu os observo a me encararem. Desde os meus pais, os dindos e primos da Luiza, os amigos da minha irmã e um certo Luiz com cara de quem está com uma dor de barriga infernal.

– Bom, vou ser breve, para a festa continuar. Todos estão muito felizes com o casamento do Luiz com a Patotinha e de como as famílias se uniram nestes últimos dois anos.

Vejo o Luiz murmurar alguma coisa e a Carla dar um cotovelaço nele e continuar sorrindo em minha direção.

– E para aumentar a felicidade de todos, eu e a Luiza temos mais uma novidade para contar.

Ajudo a minha ferrugem a subir na cadeira ao meu lado e seguro a sua mão fortemente. Com um sorriso cúmplice, ela olha para mim e eu dou a deixa para ela que se vira para todos e anuncia.

– Eu estou grávida.

E só escutamos o barulho do Luiz desmaiando no chão.

– André, tu gravou isso? – AC grita e o Noah começa a rir do acontecimento.

– Cadê a Vivi para ajudar aqui?! – Lena grita.

– Deixa ele ter o ataque cardíaco dele em paz. – Vivi grita do outro lado da multidão e rindo. – Vaso ruim não quebra com facilidade assim!

Luiza e eu descemos das cadeiras e ela sai correndo em direção ao pai estirado no chão. Ajuda ele a sentar e a recobrar a consciência.

– Eu bebi demais e alucinei que tu anunciou que estava grávida.

– Não é alucinação, Luiz. – Minha mãe se mete no meio do povo e entrega um copo de água para ele. – Nossos filhos vão ser pais! Vou ser avó de novo!

E ela vem correndo na minha direção me abraçar quase me derrubando no chão. Minha mãe começa a chorar desesperadamente e quando eu olho para a Luiza, ela já está imersa no meio do povo sendo abraçado por todos a sua volta.

Aos poucos os guris vêm na minha direção e me cumprimentam também, e dizendo que esse foi o melhor anúncio de todos. O vídeo do Luiz desmaiando vai ganhar a internet antes mesmo do casamento acontecer.

Até eu concordo. Uma anunciação digna de todas essas famílias aqui reunidas.

Capítulo 59

Por Luiza

Dizem que a maior invenção da humanidade é o fogo. Alguns divergem dizendo que é a roda, ou até mesmo os antibióticos. E para mim, principalmente hoje, a maior criação do mundo é a maquiagem a prova d'água.

A Carla está uma princesa. De nome e de roupa, modéstia à parte. Os trabalhos nela começaram cedo, ainda mais que ela não consegue suportar tantas pessoas a sua volta. O máximo que conseguimos era uma por vez trabalhando nela e o Rique pendurado.

Além da maquiadora, cabelereira e manicure, temos um mar de opções a nossa frente. Nunca tinha ido a um casamento realizado pela Elis e a Su assim pelos bastidores. E não quero perder mais nenhum outro. Eu e a minha pequena ferrugenzinha, como o Diego já chama o nosso filho, estamos quase explodindo dentro do vestido de tantas coisas que ofereceram para nós comermos enquanto nos arrumamos.

Eu fui a última a me vestir. Ajudei todas as meninas, desde a Bibi, passando pela Fofinha e a Sarah, até chegar nas madrinhas e por último na Carla. Tudo isso altamente registrada por uma fotógrafa que o André recomendou.

Pelas fotos que eu vi de relance com a fotógrafa, tem uma de roupão da Carla, enquanto faz as mãos, com os bobs na cabeça e amamentando sorrindo o Rique. O retrato perfeito de uma mãe no seu dia de princesa. Realmente até eu fiquei com uma pontinha de inveja ao ver a imagem.

Depois de vestir todo mundo, nós sentamos e esperamos. Estávamos com tempo de sobra para o horário do casamento acontecer. Uma pontualidade que a Su cuidou na ponta do lápis. Nunca que ela admitiria uma noiva atrasada em um evento seu.

Ficamos conversando, rindo, comendo e elas bebendo enquanto eu e a Carla ficamos no suco de laranja natural. Meu desejo de encher a cara tinha ido pelo ralo. Mas por um ótimo motivo.

Claro que as gurias não perderam a chance de me apavorarem com todas aquelas histórias apavorantes de cólicas, leite que não desce, noites de choro e tudo mais. Eu não precisava de nenhuma delas.

Mas o motivo que me fez sair do quarto onde a Carla já está vestida dos pés à cabeça e pronta para subir ao altar foi a chegada da Tia Lúcia. Simplesmente eu não aguentei ficar no quarto vendo mãe e filha conversando antes do seu casamento.

Desatei a chorar como uma cachoeira quando as duas começaram a conversar e o modo que a tia Lúcia colocava um fio de cabelo rebelde da Carla no lugar. Só uma mãe consegue fazer isso nestas horas.

Sim, foi um daqueles momentos que a realidade joga na minha cara que eu não vou ter uma cena destas quando eu me casar. Não vou ter a minha mãe sentada na primeira fila olhando o meu casamento ao lado do meu pai. Não conseguirei ter ela secando as minhas lágrimas de felicidade, colocando algum fio rebelde no lugar ou dizendo que eu sou a noiva mais linda de todas que ela já viu.

Por isso eu sai. Não poderia estragar o momento delas por minha causa. E aqui estou eu, me olhando em um espelho esquecido e agradecendo à maquiagem à prova d'água. E ela ainda está perfeita.

– Oi, linda. Tem algum plano para essa noite? – Diego se aproxima de mim e me abraça por trás. Colocando as mãos em cima da minha barriga.

– Tenho. Com um certo policial federal que vai me acompanhar em um casamento. Meu pai vai casar com a irmã dele.

– Que cara de sorte esse tal policial. – Di beija o meu pescoço.

Ele me embala nos seus braços até os seus olhos cruzarem com os meus.

– Tudo bem, mesmo? Não está sentindo nada de diferente? – Suas mãos na minha barriga apertam um pouco.

– Está tudo ótimo com a gente aqui. – Suspiro. – Vi a tua mãe conversando com a Carla e....

Diego entende e se coloca na minha frente para me abraçar corretamente.

– Eu sinto muito, Luiza. Se eu pudesse fazer alguma coisa...

– Não tem problema, Di. Já faz muito tempo, eu que não consegui superar ainda.

– Não, Carla. Ela era, e ainda é a tua mãe. Em nenhum momento tu deve superar. Onde for que ela esteja, tenho certeza que também está tão feliz como a minha mãe está com a Carla. – Ele beija a minha testa.

– Obrigada, Di.

– Minha Ferrugem.

Ficamos alguns minutos nesse abraço até a porta do lado se abrir e eu ver os meus dindos saírem da sala onde o pai está se arrumando.

– Nem precisamos procurar muito – Dindo Gê fala para nós. – Teu pai quer falar contigo, Luiza.

Diego me larga, sem antes me abraçar um pouco mais forte e eu entro na sala onde encontro o meu velho arrumando as mangas da camisa.

– Hey, filhota. Preciso de uma ajuda de novo aqui. Só tu consegue colocar certinho.

– Eu já tinha arrumado, pai. Por que tirou?

Olho para o meu pai e vejo que ele também já andou chorando um pouco.

– Teus dindos me fazendo chorar um pouco mais.

Arrumo uma abotoadora e vejo o “L” de Lavorini um pouco mais gasto do que as que ele estava usando antes.

– Eram as do pai. – Minha respiração tranca.

– Eu pensei que iam ficar para o tio Gê. – Ele dá os ombros.

– O Maurício nunca vai usar uma coisa destas. – Rio. – E ele preferiu ficar com outras coisas. E o próximo da lista fui eu.

– Que lindo, pai.

Arrumo a outra e o abraço.

– Sei que o vô ficaria orgulhoso de ti. Aposto que ele vai estar olhando de onde estiver, ao lado da mãe. Ambos estão juntos e sorrindo pelas nossas conquistas.

Novamente as lágrimas rolam no meu rosto enquanto eu olho para o meu pai. Dizer que eu o amo seria não caberia no tanto de sentimentos que eu tenho pelo meu véio.

– Quando foi que a minha guriazinha cresceu tanto? Ontem tu ainda dormia agarrada em mim e ficava brava quando eu esquecia de comprar chocolate no mercado.

– Se não fosse o Rique no meio eu ainda dormiria agarrada em ti. E eu ainda fico brava quando tu não compra chocolate.

– Mas agora tu fica brava com o Diego.

O sorriso começa triste e vai ganhando um brilho.

– Mal me acostumei a ser pai novamente e já tenho que começar a pensar em como avô? Assim não há coração que aguente.

– Pode ter certeza, pai. Essa notícia pegou todo mundo de jeito.

– É. Eu imagino, quando descobri que a tua mãe estava grávida fiquei tão feliz e ao mesmo tempo...

– Tão assustado. – Termina a frase dele e nos abraçamos.

– Eu te amo, filhota. E estou certo de que tu vai ser uma mãe e tanto.

– Eu tive os melhores exemplos em casa. Assim como o Rique vai ter contigo e com a Carla.

Meu pai volta a me abraçar fortemente. E ficamos assim até a Su bater na nossa porta e dizer que tudo já está pronto. A hora chegou.

– Vou indo para o meu lugar. – Meu pai segura a minha mão e não me solta.

– Não. Tu vai entrar comigo.

Ahhh, pai... Não há maquiagem no mundo que aguente tantas lágrimas assim.

Conforme instruídos pela Su, aguardamos o sinal para entrarmos no salão. E quando ele é acionado, sinto o meu véio tomar uma respiração profunda, colocar aquele sorriso que só ele consegue e damos o primeiro passo.

Capítulo 60

Por Diego

Sou encarregado de levar o Rique ao lado da mãe até o altar. Nosso medo era que ele começasse a chorar por ficar tanto tempo longe do Luiz e da mana hoje. Só que o safadinho está nas nuvens andando no colo de um e outro, e neste momento, ele está muito entretido brincando com a minha gravata apertada.

Bem que o Luiz disse para não deixar a Luiza ajustar o nó da minha gravata. Ela aperta a pessoa com toda a força que aquelas mãozinhas têm de uma forma que quase me estrangulou. E ainda ela bateu na minha mão quando eu resolvi afrouxar um pouco.

– Os próximos são vocês! – Su passa por mim e só dá o recado, sem direito a uma objeção ou um pequeno atraso que fosse.

Meu pai, que está ao meu lado, olha para mim e tenta expulsar a mãe que ainda está no quarto com a Carla. E eu fico esperando e tirando as mãos do Rique da minha gravata, já que ele está louco para tirar ela de dentro do paletó. Assim como ele fez com a que estava, e nós tivemos que tirar, já que ele não parava de mexer e colocar na boca.

A porta se abre e a mãe sai já com os olhos vermelhos de tanto chorar. Acredito que a nossa menina está uma legítima princesa, ainda mais eu que acompanhei a Luiza desenhando e confeccionando o vestido lá em casa. Impossível não imaginar a Carla dentro dele todas às vezes que a Luiza me chamava para ver algum detalhe que ela havia terminado.

Realmente é uma sensação sublime ver a minha irmã se casando com o Luiz. Se alguém merece viver cada segundo da cerimônia, com certeza essa pessoa é a Carla. Depois de tudo que ela passou, agora é a hora de esquecer e pensar no futuro.

Minha mãe tenta, sem sucesso nenhum, se recompor quando eu estendo o braço para ela e nos postamos na frente do salão para entrarmos.

– Ela está linda, como eu sempre sonhei que ela ficaria de noiva. – Minha mãe murmura e eu já começo a engolir à seco.

Tenho a plena consciência de que irei chorar durante boa parte da cerimônia.

Outra funcionária da Su, nos dá o sinal verde e começamos a caminhar até o altar, onde nossos lugares são marcados. Os convidados se viram para nós, e o Rique chega a dar um pulo ao ver todos reunidos olhando para ele, e quando o Luiz, impaciente, caminhando de um lado para o outro para ao nos enxergar, o seu filho chega a se esticar para frente em direção ao pai.

Porém, neste instante, eu quase esqueço que tenho que caminhar e o meu foco fica em uma certa pessoa em cima do altar com um vestido rosa fraco deixando os seus cabelos cor de cobre mais chamativos que nunca.

– E ela também está linda. – E o sorriso no meu rosto confirma, sem deixar dúvidas no ar.

Chegamos ao Luiz, que também já anda chorando há tempo, pelo visto. Ele abraça a minha mãe e ambos trocam palavras que eu não consigo definir, pois dei um passo para trás. Luiz beija a minha mãe e murmura um “obrigado” entre as suas lágrimas e sorrisos. E quando chega a

minha vez, deixamos as nossas rixas de lado.

– Cuida dela, da melhor forma possível, ok? Estou te entregando a minha irmã.

– Eu vou fazer isso. – Ele me responde seriamente, e quando eu me afasto, depois do Luiz beijar o Rique, ele me puxa pelo braço. – Não tenho palavras para expressar o que eu estou sentindo neste momento, tanto pelo casamento com a tua irmã, como o fato de que eu vou ser avô. Apesar a união de vocês me pegar de surpresa, eu não poderia achar um genro e pai para um neto melhor do que tu, Diego. Eu cuido da Carla e tu da Luiza.

Trocamos um olhar de promessas que não precisam de confirmação para nós a seguirmos. Se o Luiz é completamente louco pela minha irmã e está mais que pronto para concretizar essa família, do outro lado estamos eu e a Luiza, também prontos para começarmos a nossa.

Vou para o meu lugar no altar, ao lado da Luiza, e sou recebido pelo sorriso da minha Ferrugem. Beijo o seu rosto e o Rique se vira todo para os braços da irmã.

– O que vocês dois estavam falando ali? – Ela olha para mim sorrindo.

Abraço a Luiza por trás, coloco as minhas mãos por cima da sua barriga lisa, o lar do nosso filho e respondo.

– Algumas coisas que precisávamos acertar.

Por Luiza

Esperamos mais um tempo e eu tenho que mandar o Diego se aquietar atrás de mim. Ele queria ficar com o Rique no colo, alegando que eu não posso segurar peso. Concordo que o Rique é um pesinho e tanto, até porque ele está sempre pendurado na Carla se ela deixar, mas não vai ser este tipo de peso que vá causar algum dano.

Outro impaciente da vida é o pai, que anda de um lado para o outro e não tira os olhos da porta à espera da Carla. Ele caminha para um lado, conversa com os guris ao lado dele, vem aqui, brinca com o Rique e assim repete o ciclo novamente. Como ele mesmo disse, o coração dele não vai aguentar toda essa ansiedade. E quando eu tento chamar a atenção dele para parar de caminhar, uma música suave começa a tocar e o Otávio e a Bibi aparecem na porta.

– Ai, Jesus! – Escuto a Liv falar atrás de mim e vejo a Elis e o AC, do outro lado, suspirarem ao ver os dois pequenos caminhando de mãozinhas dadas até onde estamos e segurando um pequeno cartaz.

“Calma, Dindo, ela já está chegando”

Eles se posicionam, conforme ensaiaram, e nem olham para os lados, como foram advertidos para ficarem queitinhos durante a cerimônia. Dessa vez, eu vi a Elis limpando as lágrimas descaradamente e o AC mais discreto. Noah e Su se olham e só começam a chorar mesmo quando a Fofinha e o Antônio aparecem segurando as alianças em uma almofadinha cada um.

O salão fica completamente em silêncio quando todos chegam e se acomodam no lugar reservado para eles. Se uma agulha cair, fará um som ensurdecedor, até o Rique que estava engrolando, como ele sempre faz, ficou em silêncio esperando a marcha nupcial e a Carla aparecer com o seu pai na entrada.

E quando isso acontece, é como se toda a energia positiva do mundo se encontrasse neste pequeno salão de festas.

A música começa a tocar e todos os olhos se voltam para a Carla e o seu vestido de princesa que eu fiz. Realmente eu me superei em cada ponto que eu dei nos tecidos para confeccionar este lindo vestido. Olho de relance para o pai, e como eu já suspeitava, ele abandonou a elegância há muito tempo. Deixa as lágrimas caírem livremente, sem medo de ser sentimental.

Me viro para o Diego, e vejo a mesma expressão nele. Os olhos vidrados na sua irmã, especialmente no sorriso que ela solta a cada passo que dá em direção ao altar. O tio Rogério, tenta se segurar até entregar a Carla ao pai, mas no meio do caminho ele desaba, assim como a Tia Lúcia que está em pé vendo a caminhada da filha.

Todos em pé vendo um dos momentos de maior felicidade dos dois. Ainda mais dadas as circunstâncias da vida que a trancos e barrancos os levaram até o dia de hoje.

Dizem que hoje em dia o casamento está fora de moda. Os sentimentos viraram banalidades, que se esvaem como fumaça no ar. As pessoas não dão mais aquele valor eterno como se tinha antigamente. O casamento era um acontecimento marcante para a vida do casal. A celebração da união em um amor eterno, que não se acaba com brigas e falta de sentimento. Os casais unidos pelo casamento se corrigiam perante seus erros, aceitavam as falhas um dos outros e o mais importante, por mais que se abalavam com as crises, sabiam que o tempo curaria tudo e tempos melhores viriam.

Hoje o amor é quase como descartável. Na primeira briga, coloca-se tudo pelos ares. Não há mais aquela vontade de lutar pelo sentimento e simplesmente deixa-se como está e vão atrás de outras pessoas em busca de novos amores. Que também, na primeira dificuldade como casal, é abandonado e esquecido por completo.

E agora, vendo a emoção dos dois ao se verem novamente no altar do casamento, perante os amigos e familiares, sei que ainda há esperança e o amor de contos de fada ainda existem. Sou testemunha que a Carla é uma princesa, não indefesa, mas que encontrou o seu príncipe e ambos estão prontos para o seu felizes para sempre.

Carla chega ao pai e espera quando o seu pai conversa alguma coisa com o meu e se abraçam. Ela não hesita em limpar as lágrimas do seu véio e ele de beijar a sua testa antes do juiz de paz começar a cerimônia.

Cada palavra trocada entre eles é uma promessa de vida para todos. Ambos falam de felicidade, confiança e especialmente amor, a fagulha inicial para que todos os outros sentimentos se unam e abençoem a união.

Todos foram às lágrimas, na hora da troca das alianças e do “sim”. E na hora do beijo, quando o pai segura a Carla pela cintura e a inclina, o salão explode em palmas e gritos pelos dois. Eles se abraçam e trocam as primeiras palavras como, finalmente, casados.

Desço do altar, com um certo Rique impaciente, que se comportou toda a cerimônia, brincando com um broche meu no vestido, e que também queria participar da fuzarca que os pais estavam fazendo lá embaixo. Ele começou a esticar os bracinhos em direção aos dois e eu tive que atender a esse pedido impaciente do meu irmão.

Carla nos vê e pega o Rique no colo e o beija repetidamente. O pai faz um abraço triplo com a sua esposa e filho, e quando eu tento voltar para o meu lugar, ao lado do Di, ele me puxa e me inclui no abraço.

– Meus amores. – Ele fala enquanto chora e se divide para beijar os três quase ao mesmo tempo.

– Parabéns! – Digo a Carla.

– Eu amo vocês! Meus amores! – Ela diz, e o nosso momento família é interrompido com todo mundo vindo para a nossa volta.

Como já esperávamos, o protocolo geral de casamento da Su foi quebrado completamente. Ainda mais quando os guris se juntaram para levantar o pai do chão e jogar ele para cima. A Su chegou a protestar, mas não adiantou em nada e quando se deu por conta, também estava no meio da bagunça e tirando a Carla do chão também, depois que o Rique estava novamente no meu colo.

– Acho não vou conseguir chegar perto da minha irmã tão cedo. – Diego se junta a nós e me beija.

– Deixa, é a noite deles. Daqui a pouco o pai já vai estar junto com a banda colocando o terror junto com o vocalista.

– E a Carla dançando até não se aguentar como ela sempre faz nas festas que vai.

Nós seguimos vendo a comemoração dos dois, sabendo que não há lugar mais feliz no mundo do que aqui.

Capítulo 61

Por Luiza

A Su teve que deixar tudo rolar como o pai e a Carla quisessem. Tanto que a festa começou antes do jantar e das fotos oficiais. Se não fosse o André interceder pela coitada da fotógrafa para as fotos com eles ainda vestidos como gente saíssem, elas nunca teriam saído. Mesmo comigo tento que correr atrás do pai para colocar a gravata nele novamente.

E o Rique então? Estava todo amassado e despenteado de tanto passar de colo em colo. Ele via alguém e já esticava os braços para essa pessoa e ainda ficava resmungando quando essa pessoa escolhida o ignorava sem perceber.

Finalmente, depois de milhares de fotos, com o pai reclamando que o flash estava incomodando, conseguimos terminar o serviço. O jantar foi servido logo em seguida já acarretando a parte do bolo, que eu comi mais que o jantar em si, e a hora que a Carla jogou o buque de noivas.

Eu e a Liv fomos empurradas pela Elis e a Su, sem chance para escarpamos delas. Ficamos em um canto e mesmo sem fazer esforço nenhum para pegá-lo, ele caiu bem na nossa direção, especialmente em cima da Liv que levou um susto ao ver as flores caindo em cima da sua cabeça.

Foi um alívio e tanto ele ter caído a meio metro longe de mim. Simplesmente um casamento do pai já bastou para eu perceber que não tenho psicológico para estas coisas. Cansei só de ver a Carla correndo de um lado para outro e de tanto escutar o pai falar ao longo dos dois meses de todos os preparativos.

Mas claro que com a Olívia pegando o buque, a história foi outra. Eu, assim como a Carla, Su e a Elis, fomos para cima dela que estava louca para se enfiar no primeiro buraco que encontrasse pela frente.

– Podem tirar o cavalinho de vocês da chuva. Meus planos com o André são outros, e correm bem longe de um casamento tipo este. Nossa prioridade é sair daquele apartamento e nos mudarmos para uma casa com um gramado gigante na frente para o Leco e a Bibi pararem de correr dentro de casa.

E antes de alguma de nós falarmos alguma coisa, ela já emenda.

– Sem contar que eu já fui casada e não tive nenhum pouco de sorte com isso.

– Para, Liv. O AC também já foi casado, contigo aliás, e está muito bem casado comigo. – Elis levanta a mão esquerda para nós.

– Até eu, que nunca acreditei nessa história de casamento e felicidade plena estou amarrada ao Noah. – Su também mostra a aliança.

– E eu então? – Carla ainda fica deslumbrada com o anel na nova posição. – Nunca imaginei que um dia seria levada pelo pai em direção ao altar para me casar com um véio, que passa a noite toda roncando mais do que um trator velho com o motor estragado.

– É Liv, temos que planejar isso aí agora. – Me meto na conversa delas.

– Não. Já disse que não, e tirei esta história da cabeça do André. Com o dinheiro que gastaríamos nisso, poderíamos dar entrada na casa, fazer uma viagem ou alguma reforma na loja.

– Ahhh, que mulher chata! – Su revira os olhos. – Bem capaz que nós íamos te cobrar pelo nosso trabalho. Vai ser a mesma coisa que aconteceu com cada um dos nossos casamentos, só gasta com as coisas que a produtora ainda não tem. De resto a gente faz com a maior boa vontade de todas.

Olívia começa a caminhar, com as três atrás dela e bolando mil e um planos para o próximo casamento. Eu me sento em uma das mesas e fico vendo as crianças correrem de um lado para o outro, meus dindos, com certeza, marcando outra pescaria na fazenda da família com o pai do Diego e minhas dindas em outro canto conversando com a mãe da Carla. Meu pai está mais fundo um pouco, metido no meio dos guris, como sempre, e rindo alto feliz. Chego a ficar encantada com a cena que vejo.

Ele se apoia no AC, o primeiro amigo de verdade que ele conseguiu ter depois de sofrer tanto com a solidão dentro de casa. Lembro as inúmeras vezes que eu ligava para ele da Itália e implorava que ele saísse de casa, nem que seja para tirar o cheiro de poeira e mofo por ficar tanto tempo enclausurado. Quase deixei ele surdo de tanto gritar quando ele me disse que tinha se matriculado em uma academia para jogar squash com um professor particular.

E pensar que este simples fato, ele voltar a praticar esportes, pudesse render as histórias que se intercalam? Desde o reencontro do AC com a Elis, a separação dele deixando a Liv livre para voltar a tomar conta da sua vida, e ela se relacionando com o André e uma linda princesinha Bibi nascendo da união. E, para mim, a mais importante de todas a Carla chegando na nossa vida de mansinho e virando o mundo do meu véio de cabeça para baixo, a ponto de trazer o Rique para o meio do furacão todo e, de quebra, eu conhecendo o Diego e nós no aproximando cada vez mais até o inevitável acontecer.

Involuntariamente, coloco a minha mão em cima da minha barriga e deixo o passado, que tanto nos trouxe surpresas inesperadas, e começo a focar no futuro que nos aguarda. Tenho a plena consciência de que ele vai ser mais espetacular do que sequer imaginamos.

Me perco nos meus pensamentos e sinto um par de mãos nos meus ombros. Olho para cima e me deparo com o Diego sorridente e pronto para me beijar. Ele senta ao meu lado, segura as minhas mãos e suspira.

– Já posso devolver a mãe para a Carla? Não posso ir ao banheiro sem ela ficar na minha volta me dizendo que eu tenho que voltar para a casa contigo agora.

– Ela já me perguntou isso também. Hoje no café da manhã, de cara. Quase me afoguei e sai vomitando da mesa.

– Dona Lúcia está muito agitada nestes últimos dias. Ainda bem que ela e o pai vão juntos com o Luiz e a Carla para ajudar a cuidar o Rique enquanto os dois vão para a lua de mel na praia. Pode ser que assim ela consiga acalmar os ânimos.

Olho para o Diego e mantenho o olhar até ele ceder.

– Eu sei que ela não vai acalmar os ânimos, mas pelo menos o nosso ela vai sossegar um pouco. Já tive que usar a desculpa do concurso interno da polícia. Se eu voltar para a casa, perco

a validade do concurso de lá e fico aqui como agente normal. Acho que ela conseguiu entender.

– Antes um filho num posto mais alto da polícia, treinando outros agentes, do que ele de volta para casa, mas em um trabalho de risco.

– Exatamente, minha Ferrugem.

Diego se aproxima de mim para me beijar novamente e eu aproveito a brecha para me deitar no seu ombro, descansando e comendo outro pedaço de bolo que eu catei de um garçom que passava à deriva.

Ficamos conversando até levarmos um susto com o grito que o Noah e o André deram, e quando procuro o pai, só vejo o AC empurrando a cabeça dele em direção ao bolo de outro sabor que tinha na mesa. Não contente em só enfiar a cara dele, o AC ainda arrasta de um lado para o outro, enquanto o pai tenta se desvencilhar do amigo. Parece que finalmente chegou o dia em que o AC se vingou do pai pelo seu casamento.

– Eu juro que te mato! – O pai grita e todos, que já tinham parado de conversar para assistir a cena, começaram a rir do rosto melecado de cobertura do noivo.

Os dois saem correndo pelo salão, desviando das mesas e o pai largando glacê do bolo por onde passa. E quando ele dá um bote, o AC não tem escapatória a não ser cair no chão e os dois começam a se estapear como dois irmãos com idades semelhantes. A “briga” só parou quando as mães... digo, esposas, foram lá apartar os dois que a essa altura já mais riam do que se matavam em si.

Carla carregou o pai até uma mesa e tentou limpar a bagunça que ele estava. Uma coisa que, com certeza, não ia funcionar com pano e, muito menos, guardanapo de papel. A sorte deles é que a troca de roupa, programada pelos dois, estava quase na hora de acontecer mesmo. Na passada do caminho para a troca o pai ainda passou pelo Rique, que achou aquilo tudo muito engraçado e enfiou as mãozinhas no rosto do pai se melecando junto.

Depois de aparentemente limpo, e com uma muda de roupa nova (de nada, pai. Te conheço e sabia que alguma coisa desastrosa poderia acontecer com o primeiro terno), os dois voltaram e foram direto para a pista de dança. Carla estava com o segundo vestido que eu fiz para ela, um quase igual ao primeiro, somente a saia que ia até acima do joelho, deixando as meias calças com os cinta-liga aparecendo conforme ela caminhava, dando um ar completamente sexy acompanhado pelo sapato de salto alto.

Os dois começaram a dançar uma música instrumental lenta. Percorreram toda a extensão do salão se embalando um nos braços dos outros e todos os convidados se olhavam e davam os ombros. Quem conhece a história dos dois, sabe que foi em um bar, especialmente em uma pista de dança que ambos começaram a se falar. E a primeira vez que saíram juntos, também foi numa mesma ocasião assim. Dançando no bar uma música completamente agitada e ao contrário dessa monótona.

E quando ninguém mais esperava a música mudar, eis que o DJ que estava cuidando da música troca completamente o ritmo puxando um David Guetta, que a Carla adora, e os dois começam a dançar como se estivessem na pista de dança do bar que eles se conheceram.

Ao som de *club can't handle me*, uma das primeiras músicas que eles dançaram juntos, eles

explodiram, assim como a música. Uma chuva prateada caiu em cima deles enquanto os dois dançavam como se ninguém tivesse olhando, assim como fazem quando estão na pista de dança. Não querendo me gabar, mas o pai e a Carla dançam muito bem juntos, separados são um desastre, mas juntos a história é outra.

Com uma sincronia perfeita com a música, eu entendo porque a Carla me fez esse pedido exclusivo do vestido sem a cauda longa para essa parte da festa. É humanamente impossível dançar, como ela faz, se enroscando no pai com aquele vestido gigante. E vendo a cumplicidade deles na pista, eu até perdoo ela pelo trabalho extra desse vestido.

E enquanto a música rola, eles dão um show, sem medo de serem felizes. Com certeza isso foi ensaiado muitas vezes, porque a precisão dos passos dos dois é inegável. Sem falar da plateia indo ao delírio com a Carla indo até o chão na frente do pai e depois, ele a agarrando no colo enquanto ela enlaça a cintura dele com as suas pernas. Não há público que fique parado depois de uma performance dessas.

A música acaba e sem dar tempo de todos aplaudirem, o DJ já começa outra e o casamento vira uma boate com luzes e drinks especiais feitos por bartenders que dançam enquanto fazem a bebida.

Diego pega a minha mão e me arrasta para a pista de dança. Ele sempre ficava sentando vendo eu e a Carla dançar quando saíamos juntos e se negava de se juntar a nós para aproveitar a noite.

Mas hoje a história é outra. É o encerramento de um ciclo e o começo de outro. Tudo o que todos nós queremos e dançarmos até o sol nascer para comemorar.

Capítulo 62

Por Luiza

Pai: Imagem anexada

Pai: Oi, conhece o CroqueRique? Ou HenriCrete? Uma mistura de Henrique com croquete?

Abro a imagem anexada e sorrio com a foto do meu irmão sentadinho na praia, amparado pela Carla, todo sujo de areia e com aquele sorriso gostoso de bebê no rosto.

Eu: ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh, que coisa fofa!!! Para de me mandar essas imagens!
Inveja é pouco.

Pai: :P estamos na beira da praia, de novo.

Pai: Imagem anexada

Que cara chato! Eu aqui morrendo de calor, deitada no sofá com o barulho do ar-condicionado me deixando com dor de cabeça e ele me mandando foto do mar azul gigante na frente dele junto com uma mesinha cheia de bebidas coloridas.

Eu: Sem graça.... Não vejo a hora de vocês voltarem para casa e cozinhareis com o calor, assim como eu.

Pai: Te convidamos para vir junto, tu que não quis, agora aguenta.

Chego a largar o meu celular depois dessa. Não bastasse o pai levar o tio Rogério e a tia Lúcia para a lua de mel, ele me convidou para ir junto. Com certeza essa seria a lua de mel mais bizarra da história. Só o meu pai para fazer uma coisa dessas....

Meu celular volta a tocar e eu reviro os olhos quando vejo que é outra mensagem dele.

Pai: E os enjoos? Ainda não pararam? Já marcou a consulta com o médico que a tua dinda te indicou? Ou será que antes de ir para casa eu vou ter que te levar ao médico?

Eu: Só pela manhã que eu ando enjoando mais. O chá que a tia Nana me mandou melhora bastante. Marquei para daqui há dois dias. O Diego já disse que vai me levar, não preciso de uma comitiva dentro do consultório do médico.

Pai: Se a tua gestação for igual a da tua mãe, te prepara para enjoar até quase os cinco meses. Depois disso ele para e começa os chutes nas costelas, como tu adorava fazer isso com a tua mãe, especialmente na madrugada e ela começava a me xingar por causa disso. Não vejo a hora de ver tu fazendo isso com o Diego. Muhahahhahahahah

Gemo. Não! Enjoos matinais são horríveis, mas pelo que eu já andei escutando, os chutes nas costelas são mil vezes piores. Por favor, bebê, não faça isso com a mamãe. Chute o papai quando ele tiver contigo no colo, ele também tem que sofrer um pouco.

– Aconteceu alguma coisa? – Diego aparece na sala e olha para mim enquanto eu estou com as duas mãos em cima da minha barriga, conversando com o bebê por pensamento.

– Meu pai me assustando com algumas coisas que eu fazia quando a mãe estava grávida de

mim e eu estou dizendo para o bebê distribuir as judiações entre nós. Enjoo para mim e chute nas costelas para ti depois que nascer.

Diego ri e se aproxima de mim com o copo de suco de laranja que eu pedi, bem gelado, com mais gelo do que suco especificamente. E quando ele faz menção de deitar ao meu lado no sofá eu não deixo. Muito calor para ter ele ao meu lado.

– Senta aqui no chão se quiser ficar perto de mim. E me dá aqui esse suco antes que essa criança nasça com cara de laranja.

E ele ainda só me entrega o copo depois de um beijo. Mato o desejo meu, e do bebê, pelo suco e quando me deito novamente, o Diego levanta a minha blusa e beija a minha barriga repetidamente.

– Eu gostei do nome que tu disse ontem à noite. Lívía. – Diego olha para mim novamente.

Ontem à noite, depois que chegamos de viagem e estávamos cansados, começamos a brincar sobre a possibilidade de nome. Sempre levando em conta o que a tia Nana disse sobre ser uma menina, ela nunca errou uma previsão e não seria a minha que ela iria errar.

Então surgiu diversos nomes, desde os com possibilidades reais, como o Lívía, passando pelos esdrúxulos como Aziul, Luiza ao contrário, ou Diega.

– Simples, delicado e fofo. Também gostei.

– Lívía Lavorini Denski. É um nome de presença e tanto.

Somos interrompidos pelo telefone do Diego tocando. Ele levanta do chão e sai à cata do aparelho e eu fico, derretendo, deitada sonhando com mais um copo desse suco gelado.

Crio vergonha na cara e me levanto para eu mesma fazer o suco. Passo pelo aquaterrário do Miche, que também está curtindo uma tarde quente dentro da água e vou até a cozinha.

Preparo o suco e quando volto para a sala, encontro o Diego sentado no meu sofá e ainda conversando no telefone. Empurro ele para que saia do meu canto sagrado e me esparramo novamente.

– Ok, entendido. – Ele volta a sentar no chão e vira o pescoço para trás, encostando na minha barriga. E enquanto conversa eu mexo nos seus cabelos.

Chego a quase adormecer esperando que ele encerre a chamada, e quando isso acontece, ele levanta e se espreguiça na minha frente.

– Boas notícias, saiu o resultado do concurso lá. Fiquei em décimo lugar, para não levantar tanta bandeira.

– Parabéns, Di! – Ironizo.

– Outra boa notícia. Em no máximo dois meses já me convocam.

Aí até eu chego a me levantar para abraçar o Diego. Realmente essa notícia me tirou um peso e tanto da minha alma. Só de saber que ele não vai mais estar envolvido naquelas missões quase suicidas nas ruas da favela em que trabalha é quase tão perfeito quanto o suco de laranja que eu ainda estou com vontade de tomar.

Jesus, minha filha vai nascer amarela de tanto suco de laranja que eu vou ingerir hoje!

– Não imaginei que escutar isso ia ser tão bom assim, Ferrugem. Acho que nem quando saiu o resultado da minha OAB ou para o concurso de agente eu fiquei tão aliviado assim.

– Pode ter certeza que não só tu, Di! Todo mundo vai respirar bem mais aliviado depois dessa convocação. Eu, o ET, teus pais, a Carla e até o meu véio.

Todos nós vamos poder dormir à noite, sem se preocupar que o telefone pode tocar a qualquer momento com a notícia de que o Di não voltará mais para casa, e eu tenho que comparecer a algum necrotério para reconhecer o corpo do pai da minha filha.

– Da minha unidade passou outros dois colegas, que realmente se empenharam estudando para isso. Um deles o irmão também era agente e foi morto no ano passado e o outro acabou de ser pai. Tenho certeza de que as famílias estarão em festa hoje e que vai durar por um bom tempo.

Outra vez eu abraço o Diego e percebo que outras pessoas também estão tão felizes com isso quanto eu.

Por isso nós fazemos uma festinha particular. Ainda mais depois que o tio Rogério recebeu a notificação de que havia saído a listagem dos aprovados do concurso interno da Polícia Federal e que seu filho estava entre os aprovados. Como diz o Diego, ele sendo da polícia também, consegue ter acesso a essas coisas antes mesmo de que ele pudesse avisar. Meu pai e eu fizemos uma ligação por vídeo e o choro era livre para todos os lados da chamada.

Por mais que eu e o Diego já sabíamos desse resultado, é impossível não se emocionar com a concretização dele. E ver as pessoas que mais amamos compartilhando desse sentimento era espetacular.

Além de mais dois copos gigantes de suco de laranja, eu e o bebê optamos por um rodízio de pizza que tem aqui perto. Saímos para o calor da rua de mãos dadas e eu comi, literalmente, por dois. Quase tive que pedir para o Diego me carregar no colo para me trazer para casa. Se eu caísse no chão teria que continuar o resto do caminho rolando até em casa, de tanto que eu comi.

A festinha continuou depois de chegamos em casa e foi até o Diego pedir arrego, que amanhã cedo ele tinha que acordar cedo para trabalhar. Se dependesse de mim, iria até o sol nascer....

Voltar a trabalhar foi complicado, especialmente depois de comer como nunca e vomitar tudo pela manhã. Vou ter que colocar o despertador para tocar mais cedo para conseguir vomitar antes de realmente começar o dia. Mas só bastou eu voltar para a minha mesa de desenho e costura para todo o mundo voltar a sua frequência natural.

Minhas mãos já sabiam o trabalho automaticamente. Minha máquina de costura o ritmo certo para funcionar. As linhas apareciam na minha frente sem eu nem mesmo procurar elas dentro da caixa. As agulhas, como num passe de mágica, desviavam dos meus dedos para eu não me machucar e os tecidos, se harmonizavam com os cortes que eu fazia sem problema nenhum.

Tudo estava no seu devido lugar. E não havia nada que pudesse atrapalhar o curso natural das coisas.

Voltei para casa, sonhando com o meu sofá e as minhas pernas para cima. No meio do caminho o Diego me ligou avisando que estaria em casa mais tarde um pouco e que voltaria

acompanhado. Não precisou de outra explicação para essa chamada.

Se no meu trabalho regular estava em ordem. Era a hora de voltar a ajustar o nosso serviço secundário. Resgatar e cuidar crianças que precisavam de ajuda. Uma coisa que nós fizemos com todo o amor, carinho e responsabilidade.

Chego em casa e sou recebida por um Miche tranquilo. Arrumei a casa, tomei um banho e me sentei a espera.

No alto da noite, quando eu já dormia, despertei com o barulho da porta se abrindo e pessoas entrando. Me levantei e fui até onde escutava os barulhos.

Não precisei de apresentações para receber nos meus braços uma criança amedrontada. Levo ela para dentro do apartamento direto para o banheiro. A dispo falando coisas alegres e me segurando para não notar a magreza, a sujeira ou até mesmo os machucados que de alguma forma foram deixados ali para corromper a pele de uma criança indefesa.

A banho no meu colo, não me preocupando que eu molharei as minhas roupas. Apenas distribuo carinhos e deixo ela me tocar para saber que eu não a machucarei. Espero criar um laço de confiança com alguém que já sofreu nos poucos anos de vida nessa terra.

Nem todas as pessoas são más. Nem todas elas vão te machucar. Nós estamos aqui. Vamos cuidar de ti para que em pouco tempo uma nova família te receba de braços abertos. Eles vão te amar como um pai e uma mãe amam um filho. Não haverá mais lágrimas, sofrimento, dor, fome ou frio.

Tudo isso agora é passado.

O tempo avança e conseguimos acalmar a criança e colocá-la para dormir. Diego se aproxima de mim e ambos dividimos um abraço.

Sabemos que existem outras crianças em situações iguais ou piores do que essa. E também que nosso trabalho nessa organização ainda está no começo. Temos uma vida juntos pela frente e muitos outros resgates para se fazer.

Capítulo 63

Desço da moto e entrego o capacete para o Diego. Tento arrumar a bagunça dos meus cabelos em vão e desisto.

– Não podemos demorar. Se o teu pai e a minha mãe sonham que eu te carreguei de moto até aqui vai ser a minha morte.

– Vai ser rápido. – Vejo o seu olhar de quem não acredita nenhum pouco na minha palavra. Da última vez que eu vim ao cemitério, levei quase duas horas conversando com a minha mãe. – Eu juro! Fui ao banheiro antes de sair de casa, não vou conseguir esperar tanto tempo para ir novamente. Vai ser rapidinho. Uma visitinha!

Beijo ele novamente e passo pelos portões do cemitério. Caminho em silêncio, fazendo o trajeto que eu já sei de cor e quando chego em frente a sua lápide, me sento no mesmo banco de sempre e suspiro.

– Oi, mãe....

Começo falando sobre os assuntos de sempre. De como foi a minha viagem de avião, como anda a Lívia dentro de mim e de como foi a confirmação de que ela seria uma menina.

– A tia Nana estava certa, como sempre. Só no início da semana que a Lívia resolveu se mostrar para nós. O pai diz que ela é teimosa como eu e que eu vou pagar todos os meus pecados cuidando dela, como ele fez comigo. Acho que eu não vou conseguir me escapar. Ela é uma fuinha dentro de mim. Adora me chutar, principalmente quando eu estou descansando ou dormindo. E entra em êxtase quando o Di começa a interagir com ela. Se eu com seis meses já ando sofrendo com isso, como serão os próximos três meses de gestação? O espaço está ficando pequeno para ela aqui dentro.

Começo a rir e as lágrimas a surgirem nos meus olhos.

– Nós viemos este final de semana por causa do aniversário de um ano do Rique. Não dá para acreditar que o tempo passou tão rápido assim! Parece que foi semana passada que o Diego chegou em casa me contando a história e que ele seria remanejado para o pai e a Carla. E agora já está aí fazendo um ano, sendo mais fofo do que nunca, gritando pela Carla pela casa como “mamã” e o pai como “tata”. Até um “”Uia” sai quando eu chego perto dele.

Para o desespero do Diego, já que nem um sinal de que ele chame o dindo dele aparece. Até a tia Lúcia e o tio Rogério estão com ciúmes. E o pai não perde a chance de atçar mais ainda. Pobre do Rique, parece um papagainho repetindo as mesmas palavras sempre que o pai está por perto. E claro que ele adora fazer isso e ainda dá risada quando tem gente por perto.

O aniversário foi uma coisa bem simples. Nada daqueles que a Su, Elis e Carla são especialista em fazer onde os pais gastam rios de dinheiro por uma festa que a criança nem vai lembrar. Somente nós da família e todos os amigos, sem decoração nenhuma. Apenas pegamos um dos salões das gurias e acampamos, por assim dizer. A festa começou pela manhã, onde um belo churrasco, que eu e a Lívia estávamos com desejo, e foi até o final da noite quando a Sarah e a Elis assumiram a cozinha e fizeram um belo de um arroz carreteiro com as sobras do churrasco. O Rique não aguentou o pique da festa toda, claro, e quando a gente menos esperava

ele dormia no colo de alguém, dava uma descansadinha e logo voltava com pique total para o meio da fuzarca.

Sem contar que ele estava no paraíso, vendo todas aquelas pessoas que o amam perto dele. Se jogava de um colo para o outro quando não era posto no chão e dava uns passinhos vacilantes e caía de bunda no chão. Olhava para quem estava na sua frente, dava um sorrisinho, levantava e seguia a bagunça novamente.

O pai estava tão animado como ele. Ele, que sempre gostou de uma boa bagunça com crianças e amigos, não conseguia ficar parado em um só lugar. Ou estava rolando no chão com o Rique, brincando com as crianças na cama elástica, que a Elis fez questão de colocar para ela pular, ou então incomodando o Yago e a Sarah, que estão bem sumidos em razão da faculdade que eles entraram no início do semestre. Nem preciso dizer que o pai não vê a hora de levar a Sarah para observar os seus plantões no hospital, e está cantando o Yago para ele ir observar algumas cirurgias veterinárias na faculdade dele. Realmente o véio estava animado além do normal.

Já a Carla estava mais contida, muito emocionada em poder comemorar o seu primeiro ano como mãe. Com muitos erros e acertos ela estava realizando o sonho dela e sendo feliz ao lado do pai. Todo mundo sabe que eles são o casal perfeito e a felicidade plena é pouco para os dois.

– Mãe, se a Lila, mãe biológica do Rique, estiver ao teu lado, por favor, diga para ela que o Di ainda mantém a sua promessa. Está cuidando do seu filho da melhor forma possível e sendo um dindo maravilhoso para o Rique. Apesar dele ainda não saber falar o nome do Di, quando estamos em casa o Rique está sempre pedindo colo para o dindo, especialmente para jogar ele para cima e pegar no ar.

E quando a nós dois?

Às vezes eu tenho vontade de matar ele, mas no segundo depois, estou querendo abraçar. Principalmente agora grávida. Não posso dar um passo fora do normal que ele já fica na minha volta. Se normalmente ele já é preocupado, agora a coisa se multiplica exponencialmente. Sem contar que agora que chamaram ele para assumir o concurso interno, passa bem mais tempo em casa.

Sua carga de trabalho regular diminuiu bastante. De plantões de 12 horas, muitas vezes passando disso e também as “guerras” que se criavam, agora a coisa é bem diferente. Seu trabalho como preparador de agentes de campo, com ênfase em armamento chega a ser quase brincadeira de criança. Nunca mais vou me despedir do Diego vestindo um colete a prova de balas por ter risco de ser atingido na esquina de casa. Ele só usa por puro fardamento e dar o exemplo para os alunos. Como ele diz, uma sauna natural que os novos agentes precisam aprender a conviver.

Já eu continuo com a loja se saindo melhor que a encomenda. Literalmente, já que não tenho mais espaço na minha agenda para incluir a confecção de uma calcinha que for. Mês passado, aproveitando uns dias de folga que o Di tinha que tirar o mais breve possível, nós fomos para a Itália. Lá eu fui recebida como uma funcionária premiada pela loja principal. De tão bem aceita e movimentada que a loja está aqui no Brasil. Se tudo der certo, em breve novas unidades estarão abrindo as portas e dando mais chances para alunas brasileiras que estudam na Itália para voltarem para casa e firmarem seus nomes na moda.

Junto com isso, uma pequena amostra do meu trabalho como estilista desfilou em uma das maiores semanas de moda da Europa. E eu estava lá, com a Livia me dando milhares de chutes e eu correndo de um lado para o outro ajudando as modelos a se vestirem e deixar tudo em ordem. Quando eu fui aplaudida, no final do desfile, tive que segurar as lágrimas.

– Lembra, mãe, quando nós duas passávamos os dias em frente aquela máquina de costura velha, e depois que o pai chegava em casa, ele se juntava com a gente? – Rio lembrando daquela época. – Naquelas vezes a gente dizia que um dia iríamos criar tantas roupas que precisaríamos de um desfile de gala para elas serem apresentadas. E anos depois eu estava lá, no berço mundial da moda sendo reconhecida por grandes estilistas pelo meu trabalho. O mesmo que começou há muito tempo atrás lá em casa. O pai não pode ir, porque ainda é muito cedo para submeter o Rique a uma viagem assim, mas o Di transmitiu tudo via celular para ele. E quando eu estava na passarela, só pensava em ti. De como eu ficaria tão feliz em saber que tu estava assistindo o meu momento, e de alguma forma eu sentia a tua presença ao meu lado. Com a mão sobre o meu ombro e dizendo que estava orgulhosa de mim e por tudo que eu já tinha feito.

Paro e tomo uma respiração profunda. Sinto a minha filha me dar mais um daqueles seus chutes fenomenais e sorrio.

Em contrapartida com os nossos empregos regulares, eu e o Diego temos o nosso serviço “clandestino”, por assim dizer. Se como agente a sua carga diminuiu, como resgatador, ao lado do Bruno e Ale, continua no mesmo ritmo intenso de sempre. Pelo menos há cada quinze dias eles saem em direção a um endereço escondido dos olhos da população geral, e como muitas vezes eles falam, esquecido até por Deus, de tão inóspito e fora de padrão para uma criança sobreviver.

A cada saída deles significa uma criança a menos na rua. Uma a menos com risco real de seguirem no caminho das drogas, roubos, prostituição e tantos outros males que existem em cada esquina.

E também não posso esquecer das que ficam de passagem lá em casa. Aprendi tanto com elas, sobre o amor incondicional, confiança, superar medos e fantasmas do passado que, muitas das coisas que eu não conseguia entender, hoje já são bem mais claras para mim. Com esse trabalho secundário, já me sinto bem mais confiante em ser a mãe que a Livia merece e precisa.

Não é preciso um treinamento para aprender a amar. Simplesmente só precisamos abrir os nossos braços e corações para deixar o sentimento fluir. De um jeito ou de outro ele sempre fluirá. Nenhum rio tem a mesma rota que o outro. Basta aceitar o seu curso que tudo se torna mais fácil e compreensível.

Sei que eu vou errar muito como mãe. Assim como a minha mãe e o pai erraram, como a Carla errou em alguma coisa com o Rique e todos os pais que existem. Mas eu vou estar lá para a minha filha, vou ser uma mãe tão boa quanto a minha foi, e se o meu destino me permitir conviver mais com a Livia do que eu convivi com a minha própria mãe, eu vou estar lá em cada momento que ela precisar de mim.

Ensinarei para a minha filha que existe pessoas más e boas. Que no mundo em que vivemos, há crianças que passam por necessidades e nós podemos ajudá-las cedendo um espaço na nossa casa para abrigá-las enquanto o seu pai e tios ajudam a escolher uma nova casa para elas. Um lar igual ao nosso onde o amor e a compreensão falarão mais alto e todos os medos

serão deixados pelo lado de fora da porta.

– Eu sei que vai dar certo, mãe. Sei que tu vai estar olhando por nós. Obrigada por tudo. – Levanto do banco, faço mais um agradecimento silencioso e começo a caminhar em direção à saída.

Faço o retorno ainda limpando as minhas lágrimas e sentindo a Livia esmagando as minhas costelas. Aposto que ela está requerendo o seu suco de laranja diário. O Diego disse que vai comprar uma plantação de laranjas se ela nascer e ainda continuar amando suco de laranja natural.

– Senhora! – Escuto uma voz ao fundo e quando me viro dou de cara com um senhor. – Estava visitando o túmulo de Joana?

– Sim. É a minha mãe. – Respondo receosa.

– Então é com a senhora mesmo que eu quero falar, pode me acompanhar de volta ao túmulo?

– Claro.

Começamos a fazer o caminho de volta e ele volta a falar.

– Eu sou o zelador daqui há mais de quinze anos e nunca vi nada parecido. Liguei para o número que consta como o proprietário e ele me disse para conversar com a mulher que aparecesse esse final de semana.

Fico um pouco curiosa com isso tudo, já que o proprietário, provavelmente deve ser o pai e eu nem falei para ele que viria aqui hoje. Não é todas às vezes que eu volto para casa que passo por aqui.

Chegamos novamente ao túmulo da minha mãe e o zelador me leva para a parte de trás e me mostra o que aconteceu.

– É uma espécie bem resistente de rosa. Já tinha limpado aqui alguns meses atrás e voltou. O interessante nisso é que nem estamos na época de as rosas florescerem tão rápido assim. E então eu liguei para saber se eu continuo tirando ou deixo.

Com um pouco de dificuldade e pedindo desculpas para a Livia por amassá-la um pouco, me agacho e toco a delicadeza da rosa que floresceu. Sinto o seu perfume, quase o mesmo aroma do perfume que a mãe usava quando era viva.

– Pode deixar. – Digo depois de um tempo acariciando a delicada flor e sorrindo. – Acredito que a mãe iria gostar de uma flor constante na sua lápide.

Me despeço do zelador depois de alguns minutos. Sinto como se a minha alma tivesse sido renovada pela “conversa” breve que tive aqui. Muitos acham bobagem essa história de que conversar com quem já se foi não leva a nada. Pois eu acredito, e me sinto muito bem depois de ficar aqui na presença da minha mãe. Sei que de onde ela estiver, também sente a minha presença perto dela e assim continuamos com o nosso laço eterno que só uma mãe e uma filha conseguem ter. O mesmo que eu venho criando com a Livia desde que descobri que ela estava se formando dentro de mim.

Encontro o Diego escorado na moto. Ele caminha em minha direção com aquele sorriso no

rosto que me faz tão bem.

– Quase nem demorei. – Digo depois de abraça-lo e ser beijada.

– Não tanto como da última vez. – Pego o meu capacete e subo na moto atrás dele.

– Opa, isso foi a Livia? – Ele fala depois que eu me encosto bem nas suas costas e levo um belo chute.

– Eu disse que ela está me judiando! Está na hora do suco de laranja dela.

– Então vamos de uma vez, teu pai já disse que quer todo mundo lá na casa dele para jantar. E a mãe já estava me ligando me perguntando onde nós estávamos. Ela achou uma caixa cheia de roupinhas minhas e da Carla de quando éramos bebês. Tenho certeza que ela vai querer colocar o meu macacão de um ano no Rique hoje e te dar algumas roupas que a Carla usou logo depois que nasceu. Preparada?

Diego acelera a moto fortemente e eu me agarro mais ainda nele.

Preparada é pouco para o que eu estou sentindo.

Bônus

“Notícias quentes e coloridas sobre o casamento da nova queridinha fashionista do país, Luiza Lavorini!

Nossas fontes, sempre antenadas nas novidades das celebridades, tiveram (em primeira mão! iuhuuuu) acesso as fotos do casamento de Luiza Lavorini, como o seu policial gato, Diego Denski! Como já era esperado, nossa diva bafônica dos modelitos exclusivos, estava lacrando em todos os sentidos! Mas o que mais chamou a nossa atenção, em todo o glamour e simplicidade que a celebração teve, foi o casamento em dose dupla!!! Sim, meus queridos, a festa foi em dose dupla e com um charme inegável.

Amiga de anos, da artista Olívia Santstevan (que para quem não conhece, deixaremos o link da matérias sobre os seus quadros [aqui](#)) e seu noivo, o fotógrafo André Muller, as amigas não pensaram duas vezes antes de subirem ao altar juntas. Ai, que lindo essas bff's!!!! Quem nunca sonhou em se casar ao lado da sua melhor amiga?

A festa foi na casa de campo particular da família da noiva Lavorini, perto da região metropolitana da capital do estado. Estavam presentes os amigos e familiares das noivas e noivos, e não faltou animação na *night*! Incluindo um banho de tinta coloridas nos vestidos das noivas em comemoração ao casamento cheio de cores. Todas nós aqui sonhando em nos casarmos com príncipes igual as duas, com vestidos assinados pela Luiza e elas ainda me mancham todo?

Vamos chorar, meninas! Estas coisas só acontecem com as princesas mesmo, nós ainda temos que encontrar as nossas fadas madrinhas para realizarem o nosso sonho! Felicidade aos casais!”

Meu pai termina de ler a matéria de um portal de fofocas e todo mundo começa a rir. Realmente as publicações sobre o casamento duplo foram hilárias.

Era claro que nenhum pouco do que estava escrito ali foi verdade. A história correta é que eu e a Liv fomos colocadas contra a parede pela Carla, Elis e Su. Incluo o meu querido pai neste meio também, desde quando o seu Luiz perde uma festa? Os quarto simplesmente nos pegaram desprevenidas e deram a notícia: escolhemos a data do casamento de vocês.

Eu e a Liv quase surtamos, só não surtei mais porque ainda estava me recuperando do parto da Lívia, mas se pudesse, teria batido no meu pai e a Carla naquele mesmo momento. Eu e a Liv ficamos estarecidas com a imposição dos quatro, brigamos, batemos os pés e nos fingimos de mulas empacadas. Nenhum argumento funcionou. Eles já tinham tudo pronto, tudo esquematizado e meu pai pago a festa sem nem ter me consultado, ou a Olívia.

— Minha filha, e minha quase filha merecem um casamento. Mesmo sendo com os genros que eu não escolhi para ambas. — Meu pai respondeu um dia, logo depois da bomba ter estourado. André levantou o dedo do meio em sua direção e o Diego nem se deu o trabalho de responder.

Já que fomos impostas a aceitar o nosso casamento, eu e a Liv entramos em um consenso. Até poderíamos casar, mas não nos envolveríamos com nada, principalmente ela. Eu apenas

ficaria encarregada dos nossos vestidos. E claro, fizemos uma surpresinha ao final da festa.

Liv pegou diversas tintas coloridas da loja que ela e André possuem e trouxe escondida dentro do seu carro aqui para casa. Quando estávamos no final da festa, eu e ela pegamos as caixas e começamos a despejar uma na outra e nas três que armaram para nós.

Resultado: nossos vestidos brancos, impecáveis e perfeitos acabaram a noite como um arco-íris. E cá entre nós, ficaram lindíssimos! Nem eu mesma, ou a Liv, poderíamos ter feito uma pintura tão perfeita nos nossos vestidos de casamento.

Ok, tirando a surpresa e a falta de opção que tivemos, a festa foi espetacular. Até eu, que jurei para mim mesma, que nem me importaria com a festa, celebração em si, me peguei chorando em alguns momentos. Em especial alguns, como o pai me vendo vestida de noiva pela primeira vez, o modo como ele empacou na minha entrada, O Diego me esperando com a Livia no colo, a troca de palavras antes de me entregar ao Di, os dois naquela birra incessável, o AC entrando com a Liv e também, aquele lugar na primeira fila de convidados vazio ao lado do pai.

Sim, era o assento para a minha mãe. Mesmo não presente de corpo, sei que a sua alma esteve ao meu lado durante toda a celebração. Ela limpou as minhas lágrimas, arrumou meu cabelo rebelde, e segurou o meu buque quando eu precisei segurar a Livia depois de trocadas as alianças.

Talvez eu tenha chorado bem mais do que eu realmente me lembre. E mesmo sendo uma cabeça dura, igual ao meu pai, ainda não consegui digerir todo aquele sentimento que vivi naquelas horas. Su, Carla e Elis fizeram um trabalho mais que perfeito. Nem se eu mesma tivesse organizado, poderia ser tão perfeito como foi.

E hoje, um dia após o casamento, estamos todos cansados, de ressaca e ainda sem motivação nenhuma para voltarmos para casa. Especialmente eu e o Di que estamos de licença maternidade e paternidade após o nascimento da nossa filha.

Nem parece, mas eu sou mãe. Desajeitada que só, com medo de quebrar a minha filha por ser tão estabanada e a amando cada dia mais que se passa, assim como eu amo o seu pai, meu Diego. O cabeça dura ambulante, que vem me tratando como princesa desde que eu o conheci e principalmente agora, depois do parto.

Meu parto foi um parto, literalmente. Livia é um pouco preguiçosa, tipo a mãe, e não quis nascer por parto normal, nem por reza brava. Tivemos que sentar com o obstetra e termos uma conversa séria, eu, o Diego e claro, o meu pai. Nunca que ele iria me deixar passar por um parto sem ele estar do lado, presente em cada um dos momentos e me deixando mais maluca do que eu já sou.

Baixei hospital depois de alguns dias, com a bolsinha da Livia nos braços do Diego e o meu pai nos meus calcanhares. Entrei na sala de cesárea com ele ao meu lado, mais nervoso que eu e o Diego, e se pararmos para comparar, com certeza mais do que nós dois juntos. Ficou ao meu lado e observando tudo, atento como só ele conseguia ser. E quando a pequena resolveu nascer, seu avô, metido, não queria nem que eu chegasse perto, roubou a minha filha de mim logo depois que o Diego cortou o cordão. Óbvio que depois de muita briga, pois o pai queria fazer isto também.

Mas tirando as corujices dos avós, porque o tio Rogério e a tia Lúcia não ficam atrás, nossa

Lívia é um anjinho. E com toda a certeza, a coisa mais perfeita que eu já fiz na minha vida.

Realmente eu não poderia estar mais realizada do que eu estou neste momento. Uma filha pequena, que é meu xodozinho, um marido dedicado, uma carreira perfeita e uma família grande e barulhenta.

Diego entra na sala, trazendo consigo um pacotinho rosa, e muito acordada.

— Olha quem chegou para ver o vovô! — Meu pai é o primeiro a saltar e pegar Lívia do colo do Diego.

— Acho que o vovô não tem o que ela realmente quer. — Digo vendo a minha filha, olhar para o avô e começar a chorar.

— Este avô dela é tão feio que quando o enxerga começa a chorar. — AC tira a onda do meu véio.

Meu pai me entrega a Lívia, enquanto xinga o amigo de coisas inoportunas, e logo ela se acalma. Me levanto, para sair um pouco da bagunça e das conversas paralelas, e eu e o Diego vamos para o nosso quarto.

Diego se deita ao meu lado enquanto eu começo a amamentar e já inicia a falar sobre os resgates que Bruno e Ale participaram enquanto nós estávamos fora. Tivemos que dar uma parada na nossa outra profissão para recebermos a Lívia. Assim que ela estiver um pouquinho maior, nossa casa já voltará a ser lar temporário de crianças que precisam. E claro, assim que o Diego descer do avião na nossa volta, já vai estar ligando para o seu chefe em busca de novas missões.

Chegamos à conclusão que fazer o bem, sem olhar a quem, vicia de uma forma espetacular. Pensei que chegaria uma época em que eu estaria cansada de cuidar de todas aquelas crianças, mas que nada.... Quando estava fazendo as malas para vir para casa, comecei a chorar porque ficaria um bom tempo sem cuidar de nenhuma.

Até mesmo o Diego ficou um pouco abalado sem ter missões junto com o Ale e o Bruno.

Porém, em breve estaremos voltando. Com força total para resgatarmos mais crianças e fazermos a nossa parte para um mundo melhor para a nossa filha. Nossa pequena e amada Lívia.

Termino de amamentar, entregando o pacote rosa cheio para o seu pai e me recosto ao lado do Diego, embalando nossa filha.

Certamente não há cena mais linda do que essa.

Fim